



Vidas que falam

*Ancestralidade africana na
diáspora paranaense*

Ivo Pereira de Queiroz
Ana Crhistina Vanali
Andrea Maila Voss Kominek
(organizadores)

ED**UT**FPR

Vidas que falam

*Ancestralidade africana na
diáspora paranaense*



UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

Reitor Luiz Alberto Pilatti
Vice-Reitora Vanessa Ishikawa Rasoto



EDITORA DA UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

Coordenadora-Geral Camila Lopes Ferreira
Coordenadora-Adjunta Emanuelle Torino

CONSELHO EDITORIAL

Titulares Anna Luiza Metidierl Cruz Malthez
Awdry Feisser Miquelin
Douglas Sampaio Henrique
Eduardo Leite Kruger
Francis Kanashiro Meneghetti
Lígia Patrícia Torino Guassu
Marcos Antonio Florczak
Rogério Caetano de Almeida
Thomaz Aurélio Pagioro

Suplentes Adriane de Lima Penteadó
Alberto Yoshihiro Nakano
Alessandra Dutra
Anderson Catapan
Cintia de Lourdes Nahhas Rodacki
Ricardo Luders
Ricardo Yuji Sado
Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier
Sara Tatiana Moreira

Ivo Pereira de Queiroz
Ana Crhistina Vanali
Andrea Maila Voss Kominek
(organizadores)

Vidas que falam

*Ancestralidade africana na
diáspora paranaense*

© 2018 Editora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná



4.0 Internacional

Esta licença permite o download e o compartilhamento da obra desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es), sem a possibilidade de alterá-la ou utilizá-la para fins comerciais.

Disponível em: <<http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/>>.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

V649 Vidas que falam: ancestralidade africana na diáspora paranaense [Recurso eletrônico] / Ivo Pereira de Queiroz, Ana Crhistina Vanali e Andrea Maila Voss Kominek, organizadores. – Curitiba: EDUTFPR, 2018.
250 p.: il. ; 23 cm.

E-book disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/>
ISBN: 978-85-7014-207-8 (E-book)

1. Negros - Identidade racial. 2. Racismo. 3. Biografia. 4. Artistas negros. I. Queiroz, Ivo Pereira de, org. II. Vanali, Ana Crhistina, org. III. Kominek, Andrea Maila Voss, org. IV. Título.

Bibliotecária: Tatiana Campos da Hora CRB-9/1854

CDD (22. ed.) 920.0981

Coordenação Editorial Camila Lopes Ferreira
Emanuelle Torino

Projeto Gráfico Vanessa Constance Ambrosio

Normalização Vitória Ricci
Camila Lopes Ferreira

Revisão Adão de Araújo

EDUTFPR

Editora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Av. Sete de Setembro, 3165
80230-901 Curitiba PR
<http://portal.utfpr.edu.br/editora/>

Sumário

<i>Prefácio</i>	7
<i>Apresentação</i>	9
<i>Ivo Pereira Queiroz: a luta por um mundo melhor</i> Gilson Leandro Queluz e Ana Crhistina Vanali	15
<i>Wattel Branco: uma narrativa de amor à música</i> Maria Luisa Carvalho	51
<i>Dona Mide: conscientizadora da cultura popular</i> Mário Lopes Amorim	73
<i>Iyagunã Dalzira: sabedoria, persistência, resistência, generosidade e militância</i> Andrea Maila Voss Kominek	85
<i>Mãe Orminda: paranaense, sambista e militante</i> Maria Sara de Lima Dias	101
<i>Almira Maciel: o caminho da construção de uma identidade militante</i> Elena Camargo Shizuno	119
<i>Júlio Mocidade: uma história de vida marcada pelo samba</i> Cláudia Novaes Deina	129
<i>Gogó de Ouro: uma vida de dedicação ao samba e às crianças</i> Veronica Ferreira Bahr Calazans	143
<i>Maria Lúcia de Souza: descobri a negritude, respiro negritude</i> Gilson Leandro Queluz	153

<i>Jaime Tadeu da Silva: aguerrido e vencedor</i>	167
Maria José Menezes Lourega Belli	
<i>Cláudio Peba da Silva: professor, músico e poeta do samba curitibano</i>	177
Wanderley José Deina	
<i>Brenda Maria: valorização cultural e empoderamento do povo negro</i>	193
Lino Trevisan	
<i>Bruno Santos de Lima: uma vida de superação</i>	215
Celia Regina Tokarski	
<i>Léo Fé: acima de tudo, reflexão</i>	223
Mônica Helena Harrich Silva Goulart e Ana Crhistina Vanali	
<i>Sobre os organizadores</i>	243
<i>Sobre os autores</i>	245

Prefácio

O trabalho que o leitor poderá apreciar aqui não apenas contribui para mudar as narrativas de nossas histórias coletivas, mas, sobretudo, nos convida a deslocar os nossos modos de viver, ao nos arremessar para outros tempos e espaços que não aqueles plastificados pela modernidade hegemônica.

Aos nos narrarem histórias de transformação das dores do racismo em canções que celebram a vida, o que está em jogo não é apenas uma pedagogia que rapidamente se dissolveria em proselitismo. As entrevistas que sustentam essas histórias de vida evidenciam que não vivemos todos sob os mesmos regimes de temporalidades. Sob os ritmos das canções dos músicos poetas negros, a perfeição se instala antes do progresso como outro modo de eclodir do tempo que não o dos relógios da ascensão social sob a teleologia da felicidade ilimitada ao sol do consumo meritocrático.

As vidas aqui relatadas são as testemunhas do pesadelo do racismo que se faz no dia a dia do homem negro no Brasil. São aqui monumentalizadas as vidas daqueles que, de muitas formas, transformam o pesadelo em sabedoria. O que o livro monumentaliza não são heróis. O livro mimetiza as vidas que, jogadas contra o racismo, sempre estiveram aí como monumentos de carne e osso. Nós que convivemos com alguns deles sempre soubemos que lidávamos com pessoas-monumentos. Trata-se da carne pisada pelo racismo e que, como acontecimento encarnado, se faz a contestação em pessoa, a realização aqui e agora do homem novo, o puro contraponto do racismo. Essas mulheres e homens não indicam um tempo por vir. Há muito se instalou em seus corpos um campo de batalha racial como quem se faz cavalo-de-santo da história.

O que é este livro que fala de contemporâneos ainda em pé como se nos falasse de ancestrais? Certamente, não se trata de um livro sobre pretos-velhos benevolentes e protetores, de cujos conselhos deveríamos nos lembrar, como quem adquiriu um mapa. Antes, nos lembra duma ancestralidade sem norte, pura rasura em nosso tempo presente. Essas vidas, escrituradas aqui, só nos estão a lembrar de que o pesadelo da escravidão está aí, está logo ali, na porta escancarada do nosso cotidiano, como o nosso insistente passado, persistente no presente maldito das nossas sensibilidades fora de lugar. A libertação que a princesa poderia nos ter concedido não aconteceu, e essas outras mulheres narradas aqui, negras que são, estão ainda grávidas desse futuro que já é passado maltratado, data infâmia, substituída, plenamente enterrada.

Essas pessoas que desaprenderam a contar o tempo sob a linearidade do progresso do humanismo branco encenam nossos mortos em suas vidas presentes e duplicam



suas mortes futuras se fazendo ancestralidades já aí, são monumentos vivos, estátuas cambaleantes. Essas invasões do passado escravo a acusar os progressos modernos de encenação catastrófica, quem poderia ouvi-los além de nós, já rasgados pela ferida racial? Nós que não tememos este futuro sombrio, porque estamos plenamente instalados no passado da escravidão como o nosso presente de sobreviventes-desafiados.

Se não fosse porque o futuro está grávido de homens e mulheres da escravidão dos séculos XVI a XIX, como eles poderiam amanhã ainda descer em nossos terreiros na forma de pretas e pretos velhos? Por que esperaríamos estátuas de bronze para monumentalizarem os nossos gestos se sempre inscrevemos na carne do nosso denso presente os futuros que não aconteceram em nossos passados distantes? Essas pretas velhas e pretos velhos biografados neste livro provocam um desvio na temporalidade dos terreiros para abrirem espaços para a fúria contestadora como futuro paralelo à serenidade benevolente dos nossos espíritos ancestrais que celebram a dor da escravidão como caridade. Sim, aqui, neste livro, instala-se outro terreiro e incorporam-se outros pretos e pretos tão velhos e velhas como os nossos cinco imensos séculos. Mas não se carrega aqui a sabedoria benevolente da caridade cristã. Malícia, sedução e fúria se insinuam sob frases calmas. Um dar-se honesto de sujeitos fendidos, tão presentes como já passados. Pontos de interrogação cravados diante da linha imaginária de uma humanidade que progride em direção a um futuro melhor, as vidas aqui narradas rasuram a crença no progresso e instalam, na sensibilidade do leitor, a coexistência do mortal pesadelo racial e da vivacidade que se lhe ergue em contraponto. Essa é a nossa não-modernidade, nós homens e mulheres negros no Brasil: nunca fomos e ainda estamos escravizados. Estamos fora dos tempos deles de brancura e progresso. Denunciamos que o racismo e a escravização de vidas estão sempre já aí desde a invasão europeia como o presente persistente pelo qual passamos todos os dias. Passistas, mestre-sala, porta-bandeira ou baiana, em nossas avenidas encenamos todos os tempos já passados e ainda por vir a rasgar, em nossos carnavais, nossos corpos desqualificados pelo racismo. Não é apenas que a modernidade não cumpre as suas promessas em nossos corpos enegrecidos por sangue coagulado, mas que sempre estivemos fora desse tempo do progresso, vivendo intensamente... Recusamos suas profecias (marxistas, liberais, pós-modernas...) com a gargalhada de exu. Constate, você mesmo, nas *Vidas que falam!*

José Carlos dos Anjos

Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Apresentação

O projeto *Vidas que falam*, nascido na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) visa resgatar a ação de personalidades negras de Curitiba e Região Metropolitana, uma vez que pesquisas constataam que a presença do negro em Curitiba e Região Metropolitana está em torno de 23% (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2017)¹, conferindo-lhe um dos percentuais mais importantes da região Sul.

Destacam-se atores sociais atuantes em diversas áreas, no que se refere à promoção da ancestralidade africana, ao fortalecimento da consciência negra e ao combate ao racismo antinegro. O projeto tem como objetivo não apenas lhes prestar o justo reconhecimento, mas principalmente para que suas narrativas constituam importantes exemplos positivos para a formação da necessária democracia racial.

Conforme argumentaram Queiroz e Queluz (2011, p. 186)², “[...] a consciência negra não é coisa apenas de negros”. Em termos de comunidade universitária, a consciência negra é dever de todos, assim como o são, por exemplo, as consciências ambientais, de gênero ou de liberdade religiosa. Assim, ainda que os autores dos capítulos deste livro sejam brancos, professores e formados pela tradicional academia eurocentrada, são sensíveis ao problema do racismo estrutural brasileiro e visam contribuir para que estas *vidas que falam* ultrapassem seus âmbitos profissionais e familiares e sejam ouvidas e valorizadas por toda a sociedade.

A sociedade colonial brasileira foi plantada sob a lógica da devastação ambiental, da escravidão criminosa, da insensibilidade para com as mulheres, com as pessoas idosas e com as crianças. Contrapondo-se a essa lógica, as contribuições dos povos africanos, compõem enorme tesouro para a sociedade emancipada que queremos e devemos construir. Uma sociedade constituída por mulheres e homens em sua diversidade sexual, orientados para o respeito e para a felicidade, individual e coletiva.

Os fundamentos da ancestralidade africana, ao enfatizar o direito das pessoas à liberdade e à vida em plenitude, podem contribuir para uma construção coletiva de sociedade, na contramão da exacerbação do **eu**, da instrumentalidade e da banalização do desrespeito à vida humana.

1 INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**: tabelas: características gerais dos moradores. Brasília, 2017. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/17270-pnad-continua.html?edicao=20915&t=resultados>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

2 QUEIROZ, I. P.; QUELUZ, G. L. Consciência negra e educação tecnológica. In: LIMA FILHO, D.; FAGUNDES, E. D.; LUZ, N. S. (Org.). **Tecnologia e trabalho**: desafios na construção da interdisciplinaridade. Curitiba: SINDUTF-PR, 2011. p. 171-188.



A ancestralidade africana prima pelo respeito à natureza, pelo cuidado e respeito às pessoas idosas, sábias e detentoras, em suas memórias, das histórias que nos formam como indivíduos e como comunidade. A palavra falada tem valor vital, por isso, dá-se grande importância às rodas de conversa, aos contadores de histórias, ao estar com os amigos conversando longamente sobre as coisas. Nesta tradição, a mulher tem papel político, social e espiritual destacado, uma vez que muitas das sociedades africanas organizam-se a partir de critérios matrilineares. Nestas comunidades, as crianças são consideradas filhas de todos e todas, ou seja, todas as pessoas da comunidade são responsáveis pelo zelo e educação de todas as crianças.

Apesar de sua grande riqueza, no entanto, a ancestralidade africana encontra-se dispersa no meio do povo brasileiro e não sistematizada na literatura acadêmica. Esta se materializa na práxis cotidiana das pessoas. O presente projeto traz para a comunidade acadêmica uma pequena parte deste valioso tesouro, através das narrativas de pessoas que, seguramente, podem ser apresentadas como modelos de ancestralidade africana vivenciadas cotidianamente³.

Os entrevistados constituem, cada um à sua maneira, exemplos vivos deste modo de ver a vida e de viver! Não são heróis, mas estão munidos de superpoderes: o poder do conhecimento e respeito à tradição e da valorização do outro, das diferenças e da vida!

Assim como o pavão, que se orgulha de sua bela plumagem, porém possui os pés feios, as pessoas apresentadas neste livro são seres humanos imperfeitos e incompletos. Seres humanos que se orgulham de quem são, de suas raízes e heranças, mas têm consciência de suas limitações.

O projeto desenhou-se a partir de entrevistas com estes personagens que, pela sua práxis profissional, artística, religiosa ou cotidiana, expressam e fortalecem a ancestralidade africana em Curitiba e Região Metropolitana. Busca-se compreender estratégias de enfrentamento ao racismo, assim como identificar os processos de resignificação desta ancestralidade africana como estratégia de resistência das comunidades negras.

Esse livro representa o produto final deste projeto e converte-se em importante instrumento para o fortalecimento da consciência negra. Apresenta-se na forma de 14 capítulos. Cada um dos capítulos traz um breve relato das personalidades entrevistadas, o registro de imagens e de acervos pessoais (gentilmente cedidos ao projeto), além de depoimentos dos próprios protagonistas, destacados através de *fonte diferenciada do corpo do texto, para que sejam destacadas essas vidas que falam!*

O primeiro capítulo apresenta um breve relato da vida do inspirador deste projeto: **Ivo Pereira de Queiroz**. Foi ele quem trouxe a ideia e incentivou para que o projeto seguisse adiante: Ivo é professor, compositor, músico, sambista e uma das

³ Não podemos nos esquecer de mencionar o aprendizado que auferimos do projeto da Maria Nilza da Silva, da Universidade Estadual de Londrina sobre a trajetória da população negra londrinense, que nos inspirou pelo exemplo a desenvolver o presente projeto.

bondades da vida com quem temos a honra de cruzar. Negro e de origem humilde, luta pelo fortalecimento da consciência negra e pelo combate ao racismo de qualquer ordem. Homem com intensa vida militante no Movimento Negro de Curitiba, dedicou e ainda se dedica a muitas atividades que ajudam na construção de um mundo melhor. O estilo simples e respeitoso com que Ivo trata as pessoas tornou-se notório. Sendo negro e pobre, no Brasil, todas as condições eram francamente desfavoráveis a ele, mas sua trajetória nos mostra um exemplo de superação.

O segundo capítulo traz a vida de **Waltel Branco**, compositor, arranjador, **maestro**, violonista e multi-instrumentista, que, através de sua arte, sempre honrou e enalteceu as heranças e a ancestralidade africana. Evidencia suas realizações profissionais no Brasil e ao redor do mundo, em gêneros musicais como bossa nova, samba e jazz. Waltel trabalhou com grandes nomes da música nacional e internacional: João Gilberto, Gebran Sabbag, Stravinsky, Paco de Lucia, Chico Hamilton, Nat King Cole, Quincy Jones, Tim Maia, Cazuzza, Andrés Segovia, dentre outros. Produziu trilhas sonoras compostas e interpretadas por nomes como Chico Buarque, Milton Nascimento, Dorival Caymmi e Tom Jobim. Sua obra para violão ultrapassa os 70 títulos e lançou mais de 70 discos, entre produções solo e em conjunto. Recebeu diversas homenagens por sua obra e o reconhecimento de seus irmãos da comunidade negra, como um personagem que enaltece nossa ancestralidade.

A trajetória de **Dona Mide**, que se considera uma **conscientizadora do fandango**, está no terceiro capítulo. Ela se apresenta não apenas como pesquisadora e divulgadora do fandango – o que já seria importantíssimo – mas como imbuída da missão de apresentar o fandango como manifestação popular paranaense relevante, e disso ela não abre mão. A entrevista mostrou uma pessoa que, mesmo enfrentando muitos obstáculos de ordem familiar e de saúde, jamais deixou de possuir aquela **estranha mania de ter fé na vida**, como cantava o menestrel mineiro.

Parte da longa caminhada e do belo exemplo de **Iyagunã Dalzira** é apresentada no quarto capítulo. O estudo e a **religiosidade** constituem seus principais tesouros. Alfabetizou-se aos 13 anos de idade, retornou aos estudos aos 49, através da educação para jovens e adultos (EJA), aos 68 anos, graduou-se em relações internacionais e, aos 72 anos, defendeu sua dissertação de mestrado. Apresentada ao candomblé somente aos 40 anos, dedicou-se ao seu desenvolvimento espiritual e hoje é Iyagunã Dalzira. Muito contribuiu na luta contra o racismo, tendo participado em 1982, em Brasília, com o grupo que assumiria o nome de **Grupo União e Consciência Negra**, da primeira assembleia que congregou grupos negros militantes do Brasil todo. Apesar das dificuldades e desafios enfrentados, defende que militância é atitude cotidiana, e sua frase preferida tornou-se: “Mas tudo valeu, valeu muito a pena!”.

Mãe Ormindá é a quinta vida relatada. A presença alegre é a marca dessa mulher negra da **cultura curitibana**, a representante máxima do **samba** na cidade. A sua voz forte e ao mesmo tempo doce e suave se comunica com uma velocidade de quem não



tem nada a esconder, a espontaneidade é sua marca singular. E o sorriso amplo nos ilumina os olhos. Representa os laços de solidariedade na comunidade curitibana que contribuem para o desenvolvimento do movimento negro na cidade.

A vida da professora **Almira Maciel** é apresentada no sexto capítulo. Sindicalista e militante contra a discriminação racial, participou da fundação da Secretaria Nacional de Combate ao Racismo do Partido dos Trabalhadores (PT), participando diretamente dos dois primeiros coletivos da Direção Nacional. Também organizou e fundou a Secretaria Estadual de Combate ao Racismo do PT/PR. Articulou o Fórum de Entidades Negras do Paraná e apresentou a proposta do Encontro de Educadores e Educadoras Negras do Paraná. Atualmente está aposentada, mas mesmo assim continua na militância ministrando palestras para a formação de professores com ênfase na Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, públicas e particulares, no ensino fundamental e ensino médio.

Júlio Mocidade, sambista negro de sorriso fácil e alma generosa, nos fala no sétimo capítulo. Otimismo, coragem e perseverança marcam o espírito desse **artista** negro que sempre lutou por seus ideais e que nunca deixou se abalar diante das dificuldades da vida. Resgatar sua história de vida significa dar voz aos ancestrais negros, homens e mulheres que vieram para o Brasil na diáspora africana.

Jaime Virginio Queiroz ou **Gogó de Ouro**, como é conhecido, é retratado no oitavo capítulo. Trata-se de um **sambista** cujo nome faz parte da **história cultural de Curitiba**, embora não tenha nascido nesta cidade. Foi preso por tocar samba em local público e reagiu com corajosa resistência. Para além da importância no cenário musical, sua história revela um respeitado educador e líder comunitário.

No nono capítulo conhece-se parte da história de **Maria Lucia de Souza**, ex-trabalhadora rural e trabalhadora doméstica, atualmente trabalhadora no setor de alimentação. Em seus depoimentos e histórias, narrou uma vida de comprometimento com as lutas da militância no movimento negro, expresso, por exemplo, em sua participação na **pastoral dos negros** da Igreja Católica Romana e na sua atuação como fundadora da Associação Cultural de Negritude e Ação Popular dos Agentes de Pastoral Negros (ACNAP). Este comprometimento também foi traduzido em sua militância política no PT, no multifacetado trabalho voluntário, seja nos projetos desenvolvidos na ACNAP, seja em projetos como o Bebê Solidário, e na sua militância cultural exemplificada na participação no grupo teatral Arte Negra. Seu depoimento é uma rica celebração da vida, celebração da luta coletiva, celebração da consciência negra, porque, nas suas palavras, “Quando eu descobri a negritude, a partir desse momento eu respiro negritude”.

O personagem do décimo capítulo é **Jaime Tadeu da Silva**, um aguerrido e vencedor **professor** do estado do Paraná. Defensor da escola pública com qualidade,

sua história passa pela criação de espaços de **militância** e luta contra o racismo, dentre elas reforçar o Coletivo de Promoção da Igualdade Racial da Associação de Professores do Paraná (APP)-Sindicato. Integrou a Pastoral Operária e a Pastoral Negra, exerceu papel de destaque na criação e organização da ACNAP. Participou ativamente da luta pelo reconhecimento das comunidades quilombolas no estado do Paraná. Integrou o Conselho da Promoção da Igualdade Racial do Estado do Paraná. Sempre se empenhou em lutas pelo direito a cotas na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e para a criação do Estatuto da Igualdade Racial. Jaime é exemplo de guerreiro e vencedor! Antes mesmo de se dedicar a conquistar espaços para outros em situação semelhante à sua, superou grandes obstáculos pessoais numa luta constante desde a infância.

A biografia de **Cláudio Peba da Silva, professor, músico e poeta do samba curitibano**, foi escrita no décimo primeiro capítulo que, além dos dados biográficos, apresenta uma interpretação de cunho existencialista acerca da trajetória de vida do biografado. Na narrativa a informação do biografado e a interpretação do autor se misturam, na perspectiva de apresentar Peba da maneira mais informal possível, com o propósito de captar o que há de essencial nessa vida que fala: o filho amoroso, o pai de família, o amigo, o cidadão, o militante dos direitos humanos, o professor, o músico talentoso e o poeta.

A produtora cultural **Brenda Maria**, no décimo segundo capítulo, abre a etapa da mais nova geração de militantes apresentados neste livro. Em seu depoimento, evidencia como o contexto e as relações sociais vivenciadas contribuem para a conscientização e a construção de identificações do indivíduo enquanto sujeito social. Esse processo complexo se constitui na interação do **eu** com os **outros**, numa relação dialética e dialógica que envolve percepção, negação, negociação, aceitação e identificação. Brenda Maria enfatiza a importância da **ancestralidade africana** e da **cultura** como dimensão central para a construção da identidade. Realiza suas atividades profissionais procurando fortalecer a cultura do povo negro, associando a lutas de resistência e afirmação de valores e práticas culturais para construção de identidade e de empoderamento do povo negro.

Também da nova geração, **Bruno Santos de Lima**, o protagonista do décimo terceiro capítulo, é um jovem **advogado e sambista**. Esse jovem negro, através de sua trajetória de vida e enfrentamentos à violência perpetrada pelo racismo, vigente em nossa sociedade, apesar da autodenominada **democracia racial**, demonstra em suas atitudes e compreensão da vida que conseguiu superar as adversidades de sua trajetória de vida, principalmente nos bancos escolares. A alteridade conseguida, apesar das discriminações que sofreu é fruto de sua perseverança e apoio dos pais e da busca pelo conhecimento de sua ancestralidade e da legislação antirracista. A história de Bruno inspira educadoras e educadores a rever suas posturas de silenciamento diante das práticas racistas no espaço escolar e na ausência da diversidade étnico-racial de forma positiva nos currículos escolares.



Encerrando, no décimo quarto capítulo, é apresentado **Léo Fé**, o mais jovem biografado desta coletânea. **Compositor, músico, sambista e filho de santo**, que revela, através de seu percurso individual, as muitas redes de relações sociais. As (im) possibilidades de ação social, construção e desenvolvimento de estratégias individuais e coletivas. Apresenta caminhos e alternativas para promover a ancestralidade africana, o fortalecimento da consciência negra e o combate ao racismo antinegro. Acima de tudo, Léo Fé é reflexão. Sua fala deixa claro que a solução para as questões sociais deve passar pela partilha do conhecimento, pelo diálogo. O olhar da alteridade confere a Léo uma postura ética e comprometida com os valores mais nobres, os quais deveriam ser a base para todas as relações sociais.

Que estas *Vidas que falam* sejam o exemplo do Brasil e da sociedade que podemos e queremos construir! Que as novas gerações conheçam e sigam seus exemplos! Esta é a missão que este projeto ambiciona alcançar!

Boa leitura!

Axé!

Os organizadores



*Ivo Pereira Queiroz: a luta
por um mundo melhor*

Gilson Leandro Queluz

Ana Crhistina Vanali



A letra da canção *Para um mundo melhor* reporta aos idos de 1970 (autoria de Ivo e Jazomar Rocha, 2015), quando Ivo ficou maravilhado com a pregação do Frei Luiz Favaron da Ordem dos Frades Menores Conventuais (OFM Conv), que estimulava as pessoas a doarem a vida para a edificação de um mundo e uma humanidade melhores.

Para um mundo melhor

*Nos meus tempos de garoto, pouco mais do que um menino
Modelou-se o meu destino, buscando a felicidade
Apesar da pouca idade era grande a inquietude
Desvairada juventude, gravitava ao redor
Quando um mestre previdente, proclamou solenemente
"Seja humano por inteiro: - Não é só pelo dinheiro
Que se derrama o suor!" Me falou de outros motivos
Para ser um lenitivo junto ao povo sofredor
"É o amor que dá sentido, e este é o sentido maior
Dedique a sua vida para um mundo melhor".
Cruzei as portas do mundo sem medo de me perder
Sem me arrepender, recordo os tempos de outrora
Pois desde aquelas horas fui lapidando o que sou
Vou-me embora, sei que vou tendo vivido feliz
Do que fiz, tudo faria, porque assim pude aprender
A escolher uma causa pela qual vale viver e morrer.*



Palavras de Ivo Queiroz em julho de 2016:

Nossa mãe dizia-nos que o pavão seria a ave de plumagem mais bela, porém, carregava vergonha e tristeza... Porque os pés dele eram totalmente desprovidos de beleza! Então aprendi que a vida pode dotar alguém de pés de pavão... Também os tenho... Hoje me vejo como o resultado de um longo trabalho pelo qual fui modelando a pessoa que sou... Mas os pés de pavão ficaram como lembrança da incompletude. Então penso no pavão... Tenho cultivado a opinião de sermos dialéticos, portanto, contraditórios e pensar isto me conforta porque nos permite enfrentar desafios, lidar com nossas provisoriiedades (os pés feios), tendo em vista novas sínteses de humanidades possíveis.

Memórias da Infância e Adolescência

No dia 21 de abril de 1953, às 9 horas da manhã, nascia Ivo Pereira de Queiroz, num ranchinho de chão batido, numa fazenda situada em um dos distritos da cidade de Fernandópolis, noroeste paulista¹. Filho de Felizardo Pereira de Queiroz e de Francisca Marques da Rocha, veio ao mundo pelas mãos da avó materna, Venuta Marques Ferreira.

Seus pais eram provenientes da região norte de Minas Gerais. Nos anos de 1940, saem dessa região e vão para o estado de São Paulo. Os pais de Ivo tiveram nove filhos (Fotografia 1):

- a) aos sete meses de gestação, Francisca perdeu uma menina de aborto natural;
- b) Ivo, nascido em 1953, foi o primeiro neto tanto do lado materno, quanto do lado paterno;
- c) Davi, nascido em 1954;
- d) Sebastião, que faleceu criança, com pouco mais de um ano de idade;
- e) Mauri, nascido em 1959;
- f) Zilda, faleceu criança com cerca de seis meses, no atual município de Susanópolis, no interior do estado de São Paulo;
- g) Moacir, nascido em 2 de novembro de 1965, na cidade de Santo André, ABC Paulista;
- h) Luzia, nascida em 1968, única irmã. Nascida pelas mãos do próprio pai, Felizardo, no bairro da Mooca, na cidade de São Paulo;
- i) Celso, o Neguinho, nascido em 7 de setembro de 1971, na cidade de Santo André.

¹ Fernandópolis fica próximo às cidades de Ribeirão Preto e Araraquara.



Fotografia 1 – Ivo com os irmãos na cidade de Santo André, no quintal da casa da sua mãe Chiquinha, em 1993

Fonte: Acervo pessoal (1993).

Nota: Da esquerda para a direita: Ivo, Davi, Mauri, Moacir e Celso (Neguinho, o caçula).

Das memórias da infância, Ivo lembra das narrativas de família que remetem ao bisavô paterno, Sebastião, o Pai Véio, como era chamado e que Ivo não chegou a conhecer. O bisavô Sebastião faleceu no ano de 1954², com 115 anos, quando Ivo tinha cerca de um ano de idade. A mãe de Ivo, Francisca, contava muitas histórias desse seu bisavô, entre elas a de que ele vivia na fazenda do padrinho, no interior de Minas Gerais, num sistema escravista, pois todo o **kit perversidade** recebia: era espancado, tinha que acordar de madrugada para ordenhar as vacas e cuidar dos animais, ficava sempre de prontidão para que, quando o padrinho chegasse, ele abrisse a porteira, para desencilhar o cavalo, preparar água quente e lavar os pés do padrinho, etc. Após um desentendimento na fazenda do padrinho, Sebastião sai da fazenda e desaparece no mundo. Depois de algum tempo, reaparece num vilarejo mineiro. Estava com seus 18 anos e conheceu Salustiana, com que se casou. Salu, como era conhecida a bisavó paterna de Ivo, era 10 anos mais velha que Sebastião, além de ser mais alta do que ele. Após o casamento, Sebastião consegue um pedaço de terra e ali faz uma **fazenda africana**, ou seja, à medida que os filhos foram casando, iam construindo suas casas na fazenda do pai. As casas eram construídas em forma de círculo, e no centro ficava uma cacimba de onde todos se serviam de água. Todos circulavam em torno dessa cacimba como uma tribo. Foi nessa fazenda que nasceu o avô paterno de Ivo, Pedro Pereira dos Santos (Fotografia 2), um dos filhos de Sebastião e Salustiana. E foi nela também que o pai de Ivo, Felizardo, nasceu e cresceu.

² Conforme o depoimento prestado em Cuiabá pelo tio Pedro dos Santos, que se identificou como neto e afilhado do Pai Véio.



Fotografia 2 – Vovô Pedro (Pedro Pereira dos Santos, avô paterno) falecido em 1965: filho caçula do Pai Vêio
Fonte: Acervo pessoal [19--].

Ivo conviveu com vários primos de seu pai. Lembra que, quando criança, ele e os irmãos recebiam a orientação para chamar os primos-irmãos de tios e tias, e isso era fundamental em sua família³. Ressalta que era incentivado o casamento entre primos-irmãos e cita como exemplo, além do casamento dos próprios pais que se diziam primos, o casamento da sua madrinha Tia Canuta com o tio Pedro, pois Venuta (a mãe de Canuta) era irmã de Mariinha (a mãe de Pedro). Ainda hoje as primas da família ficam atentas para ver se há algum primo **disponível** e vice-versa, mesmo no braço da família que se encontra no meio urbano.

Outra lembrança interessante apontada por Ivo é com relação ao idioma próprio praticado dentro da sua família, como exemplo ele cita os nomes. O nome dado pelos pais é um, mas o nome que vai **funcionar, pegar** ninguém sabe qual será. Sua mãe chamava-se Francisca, mas era conhecida como Chiquinha; um tio se chamava Romualdo, mas era conhecido como Rimualdo; o avô chama-se Gregório, mas era conhecido como Tinego; o Manoel era Manelim. Também utilizavam palavras de raízes bantas e adotavam situações culturais de matrizes africanas, como a importância da posição do filho mais velho dentro da família e da sociedade. Esse filho é considerado uma instituição, pois era responsável por ajudar a cuidar da mãe e a criar os irmãos

3 Ivo comenta que o mesmo sistema de parentesco é praticado em Cabo Verde.

mais novos. Ivo vivenciou essa diretriz de maneira intensa, pois era o filho mais velho de Francisca e Felizardo e teve que assumir essa responsabilidade⁴.

Ivo mudou-se com os pais de Santo Antonio D'Oeste⁵ para Santo André em julho de 1965; lá chegando, foram morar num cortiço⁶. Depois, mudam-se para outro cortiço, em São Caetano do Sul, também no ABC Paulista. Na roça, quando se tem fome, ainda se tem a opção de sair para caçar, coletar frutos, pescar, mas na cidade não. Então, no cortiço havia a **política da canequinha**, que consistia em, quando se chegava ao ponto de não ter nada para comer, de percorrer os parentes e vizinhos pegando emprestado pequenas porções de alimentos para saciar a fome naquele momento. Essas pequenas porções eram dadas nas canequinhas ou em pequenas vasilhas. A chegada na cidade foi um período de muitas mudanças.

Chegando em Santo André, Felizardo arranhou um emprego num barracão de material de reciclagem, no bairro do Brás, na capital. Ganhava um salário mínimo por mês para sustentar quatro filhos, mais a esposa e pagar o aluguel. Ivo e Davi, os filhos mais velhos, já ajudavam no orçamento da casa, realizando pequenos serviços como engraxates de sapatos, vendedores de sorvete, ou coletando material reciclável como papelão ou metais para ferro velho. Todo o dinheiro que entrava com esses serviços era entregue para Francisca que comprava pequenas porções de feijão, café e arroz. Ivo relembra que essa fase da sua vida nos cortiços e em muitos outros momentos na grande São Paulo pode-se definir na palavra penúria, **não era nem pobreza, era mais que isso**. Aos 14 anos, Ivo começa a trabalhar numa fábrica de equipamentos hospitalares. Passará por várias fábricas até entrar para o seminário em 1975.

A situação de extrema pobreza da família durante a infância e adolescência de Ivo, o fato do pai nunca ter tido terra no campo, de ter morado em cortiço quando mudou com a família para a cidade, de ter, com muito esforço, comprado um terreno na cidade em muitas prestações, mas não conseguia construir uma casa e morou de favor na casa de parentes, tudo isso, para Ivo, são reflexos do ranço da escravidão criminosa que castigou a família dele desde remotas gerações, o **arquivo negativo da escravidão que é transferido de uma geração para a outra**.

4 Ivo lembra que Tio Fausto (irmão do pai), que tinha 14 anos quando ele nasceu, foi quem assumiu esse papel de **irmão mais velho** com ele. Esse tio foi muito presente na vida de Ivo, sempre dando conselhos, ajudando a conseguir o primeiro emprego com **carteira assinada**, orientando para as diversas situações da vida. Depois, quando Ivo tinha 14 anos, nasceu Vanilda, filha do Tio Fausto. Por algum tempo, ele participou dos cuidados da prima, no mesmo esquema que o tio havia feito com ele.

5 Por não terem propriedade rural, os pais de Ivo mudavam-se frequentemente de moradia. O pai arrendava uma área de terra e trabalhava como meeiro. Por isso, viviam um seminomadismo. O último local onde residiram foi no Patrimônio de Santo Antônio D'Oeste, atualmente, município de Suzanópolis, situado na mesorregião de Araçatuba/SP.

6 Um dos aprendizados vividos nos cortiços, foi a **política da canequinha**, uma manifestação de solidariedade.



Os Estudos

Ivo morava com os pais no município de Nova Canaã, noroeste paulista, num sítio onde produziam café, quando escutou pelo rádio o anúncio de que as crianças estavam sendo convocadas para se matricular na escola. Depois, um emissário da prefeitura percorreu a cavalo as propriedades da região com a mesma mensagem. Era o ano de 1962, e nem Ivo, nem os irmãos frequentavam a escola. Ivo diz à mãe que quer ir para a escola. Ela conversa com o pai sobre o assunto, o que gerou um transtorno familiar, pois a escola ficava de 7 a 9 km de distância, e o pai, temendo que algum animal, como onça, ou as boiadas com as quais eventualmente pudessem cruzar, atacassem as crianças, decidiu não deixar os filhos frequentar a escola. Ivo ficou tão triste, que chegou a ficar doente e ter febre. Então, o pai vai até a escola e, num acordo com os professores, matricula Ivo e Davi na mesma série. Entre 1962 e 1965 Ivo conclui o ensino primário, mas lembra que era muito difícil, pois quando começava a gostar da escola tinha que se transferir porque o pai mudava de trabalho.

Chegando em Santo André, em 1965, Ivo cursou o último semestre da quarta série primária. No ano seguinte, mudaram-se para o cortiço em São Caetano do Sul, onde frequentou o curso de preparação ao ginásio, no período da manhã, numa instituição mantida pelo Serviço Social da Indústria (SESI), próxima a sua casa e que ofertava um curso preparatório para o exame admissional ao ginásio com aulas de português e matemática. No contraturno e finais de semana realizavam variados trabalhos, para ajudar nas despesas da casa. Ao chegarem à adolescência, ele e o irmão Davi, em acordo com a Mãe, economizavam o que recebiam, para irem ao cinema de vez em quando. Terminado o curso, Ivo foi falar com o pai que queria continuar os estudos e obteve a seguinte resposta: **meu filho, você já estudou demais, já sabe ler e escrever, é quase um doutor, agora você precisa trabalhar para ajudar a cuidar dos seus irmãos**. Assim, Ivo, então com 14 anos, não retornou à escola; continuou apenas trabalhando para ajudar na criação dos irmãos.

De 1967 a 1972, ou seja, dos 14 aos 19 anos, Ivo ficou afastado dos bancos escolares. Retoma os estudos em 1972 por incentivo dos colegas da Cidade dos Meninos. Passou a estudar à noite, num colégio próximo à sua casa. Esse período o marcou profundamente, pois, como era um leitor assíduo, tinha um vocabulário diferenciado dos colegas. O professor de língua portuguesa notou sua facilidade para a escrita e levou o assunto até o diretor da escola. Este, e os outros professores, surpresos, acompanharam o professor de português até a sala porque queriam conhecer aquele **aluno das redações maravilhosas**. Os visitantes congratularam-se com o estudante. Foram feitos discursos incentivando à perseverança nos estudos, e isso foi dando autoconfiança para Ivo na habilidade da escrita. O retorno à condição de aluno não foi fácil, Ivo acabou reprovando um ano pois não conseguia acompanhar as aulas, acabava dormindo em cima da carteira. Isso era o reflexo da situação pela qual Ivo estava passando, pois após a morte do pai passou a ser o arrimo da família.

Em janeiro de 1975 Ivo entra para o seminário da OFM Conv e vem para Curitiba. Passa a residir na Casa São Francisco, no Bairro de Campo Comprido, e a frequentar aulas no Seminário São José, dirigido por uma equipe do Arcebispo Dom Pedro Fedalto. No ano seguinte, 1976, transferiu-se para o Colégio Estadual Nilson Baptista Ribas, no bairro Seminário, onde finalizou o ginásio no ano de 1976.

O ensino médio foi realizado pelo sistema de supletivo, na Escola de Primeiro e Segundo Graus Ana Neri, em Santo André, nos anos de 1978 e 1979. Na ocasião, residia no Seminário Maior Nosso Senhor do Bonfim, no Parque das Nações, em Santo André. Em 1980, é aprovado no vestibular para filosofia nas Faculdades Associadas do Ipiranga, em São Paulo, mas trancou a matrícula e foi para a casa da mãe, ajudá-la, pois estava tendo dificuldades na criação dos irmãos mais novos⁷. Em 1981, retorna ao seminário e vai para Cascavel, retomando os estudos de filosofia em Toledo, na Faculdade de Ciências de Toledo (FACITOL). Não contente com a qualidade dos estudos em Toledo, decide seguir os conselhos do Frei João Mamede Filho (que trabalhava em Guaíra e hoje é o bispo de Umuarama) e vir estudar em Curitiba. Chega na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) em 1982, onde finaliza a graduação em filosofia no ano de 1985 com a monografia sobre *A marginalização do negro no Brasil*, elaborada sob a orientação do professor Luiz Alberto de Souza Alves.

Em 2001 termina o mestrado em Tecnologia na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), com a defesa da dissertação *Tecnologia e humanismo no curso de radiologia do CEFET-PR, unidade de Curitiba*, sob a orientação do Professor João Augusto de Souza Leão de Almeida Bastos. No ano de 2013, conclui o doutorado em Tecnologia na UTFPR, com a defesa da tese *Fanon, o reconhecimento do negro e o novo humanismo: horizontes descoloniais da tecnologia*, sob a orientação de Gilson Leandro Queluz, que foi seu incentivador no estudo de um autor marginal, praticamente desconhecido no Brasil. Quando da conclusão do seu doutorado, Ivo remeteu-se às memórias de quando tinha 9 anos de idade e ficou doente, com febre, quando, num primeiro momento, o pai não o liberou para ir à escola. Assim, Ivo deixa aqui um testemunho para a juventude negra: *se um dos nossos, mesmo velho [referindo-se ao fato de finalizar o doutorado a duas semanas do próprio aniversário de 60 anos] conseguiu, essa piiazadinha⁸,*

7 No ano de 1974, com a ajuda de amigos da Igreja e familiares, Ivo construiu metade da casa da Mãe, no terreno que Felizardo comprara a prestações. Quando retornou àquele local, em 1980, foi contratado como auxiliar administrativo pela empresa Ultratec Engenharia S/A. Naquele ano, a Ultratec estava finalizando a montagem de uma indústria de refino de petróleo no polo petroquímico de Capuava, perto de onde moravam. Durante dez meses, trabalhou naquela obra, com pagamento recebido semanalmente, precisamente, às sextas-feiras. Depois de combinar com Chiquinha e o irmão Davi (mestre de obras), decidiram ampliar a casa. Então todo o dinheiro que ganhou no emprego durante aquele ano foi destinado à compra dos materiais necessários à edificação da segunda parte da casa, que o irmão Davi e ele realizavam nos finais de semana, às vezes contando com a ajuda de amigos. No dia 26 de dezembro daquele ano, a nova parte da casa estava habitável. Despediu-se da família e partiu para Cascavel/PR, onde novos desafios o esperavam ao lado dos freis Pe. Fernando Mason e Pe. Antonio Cordioli. Desde então, não mais deixou o Paraná. Hoje, o irmão Moacir e família moram naquela casa, e a irmã Luzia com a família, igualmente, reside naquele quintal.

8 Piá, significa menino. Piiazadinha, no sentido geral, significa garotada.



que está alcançando as portas da universidade já na adolescência, poderá fazer coisas maravilhosas!. Focar, lutar pelos direitos e superar as barreiras, sempre na luta por um mundo melhor!

A Vida no Seminário

Pelas circunstâncias da expressão da religiosidade da família no interior do estado de São Paulo, Ivo teria seguido o espiritismo, mas com a mudança para Santo André muitas modificações aconteceram, e ele encontrou o mundo católico. No final de 1969, a partir do interesse pela prática do esporte, começou a frequentar um grupo de adolescentes. Sentiu forte motivação para conhecer o cristianismo, envolvendo-se nas atividades da formação católica. Aos poucos, assumiu tarefas de coordenação de diferentes grupos da igreja. Mais tarde, sentiu-se vocacionado à vida franciscana, por isso passou a receber acompanhamento dos frades até definir a entrada no seminário, no início de 1975. Junto aos frades, aprofundou-se nos estudos da fé cristã, mediada pela espiritualidade franciscana, passando a conhecer o ambiente católico, a espiritualidade cristã e a teologia franciscana. Os frades esmeravam-se, também, para que os jovens discípulos estivessem inseridos em alguma comunidade, realizando atividades pastorais junto ao povo.

A chácara dos franciscanos, conhecida como **Cidade dos meninos**, localiza-se no Parque Novo Oratório, em Santo André/SP. A família de Ivo residia muito perto dali, no Jardim Santo Alberto. Na **Cidade dos meninos** eram realizados trabalhos sociais, havia uma creche e campos de futebol que serviam de atrativo para a juventude, pois a população podia usufruir da estrutura da chácara. Do coletivo que Ivo acompanhava, era exigido que participassem de uma reunião semanal. Ivo gostava de frequentar essas reuniões, pois elas tratavam de situações existenciais que mexiam com o vivido e isso o impactou muito. Com a assiduidade nas reuniões, Ivo passou a participar de um grupo de voluntários que recebiam cursos de formação, participavam de retiros espirituais, tudo num ambiente bem juvenil e que propiciava interações imensas e desprendidas, todas baseadas na máxima de **amar bastante, o mais que puder** e nos fundamentos da caridade cristã. Tudo isso num período marcado pela forte repressão da ditadura militar, pela liberação da pílula anticoncepcional que **ameaçava** o tabu da virgindade das mulheres, pelo estímulo dado aos rapazes para frequentarem o comércio da prostituição, todos esses aspectos eram discutidos, entre outros. Na Cidade dos Meninos, as pessoas se empenhavam em viver num ambiente de alegria, de encontrar as pessoas, de construir uma vida de comunidade, de participar com suas vidas na edificação de um mundo melhor.

Então Ivo começa a se indagar: *como, assim, um mundo melhor?* Passou a observar as pessoas em sua volta e percebeu como os gestos daquelas pessoas que lutavam por um mundo melhor eram importantes para os outros se sentirem bem, numa época de ambiente violento com a expansão do uso das drogas, brigas entre

vilas, entre torcidas de futebol, um tempo marcado por muitas solidões e aquele lugar, a Cidade dos Meninos, parecia **o lugar onde se vai tomar sopa na noite de inverno**, puro aconchego.

Em 1975 entra para o seminário OFM Conv e se muda de Santo André para Curitiba, com 22 anos de idade. Aos 24 anos foi fazer o noviciado em Caçapava/SP, no vale do Rio Paraíba, um curso interno da OFM Conv, por meio do qual o participante tomava ciência de todos os fundamentos da vida franciscana, a partir da história, da espiritualidade e documentos normativos, dentre outros. No final do noviciado, em fevereiro de 1978, fez os votos de frade em Caçapava.

Ivo permanece no seminário de 1975 a 1985. No começo de 1985 pede para sair do seminário, porque descobriu que **não estava feliz ali**. Apesar de todas as oportunidades que havia tido, de o estarem preparando para ser um especialista em música sacra, ele estava se sentindo **vazio** e percebeu que fora do seminário poderia ajudar com mais afinco para a construção de um mundo melhor.

Ivo aponta que uma das experiências mais profundas da sua vivência franciscana, que marcou sua alma, foi a percepção do racismo a partir da literatura e da vida concreta.

Na época da graduação em filosofia, já tensionado por esses estranhamentos e inquietações que afloraram nas relações com os colegas, Ivo começa a questionar-se: *Quem eu sou?* Nesse momento encontra o professor Luiz Alberto Souza Alves, filósofo e teólogo da PUCPR, um homem negro que foi seu **alfabetizador** na questão sobre a negritude. E o ajudou a iniciar a caminhada para a elaboração de uma narração de localização do sentido do povo negro, a ideia de **arquivos negativos fabricados**. O Professor Luiz Alberto colocou nas mãos do Ivo alguns livros do militante negro Abdias do Nascimento. As páginas escritas por Abdias revelavam ao perplexo leitor a crueza do racismo brasileiro, e o ajudavam a enxergar o sentido das violências que enfrentara desde a infância. Por vezes, lembra Ivo: *eu interrompia a leitura, para chorar, ao encontrar pedaços da minha alma dispersos pelas páginas doloridas de Abdias*.

Para ilustrar essa sua referência de arquivos negativos, conta que, depois que o seu pai faleceu, várias vezes escutou a mãe rezando, à noite, e pedindo intensamente que Deus levasse a ela e a seus filhos, pois ela não aguentava mais aquela situação de penúria, de extrema pobreza. Não sabia de onde tirar o que comer para as crianças, como pagar as contas de água e de luz. A pobreza não era por falta de trabalho, trabalhavam muito e pesado, era por falta de oportunidades.

O tempo com os frades franciscanos contribuiu para Ivo obter uma segunda graduação, pois a primeira Ivo já tinha: a do sofrimento. Agora a outra graduação, em filosofia, lhe permitia tratar o sofrimento a partir de conceitos, de análises. Sua pesquisa sobre a presença do negro no Brasil foi sendo aprofundada com a entrada para o movimento negro mais para o final da década de 1980. Passou a fomentar o



debate sobre a realidade do povo negro e, para isso, estimulou a realização de reuniões de gente negra, no bairro de Campo Comprido, em Curitiba. As reuniões suscitaram o levantamento de muitas demandas, fortalecendo o interesse de participantes a se envolver de modo mais específico com tais demandas. Mais tarde, o núcleo de reflexão surgido em Campo Comprido uniu-se a outro coletivo que se encontrava a partir de incentivo dos missionários e seminaristas da Congregação dos Padres do Verbo Divino. Estes mantinham forte proximidade com os Agentes Pastorais Negros⁹, um movimento da Igreja Católica, do qual o frei Davi da OFM era uma das lideranças.

Mais tarde, uma parte do grupo envolvido em tais movimentações fundou a Associação Cultural de Negritude e Ação Popular dos Agentes de Pastoral Negros (ACNAP), uma entidade sem fins lucrativos que, ao longo de mais de vinte anos, tem marcado fortemente o combate ao racismo em Curitiba e no Paraná e o fortalecimento da consciência negra.

Hoje, ainda lembrando sua passagem pela ordem franciscana, quando vai a celebrações religiosas, Ivo não pede nada a Deus, apenas agradece o muito que já recebeu e reza até mesmo pelas pessoas que lhe causaram algum desconforto, pois **acabou aprendendo algo com elas também.**

Para os Novos Tempos, os Novos Quilombos

Nesse seu período de conversão, de conscientização de sua negritude, de saída do seminário, chegou um momento em que Ivo deliberou: *quero ter uma família, mas uma família com uma mulher negra.* Ressalta que há uma pressão silenciosa sobre a juventude negra para o embranquecimento através do casamento com gente branca. Apesar de silenciosa, essa pressão é extremamente poderosa, muito forte. Para a pessoa superar esse momento é delicado, pois há muitas minúcias cotidianas.

A família de Helena foi morar no mesmo bairro em que Ivo morava, Campo Comprido, no ano de 1983. Ivo havia chegado em 1982, alguns meses antes do assassinato das irmãs Nakadaira¹⁰ ocorrido no bairro. Se conheceram na igreja do bairro onde Ivo tocava violão, animando a liturgia paroquial. Rapidamente, aproximou-se da família de Helena, recém-chegada à comunidade, que se tornou frequentadora assídua das atividades da igreja. A partir dali, desenvolveram muitas atividades em conjunto, seja no grupo de jovens, na animação musical da comunidade, dentre outras. No começo Ivo não enxergava Helena como mulher, pois ele era um **européu**, mas, depois de sua conversão e da conscientização da sua negritude, as coisas mudaram. No

9 A **Pastoral do Negro**, ligada à Teologia da Libertação, foi uma das articuladoras de toda a movimentação cultural e política dos anos 1980 que levantou a premência da questão racial no país.

10 No bairro Campo Comprido, em Curitiba, na manhã do dia 25 de maio de 1982, Elizabeth e Celícia, de 12 e 10 anos, respectivamente, seguiam a caminho do colégio Domingos Zanlorenzi a pé quando foram surpreendidas pelo assassino. As irmãs Nakadaira foram encontradas às 8h do dia seguinte com marcas de espancamento e abuso sexual, caídas ao lado de um pinheiro. Elas haviam sido estranguladas com um pedaço de pano e um fio de nylon e tinham objetos como lápis e canetas inseridos nos órgãos genitais, no nariz e orelhas (SEQUINEL; NASCIMENTO, 2015).

início do namoro, um ex-colega de seminário que lá permanecera, aconselhou a Ivo: **Você merece uma sorte melhor. O casamento existe para a pessoa progredir, mas você está regredindo.** A opinião daquele homem branco era um julgamento negativo a Helena, por ser mulher negra, pobre e morar em conjunto residencial da Companhia de Habitação Popular (COHAB); sugeria que Ivo procurasse uma moça **do seu nível**. Pouco tempo depois, Helena aceita dividir a vida com Ivo, numa circunstância considerada por ele como favorável, pois ele não tinha nada, ou seja: *se ela decidiu ficar comigo foi por amor*. Assim, em 2 de julho de 1988 Helena e Ivo se casam (Fotografia 3). Dessa união nasceram Janáina em setembro de 1989 e Tales em fevereiro de 1992. A Fotografia 4 mostra Ivo e Helena em 2013.



Fotografia 3 – Casamento em 2 de julho de 1988

Fonte: Arquivo pessoal (1988).



Fotografia 4 – Ivo e Helena

Fonte: Arquivo pessoal (2013).





O Magistério

No ano de 1985 Ivo sai em busca de emprego. Estreou como professor na Escola Estadual Teotônio Vilela, nas Moradias Augusta, em Campo Comprido, no último trimestre letivo de 1985. No ano seguinte, 1986, começa a dar aula no Positivo Júnior pela manhã e, a partir de maio, começa na Escola Municipal Barigui 2, no bairro Cidade Industrial de Curitiba (CIC) à tarde. Ivo relata que foi um período interessante onde pôde presenciar contrastes de nosso país, pois pela manhã os alunos da rede privada de ensino, durante o recreio, faziam de bola um pedaço de alimento (como uma coxinha ou pedaço de pizza), e na rede pública municipal à tarde, na entrada da aula, as crianças já estavam perguntando o que seria a merenda do dia. Ivo permaneceu dez meses no Positivo Júnior e saiu em novembro de 1986, ficando apenas com as aulas na prefeitura.

De 1988 a 1991, trabalhou em Jaguariaíva, em um colégio da rede privada, assumindo toda a área de estudos sociais. Dava aula de geografia, história, educação moral e cívica e organização social e política do Brasil (OSPB) para as turmas de 4ª a 8ª séries. No ano seguinte, abre o primeiro ano de ensino médio e, quando Ivo retorna para Curitiba, já havia a turma de **terceirão**.

Quando retorna a Curitiba, no ano de 1992, começa a dar aula numa instituição de colégios católicos, assumindo as aulas de história, geografia e ensino religioso. Inicialmente, atendia aos Colégios de Curitiba e Rio Negro. Posteriormente, lecionou em outros municípios do Paraná e Santa Catarina, onde havia colégios da instituição. Assim, entre 1992 e 1994, atuou em Curitiba, Rio Negro, Palmas e Santa Helena, no estado do Paraná, e nos municípios de São Bento do Sul e Lages, no estado de Santa Catarina. Neste percurso, foi regente em turmas que se estendiam da quarta série ao terceiro ano do nível médio, onde lecionava para as turmas de **terceirão**, as quais se preparavam para os exames vestibulares.

No ano de 1993 faz o concurso para entrar no Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná (CEFET-PR), e é classificado em quarto lugar. Assume em 1994 graças à insistência e aos esclarecimentos do professor Lauro Gurski, à época chefe do Departamento Acadêmico de Estudos Sociais (DAESO) do CEFET-PR. Devido ao baixo salário inicial, para graduados, e desmotivado, Ivo pensa em renunciar à vaga, mas decide permanecer. Fizera concurso para lecionar história e educação moral e cívica, no entanto, estava sendo chamado para lecionar filosofia no antigo segundo grau. Ao tomar ciência desta oportunidade, literalmente, perdeu o sono! Sim, a surpresa era contundente, pois, desde 1985 tinha um diploma de filosofia e nunca tivera a oportunidade de trabalhar sobre este tipo de conhecimento, no entanto, o CEFET-PR estava a lhe oferecer a oportunidade de ministrar aulas de filosofia quarenta horas por semana.

Em 1995, ao finalizar sua especialização¹¹ pediu dedicação exclusiva no CEFETPR e encerrou o contrato com a rede privada de ensino.

11 De 1992 a 1995 Ivo fez a especialização em Magistério Superior na Universidade Tuiuti do Paraná. Desenvolveu o trabalho Ensino religioso no Sistema Educacional Divina Providência no período de 1992-1994, sob a orientação de José Antônio Pires Gonçalves.

No ano de 2000, quando escrevia a dissertação de mestrado, Ivo foi contratado pela PUCPR para ministrar aulas de filosofia. Já nos primeiros meses de PUCPR, devido a determinadas posições que tomou a respeito de situações profissionais que lhe foram surgindo, um colega passou a defender a candidatura dele à direção do curso de filosofia. Aceita o desafio e fica por quatro anos como diretor adjunto, o que aumentou muito sua experiência de gestão. Ficou na PUCPR por quase 9 anos ministrando aulas de filosofia para diversos cursos e outras disciplinas para graduações e especializações *latu sensu*. Deixou a PUCPR no início de 2009, mas antes recorda como a instituição o ajudou na superação de uma parte do arquivo negativo da escravidão propiciando a formação no ensino superior de sua esposa Helena e de sua filha Janaína, uma formação técnica para o filho Tales, além do lado material que lhe possibilitou adquirir uma casa que **nunca imaginou ter na vida**.

O único **senão** de toda essa vivência, apontada por Ivo, é a questão do sono, e aqui deixa seu recado para a juventude, pois isso afetou radicalmente sua saúde. Ainda trabalhando na PUCPR, começou a sua romaria na cardiologia, fez cerca de meia dúzia de cateterismos, passou a fazer uso constante de medicamentos para controle, sobretudo, da pressão arterial. Em 2007 teve que realizar o desbloqueio de uma coronária. Em 2009, nos exames de rotina, foi diagnosticado um carcinoma no rim esquerdo, e Ivo realizou uma nefrectomia para a retirada desse rim. O quadro emocional desenvolvido por Ivo após essa intervenção foi um dos mais terríveis da sua vida: tristeza – sono – apatia – fraqueza. *Não queria falar com ninguém, pagava para não falar com ninguém*, lembra. Além do desgaste emocional havia uma explicação médica para esse quadro: ao retirar-se um rim, suprimia-se também a suprarrenal correspondente, que é responsável pela produção da adrenalina, ocasionando uma queda na produção hormonal. Tempos difíceis.

Foi chefe do DAESO, entre os anos de 2007 e 2008; foi reeleito para o biênio 2009-2010, mas renunciou no início de 2010, devido à aprovação para o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia (PPGTE).

Logo que entrou no CEFET-PR começou a participar das reuniões do sindicato – Seção Sindical dos Docentes do CEFET-PR (SINDOCEFET-PR), por suas inquietações políticas e por pensar nos direitos. Foi presidente da SINDOCEFET-PR na gestão de 1997 a 1999¹². Em 2011 foi eleito, pela segunda vez, presidente do Sindicato (agora Sindicato dos Docentes da UTFPR – SINDUTF-PR) para a gestão 2011-2013 e reeleito para a gestão que finalizou o mandato em 2015. Refletindo sobre a atividade sindical, Ivo assinala que *a meta do sindicato é alcançar a plenitude humana das pessoas que representa. O que o sindicato faz ou deixa de fazer orienta-se pela crítica. A atividade sindical necessária reflete o compromisso com a justiça*¹³.

12 Esta gestão foi marcada por uma violenta repressão ao Sindicato, pois o Presidente (Ivo), a Vice-Presidente (Silvana Heidemann Rocha) e o Secretário Geral (Haroldo Cavalcante Ferreira) sofreram processo administrativo disciplinar. Enquanto a diretoria da Seção Sindical lidava com os entraves criados pela comissão processante, a Direção Geral do CEFET-PR implantou o então recente Decreto nº 2.208 (BRASIL, 1997), que alterou radicalmente a configuração educacional da instituição.

13 Discurso de posse da diretoria do SINDUTF-PR dia 20 de maio de 2011.



Se tudo correr conforme lhe garante a legislação trabalhista até agora, no dia 7 de julho de 2016 ele atendeu sua última turma com obrigação profissional de professor, antes de sua aposentadoria. E, com esse ar de despedida, nos relatou que, olhando os alunos fazer a última avaliação do semestre, refletiu que, quando ele tinha a mesma idade deles, ficava ansioso para saber qual seria seu lugar no mundo, e agora eles estavam ali repetindo esse movimento. Para ele, a expectativa dos tempos vindouros não mais encerra a preocupação a respeito de onde viver, onde trabalhar, com quem edificar uma família, mas talvez a de aprender a envelhecer, a nova geração ali estava, começando tudo de novo. Mas será que já poderia pensar que não terá mais nada para fazer? Por certo, é uma ilusão imaginar que, aposentado, não terá mais **nada para fazer**, pois, como ele mesmo aponta, ainda vai *brincar com seu título de doutor* e está preparando estudos sobre a filosofia da diáspora. Neste particular, tem interesse em aprofundar o tema Ontologia, inspirado em Frantz Fanon que, em sua obra, vez ou outra anuncia o tema, mas não o aprofunda, o usa como se fosse **um pedaço de fio numa trança**, não detalha. Com essa reapropriação conceitual pretende contribuir para compreender e explicar a condição de inferioridade imposta ao povo negro na diáspora negro-africana no Brasil. Ivo pretende aprofundar a investigação da ordem inferior em que as pessoas negras foram designadas como sujeitos históricos.

Nessa trajetória de mais de 30 anos de atividade profissional, Ivo constatou que o arquivo negativo da escravidão permanece até hoje do ponto de vista das condições materiais da vida. Vindo de uma família distanciada da cultura letrada, o pai e a mãe iam à escola somente para votar ou à reunião das crianças; não tinham ideia da dimensão do que é uma escola, era uma abstração distante e não conseguiam ajudar as crianças. Francisca e Felizardo eram pessoas de um mundo concreto. Além disso, é importante ter presente que o sistema escravocrata brasileiro preferia que a gente negra fosse analfabeta, para que o controle da gente escravizada fosse mais eficiente e eficaz. E os ancestrais de Ivo amargaram os horrores da escravidão criminosa... No entanto, foram as oportunidades da vida, as convivências e os diálogos que, aos poucos, abriram janelas para Ivo.

Vivência Musical

De sua memória musical, Ivo tem como lembrança mais antiga a de um irmão da sua mãe, o tio Taço, que morava na chácara do avô junto com eles antes da mudança para Santo André. Ivo, ainda criança, adormecia escutando música sertaneja que esse tio tocava e cantava com o vizinho Oscar.

Depois lembra que, à noite, principalmente às sextas-feiras, quando o pai chegava em casa, cantava e sapateava até a **roupa pingar de suor, havia uma necessidade de extravasar**. Ivo ainda não conseguiu reconstruir todas as memórias sonoras do pai e colocar em suas músicas. Lembra que o pai expressava uma musicalidade que lembra o samba do Recôncavo Baiano e recitava muito uma quadra, mas Ivo não consegue lembrar em quais ocasiões ela era proferida.

*Eh sertão!
Moça bonita e cavalo bão,
Homem sem barba é caçote¹⁴
Mulher barbada é o cão!*

Em Santo André, na casa do amigo Mineiro, um dos tios fazia a rítmica na viola e os catireiros amanheciam dançando e sapateando¹⁵.

Foi depois da morte de Felizardo, em junho de 1972, que o tio Serapião, irmão do seu pai, ensinou a Ivo os rudimentos do violão. Estava **invejoso** dos amigos da igreja que tocavam nos grupos de jovens. Nesses grupos se cantava muito, e isso animou Ivo a aprender a tocar. Tio Serapião tentara fazer a vida como cantor de música sertaneja, juntamente com Laércio Marques de Queiroz, o primo Loro. Apresentavam-se como Railto e Rialto, e chegaram a gravar algumas canções. Esse tio tocava violão, viola e acordeão, era muito habilidoso e rápido, e foi ele quem ensinou ao Ivo os primeiros acordes e lhe emprestou um violão. Depois, Ivo devolveu esse violão e pegou um emprestado do primo Luiz, um violão ocioso, que ficava enfeitando a parede da casa. Durante vários meses, exercitou com aquele instrumento.

Ivo começou tocando música da igreja, depois música popular brasileira (MPB). Quando veio para Curitiba em 1975, já havia três anos que tocava violão, mas ainda não tinha a habilidade de escutar uma canção e ir procurar o acorde sem o auxílio do papel cifrado. Chegando na cidade, era o *cego que enxergava a meio olho*, e as músicas das celebrações da liturgia passaram a ficar a seu encargo. Assim, foi se aperfeiçoando e aprendendo a tocar sem a ajuda das cifras. Ivo conseguiu seu próprio violão, um de 12 cordas, somente no ano de 1982, quando foi presenteado por Frei Fernando Mason.

Ivo se diz ainda um aprendiz da música, e hoje está num curso de violão, pois todo o conhecimento que adquiriu foi no empírico, na prática. Ivo também participa das rodas do Samba do Compositor Paranaense (Fotografia 5), que ocorrem toda terça-feira no Teatro Universitário de Curitiba (TUC)¹⁶. Lugar de ambiente fraterno onde no início Ivo frequentava apenas como observador. Mas, com o tempo, foi incentivado e decide levar uma de suas composições. Escolheu uma toada de viola que retrata o

14 Pequena rã ou pessoa imberbe, aquele que ainda não tem barba.

15 A catira, que também pode ser chamada de cateretê, é uma dança do folclore brasileiro, em que o ritmo musical é marcado pela batida dos pés e mãos dos dançarinos.

16 O Samba do Compositor Paranaense é um projeto realizado semanalmente em Curitiba desde 2010, com foco na disseminação do samba autoral local, a partir da articulação de compositores, músicos e público. Para apresentar o seu samba nas rodas do SCP, basta chegar no dia da roda às 19h30 com 30 cópias da letra do seu samba. É só passar a melodia com o pessoal da harmonia antes do início da roda e na hora em que for chamado, cantar sua canção junto com os músicos e o público. Recentemente a identidade do samba no estado do Paraná, a história do projeto Samba do Compositor Paranaense e seus desdobramentos foi o tema do documentário *A hora do samba* dirigido por Renato Prospero. O filme reúne depoimentos dos fundadores e de sambistas frequentadores do projeto que contam um pouco sobre as rodas, os registros e as produções coletivas realizadas desde 2010 quando o projeto teve início. Para saber mais, consulte Samba do Compositor Paranaense (2018).



momento difícil que estava vivendo quando enfrentava longas e extenuantes jornadas de trabalho e sofria com a falta de sono e a falta de tempo para fazer qualquer outra coisa. O samba chama-se *Alforria*.



Fotografia 5 – Samba do Compositor Paranaense
Fonte: Acervo pessoal (2014).

Segue a letra do samba, que o autor escreveu em 2010 e prefere cantar com o sotaque da infância, quando falava o **português-afroguês** que os parentes praticavam desde as Minas Gerais¹⁷.

Alforria

*Eu preciso mi livrá da sirridão
Pegá minha viola fazê nova canção
À noit' u curiango, na mat' u sanhaç' u
No peit' a sodad' d'um sincer' abraç' u
A avi na gaiola num si consola
Si obriga a cantá, óia da festa
Só isso li resta, num pod' avná*

*Minha viola sent' falta di quand' eu tinh' alegria
A sirridão mi fer' i mata eu quer' a minha a' furria*

¹⁷ Para conhecer a versão formal em português da canção *Alforria* consulte o Anexo B.

*Eu preciso mi livrá da sirvidão
Pegá minha viola fazê nova canção*

*Cantero tem fulô, u berç', a criança
Cativ', o trabáio cum poc' isperança
P'a ter o binifiç'u tem sacrific'u
Carec' infrentá sua na testa
Nem riso, nem festa só faz labutar*

*Minha viola sent' falta di quand' eu tinh' alegria
A sirvidão mi fer' i mata eu quer' a minha a' furria.*

As composições de Ivo são centradas nas africanidades, envolvendo o enfrentamento do racismo, a ancestralidade africana e a emancipação do povo negro. Uma de suas últimas composições foi feita em parceria com Léo Fé e apresentada dia 28 de junho de 2016 na roda de Samba do Compositor Paranaense. O samba é uma louvação aos ancestrais e, em depoimento, Ivo destaca que essa composição somente foi possível devido a sua participação frequente na roda de samba que tem um ambiente que permite a todos novas possibilidades, pois os frequentadores encorajam, valorizam e respeitam a todos, e conclui: *é mais que um aprendizado, é um remédio para a alma.*

Vossa benção

Da Nigéria e Guiné

De Angola e Moçambique

Milhões de negros traficados não há o que justifique

Se não fosse no passado a luta de minha gente

Eu não teria futuro não estaria presente

Nossos heróis têm nomes, as heroínas também

De leste a oeste, sul a norte era a escravidão da morte

Gente negra em combate sobreviver era arte

Na religião e na guerra, nos mares no céu e na terra

Terra dos males e dos maus

Onde labutaram com grandes aflições



Enfrentaram os infernos para nós os seus nomes são eternos

Nossas mães e nossos pais

Pedimos a vossa bênção

Oh! Sagradas! Oh! Sublimes ancestrais!

Pedimos a vossa bênção

Oh! Sublimes! Oh! Sagrados ancestrais!

Militância Política e Combate ao Racismo

Em 1984 Ivo começa a estudar o tema negritude no Brasil, com o professor Luiz Alberto da PUCPR, para a sua monografia de conclusão do curso de filosofia. No ano de 1987, realiza a primeira Reunião de Gente Negra, com participantes do movimento negro em Curitiba, para iniciarem a discussão sobre o povo negro brasileiro e sua importância na construção da sociedade brasileira (Anexo A). De 1988 até 1991, quando estava no interior (Jaguariaíva), não acompanha mais as reuniões. Quando retorna a Curitiba em 1992, decide recuperar o trabalho, e o melhor jeito era através da música. Ivo passa a dialogar com outras pessoas, principalmente do bairro Campo Comprido, particularmente com Claudio Peba (Fotografia 6), que conheceu no ano de 1994 e com quem, entre 1995 e 1996, realizou a primeira composição em parceria. De lá para cá, estão sempre envolvidos em várias produções musicais, algumas dedicadas especificamente ao combate ao racismo.



Fotografia 6 – Ivo com Claudio Peba Silva e, ao fundo, Léo Fé ao microfone

Fonte: Acervo pessoal (2013).

A composição mais marcante dos primeiros tempos de parceria com o Mano Peba reflete o drama vivido pela gente negra em Curitiba, após o assassinato de Carlos Adilson Siqueira, por um *skinhead*, em março de 1996.

Calçadão

*Por minha herança africana vivo cantando verdades
Ao ver as raças humanas buscando fraternidade
Que é um sonho antigo pregado pelos profetas
Sonhando por seus destinos eu vejo os nossos meninos
Vou me tornar um poeta*

*Quando me pego pensando andando no calçadão
Eu vejo muitos olhares vagando sem direção
Aumenta a solidão e eu me pergunto: por quê?
Sinto no peito um raio, sendo verão sinto frio
Pois passam por mim sem me ver*

*Em vão eu procuro entender porque
Imão, olhe dentro de você
E encontre aquela velha saudade
De uma sincera amizade para alegrar seu viver
Faz falta gente de boa vontade
A esta sociedade pra se ter paz e unidade*

*Um certo acontecimento que ao ocorrer me deprime
É ver as nossas crianças sempre de cara pro crime
Noticiar as tragédias garante TBOPE ao jornal
Falar de felicidade a essa sociedade
Causa repúdio geral*

*Sabemos que em Curitiba é por demais reluzente
Os *skinheads* racistas matando os manos da gente
A omissão da justiça garante a impunidade
Dos agressores do negro que vai perdendo sossego
E não pode viver à vontade.*





Além da aproximação com o pessoal do bairro Campo Comprido, Ivo acompanhou os Agentes de Pastoral Negros, que realizavam reuniões semanais numa sala ao lado da Igreja Bom Jesus, na Praça Ruy Barbosa, no centro de Curitiba, mantendo convivência fraterna com os missionários do Verbo Divino que, naquele momento, atuavam naquela pastoral. Durante vários anos ocorreram essas reuniões semanais, mais tarde uma parte do coletivo criou uma instituição formal, juridicamente registrada, a ACNAP. Atualmente, a sede da ACNAP fica na Vila Xapinhal, bairro do Sítio Cercado. Possuem um prédio próprio onde realizam várias atividades, desde festas e feijoadas para arrecadação de verbas até o funcionamento de uma escola, chamada Escola Alternativa, que era um sonho do grupo desde a criação da associação em 1990. Nesse espaço também ofertam curso de formação política. Ficou com eles até 1996.

No dia 10 de março de 1996, o iluminador de teatro de 23 anos, Carlos Adilson Siqueira, é assassinado pelos Carecas do Brasil (grupo de *skinheads*), em frente ao Bar do Alemão, no Largo da Ordem, no centro histórico da cidade. Motivo: Carlos Adilson era negro. Três tiros foram disparados pelo menor Guilherme Amaral de Castro Walter, dois o atingiram, um na nuca e outro nas costas.

Na mesma época do crime, Ivo já havia tido contato com o pessoal do Movimento Negro Unificado (MNU) e uma reunião para o final do mês de março estava marcada para ocorrer em Curitiba visando criar uma sede do MNU na cidade. O MNU foi fundado em 7 de julho de 1978, em São Paulo, e propunha uma nova dinâmica na luta contra o racismo em plena ditadura militar. O pessoal do MNU tomou conhecimento do crime e se fez representar por militantes de São Paulo, São Bernardo do Campo e Florianópolis num ato de rua em Curitiba. Após a realização desse ato, o MNU **ficou de cima** das autoridades cobrando providências e decidem fazer um protesto, um ato público mais forte contra o racismo e escolhem Curitiba como local. Então, no dia 13 de maio daquele ano, na Boca Maldita, *o recado foi dado pela molecada do rap e pelas letras de suas canções*, lembra Ivo. Reuniram-se mais de 3 mil pessoas no centro de Curitiba, com os jovens cantando e dançando suas músicas. Durante o ato, Valderrama falava contra os *skinheads* que assassinaram Carlos Adilson e, num dado momento, bradou: **temos que andar armados manos, eu ando armado, esse aqui é meu cano** [referindo-se ao microfone]! Ivo ficou maravilhado pois essa intervenção tentava mostrar ao jovem que a arma da juventude deveria ser o conhecimento, a verdade, o exercício da palavra, a denúncia, a firmeza. O ato enfatizava a necessidade do fim da violência racial e da edificação de outra sociedade no Brasil.

Passado o ato, Paulo Lima de Oliveira, Sueli Souza e Francisco N'Tchala, um africano de Guiné-Bissau, se filiaram ao MNU e foram os fundadores daquela organização em Curitiba¹⁸. A entrada de Ivo para o MNU e seu desligamento das Pastorais de Negros se dá um pouco mais tarde. Curitiba sediou vários eventos do MNU realizados sob a coordenação de Ivo, que também participou de vários eventos

¹⁸ Núcleo de Base Carlos Adilson Siqueira (CAS) foi a base do MNU no Paraná fundado em 1996.

do movimento fora do estado. Quando a Secretaria Estadual de Educação iniciou a implementação da Lei nº 10.639¹⁹ (BRASIL, 2003) nas escolas da rede estadual de educação, aconteceram vários encontros de formação de docentes para trabalhar as temáticas referentes ao povo negro. Tais reuniões ocorriam na cidade de Faxinal do Céu, em um centro de formação do governo do estado do Paraná, próximo aos municípios de Pinhão e Guarapuava. Militantes do MNU participaram de atividades, contribuindo conceitualmente durante aquelas campanhas. Desde o nascimento do MNU em 1978 até hoje, quase 40 anos depois, a principal bandeira de luta ainda é a construção coletiva de um projeto político do povo negro para o Brasil, a redefinição do modelo de nação e a reestruturação do estado brasileiro, tendo em vista o respeito às contribuições próprias de cada segmento étnico que constitui a população do país.

Nessa caminhada quase quarentona, de altos e baixos, Ivo considera o MNU uma das instituições: *mais intensas da militância do movimento negro no Brasil, sem desprezo de qualquer outra, mas alguns méritos do MNU são inegáveis, aponta, como a celebração do dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra. Esse evento, iniciado no Rio Grande do Sul pelo professor Oliveira Silveira, foi proclamado pelo MNU como evento nacional de louvação ao Zumbi, na data do martírio dele, em Palmares*²⁰.

Outro exemplo é o trabalho pesado de políticas de enfrentamento que o MNU realiza com os quilombolas, muito antes do dia 20 de novembro de 1995, quando o movimento negro realizou a Marcha de Brasília, em tributo ao tricentenário de martírio de Zumbi, e apresentou ao governo de Fernando Henrique documentos referentes às demandas das comunidades quilombolas (BARBOSA, [19--]). Ainda temos a cobrança do estado para a aplicação das políticas de ações afirmativas, lembra Ivo, como a criação das cotas para estudantes negros nas universidades públicas e a implantação da Lei nº 10.639 (BRASIL, 2003).

Ivo aprendeu muito com os Agentes de Pastoral Negros, mas o MNU o ajudou a aprofundar conceitos, fortalecendo a conscientização da realidade presente e de princípios de luta. Ivo manifesta gratidão eterna pelo aprendizado e companheirismo junto a Milton Barbosa, Carlos dos Anjos²¹, Juan Carlos Pinedo e Angela Gomes, MNU/MG, de Belo Horizonte. Conheceu homens e mulheres generosos, pessoas desprendidas, de elevado espírito altruísta, que enfrentaram o racismo por convicção militante e de modo voluntário. Além disso, elaboraram teoria: *o MNU produziu e produz teoria, abriu caminhos de intervenção, nunca foi um ativismo cego*, aponta.

19 A Lei nº 10.639 (BRASIL, 2003, grifo do autor) “[...] estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática **História e Cultura Afro-Brasileira**, e dá outras providências”.

20 Exceto em Curitiba, onde os negros têm os inimigos de plantão, os quais têm agido firmemente para impedir a criação do feriado referente ao Dia da Consciência Negra.

21 José Carlos Gomes dos Anjos, professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) a quem Ivo diz dever grande parte da sua formação teórica sobre o povo negro, o movimento negro e as linhas de enfrentamento ao racismo.



Era e tem sido reflexão e práxis. Aprendeu que as pessoas mais velhas do MNU frequentemente atuavam em outras instituições, como partido político, sindicato,

dentre outros. Porém, enfatiza que a centralidade de suas ações era o MNU. Por isso, o MNU tem este rito: alguém quer participar, então tem que mostrar que é confiável, com ações. É isso que querem ver. Um exemplo simples: ligam para você do MNU e falam que alguém do movimento está indo para a sua cidade e se você o recebe. A primeira reação seria a pessoa responder: mas eu nem o conheço! E é justamente aí que está o pulo do gato: *a pessoal do movimento está indicando; então você acata, pois é tudo uma grande família – está indicando um irmão para ser recebido e tratado com dignidade*. Baseiam-se nos fundamentos dos antigos que, com os processos da diáspora, foram se desconfigurando e perdendo os princípios de coesão. Em suma, se alguém do movimento indicou, então é confiável, e se estão me contatando para eu receber aquela pessoa, significa que se eu aceitar também serei confiável. Atualmente Ivo é uma das referências do MNU no Paraná.

Arquivos Negativos da Escravidão

Os séculos de escravidão que tivemos no Brasil, seguidos pela exclusão social após a abolição, trouxeram sérias consequências ao povo negro. Entre elas podemos destacar a consequência financeira: os profissionais negros, no Brasil, recebem salários que chegam a ser 35% menores que os dos trabalhadores brancos. As dificuldades atuais enfrentadas pela população negra são resultado desse contexto histórico de escravidão e exclusão social, e as políticas públicas desenvolvidas para reverter essa situação não são suficientes para garantir oportunidades, nem para diminuir a injustiça e o preconceito no mercado de trabalho.

O povo negro tem menos acesso ao ensino superior e, conseqüentemente, menos acesso às profissões com melhor remuneração. Um quadro que tenta ser revertido com as políticas de cotas raciais e sociais nas universidades e concursos públicos, mas que não é suficiente para garantir oportunidades iguais para todos, nem para corrigir as injustiças históricas, muito menos para reduzir o preconceito no mercado de trabalho.

Portugal **construiu** o Brasil principalmente com o trabalho dos povos africanos que vieram para cá na condição de escravizados. Na África, eles eram selecionados a partir do conhecimento que possuíam em diferentes ordens como a agricultura, construção, marcenaria, metalurgia, portanto, as primeiras demandas que surgiram na colônia portuguesa foram resolvidas através do conhecimento do povo africano, relata Ivo²² (UFPR TV, 2015). Hoje, esse quadro de contradições que apresenta a sociedade brasileira, foi dado pelas elites, pelas autoridades e pelas intelectualidades brasileiras que estabeleceram o lugar que cada um iria ocupar na sociedade. Ao negro,

22 Entrevista realizada para o programa Núcleo de Estudos da Violência Organizacional (NUEVO) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) – Racismo nas organizações (UFPR TV, 2015).

ficou reservado o lugar de ninguém – a **ninguendade**, utilizando a expressão de Darcy Ribeiro²³. *Em função desse histórico encontramos muitas pessoas no país em situação de desespero*, analisa Ivo.

A negação do racismo no Brasil sempre foi uma realidade. Ivo relembra Oracy Nogueira e o seu conceito de **daltonismo racial**, ou seja, a pessoa não enxerga essa discrepância²⁴ e compara com a situação de uma pessoa com câncer. Até fazer o exame e tomar consciência, ela não sabe que tem a doença, e tem um tipo de comportamento. A partir do momento em que a doença é diagnosticada, a pessoa passa a ter consciência de que está doente, e não tem como voltar atrás. É encarar a doença e passar a lutar pela cura ou sucumbir e deixar que a doença tome conta do organismo. O racismo sempre esteve presente no Brasil, mas as pessoas não querem ver, discutir e muito menos falar sobre ele, sobre esse **câncer**, pois isso exige uma tomada de posição perante a **doença**: enfrentar e correr atrás da cura ou fingir que ela não existe e continuar vivendo como se nada de diferente estivesse ocorrendo?

Ivo menciona uma coleção que vem fazendo há alguns anos: a de panfletos de divulgação de produtos. O pessoal do marketing dificilmente usa modelos negros na divulgação de produtos que exigem um maior poder aquisitivo, pois o povo negro não é um cliente em potencial. As pessoas não enxergam o povo negro, e quando enxergam, é com suspeições: trocam o lado da calçada em que estão andando, no comércio os atendentes tendem a se esconder atrás do balcão – *essa é a reação das pessoas de uma sociedade que não tem racismo?*, indaga Ivo. Falam que em Curitiba não há pessoas negras, mas vá até a periferia! O mais estarrecedor é o morticínio da juventude negra no Brasil: uma média de 80 jovens negros assassinados por dia²⁵ – isso é desesperador, tem muita zona de guerra no mundo que não mata tanto, exclama Ivo.

A exclusão social acaba afetando a subjetividade do povo negro no Brasil. No começo há um estranhamento, mas depois as pessoas se habituaam, incorporam essa exclusão, ela passa a **ser normal** e acabam por reproduzi-la. Temos que relativizar e entender que as pessoas negras estão dentro de uma sociedade racista, com estrutura racista. *A mente brasileira é racista, a população é violentamente racista*, afirma Ivo. *O racismo é um ato violento, pois nega o outro na essência, qualificando-o como menos humano, como não-humano, como desumano ou até mesmo como animal, como por exemplo, quando vemos as pessoas jogando bananas para os atletas negros e os chamando pelos nomes de animais como macaco*, finaliza.

23 Com a mistura de culturas e referências que constituíram a sociedade brasileira, o brasilíndio, o mameluco e o afro-brasileiro perceberam-se em uma terra de ninguém – o termo usado é **ninguendade**, gerando a necessidade de criarem uma identidade, a brasileira (RIBEIRO, 1995).

24 Daltonismo relativo ao preconceito de cor. Oracy Nogueira aponta para o paradoxo que alimenta a vida social brasileira: o preconceito racial implica em distâncias socioeconômicas muito agudas, ao mesmo tempo em que se apoia em relações personalizadas e, mesmo, íntimas. No mundo do trabalho, o daltonismo dá lugar ao sistema de classificação racial, que passa a ser acionado com precisão pelos que oferecem emprego e traduzido com igual precisão pelos que procuram (NOGUEIRA, 1942).

25 Eles foram vítimas de 30 mil assassinatos em 2012; do total de mortes, 77% eram negros, o que denuncia um genocídio silenciado de jovens negros, afirma Atila Roque, da Anistia Internacional (PELLEGRINI, 2014).



A pessoa negra presencia desde criança um mundo voltado à **gente branca**, por exemplo, os programas de TV na sua maioria só têm gente branca; então a pessoa negra acaba por desejar apenas a sobrevivência e ocorre um movimento interno de convencimento que o que é bom é branco e o que é ruim, o perdedor é o negro, assim as pessoas negras passam a querer ser brancas como estratégia de sobrevivência. O incentivo ao casamento inter-racial é dado pela sociedade para embranquecer o povo, o alisamento de cabelos é uma opção para se lembrar o menos possível o fenótipo negro. As pessoas negras no Brasil internalizam que precisam se empenhar para se adaptar a uma situação ideal dentro da sociedade que é ser uma **pessoa branca**. Por isso, as pessoas negras aprendem a se esconder atrás de máscaras brancas, como resalta o livro *Pele negra, máscaras brancas* (FANON, 2008).

Ivo aponta que o que temos no Brasil é um crime contra a humanidade, de acordo com a III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata (DECLARAÇÃO DE DURBAN, 2001), que classificou a escravidão, o tráfico transatlântico e o genocídio dos indígenas não como crimes comuns perdidos no passado; são, sim, crimes contra a humanidade, cujas consequências permanecem a atormentar a milhões de seres humanos, atingindo as pessoas na vida, no corpo e na mente. Esta é a realidade vivida cotidianamente pelos descendentes daquelas populações massacradas durante o vergonhoso passado do Brasil escravista.

O princípio básico da política pública de cotas raciais é de que não se pode tratar de modo igual a quem a vida inteira foi tratado como diferente. O público atingido por essa política de cotas vem sendo subalternizado desde a escola primária, e isso perpassa toda a sua vida escolar. Quando chega o momento de entrar para a universidade, ele vai competir com os outros que tiveram uma formação diferenciada, originários sobretudo da rede particular de ensino. Então, com trajetórias tão distintas, esses dois mundos vão disputar uma vaga numa universidade pública numa condição de igualdade que não ocorreu ao longo da vida escolar? Por isso, quando os cotistas chegam à universidade, eles não são **ladrões de vagas, quem fala que a juventude negra está roubando vagas são pessoas mentirosas. A implantação dessa política de ação afirmativa serve para amenizar o problema do racismo e da desigualdade social no Brasil, mas não resolve**, explica Ivo, e conclui lembrando o estudo do filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto²⁶ que teve grande influência sobre Paulo Freire e hoje está sendo recuperado pelos estudiosos.

Em 1961 Vieira Pinto escreveu *A questão da universidade*, livro sobre educação, analisando a universidade brasileira e as lutas estudantis. Após análise panorâmica, ele

26 Álvaro Borges Vieira Pinto (1909-1987) foi um intelectual e filósofo brasileiro. Destacou-se por sua posição nacionalista e sua atividade político-intelectual em defesa do desenvolvimento autônomo do Brasil durante o século XX. Possuía formação superior plural, sendo filósofo, tradutor, professor, pesquisador e tendo também atuado em educação, medicina, matemática, demografia e física. O educador Paulo Freire o chamava de **mestre brasileiro** (CÓRTEZ, 2001).

faz um diagnóstico da situação nas universidades e conclui que os pedagogos recebiam jovens universitários para formar e ficavam atentos a eles, mas Vieira Pinto indaga: e os jovens que não são dados aos pedagogos, por que não são dados? Não são dados porque foram expulsos da universidade pelos mecanismos de acesso a essa instituição de ensino. Então, quais mecanismos eram esses? Segundo Vieira Pinto, a universidade brasileira foi desenhada para atender as elites, a classe dominante tradicional que sempre dominou os códigos de acesso desse mecanismo. Então, as cotas raciais amenizam mas não resolvem o problema, porque estamos tratando de um crime contra a humanidade, cujos tentáculos estão entranhados nas universidades, configurando aquilo que a militância antirracista classifica como *racismo institucional*, conclui Ivo.

Os movimentos negros têm falado muito em reparação. Para Ivo, essa temática de reparação deveria ser discutida, pois ela tem uma profundidade de entendimento que supera grandemente o conceito de cotas. O contraditório e o mais assustador da política de cotas é a reação dos setores beneficiados pelos esquemas tradicionais. As classes dominantes defendem os mecanismos históricos de acesso à universidade, pois foram criados para lhes garantir o proveito particular da universidade pública que é sustentada pelo trabalho de todos. Enciumados, os estudantes adeptos desta tese olham para o aluno cotista como um **ladrão ou usurpador de vaga**. Por isso, os não-negros argumentam que se trata de um erro, um crime o que o estado brasileiro está fazendo com os **outros estudantes**. *O colega do estudante negro na universidade é um ator que interpreta muito bem o racismo*, aponta Ivo, mas ressalta uma esperança de superação dessa visão, depois de haver lecionado por alguns anos a disciplina **A presença africana no Brasil: tecnologia e trabalho** em turmas de graduação. A partir das reflexões sobre os temas concernentes ao povo negro e a violência colonial contra ele e os efeitos deletérios do racismo até o presente, a juventude não-negra reconhece o efeito transformador do conhecimento. Muitos depoimentos de tais estudantes confirmam que, quando eles acessam as informações, têm a chance de analisar, esses jovens se submetem à justiça e reconhecem sua ignorância sobre o tema. Muitas vezes, tais estudantes fazem propósitos públicos de se tornarem divulgadores dos novos saberes que adquiriram por meio da disciplina. O crescimento da consciência negra por meio do conhecimento demonstra que o racismo, no meio universitário, é também uma questão de ignorância.

O racismo é um problema grave e crônico na sociedade brasileira. Com o fim da escravidão, os negros foram excluídos do mercado de trabalho e até hoje essa segregação se manifesta nas organizações de trabalho e relações organizacionais. Há uma situação desigual entre negros e brancos no mercado de trabalho. Os dois grandes conceitos utilizados para explicar o racismo no Brasil é o mito da democracia racial e a ideologia do embranquecimento que reúnem todas: *as desgraças associadas aos povos de origem africana*, enfatiza Ivo. Quem é o médico? É o branco. Quem é o motorista de ônibus? Daí aqui pode ser o negro. Ou seja, há um **lugar de negro**. Esse lugar está na



franja, na periferia, o lugar que ninguém quer, lembrando novamente Darcy Ribeiro. Na universidade sempre tivemos negros, mas o que faziam lá? Estavam nos serviços de limpeza, de copa, de jardinagem, de manutenção, de marcenaria, ou seja, o *kit negro*, aponta Ivo. Quem estava na reitoria? Nos gabinetes? Na docência? Ou como discente? Em geral, o negro e negra não eram os alunos. Agora, com a política de cotas, uma ou outra pessoa negra é, mas raramente é dirigente, ainda está nos trabalhos subalternos fazendo aquilo que os outros não querem.

O povo negro está jogado nas franjas para fazer o serviço que os outros não querem. *Quem são os outros? São os brasileiros considerados válidos pelas forças dominantes, os descendentes dos europeus de maneira geral*, explica Ivo. Ideia essa reforçada nos livros didáticos, incluindo os de catequese. Numa rápida avaliação de uma coletânea, Ivo percebeu que a figura do povo negro nas ilustrações estava sempre relacionada com ocupações subalternas, no **lugar de negro**.

Com relação à importância da Lei nº 10.639 (BRASIL, 2003), Ivo comenta que ela não garante nada, pois no Brasil temos a mentalidade da lei que pega e da lei que não pega. Essa lei foi resultado da pressão da sociedade civil, do movimento negro brasileiro em especial. No caso do Paraná, aponta que os professores negros é que cobraram o cumprimento dessa lei na rede estadual. A lei está aí e, mesmo sendo cumprida, não significa que vai contribuir, porque se o professor que for ministrar a disciplina reproduzir o estereótipo e a ideologia racista que já circula, essa lei será um **fator piorante**. A expectativa do povo negro e o que a experiência vem consagrando é que, na prática, essa lei tem sido um fator de oxigenação, colocando o racismo, que era considerado inexistente, como um dos problemas mais graves da nossa sociedade, sendo necessário agora explicitá-lo. A lei serve como espaço para desmitificação e de base para uma perspectiva minimamente mais honesta do que constitui o povo brasileiro. Nas salas de aula está sendo dada a oportunidade de se conhecer de outro modo os africanos e sua cultura, de tirar esse **véu** que foi colocado pelos **intelectuais orgânicos da dominação**, como nos diz Moura, explica Ivo.

Moura (1990), em sua obra *As injustiças de Clio*, faz um levantamento do trabalho dos historiadores e nos mostra que, desde a chegada dos negros ao Brasil, no século XVI, eles são retratados como portadores do mal, sujeitos negativos. Sendo assim, as pessoas que acessam essas obras apreendem esses códigos e identificam o negro como o mal, o sujeito que tem que ser enquadrado. Isso aponta uma das raízes da violência racial no cotidiano da sociedade brasileira.

O movimento negro brasileiro protagoniza uma história que ainda carece de justiça, de reconhecimento. Por enquanto sua luta nem sempre é vista como válida, mas as grandes pautas nacionais estão sendo alteradas por meio de sua atuação e militância do povo negro que opera a maior parte das vezes de modo voluntário e por convicção, por fidelidade à causa e ao povo. Hoje o movimento negro traz como perspectiva a discussão sobre a violência: o povo negro precisa aprender a lidar com a violência e a ser

violento porque, no passado, os ancestrais tiveram que ser violentos: *veja o exemplo dos quilombolas, eram violentos, as pessoas que resistem hoje nas comunidades são violentas*, aponta Ivo. Mas de qual violência estamos falando? A violência necessária é a violência simbólica. O jovem negro que vem para a universidade, a violência esperada dele é que sobreviva à universidade, pegue seu diploma e não se contente apenas com a graduação. Tem que ir atrás do mestrado, do doutorado. A violência se expande por meio dessa juventude negra que, na universidade, ao fazer seus estudos, não acredite no eurocentrismo que ainda domina dentro dessa instituição, mas se inspire na ancestralidade guardada no candomblé, na capoeira, nos quilombos, nas rodas de samba de terreiro, nos ambientes de família negra, onde os princípios ancestrais negros estão preservados. Esses princípios da ancestralidade africana estão na contramão do *capitalismo venenoso que contaminou o passado do povo negro*, esclarece Ivo. Por meio desses fundamentos, o Brasil poderá ter outra face, superar esse Brasil cruel, insensível, violento, *esse Brasil de matanças tem que acabar!*

A forma de resistir à violência se dá mediante outro modo de ser violento. O caminho vital apontado por Ivo é o respeito aos mais velhos. Ouvir suas histórias, causos, o porquê daquelas roupas, daquelas fotografias, enfim a juventude precisa disso e as escolas e as universidades precisam retomar isso também para que essas mensagens reapareçam. Esta conduta permitirá a revelação de outra humanidade possível e representará um fato novo de grande relevância, porque atualmente são as narrativas do capitalismo que fazem parte dos currículos escolares e universitários e isso é danoso para *qualquer lugar do mundo*.

Temos um planeta para salvar!, exclama Ivo, e a ancestralidade africana, o movimento negro tem preservado, tem feito dela a sua energia para a resistência. Da ancestralidade vem o princípio esperançoso para outro Brasil, para sobrevivência e vivência digna do povo negro. **Eu não quero apenas sobreviver, quero viver** dizia um rapper da Vila das Torres, em Curitiba, relata Ivo.

Ivo não quer um Brasil mais justo, pois não tem como estabelecer o percentual de injustiça aceitável. Ivo quer um Brasil com zero de injustiça! As pessoas respondem a ele: mas isso é o máximo, nunca conseguiremos atingir. E Ivo responde: *então quero o máximo!*

Palavras finais

Ivo gentilmente aceitou falar conosco, dia 2 de julho de 2016, dia em que completava 28 anos de casamento. Foi uma manhã de intenso aprendizado, com mais de 4 horas de conversa, onde uma parte da vida de Ivo falou.

Como aprendizado maior, fica para nós pensarmos sobre as sequelas da escravidão presentes na atualidade. Quantos negros ainda estão algemados ao quadro socioeconômico da pobreza, não conseguem acesso aos estudos – os que acessam muitas



vezes não conseguem terminar, ficando condenados ao subemprego ou ao desemprego, acabam se envolvendo com atividades ilícitas por falta de opção, ou se entregando aos diferentes vícios e assim vamos mantendo a reprodução social da pobreza, doença da escravidão criminosa!

O Brasil é hoje declaradamente um país de maioria negra e afrodescendente, e esta população encontra-se em situação de precariedade no que diz respeito à educação, saúde, moradia, trabalho, violência e discriminação religiosa.

O Paraná até pouco tempo divulgava a inexistência de negros e afrodescendentes, porém hoje sabe-se que é o estado com maior percentual desta população entre os três estados do Sul segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2010). Devemos ter um olhar crítico, atento e em busca de conhecimento para pensarmos ações de combate ao racismo.

Referências

BARBOSA, M. **História e desafios do Movimento Negro Unificado**: MNU desde 1978 na luta contra o racismo. [S.l.]: [s.n.], [19--].

BRASIL. Decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 18 abr. 1997. p. 7760. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d2208.htm>. Acesso em: 03 jun. 2018.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Seção 1, p. 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 03 jun. 2018.

CÔRTEZ, N. G. M. **Esperança e democracia**: as ideias de Álvaro Vieira Pinto. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2001.

DECLARAÇÃO DE DURBAN. **Declaração e programa de ação adotados na III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata**. 2001. Disponível em: <http://www.inesc.org.br/biblioteca/legislacao/Declaracao_Durban.pdf/>. Acesso em: 03 jun. 2018.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Sinopse do censo demográfico 2010**: Paraná. 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=26&uf=41>>. Acesso em: 03 jun. 2018.

MOURA, C. **As injustiças de Clio**: o negro na historiografia brasileira. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

NOGUEIRA, O. **Tanto preto quanto branco**: estudos de relações raciais. São Paulo: T. A. Queiroz, 1942.

PELLEGRINI, M. **Violência**: Brasil mata 82 jovens por dia. 2014. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/violencia-brasil-mata-82-jovens-por-dia-5716.html>>. Acesso em: 03 jun. 2018.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0BxWNLJKrkYQwUkxrDmF6Nlg1RHc/view>>. Acesso em: 03 jun. 2018.

SAMBA DO COMPOSITOR PARANAENSE. Disponível em: <<http://www.sambadocompositor.com.br/>>. Acesso em: 03 jun. 2018.

SEQUINEL, M.; NASCIMENTO, A. **Sem resposta depois de 33 anos, família das 'irmãs Nakadaira' ainda tenta esquecer crime**. 2015. Disponível em: <<http://www.bandab.com.br/jornalismo/sem-resposta-depois-de-33-anos-familia-das-irmas-nakadaira-aindatentaesquecer-crime/>>. Acesso em: 03 jun. 2018.

UFPR TV. **Nuevo**: racismo nas organizações. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Aq4ar-wAv3k>>. Acesso em: 03 jun. 2018.





*Anexo A – Transcrição do relato de reunião de
gente negras em 1987*

**BOLETIM
APRESENTAÇÃO**

Nº 1
22.06.87

AMIGO LEITOR:

Você tem em mãos este primeiro número do nosso jornalzinho. É um trabalho simples que pretende ir longe.

Nosso projeto é articular e organizar os negros e aqueles que estiverem solidários conosco.

Desde os tempos da escravidão as pessoas ficam desconfiadas ao saberem que os negros estão se organizando. Os exploradores tinham medo que os negros organizados fugissem e se vingassem. Ainda hoje muita gente desconfia da nossa união, inclusive nossos irmãos negros.

Mas o que não podemos fazer é fechar os olhos para a realidade ou enfiar a cabeça na areia, como avestruz. Nós negros temos o direito democrático de discutirmos nossos problemas.

Aliás, nossos problemas são muitos e difíceis. E não são só nossos, são problemas do Brasil. Por isso a nossa firmeza deve ser maior.

Diante de tanto sofrimento e perseguição, o negro só tem um advogado e defensor: ele mesmo! Portanto, estamos num momento de luta.

Vamos aumentar o coro de nossas vozes, vamos tocar firmes os nossos instrumentos e cantemos à liberdade que conquistaremos.

Nas páginas seguintes, um relato do início dos nossos trabalhos.

Até a próxima.

NOVOS TEMPOS – NOVOS QUILOMBOS

CONVERSAS PROFUNDAS

No dia seis de junho deste, ocorreu uma reunião. Foi nas moradias Ilha Bela, no apartamento dos casais Tânia e Davi e Luiz e Beatriz.

Os dez participantes negros discutiram sobre o povo negro brasileiro. Qual foi a importância dos negros na sociedade brasileira? Como cada um se sente como negro?

A conversa foi profunda. Serviu para mostrar que é preciso analisar melhor estes assuntos. Resolvemos marcar outra reunião para continuarmos o papo. Cada um comprometeu-se a convidar outros amigos negros para participarem. Surgiu assim outra reunião.

Também na Ilha Bela, no sábado dia treze. Desta vez na casa de Pedrinho e sua família. Compareceram mais de trinta pessoas, apesar da chuva que caiu abundantemente.

HISTÓRIA DOS NEGROS

Um pouco da história dos negros do Brasil foi contada pelo professor Luiz Alberto, negro maranhense, professor da PUC-PR. Explicou os motivos que levaram os portugueses a escravizarem os negros. Falou das ideologias e da violência que usaram para convencer os negros a se conformarem com a situação.

DEBATES SOBRE O NEGRO

Terminada a falação do Luiz, os participantes analisaram a situação dos negros hoje. Cada um procurou mostrar sua experiência e opinião a respeito do assunto.

No final, todos estavam de acordo num ponto: é preciso que os negros se unam e se reúnam para enfrentarem seus problemas.

Não queremos fazer um movimento contra os brancos. Queremos sim unir nossas forças, nossas mentes, nossas ideias. Queremos contribuir e participar. Afinal, queremos usufruir do Brasil que estamos ajudando a construir desde o início.

O SOFRIMENTO DO POVO NEGRO

Se não fossem os negros o Brasil não seria o Brasil que é. Os nossos ancestrais negros trabalharam desde o começo desta civilização. Nos canaviais e engenhos de açúcar, nas minas de ouro e diamantes, nos cafezais, nossos avós produziram riquezas, construíram o progresso. Produzimos e pouco recebemos em troca.



Onde estão os negros hoje?

– Estão na mais violenta pobreza e opressão: favelados, desempregados, subempregados, boias-frias, mendigos, menores abandonados e presidiários. Somos os primeiros suspeitos quando a polícia chega ... A mulher negra: a mais oprimida dos oprimidos!

Por que isso acontece? Será que é nosso destino? É vontade de Deus? Por que será?

A LUTA CONTINUA

Nos tempos da escravidão os negros sempre reagiram. Queriam viver como seres humanos. Hoje a luta continua. Queremos nossos direitos de cidadãos em todos os sentidos.

Você irmão, você irmã. Negros ou não, juntem-se a nós. Busquemos com nossa união um espaço social, político, econômico e cultural, é nosso direito.

Vamos desfrutar do Brasil que estamos plantando.

FRASES

Quando os negros se reúnem, a emoção e a fraternidade tomam conta do ambiente. A simplicidade, o pagodinho bem batido, a alegria e a esperança nos olhos. No momento das conversas, muita vida, muita profundidade.

Seguem aqui algumas frases envolvendo a última reunião:

01. “O negro nunca precisou do trabalho de ninguém. Eles é que precisam do negro ... O negro não deve se submeter.” (Zumbi, mestre capoeirista ao ser convidado para a reunião).
02. “Nunca me preocupei com a questão do negro. Isto não me diz nada.” (Uma professora negra, licenciada em Psicologia, ao ser convidada para a reunião).
03. “Participo para que minha filha tenha um mundo melhor.” (Tânia, quando se apresentou).
04. “O Pelé nunca fez nada pela raça negra. Ele é um branco.” (Júnior, analisando um debate entre Martinho da Vila e Pelé na TV).
05. “O negro deve estar psicologicamente preparado, e batalhar pelos seus objetivos até o fim.” (Natalício, radialista negro, dando pistas de soluções).
06. “Não queremos ser oposição aos brancos. Queremos uma sociedade quilombista, onde todos os oprimidos lutam juntos.” (Ivo, ao responder se o movimento negro é só para os negros)
07. “Estamos preparados fazem quatrocentos anos. Não podemos deixar a coisa esfriar.” (Estevan, querendo reuniões semanais).

08. “Buááááá’!!!!!!” (Fernanda, negra de oito meses, querendo bater no atabaque que estava ao lado).

09. “Pode ser lá em casa!”. (Beto, oferecendo o local da próxima reunião).

INFORMAÇÕES: Pedrinho ou Antonio

Darcy

Luiz Alberto

Natalício

Ivo

Júnior (DER/PR)

Anexo B – Versão formal em português da canção Alforria

Alforria

*Eu preciso me livrar da servidão
Pegar minha viola fazer nova canção
À noite o curiango, na mata o sanhaço
No peito a saudade dum sincero abraço
A ave na gaiola não se consola
Se obriga a cantar, olha da festa
Só isso lhe resta, não pode voar
Minha viola sente falta de quando eu tinha alegria
A servidão me fere e mata, eu quero a minha alforria*

*Eu preciso me livrar da servidão
Pegar minha viola fazer nova canção
Canteiro tem a flor o berço, a criança
Cativo, o trabalho com pouca esperança*





*Pra ter o beneficio, tem sacrificio
Carece enfrentar, smar na testa
Nem riso, nem festa só faz labutar
Minha viola sente falta de quando eu tinha alegria
A servidão me fere e mata, eu quero a minha alforria
Eu preciso me livrar da servidão
Pegar minha viola fazer nova canção.*

Ivo Queiroz – Curitiba, 2010



*Wattel Branco: uma
narrativa de amor à música*

Maria Luisa Carvalho



Este texto é fruto de consultas à internet, livros e de uma entrevista que realizei com Waltel Branco numa surpreendente tarde quente e ensolarada de julho de 2015, em Curitiba. O músico me recebeu prontamente. Com humor, paciência e paixão contou sua vida, que pode ser definida como uma narrativa de amor à música.

Optei por organizar sua trajetória a partir de temas, mais do que por uma sequência cronológica, uma vez que Waltel Branco teve uma vida intensa: viagens pelo Brasil e pelo mundo; trabalhos com diversos gêneros musicais como violonista, arranjador, compositor, dentre outros. O músico narrou sua trajetória, sem se preocupar com a sequência exata dos eventos. As memórias vinham, os olhos brilhavam, e Waltel Branco falava com simplicidade, saudades e amor das passagens da sua vida, que se confundiram com a própria história da música paranaense, brasileira e mundial.

Infelizmente, o maestro nos deixou em novembro de 2018, aos 89 anos, antes que este capítulo fosse publicado. Deixo este texto como uma expressão de reverência e gratidão à sua pessoa e à sua obra.

Nasce o Baiano de Paranaguá

Como um presságio ou predestinação, Waltel Branco nasceu em 22 de novembro de 1929, Dia do Músico. Os pais, Ismael Branco e Lia Alves Branco, foram visitar a avó materna em Paranaguá, e o músico veio ao mundo prematuro, aos sete meses de gestação. Talvez mais um sinal de sua pressa em viver e criar, afinal foi maestro, compositor, arranjador, instrumentista e produtor musical. Segundo Leite e Collaço (2008), o músico nasceu num lugar conhecido como Campo Bom, num cenário rodeado de bois e vacas. Em seguida, ele e a mãe foram trazidos para Curitiba, ao Hospital São Vicente.

Sempre bem-humorado, Waltel Branco (apud SOUZA NETO, 2004, p. 220) fazia graça em relação ao nascimento em Paranaguá:

Eu sou parnanguara. Costumo contar que eu trabalhei muito tempo com os Novos Baianos, então me chamavam de baiano porque todo mundo era baiano. Perguntavam: mas você é baiano? De onde? E eu respondia: sou de Paranaguá. E eles diziam: mas, como assim? E eu falava: sou da Baía de Paranaguá. Então virei baiano de Paranaguá. Era o único baiano diferente da turma.



Afrodescendente, Waltel Branco destacou que sua identidade sempre pautou-se na negritude: *Eu sempre me identifiquei como negro. [...] Inclusive em Cuba, diziam que eu era pardo, que não sou negro. Mas eu tinha consciência que eu era africano. Meu pai era africano, minha mãe era africana. Eu tenho raiz africana.*

O registro de nascimento guarda uma situação inusitada que só foi descoberta quando o músico tinha cerca de 19 anos. O episódio tem duas versões. Na entrevista que me concedeu, assim como em Leite e Collaço (2008), o músico relatou que quando estava no seminário, um abade corrigiu-o quando assinou um documento como Walter e, mostrando-lhe a certidão de nascimento, esclareceu-o que havia sido registrado como Waltel. Em entrevista a Millarch (2015), o músico disse que a descoberta foi feita quando tirou o certificado de reservista. O músico explicou que foi o esposo da avó, que era alemão, que o registrou e, provavelmente, o sotaque do mesmo não foi compreendido pelo escrivão, que acabou registrando-o como Waltel. Com um nome único, o músico manteve-o também como nome artístico. Já os pais e irmãos continuaram o chamá-lo de Walter.

Curiosamente, essa não foi a única vez que mudou de nome. Ao longo de sua carreira, foi W. Blanc, W. Bianco, Airto Fogo, Magalhães Patto, Tito Velásquez, Bianco e William Hammer. O uso dos diversos nomes artísticos ocorreu durante seu trabalho nas Organizações Globo. Por orientação de João Araújo, então diretor da gravadora Som Livre, nas trilhas internacionais das novelas não poderiam aparecer nomes brasileiros, nem que Waltel Branco aparecesse como diretor musical e músico no mesmo trabalho. Esse fato talvez explique em parte o anonimato de Waltel Branco para o grande público, uma vez que não houve um nome único a ser destacado.

Waltel Branco teve quatro irmãos: Wilson, Valdo, Ivo e Lia. Na juventude, os irmãos Wilson, Valdo e Ivo chegaram a tocar com ele em alguns conjuntos em Curitiba, mas depois seguiram outras profissões. A irmã era professora. No momento da redação deste texto, com exceção de Ivo, os demais irmãos já eram falecidos.

Posteriormente, casou-se com Lade Saint-Claire Branco e tem duas filhas: Zoiara e Jael (MILLARCH, 2015). Todas foram homenageadas com canções pelo músico.

A genialidade e a arte fazem parte da família de Waltel Branco: ele era primo do compositor Palminor Rodrigues Ferreira, o Lápis, e do poeta Paulo Leminski. O pai era saxofonista, clarinetista e maestro na corporação militar de Campo Grande/MS, e sempre incentivou os filhos a aprenderem algum instrumento musical. Souza Neto (2004, p. 212) traz um trecho de uma entrevista em que Waltel Branco falou sobre sua iniciação musical:

O meu pai era maestro e tocava saxofone e clarinete – era um grande clarinetista da época. Eu aprendi música com ele. Desde a idade de 7 anos, eu já tocava. Só não tocava violão, porque meu pai achava que violão era instrumento de vagabundo, que eu queria tocar violão para ir para a esquina, no botequim tomar cachaça, essa história. Por isso, ele era contra eu tocar violão. Mas depois de tanto eu insistir, ele me pôs para tocar violão clássico. Fez eu estudar direito, mesmo. E foi bom porque eu levei a sério.

O primeiro professor de violão foi Sebastião de Oliveira, capitão do exército e conhecido de seu pai. Waltel Branco pode ser considerado um dos precursores do violão no Paraná, visto até a década de 1950, como um instrumento de segunda classe na sociedade curitibana (SILVA JÚNIOR, 2002; LEITE; COLLAÇO, 2008).

Waltel Branco residiu com os pais, em Campo Grande/MS, até que, por volta dos 12 anos, retornou a Curitiba com o intuito de estudar música, residindo com o tio Gonçalves, que também tocava violão. Teve por professores Bento Mossurunga (maestro e compositor paranaense) e Jorge Koshag (SOUZA NETO, 2004; LEITE; COLLAÇO, 2008; MILLARCH, 2015).

Ingressou no seminário em 1939. Lá estudou canto gregoriano com o Padre José Penalva (sacerdote, compositor, professor, musicólogo, regente e escritor brasileiro) e Dom João Evangelista, e também conheceu o compositor chileno Joaquín Zamascó. Permaneceu no seminário até por volta de 1949 e, um ano antes de se ordenar, foi aconselhado por um padre a desistir da batina pois seu negócio era música (SOUZA NETO, 2004; LEITE; COLLAÇO, 2008; CASTILHO, 2011).

Waltel Branco afirmou que não teve infância e adolescência, pois passou grande parte desse período no seminário. Efetivamente, não falou muito de sua vida pessoal. Mas revelava um brilho especial nos olhos ao narrar sua trajetória como músico!

A Juventude e o Início da Carreira Musical no Brasil

Waltel Branco contou que sua primeira apresentação ocorreu em um evento, no quartel em que o pai trabalhava, em Campo Grande, tocando banjo, quando tinha cerca de 15 anos (MILLARCH, 2015).

No início da década de 50, após deixar o seminário, passou a integrar o ambiente musical curitibano. Tocou com Janguito do Rosário (cavaquinho), Arlindo (violão de sete cordas), Efigênio Goulart (acordeom), dentre outros, na Rádio Clube PRB-2. Nesse período, formou uma *jazz-band* junto com seus irmãos Wilson, Valdo e Ivo e com o grande pianista paranaense Gebran Sabbag. Com Gebran também formou um quinteto musical que teve destaque no cenário musical da capital paranaense, tendo Guarany na bateria, Dorival no contrabaixo, Edwin Morgan no saxofone e Waltel na guitarra (SOUZA NETO, 2004; LEITE; COLLAÇO, 2008).

Com o tempo, o músico percebeu que em Curitiba não havia muito mais a aprender, nem espaço para se desenvolver profissionalmente. Assim, por volta de 1953, mudou-se para o Rio de Janeiro, para acompanhar uma gravação do acordeonista italiano Cláudio Todisco (SOUZA NETO, 2004; LEITE; COLLAÇO, 2008). Nessa ocasião, conheceu Radamés Gnattali, arranjador, compositor e instrumentista, do qual se tornou grande amigo, tendo feito inúmeros trabalhos juntos, conforme aponta o depoimento de Waltel Branco (apud SOUZA NETO, 2004, p. 212-213):



O Radamés me viu tocando e comentou: você toca tudo isso de memória? Você sabe ler partitura? E eu respondi que sabia ler, mas que não precisava porque eu sabia tocar daquele jeito, tudo de memória. Voltei para Curitiba e mais tarde o Radamés me ligou, perguntando o que eu estava fazendo em Curitiba. E eu respondi: tocando violão. E ele me disse: então vem para cá! E eu fui! Dali para frente gravei tudo com Radamés, comecei a ser guitarrista dele. [...] Eu ensaiava os concertos que o Radamés fazia, porque ele não gostava de reger. Ele gostava de tocar...

Em 1953, o músico assumiu o lugar de Zé Menezes (guitarra) no sexteto de Radamés Gnattali. No mesmo ano, conheceu o violonista, compositor e multi-instrumentista Garoto (Aníbal Augusto Sardinha) e, quando o mesmo faleceu, assumiu seu lugar no Trio Surdina, juntamente com Fafá Lemos (violino) e Chiquinho do Acordeom (SILVA JÚNIOR, 2002).

Ainda no Rio de Janeiro, Waltel Branco estudou música com o violoncelista Iberê Gomes Grosso, e com os violonistas Oscar Cáceres e Othon Salero, sendo este último quem lhe repassou conteúdos musicais fundamentais, como projeção de contornos melódicos, condução de vozes e execução de articulações melódicas e rítmicas (SILVA JÚNIOR, 2002; NASSIF, 2010; LEITE; COLLAÇO, 2008).

Indas e Vindas Mundo Afora...

Em 1949, no Rio de Janeiro, Waltel Branco acompanhou shows da cantora cubana Lia Ray, como arranjador, diretor musical e violonista, seguindo com ela em turnê pelo Uruguai e Argentina. Por essa época, conheceu Astor Piazzola, que o convidou para fazer arranjos de um quarteto de cordas clássicos e, posteriormente, para compor o primeiro arranjo da célebre **Adios Nonino** (1959). Finda a turnê com Lia Ray, Waltel Branco recebeu o convite para ir a Cuba, onde viveu por quase dois anos. Em Havana tocou, fez arranjos e teve contato com Perez Prado (compositor, pianista e maestro), Mongo Santamaría (percussionista) e Chico O’Farril (compositor, arranjador e maestro). Quando da Revolução Cubana, mudou-se para Nova Iorque, influenciado por Perez (SOUZA NETO, 2004; LEITE; COLLAÇO, 2008).

Posteriormente, foi convidado pelo maestro Leo Brouwer para promover um resgate da música cubana (mambo, *soul* cubano/bolero). Participou da criação da mistura de jazz, música cubana e brasileira que promoveu mudanças na Salsa e influenciou o *jazz-fusion*, do qual é considerado um dos precursores (LEITE; COLLAÇO, 2008).

Esteve várias vezes nos Estados Unidos. Integrou o trio do baterista Chico Hamilton, teve aulas com o guitarrista Sal Salvador e deu aulas de violão clássico para sustentar o aprendizado de jazz. Tocou também em um trio com Nat King Cole, além de ter produzido o disco de Freddy Cole e Natalie Cole. Produziu discos, arranjos e apresentou-se com

os cantores Johnny Mathis, Andy Willians, Françoise Hardy e os músicos Laurindo Almeida (violonista), Frank Rosolino (trombonista), Charles Mariano (saxofonista), Sam Noto (trompetista), Mel Lewis (baterista), Max Bennet (baixista), Kenneth Garret (saxofonista e flautista), Walance Roney (trompetista), Dizzy Gillespie (trompetista), a maioria ligados ao Jazz. Nos Estados Unidos, estudou composição de trilhas sonoras e conheceu Quincy Jones, com quem tocou jazz, música clássica e compôs trilhas. Foi Quincy Jones quem o apresentou ao maestro, compositor, pianista e arranjador Henry Mancini, com quem Waltel Branco fez inúmeras trilhas sonoras, dentre as quais a mais famosa é o arranjo do tema da pantera cor-de-rosa (1964). Posteriormente, lançou o disco **Mancini também é samba** (1966) (SOUZA NETO, 2004; NASSIF, 2010; LEITE; COLLAÇO, 2008; CASTILHO, 2011).

Ao longo da carreira, o músico fez inúmeras viagens e residiu em vários países como Cuba, Estados Unidos, Índia e países da Europa, dentre outros, nos quais realizou inúmeros trabalhos e fez vários amigos.

Na década de 1970, a convite do chileno Joaquin Zamacois, que conhecera nos tempos de seminário, foi morar na Espanha. Naquele país, trabalhou como músico do Rei Juan Carlos de Bourbon e tornou-se amigo e professor do violinista Paco de Lucia. Ganhou um concurso da Rádio Difusora Francesa, tendo por prêmio uma bolsa de estudos com Andrés Segovia, estudando com o mestre em Santiago de Compostela no ano de 1971, executando as obras Prelúdio 1 e Estudo 3, de Heitor Villa-Lobos, e Sonata em Mi menor (Albada e Fandango), de Frederico Moreno Torroba. Por conta disso, foi citado na Enciclopédia Delta Larousse de 1973 como discípulo de Segóvia e de Zamacois (SILVA JÚNIOR, 2002; SOUZA NETO, 2004; LEITE; COLLAÇO, 2008).

Em 1975, contratado pela fábrica de violões Di Giorgio, fez inúmeros concertos de música brasileira na Europa (Alemanha, Holanda, Itália, França e Inglaterra). Nesse ano, retornou ao Paraná para fazer os arranjos para a montagem de **Paraná, terra de todas as gentes** que marcou a inauguração do Auditório Bento Munhoz da Rocha Neto, no Guairão (SOUZA NETO, 2004).

Wattel Branco e a Bossa Nova

No final da década de 1950, no Rio de Janeiro, integrou o conjunto Milionários do Ritmo, como contrabaixista, juntamente com Ed Lincoln (instrumentista, compositor, arranjador e produtor musical brasileiro) e Araken Peixoto (cantor, tocador de pistão) e Miltoninho (cantor), realizando apresentações na Boate Drink. O grupo lançou dois *long plays* (LPs): **Drink** (1958) e **Depois do drink** (1959). Nesse período, o músico também participou como guitarrista do primeiro disco da cantora Marisa Gata Mansa, em 1959 (LEITE; COLLAÇO, 2008).

No Rio de Janeiro, residiu na pensão de Tereza, onde morava João Gilberto, cantor, violonista e compositor, do qual se tornou amigo. A parceria musical entre eles foi frutífera, incluindo os arranjos do LP *Chega de Saudade* (1959), marco da Bossa Nova,



e estendendo-se ao longo dos anos em arranjos e regências de orquestras para discos e shows de João Gilberto (SOUZA NETO, 2004; NASSIF, 2010). A Agência do Estado (1998), em um texto sobre os bastidores da gravação do especial da Rede Globo **João Gilberto Prado Pereira de Oliveira**, gravado em 1980, narra um fato que ilustra o profissionalismo e a solidariedade de Waltel Branco, e ao mesmo tempo, uma das várias injustiças que ele sofreu na carreira, tendo sua obra creditada a outrem:

E aqui cabe outra história, pouco contada: os arranjos deveriam ter sido escritos por Claus Ogerman, aquele que assina os orquestrais de boa parte das gravações de Tom Jobim. Às vésperas da gravação, entretanto, nada das partituras de Ogerman. [...] Quando o cancelamento já estava quase certo, entrou na sala o maestro e violonista Waltel Blanco. Vendo as expressões constrangidas dos reunidos, Waltel quis saber o que acontecia. Explicaram-lhe. Waltel perguntou: É para quando? Boni respondeu: Para amanhã. O músico fez pouco caso do prazo exíguo: Pode marcar a gravação. No dia seguinte, as partituras estavam na Globo. O nome de Waltel não aparece nos créditos do disco. O informativo da gravadora tributa a Claus Ogerman os arranjos que ele nunca escreveu (AGÊNCIA DO ESTADO, 1998).

Além de ter participando da criação da Bossa Nova, ainda no Rio de Janeiro, Waltel Branco gravou o disco **Guitarras em fogo** (1963) (Figura 1), também lançado com o título de **Guitarra bossa nova** (1963). O disco teve a participação do violonista Baden Powell, que foi seu aluno (SOUZA NETO, 2004; NASSIF, 2010; LEITE; COLLAÇO, 2008).

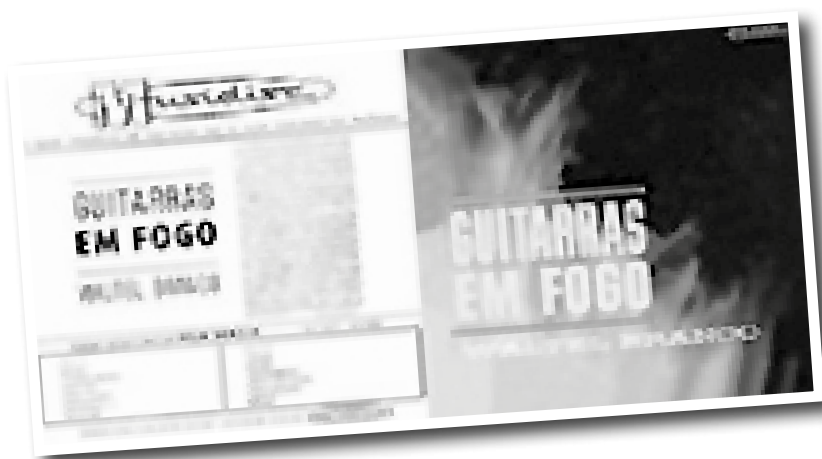


Figura 1 – Capa e contracapa do LP Guitarras em fogo

Fonte: Zecalouro (2008).

Segundo Leite e Collaço (2008), a Bossa Nova contribuiu para que Waltel Branco se destacasse por seu talento como músico e arranjador. Até mesmo em épocas posteriores, ele compôs arranjos no estilo bossa-nova, como é o caso da música **Faz parte do meu show** (1988), de Cazusa, para qual fez o arranjo e também tocou violão.

Os Tempos de Globo

Foi em 1963, nos Estados Unidos, que Wael Branco conheceu Roberto Marinho, que o convidou para escrever sobre música no jornal *O Globo*. Posteriormente, com a inauguração da Rede Globo de Televisão, foi convidado para ser responsável pela área musical da emissora, bem como pelos lançamentos da gravadora Som Livre, juntamente com Radamés Gnattali, Guerra Peixe (compositor, arranjador e pesquisador da música brasileira) e Guio de Moraes (maestro, compositor, arranjador, pianista, produtor, diretor artístico) (SOUZA NETO, 2004; LEITE; COLLAÇO, 2008).

Na Rede Globo, atuou como maestro, compositor, instrumentista e arranjador de trilhas para seriados, minisséries, humorísticos, programas infantis, novelas, jingles televisivos, dentre outros. Seu trabalho teve destaque até meados da década de 70, quando as trilhas sonoras eram encomendadas aos compositores, sendo inéditas. O músico era um dos responsáveis por produzir as trilhas, escolher os músicos e encomendar as canções, compor os arranjos, dentre outras atribuições. Nesse processo, conta que descobriu e/ou contribuiu para a consolidação da carreira de vários músicos como Djavan, Marcos Valle, Elis Regina, Maria Creuza, Rosa Passos, Flora Purim, Cazusa, dentre outros.

O resultado dos trabalhos de Wael Branco, Radamés Gnattali, Guerra Peixe e Guio Moraes foram trilhas sonoras belíssimas, compostas e interpretadas por grandes nomes como Chico Buarque, Milton Nascimento, Dorival Caymmi, Tom Jobim, dentre outros (SOUZA NETO, 2004; LEITE; COLLAÇO, 2008).

Dentre os trabalhos produzidos na Rede Globo, destaca-se ainda o arranjo para a música **Retirantes**, de Dorival Caymmi, para a abertura da novela **Escrava Isaura**, em especial, o canto feminino que remete às senzalas que foi criação de Wael.

Na Globo, também fez arranjos para shows e festivais como o III Festival Internacional da Canção (1968) e Vida de Artista – Cauby Peixoto Especial (1980), com destaque para o arranjo de **Bastidores**, de Chico Buarque, canção que ficou consagrada na interpretação de Cauby (LEITE; COLLAÇO, 2008).

Souza Neto (2004) destaca que, se por um lado, o período na Rede Globo marcou a grande contribuição de Wael Branco à música brasileira, por outro lado, promoveu mudanças na trajetória do músico, que não tinha tempo para a carreira solo, permanecendo nos bastidores, com pouca visibilidade: “Na Globo eu me escondia e, devido ao contrato, não podia mais fazer outra coisa” (WAELE BRANCO apud SOUZA NETO, 2004, p. 221).

A relação com a Rede Globo não teve um final feliz como nas novelas. Souza Neto (2004) conta que, em 1989, um funcionário demitiu o músico por engano e que, oito meses depois, Roberto Marinho o recontratou. Porém, desde a aposentadoria, entre 1991 e 1994, o músico encontra-se em litígio com a empresa que não lhe repassou os direitos autorais de diversos trabalhos.



De Volta à Curitiba

Após a saída da Rede Globo, na década de 1990, Waltel Branco voltou a dedicar-se a sua carreira como violonista e professor. Residiu em São Paulo, onde deu aulas de Harmonia e Técnica Instrumental de Violão na Universidade Livre da Música. Gravou o disco solo **Kabiesi**, lançado em 1994 (LEITE; COLLAÇO, 2008).

Retornou a Curitiba, em 1995, a convite de Alice Ruiz, então presidente da Fundação Cultural de Curitiba, lecionando no recém-inaugurado Conservatório de música popular brasileira (MPB) e também na Oficina de Música de Curitiba, além de comandar o programa **Entre amigos** no Teatro Universitário de Curitiba (TUC). Na capital paranaense, compôs diversas obras para violão e reaproximou-se do cenário musical curitibano, realizando trabalhos com músicos paranaenses ou radicados em Curitiba como Hilton Barcellos (cantor, compositor e poeta), Ana Cascardo (cantora), Gerson Bientinez (violonista, compositor e produtor musical), Saul Trumpet (trompetista), Kito Pereira (músico), Ediméia Barreto (compositora e pianista), Norma Cecy (cantora) e Tony Bonfá (cantor e compositor). Em 2000, gravou o CD **Naipi**, que marcou o registro de sua parceria com a poeta Alice Ruiz nas músicas **Canção para Curitiba e Rio Curitiba**. A parceria também se fez presente em **Boleragno**, do CD **No país de Alice** da cantora Rogéria Holtz (SOUZA NETO, 2004; LEITE; COLLAÇO, 2008).

Nesse retorno ao Paraná, Waltel Branco também lecionou na Casa de Cultura de Ponta Grossa e regeu a Orquestra Sinfônica da cidade, participando também da criação da Orquestra Sinfônica da Fundação Cultural de Foz do Iguaçu (LEITE; COLLAÇO, 2008).

A Obra e o Legado de Waltel Branco para a Música

Waltel Branco desde criança primou pelos estudos, aprimorando constantemente seu conhecimento como músico. Da reunião de talento e suor, deixa um grande legado à música, em especial à brasileira.

Embora minimize a influência do músico no cenário do violão no Paraná por ter desenvolvido suas principais atividades em São Paulo e Rio de Janeiro, Silva Júnior (2002) aponta-o como referência importante na história do violão paranaense, destacando sua participação na execução da cantata **O negrinho do pastoreio**, de Eunice Catunda, no encerramento da 8ª temporada da Sociedade de Cultura Artística Basílio Itiberê, em 1952.

A obra para violão de Waltel Branco é extensa, passando dos 70 títulos, incluindo solo, música de câmara e concertos com orquestras, e abrange os mais variados gêneros como valsas, melonomes, milongas, choros, sambas e a música indígena (carijoaras). Teve seu apogeu nas décadas de 60 e 70 do século passado (SILVA JÚNIOR, 2002; SILVA, 2008).

Outro fato a ser destacado na carreira de Waltel Branco é o de que ensaiou a orquestra nos concertos de Stravinsky no Rio de Janeiro, provavelmente, na segunda vinda do músico ao Brasil, em 1963 (NASSIF, 2010). Em relação a esse fato, o músico deu o seguinte depoimento, na entrevista que realizei:

O Geraldo Wilson chegou para mim e disse: – Tem um cara aí da Rússia, um grande músico de lá. Eu peguei a partitura dele não entendi nada da partitura. Eu falei: – Deixa eu ver. Peguei, li tudo. O negócio era bom! Daí peguei a partitura e disse: – Deixa a partitura comigo, eu vou pegar e vou traduzir para você. Não é traduzir, é vou pôr na nossa linguagem, sem matemática sem nada. Coloquei no 4 por 4. Vi que o balanço era 4 por 4 (cantarola). Era Ebony o nome, que é aquela madeira. Então, é um negócio forte! Peguei, escrevi tudo e falei: – Geraldo, toma, está aqui. Vamos copiar e vamos tocar que agora a orquestra pode tocar. Ele pegou olhou e me respondeu: – Ué, mas é isso que estava aqui?! Vamos chamar ele para assistir. Stravinsky, vai hoje assistir ao ensaio. Quando chegou lá, Stravinsky perguntou: – Como é que você fez isso? E respondi: – Você pensa no ritmo que a música tem. Eu penso num ritmo geral. Eu vi que você escreveu um jazz. Ele respondeu: – É, um jazz. Respondi: – Pois é, mas jazz tem ritmo. Você lá na Rússia não sabia disso. Eu sei, porque sou brasileiro e trabalho num lugar que só tem ritmo! (risos). Daí ele passou a ser meu aluno.

Waltel Branco compôs várias músicas em homenagem aos amigos, como **Valsa** para o violonista paraguaio Agustin Barrios; **Argamassa** para Hermínio Belo de Carvalho, produtor da música popular brasileira; e **Ninho de cobra** para o conjunto de choro de Jacob do Bandolim. Nessas homenagens, uma prática comum e interessante de seu estilo de composição é o uso do melonome (Figura 2), processo no qual a sequência de notas do material que serve de base à composição provém de uma correspondência entre notas e letras de um vocábulo (SILVA JÚNIOR, 2002; SILVA, 2008).

Ao longo de sua carreira, o músico teve mais de 20 discos lançados, alguns deles vendidos hoje na internet, por até R\$ 690,00, como é o caso do LP **Violão Recital**.

Os trabalhos solo de Waltel Branco incluem: **Recital violão** (1960); **Guitarras em fogo** (1962); **Guitarra bossa nova** (1963); **Mancini também é samba** (1966); **Meu balanço** (1972) (Figura 3); **Jungle bird black soul** (com o pseudônimo Airto Fogo) (1972); **Seleção de clássicos, músicas do século XVI ao século XX** (1974) (Figura 4); **Airto fogo** (com o pseudônimo Airto Fogo) (1975); **Recital II** (1976); **Kabiesi** (1990); **Naipi** (1997) e **Meu novo balanço** (2007) (MEMÓRIA MUSICAL, 2015; WIKIPÉDIA, 2017).

Como o músico mesmo afirma, a africanidade sempre se fez presente em seu trabalho, especialmente no que diz respeito ao ritmo. Como exemplo, pode-se citar o cultuado LP **Meu balanço**, de 1972, que apresentou uma inédita fusão entre samba, jazz, rock e funk.



Figura 2 – Obra de Waelton Brando com emprego do melonome
Fonte: Silva Júnior (2002).



Figura 3 – Capa do LP Meu balanço
Fonte: Pereira (2013).



Figura 4 – Capa do LP Músicas do século XVI ao século XX
Fonte: Zecalouro (2008).

Waltel Branco também gravou vários discos como instrumentista de conjuntos musicais ou com outros músicos: **Drink** (1958) (Figura 5) e **Depois do drink** (1959) com Djalma Ferreira e seus Milionários do Ritmo; **Dance conosco** (1960) em conjunto com José Marinho, Netinho e João Donato; **Os cobras** (1960) de Os Cobras; **Só danço samba** (1960) com a orquestra Os bossambistas; **Batucada fantástica** (1962) com Os ritmistas brasileiros; **Trio surdina em bossa nova** (1963); **Sax sensacional nr. 3** (1963) com Moacyr Silva e seu Conjunto; **Violão em dois estilos** (1980) com Rosinha Copacabana e **Violão para quem não gosta de violão**, com diversos músicos e sem identificação de data de lançamento (MEMÓRIA MUSICAL, 2015; WIKIPÉDIA, 2017).



Figura 5 – Capa do LP Drink de Djalma Ferreira e seus Milionários do Ritmo
Fonte: Macedo (2014).

Nota: Waltel é o terceiro da esquerda para a direita. Encontra-se em pé, tocando baixo.

Em pesquisa realizada, identificou-se a participação de Waltel Branco como instrumentista, arranjador, compositor, supervisor musical em cerca de 50 trabalhos (LPs e CDs) de outros músicos, entre 1959 e 2008. Dentre eles, pode-se citar: **A suave Mariza** (1959) de Mariza; **Sax voz** (1960) de Elizeth Cardoso e Moacyr Silva; **Românticos de Cuba no Rio** (1964); **Retratos** (1964) de Radamés Gnattali e Jacob do Bandolin; **Flora é M.P.M.** (1964) de Flora Purim; **Tim Maia** (1970), primeiro LP de Tim Maia; **Molhado de suor** (1974), primeiro disco solo de Alceu Valença; **Tipo exportação** (1978) do sambista Agepê; **Linha de passe** (1979) de João Bosco; **Horizonte aberto** (1979) de Sérgio Mendes; **Alvorada** (1979) de Pery Ribeiro; **Languidez** (1980) de Jane Duboc; **Álbum força verde** (1982) de Zé Ramalho; **Chorando** (1989) de Jacob do Bandolim (MEMÓRIA MUSICAL, 2015; WIKIPÉDIA, 2017). Ao longo de sua carreira, trabalhou também com Nana Caymmi, Roberto Carlos, Djavan, Cartola, Gal Costa, Maria Creuza, Vanuza, Elis Regina, Ary Barroso, Rosa Passos, Zé Kéti, Pery Ribeiro,



Carlinhos Vergueiro, Sérgio Ricardo, Toni Tornado, Jane Duboc, Odair Jose, dentre outros (ELIZABETH, 2011).

Como se pode perceber, Waltel Branco não criou barreiras e preconceitos em relação a estilos musicais, circulando igualmente do erudito ao popular, trabalhando com jazz, música cubana, MPB, bossa nova, samba, funk, etc. Como ele afirmava, se a música era boa, ele fazia o trabalho.

Como já comentado, na época da Rede Globo, o músico participou de diversas trilhas de novelas, especiais e minisséries, dentre as quais pode-se citar: **Assim na terra como no céu** (1971); **Senhora** (1975); **A moreninha** (1975-1976); **Vejo a lua no céu** (1976); **O feijão e o sonho** (1976); **Vida de artista – Cauby Peixoto** (1980); **Amizade colorida** (1981); **O bem amado** (série) (1980-1984); **Anarquistas graças a Deus** (1984); **Ti-ti-ti** (1985-1986); **Pirlipimpim** (1982). Na Wikipédia (2017) são listadas 27 obras suas, porém em consulta ao site Memória Globo, o nome de Waltel Branco é citado em apenas 15, incluindo seus outros nomes artísticos. É o caso da minissérie *O tempo e o Vento*, em cuja ficha técnica o nome do músico não é citado, mas que, segundo ele, Tom Jobim teria deixado uma carta no Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (ECAD), informando que os direitos autorais deveriam ser pagos a Waltel, mas que, no disco, os créditos seriam de Tom (VIEIRA, 2014). No site Memória Globo (2015), em várias obras, há créditos para a Orquestra Som Livre e Free Sound Orchestra, que podem ter tido Waltel como maestro (MEMÓRIA GLOBO, 2015; MEMÓRIA MUSICAL, 2015; WIKIPÉDIA, 2017). Assim, chama a atenção o fato de que, mesmo com tantos trabalhos realizados, o nome do músico tenha pouco destaque nos registros da emissora, ou tenha sido ofuscado sob pseudônimos ou nomes de orquestras.

Waltel Branco também participou como músico ou compositor de trilhas sonoras de filmes e documentários como **Os senhores da terra** (1970); **Trindade: curto caminho longo** (1978) e **O Brasil de Saint Hilaire** (2005) (WIKIPÉDIA, 2017).

A lista dos trabalhos apresentada é extensa e na realidade não contempla toda a sua obra. Waltel Branco produziu outros tantos arranjos e composições gratuitamente, não assinados, não creditados ou que foram perdidos ao longo dos anos, em meio a tantas mudanças e viagens pelo Brasil e pelo mundo. Outro sério problema para o registro e resgate de sua obra é que diversos discos (**Mancini também é samba**, **Guitarras em chamas** e **Meu balanço**) têm sido relançados na Europa e Japão, muitas vezes, por meio da pirataria (SOUZA NETO, 2004).

Entre Lembranças, Homenagens e Esquecimentos

Ao longo de sua vida, Waltel Branco foi homenageado pelos parceiros de música por meio de diversas composições a ele dedicadas, como em **Estudo 2** (1967), **Dez estudos** (1967) e **Tocata em ritmo de samba nº 2** (1981) de Radamés Gnattali; **Prelúdio nº 4** (1973), de César Guerra-Peixe; **Águas paradas**, de Ian Ghest, e **Mestre**

Waltel (Figura 6), de Cláudio Menandro, que também organizou as obras do músico no livro *A obra para violão de Waltel Branco* (2008) (Figura 7) (SOUZA NETO, 2004; SILVA, 2008).



Figura 6 – Capa do CD Mestre Waltel
Fonte: Discogs (2006).



Figura 7 – Cartaz do show de lançamento do CD O violão plural de Waltel Branco
Fonte: Pereira (2011).



O músico paranaense também recebeu diversas homenagens como reconhecimento de sua obra: **Cidadão Benemérito do Paraná**, concedido pela Assembleia Legislativa do Paraná (1999); **Diploma de Honra ao Mérito do Rio de Janeiro** (2000); título de **Grão-mestre da Ordem do Pinheiro** do Governo do Paraná (2002), **Doutor Honoris Causa** (2012) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Em 2008, foi homenageado como compositor de violão no II Simpósio de Violão da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (LEITE; COLLAÇO, 2008). Em 2009 recebeu uma homenagem pelos seus 80 anos de vida (Figura 8). Recebeu também uma homenagem como artista negro paranaense no IV Seminário de Presença Africana, em 2010, na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

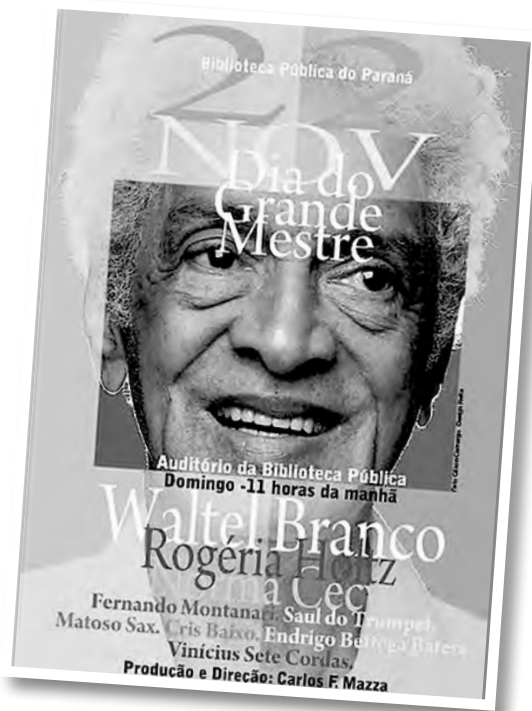


Figura 8 – Cartaz do show em homenagem aos 80 anos de Waltel Branco
Fonte: Pereira (2009).

O retorno ao Paraná, na década de 1990, possibilitou que Waltel Branco fosse (re) descoberto pelos músicos de sua terra natal. Em 2006, o violonista Cláudio Menandro lançou o CD **Tributo a Waltel Branco**, e a Orquestra à Base de Sopro do Conservatório de MPB de Curitiba lançou o CD **Mestre Waltel**, que ficou entre os finalistas do Prêmio Tim, em 2008. No ano de 2007, também em Curitiba, a Orquestra de Harmônicas gravou **Rua das flores**, de autoria do músico (LEITE; COLLAÇO, 2008).

No ano de 2005, Alessandro Gamo, professor do Departamento de Artes e Comunicação da Universidade Federal de São Carlos, lançou o documentário **Descobrimo Waltel**.

Em 2007, na Grécia, a violonista Eva Fampas gravou **Tema para Pilar, Valsa grega para Eva, Revelações** (com o nome Revelações modinha) e **As cores do Leme** (com o título Samba ternário) no CD Capriccio diabólico (LEITE; COLLAÇO, 2008).

As poetisas Estrela Leminski e Alice Ruiz dedicaram um poema, disponível no encarte do CD Mestre Waltel, da Orquestra à base de sopro de Curitiba & Waltel Branco (DISCOGS, 2006):

*Esquece o que não é bom
Esquece o que não é som
Uns dirão que isso é dom
Outros dirão:
Ele é bom, é bom, é bom
É balanço perfeito
Blafon e flamenco
É fandango e tamanco
A cor do branco que eu gosto é preto
O nome do preto que eu gosto é Branco.*

Pesquisando-se sobre Waltel Branco, é possível encontrar diversos depoimentos, enaltecendo sua obra e sua pessoa.

Afirma Souza Neto (2004, p. 211), cientista político, pesquisador e produtor musical, no texto *Waltel Branco, o músico universal*:

Waltel Branco tem uma vida tão extensa no meio musical que chega a ser um desafio conseguir contar toda a história desse magnífico músico, um dos maiores arranjadores e instrumentistas do mundo. Contar a vida de Waltel Branco é contar a história da música brasileira e mundial.

Medáglio (1976 apud RICCI, 2012a, grifo do autor), maestro e arranjador brasileiro, no encarte do LP **Recital**, de 1976, escreveu:

Tecer alguns comentários a respeito do músico Waltel Branco é uma das tarefas mais simples e, por que não dizer, das mais agradáveis. [...] Das mais agradáveis pois não podemos colocar aqui uma biografiazinha na base do **já aos 5 anos de idade...**, mas sim chamar a atenção para um músico cuja formação e atividade são absolutamente exemplares para esta música brasileira tão carente de outros **Walteis**. [...] Ele não faz parte daquele bando de artistas cuja vida se resume nos 30 centímetros do braço do





violão. Waltel atua em mil diferentes faixas porque ele conheceu mil diferentes tipos de música em sua vida [...] Waltel não está na crista de nossas paradas, nem é o Quincy Jones brasileiro. Não porque lhe faltem recursos técnicos ou artísticos para tanto e sim porque nesta tão badalada MPB quem pretende fazer uma música que vá além do alviste melódico de nossos rouxinóis asfáticos é automaticamente marginalizado pela notoriedade. Sua atividade parcialmente anônima, porém, está presente na música de nosso país através dos mais variados veículos de comunicação.

O jornalista, bandolinista e amigo do músico, Nassif (2010), também lhe dedicou um texto: “Waltel Branco é o derradeiro integrante de uma seleção de maestros, contratados da Rede Globo, que tinha em Radamés Gnattali o Pelé. Quando se decide divulgar Waltel, é possível que se descubra um dos mais célebres músicos anônimos do país”.

Percebe-se nos depoimentos sobre Waltel Branco duas constantes: o elogio a sua obra e a perplexidade diante de seu anonimato. Um depoimento interessante, e que retrata bem quem é Waltel Branco, é apresentado pelo jornalista Ricci (2012b):

Em 2008, por ocasião do aniversário de Pixinguinha (23 de abril, Dia Nacional do Choro), como em todos os anos, foi promovido em Curitiba um evento com 24 horas direto de Choro, e parte realizada no calçadão da rua XV. [...] Um certo momento, João Igashira, um músico extraordinário, puxou um choro de Waltel. Eu fotografava a roda de choro e percebi Waltel escondido atrás da multidão que assistia. Troquei a lente da máquina e fiz algumas fotos dele no meio da multidão. Terminada a peça, Igashira falou sobre o autor e, nesse momento, Waltel foi embora. Assim é Waltel Branco: gosta do anonimato e prefere deixar que a sua obra fale por si.

Waltel podia ser avesso a holofotes, mas a ausência do reconhecimento entristecia o músico: “Eu não fui reconhecido porque fiquei longe da mídia. Achava que iria me virar sozinho, mas não é assim. O João [Gilberto], por exemplo, soube aproveitar isso melhor” (BRANCO apud CASTILHO, 2011). Mais: “As gravadoras só se preocupavam de colocar mulher bonita na capa e crédito nenhum. Ninguém sabe quem está tocando, ninguém sabe nada” (BRANCO apud GAMO, 2005).

Eu não sei, eles me escondem. Eu falava esses dias com o Nassif¹: O Nassif, qual é a razão deles me esconderem? Pois se eu fizer uma coisa com você, você vai lançar, tenho certeza que não vai sair meu nome. Não sei o porquê, mas é sempre assim.

Como se pode perceber no relato de sua vida, falar de Waltel Branco é falar sobre a história da música paranaense, brasileira e até mundial: foi precursor da bossa nova e do *jazz fusion*; tocou do clássico ao popular... Tudo em Waltel é superlativo: maestro, compositor, arranjador, multi-instrumentista. Viajou o Brasil e o mundo. Waltel

1 Jornalista e músico Luiz Nassif.

Branco é onipresente e, contraditoriamente, anônimo na história da música brasileira. Ao longo de nossa entrevista, ele comentou sobre sua vida, tudo que produziu e com quem conviveu e trabalhou: *Às vezes, fico aqui, deitado, pensando: que coisa de louco!* Narra sua vida, repleta de personagens famosos (João Gilberto, Paco de Lucia, Stravinsky, etc.) tudo com naturalidade, sem vaidade e também sem falsa modéstia. Foi protagonista da história da Música Popular Brasileira, mas é tratado como figurante.

Waltel Branco não foi alguém seduzido por holofotes: não era fama, nem o dinheiro que almejava. Era solidário – apoiou Djavan e Cazuzza, não apenas em suas trajetórias musicais, mas pessoalmente – e assumiu os arranjos de João Gilberto para o especial da Globo para evitar uma situação constrangedora para o músico e a emissora. Se a música – eterna parceira desde o nascimento – lhe pedia algo (auxiliar um músico, fazer um arranjo, etc.), Waltel não sabia negar: não se preocupava com quanto iria ganhar (se iria ganhar) ou se seu nome constaria nos créditos. Entregava-se à paixão e se regozijava com o que sua musa brilhasse, permanecendo ao seu lado e à sua sombra. Mas seu olhar se entristecia, quando percebia que outros músicos com os quais compartilhou sua musa foram reconhecidos, enquanto ele recebia um olhar incrédulo de pessoas que duvidavam que aquele senhor simples, de cabelos grisalhos, fala mansa e gentil, também era um dos grandes amantes da música, que a ela dedicou toda uma vida.

Quantas pessoas no Brasil e no mundo saberão reconhecer e cantarolar o tema da pantera-cor-de-rosa e a introdução da música **Retirantes** de Dorival Caymmi, da também mundialmente conhecida **Escrava Isaura**? Porém, quem saberá responder: quem é Waltel Branco? Eu mesma conheci-o há pouco tempo, no ano de 2010, por intermédio do professor e músico Ivo Queiroz, quando Waltel foi homenageado pela UTFPR. Porém, me emociono ao pensar como ele é onipresente em minha vida, em minha memória musical e afetiva, e de tantas outras pessoas por meio das trilhas sonoras das novelas e músicas de sucesso de Djavan, Tim Maia, João Gilberto, dentre outros.

Waltel Branco sabia do valor de sua obra, da qualidade de seu trabalho. O reconhecimento que almejava era de caráter subjetivo: uma vez que sua vida e sua obra eram indissociáveis, não ser reconhecido em seu trabalho era não ser reconhecido em sua própria existência. O que Waltel Branco advogava era que seu nome e sua obra fossem lembrados na história da música brasileira, como o são tantos de seus parceiros de carreira.



Referências

- AGÊNCIA ESTADO. WEA lança CD de João Gilberto ao vivo com a filha e Rita Lee. **Folha da Região**, Araçatuba, ano 26, 05 set. 1998. Caderno 2. Disponível em: <<http://jornalvirtual.folhadaregiao.com.br/arquivo/1998/09/05/dia2.php>>. Acesso em: 01 ago. 2018.
- CASTILHO, C. Histórias para contar e músicas para lembrar. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 22 abr. 2011. Caderno G. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/historiaspara-contar-e-musicas-para-lembrar-481e1xczuql0b5vwvs7i7kh8u>>. Acesso em: 01 ago. 2018.
- DISCOGS. **Orquestra à base de sopro de Curitiba & Waltel Branco**: Mestre Waltel. 2006. Disponível em: <<https://www.discogs.com/Orquestra-Base-De-Sopro-De-Curitiba-WaltelBranco-Mestre-Waltel/release/5601744>>. Acesso em: 01 ago. 2018.
- ELIZABETH. **Waltel Branco**. 2011. Disponível em: <<http://elizabethdiariodamusica.blogspot.com/2011/05/waltel-branco.html>>. Acesso em: 01 ago. 2018.
- GAMO, A. **Descobrimo Waltel**. 2005. Disponível em: <<http://curtadoc.tv/curta/musica/descobrimo-waltel/>>. Acesso em: 01 ago. 2018.
- LEITE, Z. C.; COLLAÇO, Á. Waltel, que pensava ser Walter. In: BRANCO, W.; OLIVEIRA, C. M. (Org.). **Obras para violão**: Waltel Branco. Curitiba: Gráfica Multi-grafic, 2008. p. 7-19.
- LEMINSKI, E.; RUIZ, A. Waltel. In: DISCOGS. **Orquestra à base de sopro de Curitiba & Waltel Branco**: Mestre Waltel. 2006. Disponível em: <<https://www.discogs.com/OrquestraBase-De-Sopro-De-Curitiba-Waltel-Branco-Mestre-Waltel/release/5601744>>. Acesso em: 01 ago. 2018.
- MACEDO, L. **Memória MPB**: Djalma Ferreira. 2014. Disponível em: <<http://blogln.ning.com/profiles/blogs/mem-ria-mpb-djalma-ferreira>>. Acesso em: 01 ago. 2018.
- MEMÓRIA GLOBO. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/>>. Acesso em: 25 ago. 2015.
- MEMÓRIA MUSICAL. **Waltel Branco**. Disponível em: <<http://immut.org/busca/universal?term=waltel+branco>>. Acesso em: 22 ago. 2015.
- MILLARCH, A. **Entrevista com Waltel Branco**. Disponível em: <<http://www.millarch.org/audio/waltel-branco>>. Acesso em: 01 ago. 2018.
- NASSIF, L. **Um músico extraordinário**. 2010. Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/um-musico-extraordinario>>. Acesso em: 01 ago. 2018.
- O PONTO DOS MÚSICOS. **Waltel Branco**. 2014. Disponível em: <<http://opontodosmusicos.blogspot.com/search?q=waltel+branco&x=0&y=0>>. Acesso em: 01 ago. 2018.
- PEREIRA, K. **80 anos do Waltel**: o menino do mundo. 2009. Disponível em: <<http://waltelbranco.blogspot.com/2009/11/80-anos-do-waltel.html?view=snapshot>>. Acesso em: 01 ago. 2018.
- PEREIRA, K. **O violão plural de Waltel Branco**. 2011. Disponível em: <http://waltelbranco.blogspot.com/2011/11/o-violao-plural-de-waltel-branco_18.html>. Acesso em: 01 ago. 2018.

PEREIRA, K. **Raridade... Meu balanço... Waltel Branco**. 2013. Disponível em: <<http://waltetbranco.blogspot.com/2013/05/raridade-meu-balanco-waltel-branco.html?view=snapshot>>. Acesso em: 01 ago. 2018.

RICCI, E. Hoje é dia de Waltel Branco. **GGN**: O Jornal de Todos os Brasis, 22 nov. 2012a. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/hoje-e-dia-de-waltel-branco>>. Acesso em: 01 ago. 2018.

RICCI, E. O trivial de Waltel Branco. **GGN**: O Jornal de Todos os Brasis, 21 dez. 2012b. Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/trivial-de-waltel-branco>>. Acesso em: 01 ago. 2018.

SILVA JÚNIOR, M. da. **O violão no Paraná**: uma abordagem histórico-estilística. 2002. 165 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://www.violaobrasileiro.com.br/files/uploads/texts/text_32/biblioteca_advb_arquivo_32.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2018.

SILVA, M. Waltel Branco e o violão no Brasil. In: BRANCO, W.; OLIVEIRA, C. M. (Org.). **Obras para violão**: Waltel Branco. Curitiba: [s.n.], 2008. p. 27-30.

SOUZA NETO, M. J. Waltel Branco, o músico universal. In: SOUZA NETO, M. J. de. (Org.). **A (des)construção da música na cultura paranaense**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2004. p. 211-225.

VIEIRA, N. **Neimar Vieira bate-papo com Waltel Branco**. 2014. Disponível em: <<http://devoltaparaovinil.blogspot.com.br/2014/03/conexoes-09-waltel-branco.html>>. Acesso em: 01 ago. 2018.

WIKIPÉDIA. **Waltel Branco**. 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Waltel_Branco>. Acesso em: 20 jul. 2018.

ZECALOURO. **Waltel Branco**: músicas do século XVI ao século XX (1974). 2008. Disponível em: <<https://orfaosdoloronix.wordpress.com/category/waltel-branco/>>. Acesso em: 01 ago. 2018.





*Dona Mide: conscientizadora
da cultura popular*

Mário Lopes Amorim



Remildes Ferreira Bahr nasceu em Curitiba, em 7 de dezembro de 1937, filha de Abelardo Rodrigues Ferreira e de Maria Luiza Chichorro, 17ª filha de uma família de 20 irmãos. A capital do Paraná, nessa época, estava chegando à casa dos 150.000 habitantes. De acordo com Silva (2011, p. 32), “Curitiba era uma cidade cujo desenvolvimento de atividades econômicas ainda era pensado horizontalmente, com poucos prédios de muitos andares e grandes vazios urbanos”. As principais atividades industriais eram ligadas à erva-mate e à madeira, sendo que os principais empreendimentos estavam localizados no bairro do Capanema. Os bairros próximos às áreas centrais eram ocupados, em sua maioria, por chácaras pertencentes a descendentes de imigrantes de variadas origens, que se dedicavam às pequenas oficinas e ao beneficiamento e comercialização de produtos agrícolas.

Em um desses bairros, nas Mercês, reduto de descendentes de poloneses e alemães, estabeleceu-se a família do pai de Dona Mide. Estudou até a 4ª série do ensino fundamental, nas escolas Rosa Saporski, no citado bairro, e Prieto Martinez, localizada em bairro próximo, o Bom Retiro. No ambiente escolar, bem cedo começou a sentir a discriminação, já que seus colegas não aceitavam brincar com ela:

Só tinha eu e uma outra menina negra. A outra menina era escura mas tinha os cabelos bem lisos, tinha traços diferentes, mas nós duas éramos as únicas que lançávamos juntas. Porque merendávamos juntas, porque a gente não brincava, as outras meninas não aceitavam que nós déssemos as mãos para elas. [...] nós sabíamos que dentro da sala ficava tudo bem, porque eu era boa aluna, tinha notas boas, elas precisavam bastante de ajuda, então eu tinha bons amigos, mas na hora do recreio era difícil...

Com 12 anos de idade Dona Mide começou a fazer bordados de enxovais para a fábrica Mercês, e logo estava trabalhando na mesma fábrica, uma jornada de nove horas diárias, além de levar serviço para casa, a fim de melhorar sua remuneração. Se esta situação praticamente inviabilizou a continuidade dos estudos regulares, não impediu que ela conseguisse aprofundar sua cultura através do rádio, da imprensa escrita e de cursos de extensão e de curta duração das áreas as mais diversas, desde direito trabalhista até decoração de natal.



A Aproximação com a Igreja Católica e a Militância

Na década de 1950, por influência de uma amiga chamada Anice Mansur, Dona Mide passou a se aproximar da Ação Católica¹, tornando-se militante e mais tarde dirigente da referida instituição. No âmbito da Ação Católica, passou a atuar na Juventude Operária Católica (JOC), conhecendo a repressão a essa organização após o golpe de 1964: *Eu representava o Paraná no Brasil, mas a política era tão forte que foi proibida, certo dia disseram: você guarda a bandeira, guarda tudo, ata, tudo que nós temos. Alguns padres foram presos aqui.*

Mesmo assim, Dona Mide manteve sua atuação na Ação Católica, acompanhando a situação de trabalho das empregadas domésticas e dos carrinheiros na coleta do lixo reciclável.

Com o vigário da Paróquia Nossa Senhora das Mercês, Frei Zanini, a gente fundou o lixo que não é lixo, aqui em Curitiba. Primeiro a gente começou com alguns carrinheiros, depois aumentamos os carrinhos. Quando não comportava mais os depósitos (a gente tinha um depósito lá nas Mercês), o frei teve a ideia de fazer o lixo que não é lixo e comprou uma área lá no Campo Comprido.

A Música e a Constituição da Família

A música revelou-se uma companheira constante na trajetória de Dona Mide. Sua aproximação com ela ocorreu ainda na juventude, mesmo estando envolvida com o trabalho na fábrica, em casa e com as atividades ligadas à igreja, ao conhecer o maestro Aldo Ademar Hasse, regente do Coral Pio XII, do bairro das Mercês. Ao ouvir Dona Mide cantar, começou a insistir para que ela integrasse o coral como contralto. Mesmo com a recusa inicial, o maestro insistiu para que Dona Mide fizesse aulas de canto, e posteriormente a compor a internada artística do Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Vinte de Setembro, e a primeira apresentação foi na Festa da Uva de Caxias do Sul. Seu ingresso no coral levou-a a conhecer Werner Alfredo Bahr, que viria a tornar-se seu esposo, chamado pelo maestro Aldo para reforçar o coral para uma apresentação num casamento em Joinville/SC. Casaram-se em 1976. Mide, que já criava seu sobrinho Grafite (Alexandre Carlos Rodrigues Ferreira) teve, com Werner, uma filha: Veronica Ferreira Bahr.

O Fandango

No CTG Vinte de Setembro, Dona Mide começou a ter aulas sobre o Rio Grande do Sul, e passou a questionar por que não estudar o Paraná, já que era aqui que residiam, trabalhavam, constituíam família, enfim, viviam, mas nada sabiam sobre a cultura e

1 A Ação Católica foi criada pelo Papa Pio XI em 1929, a fim de ampliar a influência da Igreja Católica na sociedade pela ação do laicado, atuando com base na doutrina social da Igreja.

as tradições do estado. Em 1969, participou da fundação da Associação Tradicionalista Galha Azul, com o objetivo de pesquisar e apresentar as manifestações culturais dos três estados da região Sul. A aproximação com o fandango começou com as viagens de Dona Mide, acompanhando o Professor Inami Custódio Pinto, para Paranaguá, bem como de vindas de fandangueiros para Curitiba. Foram muitas reuniões para que Dona Mide e sua irmã Didi (Abelardina Rodrigues Ferreira) conseguissem compreender os versos, enquanto outros tiravam as melodias. Ao longo de dez anos, o grupo originário da Associação Galha Azul fez apresentações, em várias cidades dos estados da região Sul, levando consigo fandangueiros do litoral do Paraná. Graças ao seu trabalho, a Associação foi reconhecida como de utilidade pública, pela Lei Municipal nº 4.281 (CURITIBA, 1972).

Apesar do êxito aparente, o reconhecimento do trabalho não foi o almejado por um grupo dedicado à divulgação de importante manifestação cultural paranaense. De acordo com a Lei Municipal nº 4.785 (CURITIBA, 1974), a prefeitura de Curitiba doava uma área de terreno do patrimônio do município, localizada no bairro Portão, à Associação Galha Azul, para a construção de um Centro de Tradições Folclóricas. Como contrapartida, a associação ficaria obrigada a iniciar a construção do referido centro no prazo de dois anos a contar da assinatura da escritura de doação, sob pena de reversão do imóvel ao patrimônio municipal. Porém, sem recursos para tanto, em parte devido ao baixo valor dos cachês recebidos nas apresentações do grupo, a construção se arrastou por alguns anos, e o executivo municipal retomou a área em 1983, quando da primeira estada da família de Dona Mide na Bélgica.

Na Bélgica, onde esteve em apresentações do Grupo Brasil Tropical em Bruxelas, atuando com o Nationale Jeugdendienst Voor Volksdans, e ministrando palestras sobre o fandango, Dona Mide recebeu um convite da *Federatice Vlause Socialistche Volksunstgroepen* para retornar e apresentar o fandango num festival internacional de folclore. De volta a Curitiba, procurou os fandangueiros para organizar a apresentação, mas estes, aborrecidos com o que havia sucedido com o imóvel retomado pela prefeitura, recusaram-se a ir. Não restou alternativa a não ser criar um novo grupo, o Meu Paraná, composto por Dona Mide, a irmã Didi, o esposo Werner, a filha Veronica, o sobrinho Grafite (Alexandre Rodrigues Ferreira) e os amigos Rufino Zambonin e João Adriano de Oliveira Branco (Figura 1), e rumar para a Bélgica. Em 1989 fizeram 13 apresentações, em Bruxelas, Oostende e Antuérpia.

De volta ao Brasil, o grupo Meu Paraná fez em torno de 280 apresentações catalogadas, e Dona Mide fundou em 1993 a Casa do Fandango, centro cultural e de divulgação da cultura popular paranaense.

Em 1993 fundei e funciona na minha casa, lá que eu dou apoio para quem está fazendo pós-graduação, porque eu tenho espaço, a Secretaria da Cultura não está lá, a Secretaria da Educação não está lá, quem sabe é a Cremildes, a Milde pode te dar isto... Então eu tenho lutado com os reitores, com os secretários de educação, de



cultura, mas não tem jeito, eu acho que é assim, é como o fandango, é pouco visto, eles acham que não é nada, então é aquela bola de neve, quando aparecerem, quando começarem a valorizar. Ai vão valorizar, enquanto ele não aparece, e eles não fazem questão que apareça, fica assim, desta forma. Então, a minha luta de 46 anos, está fazendo 46 anos que eu faço isto, trabalho de conscientização, me perguntam o que você é, é pesquisadora? Eu digo não, eu me considero conscientizadora, desde que comecei a ver que nós não sabíamos nada sobre o Paraná. A gente começou a conscientizar, e não é o fandango pelo fandango. É o fandango pelo Paraná, porque a gente pensa assim, talvez vendo o fandango eles pensem assim: Ah! tem fandango, e quem trouxe foram os açorianos, e aí depois como foi? Então é isto que a gente faz, eu tenho sofrido muito, tenho me magoado muito, tenho levado muitas rasteiras, mas eu acho que vale a pena.



Figura 1 – Grupo de Fandango Meu Paraná

Fonte: Jornal O Estado do Paraná (1989 apud LANZA, 2008).

Nota: Dona Mide é a segunda pessoa, da esquerda para a direita.

Tornar o fandango conhecido entre os próprios paranaenses foi, e ainda é, uma grande dificuldade enfrentada por Dona Mide e pelos seus colegas fandangueiros. Um exemplo que ilustra bem essa situação foi a solicitação de Dona Mide para uma apresentação de fandangueiros durante a Copa do Mundo de futebol, em 2014. Cinco anos antes de sua realização, Dona Mide procurou o governo do Paraná, para que fosse organizada uma exibição de fandango em Curitiba, designada para ser uma das sedes do evento. O projeto era o de um espetáculo com mil fandangueiros, que obteve o aval do executivo estadual, da Assembleia Legislativa e da prefeitura de Curitiba, mas acabou

esbarrando na alegada falta de recursos da Fundação Cultural de Curitiba (FCC). Ainda assim, foi agendada a apresentação para o dia 18 de junho de 2014, na Pedreira Paulo Leminski, onde aconteciam as chamadas **FIFA Fan Fest**, ao longo de todo o período da Copa do Mundo. Mas os obstáculos continuaram a aparecer: inicialmente, a FCC comunica que não haveria cachê para os fandangueiros. Se se considerar que são pessoas que estão abrindo mão de seus compromissos pessoais e profissionais para estarem ali colaborando na divulgação da cultura paranaense, sem qualquer apoio oficial, já seria problemático. Apesar disso, os fandangueiros aceitaram. Mas no dia e local combinados para serem levados para a Pedreira, Dona Mide recebeu um telefonema da Rede Paranaense de Comunicação (RPC) comunicando o adiamento da apresentação para outra data a ser definida, o que levou os fandangueiros a desistirem de mostrar seu trabalho.

O que se pode concluir é que aqueles que mais deveriam ter cuidados na promoção de manifestações culturais populares são os que colocam objeções para que estas se tornem conhecidas, contribuindo na construção ideológica do Paraná **européu**, logo, de um Brasil diferente, **civilizado**, em contraposição a outras regiões do país em que a maior proporção de populações de origem indígena e africana contribuiria para seu **atraso**. Assim, procura-se apagar da memória a importância destas etnias para a edificação do Paraná, buscando-se relacionar:

[...] a elaboração de uma idéia de nação, no caso uma região, com a construção ou a manutenção de um projeto de poder, social e político, embora revestido de roupagens científicas ou culturais. Tratava-se, enfim, de estabelecer os parâmetros para a importação de idéias **modernas** e científicas, que além de cunhar uma nova imagem do país entre as nações, justificava a manutenção de um regime político que embora tradicional, procurava acompanhar as transformações dos países **civilizados** (CAMARGO, 2007, p. 52-53, grifo nosso).

A Contadora de Histórias

Dona Mide conta que seus pais prezavam muito os livros, a música e a cultura de modo geral. Seu pai era músico de choro, sendo que não tocava por partitura, mas por pura intuição, e fazia questão que seus filhos, ao ouvirem música, ficassem batucando para **sentir o ritmo**, enquanto sua mãe contava histórias que ouvia de sua avó, inclusive as histórias por ela denominadas **de senzala**, embora não tenha precisado se havia na linhagem de sua avó algum ancestral que tivesse sido escravizado. Dona Mide celebrizou-se também por ser uma contadora de histórias. Segundo ela mesma, histórias aprendidas com seus pais, principalmente com sua mãe. Deixemos que a própria Dona Mide conte uma das histórias **de senzala**, que fez questão de registrar:

Sinha uma escrava que a ama a fez engravidar na época que ela engravidou, porque ela queria que a escrava amamentasse o bebê dela, e aí a ama segurava a preta lá na casa dela para amamentar o filho dela, e a proibia de ir para casa



dar de mamar para o seu próprio filho, e ela não podia amamentar o filho dela. Daí ela fazia pão, porque eles queriam pão fresco todo dia na casa grande, e ela passava o trigo do pão na água, e lavava as mãos para mandar para o filho dela, esta água com trigo, e mandava por um dos escravos. Um dia a ama disse a este escravo: – Vai buscar o filho da fulana lá que eu quero ver. E depois perguntou para a escrava: – Como é que seu filho está assim gordo? Você tem dado leite para ele? E a escrava pensou: – Não, ele se alimenta só com a água das mãos no trigo.

Histórias de vida que compõem uma rica tradição oral, que remetem à tradição dos griôs africanos, pessoas responsáveis por preservar e transmitir histórias e os conhecimentos e as canções de seu povo, repassando aos mais novos sua cultura.

A Constatação da Discriminação

Mesmo fazendo questão de reforçar que sua família nunca se ofendeu com a discriminação, impossível não perceber, na fala de Dona Mide, o quanto tal situação lhe trouxe desgostos ao longo da vida:

A gente sentiu o preconceito, sempre teve preconceito, por exemplo, chegavam na nossa casa e diziam assim: – Nossa, mas vocês são limpos... Quer dizer, isso a gente já sabia que eles achavam, que iam chegar e que ia ser sujo, então a gente sempre soube o que eles achavam, são negros, mas apesar de tão limpos. Quando a gente mudou ali para o Pilarzinho, que eram mais alemães que moravam ali, então eles diziam para minha irmã costureira: – A fulana disse que tem uma costureira aqui, então eu vim, nossa mas vocês são limpas! A minha irmã não falava nada, e diziam tipo assim: – Eu não pensava que uma negra costurava tão bem... Quer dizer, nas entrelinhas a gente sempre teve isso, a gente sempre cresceu ouvindo isso. Mas nunca pegamos briga com ninguém. Tinha uma vizinha que mamãe dava ovos para ela, e ela dizia: – Mas não vai fazer falta para vocês? Minha mãe dizia: – Não, as galinhas estão chocando bastante. Porque ela dava as coisas para nós também, então mamãe achava que tinha que retribuir. Então assim, são pobres, são negros, eles precisam, isso sempre teve, a gente sempre soube. E até hoje sofremos muito preconceito. Nossa, têm histórias assim que dá um livro, só do preconceito, dessas coisas, a gente já sabe o que as pessoas vão achar... Mas sabe, muita coisa, são muitas vezes que a gente se cansa, se fosse para cada vez a gente falar.

Por sua trajetória no campo da cultura e das artes, várias vezes Dona Mide foi convidada pela Secretaria de Estado da Cultura (SEEC) para trabalhar como jurada em festivais de música pelo interior do Paraná. Foi aí que a discriminação mostrou toda a sua força, conforme se verifica pelos três relatos a seguir.

Numa das cidades, em Palmas, nos falaram assim: – Vocês vão chegar no hotel, vocês só atravessam a rodoviária e já tem um hotel bem ali pertinho. Era

a primeira vez que a gente foi. Daí chegamos lá de madrugada e fomos para o hotel, tinha um moço da recepção e perguntou: – O que que é? Eu disse: – Tem uma reserva para nós aqui. Ele respondeu: – Não, acho que não. Eu disse: – Olhe aí que tem uma reserva. Daí ele olhava assim para mim e olhava para o meu marido, e perguntou: – Como é o seu nome? Não, não tem. Que firma que é? Eu respondi: – Não é firma, é da Secretaria da Cultura, a gente veio para julgar o Festival. A Secretaria que fez a reserva. Daí ele disse assim: – Do senhor tem. Tipo assim, para ele tem, para mim não. E colocou uma chave sobre o balcão. E daí me disse assim: – Me dá um documento seu. Eu disse: – Eu preciso? Ele respondeu: – Precisa sim. Daí peguei o documento pensando, quero ver até onde ele vai, daí entreguei o documento para ele. E ele disse: – Não, seu não tem. Ele queria que não tivesse. Mas eu disse: – Tenho sim, pois a reserva foi feita junto. Aí ele falou: – Tem sim. Ele pegou outra chave, pegou nossas malas, e disse: – Me acompanhe. Abriu dois apartamentos e colocou as malas no meio, e disse: – Aqui é o seu e aqui é o da senhora. Por que dois apartamentos? Eu já sabia a resposta, mas perguntei, e ele respondeu: – Um para a senhora e outro para ele. Aí eu disse: – Mas por que dois? Você não viu que nós somos casados? Você não viu no meu documento o sobrenome dele? E ele disse: – Pensei que vocês fossem irmãos... Meu marido com olhos azuis, loiro... O preconceito está tão arraigado que eles não pensam que são casados, pensam: não, não pode ser...

Em outra cidade eu me arrumei e estava no saguão do hotel com uma revista esperando meu marido para jantar, eu estava lendo uma revista e entrou um casal, claro que não me disseram nada, nem boa noite, um casal bonito, os dois bem altos, bem arrumados. Eu continuei lendo porque o Werner estava no quarto, daí a mulher veio e disse para mim: – Vocês não servem jantar aqui? Aí eu falei para ele assim: – Eu não sei, o senhor pergunte para o dono que está ali na frente, ele deve saber. Eles fazem pouco por causa da cor. Por que eu já estava arrumada para julgar o Festival, e assim mesmo ela me perguntou se íamos servir o jantar...

Numa outra cidade, eles (da SEEC) me disseram assim: – Você chega na rodoviária e uma senhora que vai estar lá, vai levar a senhora, um carro vai lhe pegar. Daí eu cheguei, e disse para esta senhora: – Eu vim julgar o Festival, e a senhora vai telefonar para alguém para um carro vir me pegar. Ela disse assim: – Não vou telefonar para ninguém, pois hoje está tudo fechado, e a senhora pega a sua malinha e vá andando, e a senhora pega essa estrada aqui que vai dar lá. Eu nem sabia que existia essa cidade, Ibema. Respondi: – Não, a Secretaria me disse que eu vinha aqui e a senhora iria me atender, e a senhora iria telefonar para um carro vir me pegar. Ela disse assim: – Todo mundo que está vindo para o Festival está fazendo isso, estão saindo daqui de cima e estão indo para lá, a senhora também pode ir, eles estão ensaiando. Daí, eu disse assim: – Eu vou fazer como eles disseram para eu fazer. E fiquei sentada e foram se passando as horas



e saindo ônibus e chegando ônibus, e aí ela ficava olhando assim para mim. E eu disse para ela: – A senhora pode me dizer o que eu faço? E ela disse: – Eu já disse o que é para a senhora fazer. Eu pensei assim: – Acho que vou voltar para Curitiba e dizer isso. Mas em seguida pensei assim: – O Festival não tem culpa, aí como é que vai ficar sem ser julgado, ainda mais que eles confiam na gente. Daí, já era noite, ela recebeu um telefonema, olhou para mim e falou assim: – Minha nossa senhora! Desligou o telefone, olhou para mim e disse assim: – A senhora veio julgar o Festival? Eu disse para ela: – Foi o que eu lhe disse desde quando eu cheguei. Dali a cinco minutos tinha um carro lá! Depois eles vieram me perguntar se o hotel estava bom, se eu estava bem instalada, se eu queria ir para outro local, pois eles viram o que aconteceu...

Os depoimentos falam por si. A conclusão a que Dona Mide chegou é que em Curitiba e no Paraná o preconceito de cor é muito forte, sendo o único lugar em que ela esteve onde sentiu a presença da intolerância racial. Mesmo quando esteve na Bélgica, ou em outros países que visitou, como Alemanha e Holanda, afirmou que nunca sentiu qualquer tipo de discriminação.

Dona Mide teve dificuldades em se engajar nos diferentes movimentos sociais de pessoas negras: *Nos lugares onde tentei entrar, o que me deu a impressão, é que aquele bloco já está fechado. [...] eu tenho amigos no movimento, fiz amizade com eles, mas não fui chamada para trabalhar na causa.* Dona Mide atribui essa dificuldade de aproximação com os movimentos negros à diferença religiosa, pois é católica praticante, enquanto a maioria dos membros dos movimentos são ligados às religiões de matriz africana.

Mensagem

Dona Mide considera que tudo por que passou valeu a pena, mesmo com o sofrimento, as pessoas sempre aprendem. Para os jovens negros, aconselha que eles têm que **ser**, e não se preocupar em ter, independentemente do grupo a que você pertence, que frequenta.

Procurar ser uma pessoa melhor; e não ter. O ter vem com o ser. Cada dia se pode ser melhor, amanhã se pode ser melhor que hoje. Procurar ser, não importa se branco, negro, se tem cabelo assim ou assado, pele assim ou assado. Se procurar ser melhor, vai estar bem como é. Sentir-se bem consigo mesma, e nunca pensei em ser outra pessoa ou de outro jeito.

Considerações Finais

Por sua atuação em diversas áreas da cultura, como na música, na dança, no artesanato, bem como por sua participação ativa junto a entidades religiosas e culturais de variados segmentos na cidade de Curitiba, Dona Mide conquistou o

respeito e a admiração daqueles que conhecem seu trabalho e sua luta cotidiana, ganhando visibilidade na imprensa local graças à sua atividade, recebendo premiações em âmbito local e nacional. Com 77 anos de idade, dos quais 56 dedicados à música e 46 à conscientização e luta em favor do fandango, conhecida de muitas pessoas – artistas, acadêmicos, políticos – tornou-se uma referência para os movimentos em defesa da cultura paranaense. Que seu exemplo seja objeto de reconhecimento para todos aqueles que sonham e lutam pela valorização das manifestações culturais populares brasileiras.

Referências

CAMARGO, G. L. V. de. **Paranismo: arte, ideologia e relações sociais no Paraná 1853-1953**. 2007. 213 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Historia/teses/8camargo_tese.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2018.

CURITIBA. Lei nº 4.281, de 4 de setembro de 1972. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pr/c/curitiba/lei-ordinaria/1972/429/4281/lei-ordinaria-n-4281-1972-declara-deutilidade-publica-a-associacao-tradicionista-gralha-azul>>. Acesso em: 01 ago. 2018.

CURITIBA. Lei nº 4785, de 8 de janeiro de 1974. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pr/c/curitiba/lei-ordinaria/1974/479/4785/lei-ordinaria-n-4785-1974-autorizao-executivo-a-doar-area-de-terreno-do-patrimonio-municipal-a-associacao-tradicionalistagraalha-azul-para-o-fim-que-especifica?q=4.785%20>>. Acesso em: 01 ago. 2018.

LANZA, B. **Meu Paraná canta e dança em Bruxelas**. 2008. Disponível em: <<http://fandangomeuparana.blogspot.com.br/2008/06/meu-paran-canta-e-dana-em-bruxelas.html>>. Acesso em: 01 ago. 2018.

SILVA, M. C. **O plano de urbanização de Curitiba – 1943 a 1963 – e a valorização imobiliária**. São Paulo: Blücher Acadêmico, 2011.





*Iyagunã Dalyira: sabedoria,
persistência, resistência,
generosidade e militância*

Andrea Maila Voss Kominek



Valen Muito a Pena!

A história de Iyagunã Dalzira poderia ter sido a repetição de tantos estereótipos de exclusão, preconceitos, racismo e pobreza comuns ao nosso país. Mas Dalzira, mulher, negra, pobre e mãe de santo, é o exemplo da força de vontade, dedicação, persistência, superação, bondade e generosidade.

Este breve relato de sua vida visa registrar e homenagear a mulher que, com sua voz calma e suave, se fez ser ouvida e respeitada por homens e mulheres, brancos e negros. Tornou-se símbolo de conquista e admiração para aqueles que têm a sorte de conhecê-la e aprender com seu exemplo. Uma voz que continua atuante e combativa!

Sua história, contada por ela mesma, revisita sua infância no sítio em Minas Gerais, sua mudança para São Paulo e, finalmente, sua chegada ao Paraná. Relembra momentos cruciais de sua vida e busca, fundamentalmente, investigar os caminhos que a levaram a tornar-se a mulher que foi se construindo ao longo do seu caminhar por vias tortuosas e muitas vezes surpreendentes.

Ao ser uma história narrada por sua própria protagonista, trata-se, mais do que de uma biografia repleta de dados históricos, contrastes e referências oficiais, mas é também uma reflexão sobre o racismo e outras formas de preconceitos tão presentes em nosso país. Uma reflexão real e concreta, exemplificada, em primeira pessoa, através de sua vivência. Constitui um exemplo de vitória da menina pobre e analfabeta, nascida na cidade de Guaxupé/MG. Da menina negra, que se alfabetizou aos 13 anos de idade, à mulher que reiniciou os estudos aos 49, através da Educação para Jovens e Adultos (EJA) e que, aos 68 anos, passou a exibir, com orgulho, a foto de sua formatura em Relações Internacionais na parede do terreiro. Esta menina, com olhos brilhantes e coração forte, não se cansa de repetir, entre a narração de cada uma de suas histórias de dor, perseguição, conquistas e superações, uma frase que se tornou quase um mantra iluminando a entrevista que concedeu para a produção deste material: *Mas tudo valeu, valeu muito a pena!*



De Minas Gerais ao Paraná

Nascida em Guaxupé/MG, no dia 17 de julho de 1941, Dalzira Maria Aparecida é filha de José Perciliano dos Santos e Maria Tomazina de Jesus. De família grande, de nove filhos que sempre trabalharam na terra para ajudar os pais, Dalzira, conhecida na família como **Lola**, conta que na primeira infância quase não chegou a conhecer pessoas que não fossem da família. Viviam isolados e pouco contato tinham com sítios vizinhos; era, como ela mesma descreve: *Quase um quilombo*.

A primeira pessoa não negra que conheceu foi somente aos 5 anos de idade, a menina Tarsila, também de 5 anos, que viria a se tornar uma grande amiga de brincadeiras. Tarsila era também filha de colonos, empregados do sítio vizinho. Dalzira lembra com carinho e nostalgia os momentos de brincadeiras com os irmãos e a amiga no sítio. Gostaria muito de reencontrá-la e saber de seu destino. Chegou a procurá-la no Facebook, porém, a localização não foi possível pois, em suas palavras: *Naquela época ninguém se preocupava em perguntar sobrenome. Eu era Lola, e ela, Tarsila. Isto bastava*.

Apesar da surpresa pela diferença no tom da pele, de ambas as partes, não sentiu naquele momento nenhuma forma de racismo, algo com o que tomaria contato somente muitos anos mais tarde. Mais que uma questão racial, a amizade entre as famílias possuía um componente de classe. Eram todos trabalhadores pobres, sem terra, que trabalhavam, primeiramente, por um pequeno salário informal e, depois, por porcentagem em terras alheias, plantando e colhendo café em sítios vizinhos pelo valor de 30% do que fosse por eles colhido.

Mesmo com toda a família trabalhando, a pobreza era perceptível até mesmo para a pequena Dalzira, de apenas 6 anos. Marcado em sua memória ficou o fato de a mãe não ter conseguido comprar, apesar de muito trabalhar e fazer muita economia, um pequeno moinho caseiro para a família, algo bastante comum nas famílias da época. Outro indício das limitações materiais da família é a ausência de registros fotográficos desta primeira etapa da vida. Não existem registros de sua infância, dos pais ou irmãos. Visando superar essa condição, a família decide, em meados de 1950, tentar a sorte em fazendas maiores no município de Santa Maria, interior do Paraná.

Foi em Centenário do Sul, já aos 13 anos, que Dalzira sentiu pela primeira vez o amargo sabor do racismo. Como nunca frequentou a escola, estava cercada sempre pelas mesmas pessoas, principalmente da família ou de pessoas muito parecidas a sua família, especialmente da mesma classe social. Por este motivo, acredita, não chegou a sentir racismo naquela época. Como diz Dalzira: *No sítio, se era discriminada, eu não sentia, porque todo mundo era pobre, estávamos todos no mesmo barco*, ainda que seus pais repetissem frequentemente: *Branco é branco e negro é negro, nunca se esqueça disso*.

Quando seu círculo social começou a se ampliar foi que o preconceito racial entrou em sua vida para nunca mais deixá-la, do ponto de vista tanto de sua percepção e constatação pessoal, como da militância. Foi na igreja católica que, pela primeira vez, o racismo fez-se sentir. Curiosamente, do primeiro episódio de racismo que sofreu, nasceu não uma menina acuada e temerosa, mas uma menina de olhar atento, que passou a enxergar o mínimo sinal de exclusão e preconceito e buscar meios para lutar contra ele.

Seu José, seu pai, era muito religioso, frequentava a igreja e fazia questão que as filhas fossem **filhas de Maria**, um grupo dentro da igreja católica que encaminha jovens moças através de orações, catequeses e ensinamentos. As moças que faziam parte do grupo portavam, orgulhosas, uma fita, que as identificava como Filhas de Maria. A disciplina era rígida, e bastava um pequeno deslize, como faltar à missa, por exemplo, para que a honrosa fita fosse retirada pelo pároco.

A adolescente Dalzira, com 13 anos mas ainda analfabeta, encantou-se pelas histórias, cantos e discursos da igreja. Ela e uma amiga tomaram uma importante decisão, com a intempestividade típica da adolescência: decidiram que iriam ser freiras! Foram juntas perguntar para uma freira da paróquia local se poderiam seguir este caminho e como o fariam. A irmã fitou as duas com incredulidade dirigindo-se à amiga de Dalzira, que também era negra, porém de tez mais clara, disse-lhe: *Negras não podem ser freiras... e você já é bem escurinha...*

Se a amiga, de pele mais clara que a sua, recebeu esta resposta, Dalzira deu por certo o fim de sua futura carreira religiosa. Voltou para casa triste, revoltada e com raiva. Não contou para os pais e continuou frequentando a igreja. Mas por um bom tempo nutriu raiva de Deus, pois viu, na resposta da freira, a resposta do Próprio, já que ela era uma de suas representantes na Terra. Seu sentimento era de angústia e injustiça: *Por que Deus não gosta dos negros? Se não gosta de negros, por que nos fez assim?*

Quando se mudaram para Curitiba, no ano de 1951, o pai já não trabalhava com a terra. Na cidade grande passou a trabalhar como vigia noturno. Vigiava obras em construção e, nesse período, teve contato com todo o tipo de pessoas e todos os vícios típicos da cidade e da vida noturna. Dizia não gostar de trabalhar na noite, porque, segundo ele, à noite tudo poderia acontecer, porém, para manter a família na cidade grande, não teve muita opção. O pai, que na juventude sonhara ser músico profissional, pois tocava trombone, via-se agora, empurrado pela dura realidade da vida, cada vez mais longe do seu sonho. Apesar disso, nunca deixou de ser alegre e carinhoso com os filhos.



A Importância da Educação

A despeito das dificuldades de acesso e do pouco estímulo recebido, a pequena Lola sempre teve noção da importância da educação em sua vida. Talvez intuitivamente soubesse, já na infância, que a educação, juntamente com a religião, constituiria no futuro seu principal instrumento de resistência, luta e transformação social.

Seu pai, apesar de carinhoso e atencioso com os filhos, era machista, como a maioria dos homens de seu tempo, e dizia: *Mulher não precisa estudar... quem tem que sustentar a casa e a família é o marido. Mulher não precisa de estudo!* Mesmo pensando assim, foi, no entanto, quem a alfabetizou com uma cartilha comprada na venda. *Ele resolveu me ensinar para eu parar de perturbar. Sempre disse que eu era rebelde e tanto perturbei que concordou, deu-se por vencido e me ensinava um pouco cada dia, quando voltávamos da roça.*

Dalzira estudou, aprendeu, leu muito, mas nunca frequentou o ensino formal até os 47 anos, quando ingressou no EJA, o qual levou dois anos para concluir. Depois de alguns anos sem estudar, sua filha mais nova, Rosilda Quintilhano, a incentivou a retomar um antigo sonho: fazer faculdade. Um sonho que tinha ficado adormecido durante anos, para cuidar da família.

Família é um capítulo à parte na vida de Dalzira. Não casou nem teve filhos biológicos, mas assumiu os sete filhos da tia, que foi tragicamente assassinada. As idades iam de 1 ano e 3 meses, a mais nova, a 13 anos, a mais velha, sendo uma delas deficiente. Dalzira dedicou-se então aos cuidados e educação dos sete filhos herdados. Ciente como nunca da importância da educação, os filhos estudaram, quase todos chegando à universidade.

Com os filhos criados, adultos, aos 62 anos era hora de retomar o antigo sonho: o próprio estudo. Sempre com o incentivo da filha mais nova, buscou um curso de faculdade e escolheu o curso de relações internacionais, pois tinha interesse na história da América Latina e vislumbrou no curso a oportunidade deste conhecimento. Apesar das repetidas e sistemáticas demonstrações de racismo e perseguição, tanto por parte dos professores como dos colegas de faculdade, em 2008 formou-se. Participou da colação de grau, com direito à solenidade e ao baile, ao vestido longo e à beca.

Formou-se e estava feliz com a conquista..., mas, como infelizmente não poderia deixar de ser, o racismo continuou mostrando sua cara até o último passo da caminhada acadêmica: as colegas de turma, que se formavam com ela no mesmo curso, foram conversar com ela, preocupadas com a possibilidade de Dalzira não se apresentar **adequadamente vestida** para a formatura. Questionaram-na se ela tinha certeza de que participaria da solenidade e do baile (apesar de ela já ter pago por sua participação ao longo dos dois últimos anos, assim como os demais colegas formandos!). Ao ser questionada sobre o que vestiria no dia, foi irônica e respondeu: *Pode deixar que sei me vestir!*

Concluída a graduação, decide-se por um novo desafio: o mestrado! Em 2011, aos 70 anos e sob a orientação do Professor Domingos Leite Lima Filho, inscreveu-se e foi selecionada para o curso de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia (PPGTE) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). No ano de 2013, perante uma plateia repleta e orgulhosa, defendeu e aprovou sua dissertação de mestrado com o título: *Templo religioso, natureza e os avanços tecnológicos: os saberes do candomblé na contemporaneidade* (IYAGUNÃ, 2013), na qual analisa o impacto do processo de urbanização e das tecnologias de informação e comunicação, em particular da internet, sobre os terreiros de Candomblé e os saberes constituídos nesses espaços de ritos e conhecimentos tradicionais de matriz africana (Fotografia 1).



Fotografia 1 – Defesa de dissertação de mestrado
Fonte: Araújo (2013).

Marcas do Racismo

Após o primeiro episódio de racismo, vivido no interior da igreja católica e que a fez perceber-se como **mulher negra**, muitos foram os casos de racismo e perseguição sofridos por Dalzira. Em cada um deles, no entanto, sua atitude foi lutar e reagir; jamais abaixar a cabeça. Talvez seu pai estivesse certo, **era uma rebelde!** Uma rebelde necessária a este mundo injusto, de desigualdades e exclusão. Dalzira, no seu caminhar, tornou-se exemplo de militância combativa, porém com doçura. Sua própria vida tornou-se movimento de resistência!

Seu primeiro trabalho **profissional**, no ano de 1972, em Curitiba, depois de muitos anos na lida da roça, foi como costureira. Quando a família veio do sítio, somente Dalzira tinha profissão, pois havia estudado **corte e costura** por correspondência, pelo incentivo da mãe, que dizia: *Costureira nunca fica sem trabalho, se não tiver emprego,*



sempre tem um vizinho ou parente que precisa costurar uma roupa. Trabalhou então em uma pequena salinha de confecção na Rua XV de Novembro, rua central da capital paranaense, tinha *firma aberta* e ali conheceu *todo tipo de gente*.

Destacou-se como excelente costureira de alta costura, seu trabalho era reconhecido e valorizado, porém, mais uma vez, o racismo atrapalhou seu caminho. Como era a única funcionária negra, apesar de sua alta qualificação, as clientes da confecção não aceitavam ser tocadas, medidas ou atendidas por ela, algo normal e corriqueiro no trabalho de qualquer modista que faz roupas sob medida!

A dona do estabelecimento, para evitar o constrangimento das freguesas, decidiu manter o salário de Dalzira, que, afinal, era ótima funcionária, porém ela deixaria de costurar. Passaria a apenas servir café. De modista de alta costura, ela se tornaria agora a **moça do café**. O argumento da chefe era de que ela não sairia perdendo nada, afinal, trabalharia menos e continuaria recebendo o mesmo salário!!

Dalzira pediu demissão!

Foi então trabalhar como costureira em uma malharia. Mais uma vez, o racismo esteve em seu caminho. Já não era a única negra. Porém era a única **negra com consciência de sua negritude**, e por isso era perseguida pelo chefe, que tudo fez para que ela tivesse problemas e acabasse desistindo do trabalho. Certa manhã, quando chegou ao seu posto de trabalho, deparou-se com sua mesa e máquina de costura completamente cobertas de terra e pó...! Ao indagar sobre o fato, uma companheira de trabalho teria respondido ser **terra de cemitério**, espalhada por algum inimigo que queria ver sua vida andar para trás.

Dalzira pediu demissão! Novamente!

Com o que recebeu de seguro-desemprego e indenização, resolveu ser empreendedora. Para não voltar a ser perseguida, decidiu tornar-se sua própria chefe! Com suas habilidades artesanais, foi vender roupas e bijuterias na Feira de Artesanato do Largo da Ordem, na Praça Garibaldi, porém a burocracia e o racismo dificultaram, mais uma vez, o seu caminho.

Muitos foram os episódios de racismo vividos ou testemunhados ao longo da vida, porém eles não a abateram, ao contrário, cada um deles representou uma oportunidade a mais para lutar contra esta chaga de nossa sociedade. Como diz Dalzira, *Militância é um trabalho diário, estratégico, pois sempre há uma outra forma de exclusão ocorrendo.* Justamente esta postura combativa lhe trouxe muitos problemas, pois: *Se ficar quietinha no seu canto, não reivindicar seus direitos, você não sofre tanto preconceito. Quem é fraco, não apanha, só os fortes apanham, porque assustam!*

E assim nasceu a Dalzira militante, que passou a integrar e criar grupos e instrumentos de combate ao racismo porque, segundo ela: *Não se pode dar chance, se dermos, eles aproveitam. É preciso brigar e exigir cada espaço. Por isto as cotas são tão importantes. Precisamos seguir correndo e passando o bastão para as novas gerações que estão vindo, para que levem nossa ideologia para frente!*

Seu primeiro contato com pessoas que combatiam o racismo, curiosamente, foi também dentro da igreja católica na qual sofreu sua primeira situação de racismo e exclusão muitos anos antes. Em 1979, já vivendo em Curitiba, aos 38 anos, ainda uma católica praticante, foi convidada por uma ex-freira a participar de um movimento negro que começava a se formar no interior da igreja. Eram pessoas ligadas à igreja, padres e freiras que queriam enfrentar o racismo, numa dura época de ditadura. A igreja era o único lugar no qual ainda podiam se reunir, pois: *Na ditadura a polícia vigiava tudo e qualquer reunião de mais de cinco pessoas era considerada motim contra o governo. Então nossas reuniões tinham sempre no máximo cinco pessoas.*

Em 1982 este grupo participou, em Brasília, da primeira assembleia que congregou grupos negros militantes do Brasil todo e nela foi definido o nome que o grupo assumiria: **Grupo União e Consciência Negra**. O grupo passou então a definir prioridades e traçar estratégias de ação. Mais uma vez seu pai viu em sua participação no grupo e na militância um ato de rebeldia. Ele tinha receio devido à ditadura, achava perigoso demais e lhe dizia com alguma frequência: *Não sabia que teria uma filha que me daria tanto trabalho!*

Atualmente o movimento negro tem feito um grande esforço para começar a contar a história do povo negro nas escolas. Há um silêncio retumbante: as heranças africanas e suas importantes contribuições na construção do Brasil e do povo brasileiro são solenemente ignoradas nas salas de aula. O silêncio quanto a este passado e, pior, as adulterações e manipulações ideológicas de uma elite branca, masculina e eurocêntrica vem sistematicamente impedindo que o conhecimento constitua-se efetivamente como arma de reconhecimento racial e enfrentamento do racismo. Outra importante luta dos movimentos negros tem sido pela criação de leis de proteção e, ainda mais necessário, cobrar que elas funcionem na prática.

Quanto ao sentimento de perseguição, exclusão e racismo, Dalzira aponta uma importante diferença, vivenciada por ela, entre o racismo no interior e na cidade grande. No interior, o racismo é falado, mostrado e sistematizado. Na cidade grande, o racismo é estrutural, escondido pelo **politicamente correto** ou pela suposta **democracia racial**. Cita o exemplo das grandes mídias, que poderiam ser aliadas do movimento negro mas que, ao contrário, são instrumentos de manipulação, de perpetuação das desigualdades impondo que cada um deve ficar **no seu lugar**. Estimulam o ódio racial, estruturalmente racista e o fazem de forma dissimulada, simpática e **politicamente correta**. *Imagine se conseguíssemos gastar o horário nobre para falar da gente? Para contar nossa história? Precisamos ganhar espaço e dialogar*, suspira Dalzira.

A Religião como Instrumento de Resistência

Filha de pais católicos praticantes e fervorosos, o primeiro contato com religião foi com a católica. Portava com orgulho a fita que marcava as Filhas de Maria e chegou



a sonhar em ser freira. Mas as decepções e perseguições sofridas no interior da igreja a afastaram da religião.

A aproximação com o candomblé se deu pelo convite de um amigo capoeirista. Segundo Dalzira, o Candomblé é uma herança cultural histórica do povo negro, com a qual já se nasce. Porém, por medo de represálias e perseguições na sociedade majoritariamente branca e católica, afastam-se do chamado pessoal e não buscam desenvolver-se. *A religião já vem com a gente, só que o tempo todo a gente tenta fugir.* Esta fuga de algo que faz parte originalmente do próprio indivíduo traria, frequentemente, problemas de saúde, desajustes sociais e até um alto índice de alcoolismo, sem que esta causa seja reconhecida ou percebida.

Dalzira conta que desde criança tinha visões que não sabia explicar nem entender. Quando contava à mãe, esta desconversava, pois tinha receio das perseguições sofridas no passado por seus praticantes. A repressão policial e governamental sempre fora muito grande, e seus praticantes tachados de *vadios, vagabundos*, participantes de *seita*. Tal repressão foi minimizada (oficialmente, pois na prática segue existindo), apenas a partir do Governo Getúlio Vargas, que instituiu leis de proteção e reconhecimento das religiões de matriz africana.

Como ninguém via o mesmo que ela, chegou a achar que tinha algum problema e a ser castigada pela mãe por **dizer mentiras**. Quando chorava, por medo de alguma visão, mentia para a mãe dizendo chorar por alguma dor de dente ou de ouvido. *Ninguém entendia ou me explicava nada. Ninguém via o que eu via, então parecia que eu estava imaginando.* Com o tempo, já na fase adulta, tinha frequentes pesadelos e dormia muito mal.

Curiosamente, na infância, sua casa ficava ao lado de um terreiro de umbanda¹. Seu avô, homem rude e sofrido, sem desenvolvimento espiritual, xingava e agredia o vizinho, pai de santo. Apesar de ele próprio possuir heranças africanas, era bastante preconceituoso em relação a qualquer religião de matriz africana. Sua avó, no entanto, frequentava o terreiro sem o conhecimento ou aprovação do avô. A mãe tentava esconder os fatos das crianças, mas Dalzira já tinha muito interesse, e conseguia repetir tudo o que a avó dizia.

Durante muito tempo tentou fugir de seu caminho espiritual. Mas o chamado persistia. Em Curitiba, já aos 40 anos, recebeu um convite de um amigo que fazia capoeira para assistir a uma palestra sobre religiões afro, com Babalorixás e Yalorixás. Resolveu aceitar. Seu amigo era irmão de Paulo Roberto Michalizen, o Babalorixá Oyá Uaci, palestrante do dia e que viria a ser, no futuro, seu **Pai de Santo**. Nesse dia ele passou-lhe um vídeo sobre candomblé. Dalzira descreve sua sensação de surpresa ao assistir ao vídeo, pois até aquele momento, o pouco contato que tivera com o candomblé

1 Umbanda: religião brasileira, que tem como base entidades de pretos velhos, caboclo, as sete linhas, diferente do Candomblé, religião de matriz africana, formada pela junção de todas as nações africanas, seus ritos e valores. Tal junção, no Brasil, recebeu o nome de Candomblé.

havia sido através da avó e sentiu-se tão familiarizada com tudo o que via e ouvia no vídeo, como se já tivesse visto tudo o que naquele momento testemunhava pela primeira vez. Considera esse seu primeiro contato mais profundo com o candomblé. Teve a sensação de finalmente estar no lugar certo: *Ao final do filme eu estava profundamente tocada. Foi um chamado.*

Apesar da sensação de encontro e reconhecimento, no entanto, nesta e nas próximas noites, não conseguiu dormir. Sentia-se mexida, transformada, mas não tinha meios para lidar com os sentimentos aflorados. *Eu tinha medo, porque minha mãe sempre me falava para não procurar nem me iniciar em religiões afro.*

Dezessete dias mais tarde, ela procurou o pai de santo no seu ilê (casa) em São José dos Pinhais. Depois de atendê-la, deu-lhe um amaci (banho de folhas). Ao término da conversa, seu futuro pai de santo ofereceu-lhe carona para casa. Durante o percurso, conversaram longamente, e ele percebeu o quanto ela estava com medo. Ao deixá-la em casa e despedir-se, o Babalorixá apenas disse: *Use o banho de folhas. Hoje você irá dormir!* E assim ocorreu. *Dali em diante passei a acreditar em uma força maior e soube qual caminho seguir.* Passou a desenvolver-se no Candomblé, seguindo a iniciação com seu pai de santo e dedicando-se ao seu desenvolvimento espiritual durante anos, até tornar-se Iyagunã Dalzira, hoje responsável por um importante terreiro de Candomblé no Bairro Alto, em Curitiba, o **Ylé Asé Ojugbo Ogun** (Fotografias 2 e 3). Além de ser a responsável pelo terreiro, cuida também da iniciação e desenvolvimento espiritual de muitos filhos e filhas de Santo.



Fotografia 2 – Dalzira aguardando o início das atividades da Festa das Águas, em frente ao Terreiro Ylé Asé Ojugbo Ogun

Fonte: Araújo (2010a).



Fotografia 3 – Festa das Águas, no Ylê
Fonte: Araújo (2010b).

O Candomblé é entendido, por Dalzira, com uma dupla função: desenvolvimento espiritual e social. As religiões de matriz africana representam a possibilidade de manter o contato com os ancestrais e seus conhecimentos. Constitui a possibilidade de preservar e fortalecer os aspectos positivos das heranças africanas em uma sociedade que, como a nossa, insiste não apenas em negar estas origens, mas também em perseguir e adulterar esta história. Sobre as dificuldades de manter o terreiro, Dalzira conta: *Temos liberdade vigiada. Eu tenho o alvará aqui do terreiro, mas sob alguns requisitos. Estamos também registrados na Receita Federal.*

Além das dificuldades burocráticas, Iyagunã narra diversos casos de apedrejamento do terreiro, de quebra de telhas, de vizinhos que ligam para a polícia reclamando da movimentação ou do número de carros na rua, por exemplo. Intolerância religiosa é uma realidade vivida por muitas religiões, mas no caso das religiões afro, possuem ainda a intolerância racial sobreposta. Trata-se de uma dupla exclusão e perseguição: religiosa e racial. Dentre as dificuldades em comparação a religiões **socialmente aceitas**, Iyagunã aponta desde o espaço físico até o preconceito racial:

O terreiro não tem estacionamento, é fundo de quintal, divide espaço com a família da casa. A Igreja não é desta forma, tem pátio, estacionamento. No

terreiro existe o risco de os carros serem roubados. Até pagamos um vigia para cuidar da segurança. Somos obrigados a fazer o papel do estado para termos um pouco de sossego. Já houve vezes em que a polícia apareceu sem nenhuma ocorrência ou chamado. As luzes da rua são apagadas. Não sabemos a mando de quem! Bem na hora do ritual. Temos que recorrer às velas. Não podemos dizer ao orixá uá embora que temos que fechar! Nunca sabemos o que vem pela frente e o que teremos que enfrentar. Além disto, os olhares para nós são preconceituosos. As mães falam para os filhos uma série de coisas para amedrontá-los.

Nossa sociedade branca e eurocêntrica silencia as vozes da história africana, quando não as deturpa. As escolas não estudam, não conhecem e não ensinam a história da África. É comum que até mesmo bons alunos pensem que a África seja **um país**, e não um continente composto por 54 países, com grande diversidade de idiomas, culturas, histórias e especificidades. A isto só se pode chamar ignorância... mas esta ignorância não é inocente nem inócua... é estratégica, estrutural e altamente danosa... é a causa e a fonte dos preconceitos, perseguições e atos de terrorismo racial.

As escolas apresentam apenas a face do negro indolente, sem ambição, cordato e submisso à sua condição de escravizado. Não se estudam as revoluções negras, os movimentos de resistência e as lutas protagonizadas pelos negros. Ao contrário, enfatiza-se a bondade de uma princesa, branca e europeia, que **liberta** voluntariamente, por pura bondade, através de uma **Lei Áurea**, os pobres negros que não sabiam lutar por si mesmos. Os poucos negros que são apresentados como combativos e resistentes, recebem a alcunha de **rebeldes**, como o caso de Zumbi dos Palmares, que só recentemente passou a ser reconhecido e valorizado para além dos movimentos negros, sendo a data de seu martírio a Data Nacional da Consciência Negra (20 de Novembro), ainda que muitos municípios, dentre eles Curitiba, ainda não atribuam à data status de feriado.

Otimista como sempre, apesar de tantas dificuldades e percalços pelo caminho, Dalzira afirma, com um belo e tranquilo sorriso no rosto: *Este tipo de preconceito acaba servindo como injeção de coragem para seguir em frente. É a prova de que não podemos largar a luta.* Assim, o candomblé torna-se mais do que religião. Torna-se instrumento de militância. Instrumento de combate ao racismo, uma vez que não se pode contar com a escola ou com a mídia para fazer este papel tão importante para a construção de uma sociedade melhor e justa. Pelo contrário, como ficou claro em diversas narrativas de Dalzira, eles constituem fortes instrumentos de perpetuação da exclusão, desigualdade, perseguição e ignorância. Enfim, em apenas uma palavra, são agentes de fortalecimento do **racismo!**



Palavras à Juventude Negra

Nosso povo está morrendo maciçamente. Principalmente os jovens. Além do racismo pessoal, institucional e estrutural, Dalzira diagnostica que isso vem ocorrendo também por outro grave problema social: a falta de cuidado com os jovens. É uma juventude que não está sendo atendida. Suas mães trabalham e elas passam o dia na creche, com pessoas incapazes de passar o legado da família. As pessoas estão perdendo as raízes. Os jovens não têm educação, não têm valores e não têm lazer. Só podem se meter em confusão. Mas mesmo aqueles que conseguem escapar deste triste destino e vencem o desafio de não **se meter em confusão**, não conseguem escapar do outro fardo: o preconceito institucional que os aponta previamente como **suspeitos** de qualquer problema. São perseguidos, torturados e mortos. São as mães negras as que mais frequentam os necrotérios para fazer o reconhecimento dos corpos de seus filhos, vítimas de *balas perdidas* ou *confronto com a polícia*!!

Dalzira insiste na importância da educação para combater todos estes males. Aponta para a necessidade de estudar, se informar, aproveitar as oportunidades e, principalmente, **pensar grande!** *A mídia faz o desserviço de vender a imagem do negro bandido, ignorante, perigoso. Cria o não valor. O jovem negro precisa buscar exemplos positivos. Espelhos positivos com os quais possa se identificar. Se eu pudesse dar um conselho, eu diria: busque alguém por perto que possa te ajudar!*

Por este motivo, a protagonista desta história sublinha a importância das ações afirmativas, das cotas, da visibilidade positiva do povo negro, para desmontar os arquivos negativos da escravidão e as marcas por eles deixados. É preciso combater as imagens negativas com imagens positivas! Salienta ainda que tudo o que fazemos ou deixamos de fazer é para a gente mesmo. Nós usufruiremos ou pagaremos o preço pelas nossas ações.

Dalzira, militante persistente da tradição religiosa e do combate ao racismo, do alto da sabedoria e generosidade que seus 75 anos permitem, como palavras finais para a entrevista que concedeu para a produção deste texto, a rebelde (segundo seu pai) e otimista e confiante Dalzira (segundo ela própria), fez uma fala tão inspiradora e um testemunho de vida bem vivida tão emocionante, que, como não poderia deixar de ser, transcrevo a seguir na sua íntegra:

Tudo valeu a pena! Valeu a pena ter acreditado na educação dos meus filhos, e depois na minha... Valeu a pena porque coloco a cabeça no travesseiro sabendo que fui justa no que me propus a fazer. Tudo isso me trouxe paz. Muita gente se desespera porque está envelhecendo, mas eu sempre procurei me preparar psicologicamente para a velhice, para não sofrer por ela. Sinto que não houve tempo em que não aproveitei a vida. Aproveitar a vida é fazer as coisas que você quer e gosta. E eu fiz o que desejei! Quando eu era católica, acreditava no que fazia, mas não era meu caminho. Mas quando os caminhos mudaram e me levaram ao candomblé, um destino traçado e finalmente reconhecido. Eu encontrei a paz!

Referências

ARAÚJO, S. **Dalzira aguardando o início das atividades da Festa das Águas, em frente ao Terreiro Ylé Asé Ojugbo Ogun**. 2010a. Fotografia.

ARAÚJO, S. **Defesa de dissertação de mestrado**. 2013. Fotografia.

ARAÚJO, S. **Festa das Águas**, no Ylé. 2010b. Fotografia.

CASTILHO, C. A pioneira dos repiques. **Gazeta do Povo**, 2014. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/a-pioneira-dos-repiques-9kn2pkmbvaih71jir3mhylufi>>. Acesso em: 09 maio 2017.

IYAGUNÃ, D. M. A. **Templo religioso, natureza e os avanços tecnológicos: os saberes do candomblé na contemporaneidade**. 2013. 160 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/711>>. Acesso em: 18 set. 2016.







*Mãe Orminda: paranaense,
sambista e militante*

Maria Sara de Lima Dias



Falar sobre esta pessoa extremamente cativante e carinhosa não é difícil. A sua presença alegre é a marca da mulher negra na cultura curitibana, é a representante máxima do samba em nossa cidade¹ sendo a primeira mulher a cantar um samba-enredo na avenida.

O seu mundo subjetivo é representado por sua maneira de ver a condição de ser negra e ser mulher, ainda sendo mãe de santo e mãe do samba. É necessário estar presente para acompanhar toda a musicalidade de sua voz, que vai sendo entrelaçada com os retratos de sua experiência de vida, sua trajetória de cantora de samba e toda a sua exuberância musical.

A sua linguagem está no olhar que busca compartilhar os sentidos na troca e na relação com o outro. Para Bakhtin (2005, p. 35) a concepção de linguagem é dialógica, neste sentido: “[...] a alteridade define o ser humano, pois o outro é imprescindível para a sua concepção: é impossível pensar o homem fora das relações que o ligam ao outro”.

Sua voz forte e seu olhar atento que nos remete ao seu universo de cantora de samba e cantora da rádio. Sua linguagem ao mesmo tempo doce e suave, tenta nos explicar como uma grande capacidade de síntese, todo o contexto histórico e cultural de sua trajetória musical.

As observações que fazemos ao longo do texto são entrecortadas com as suas falas, que fundam sentidos e significados que trazem representações de seu mundo interior em sua vivência musical. Ao nos convidar a entrar em sua casa, imediatamente constrói-se uma situação discursiva, que passa a representar a intenção do falante.

Neste sentido já não somos nós mesmos, somos um pouco do outro também, daquele que se apresenta em nós. Conforme Bakhtin (2005) a intersubjetividade é anterior à subjetividade, pois a relação entre os interlocutores não apenas funda a linguagem, mas ao mesmo tempo dá sentido ao texto.

Deste modo aspectos do dialogismo interacional estão presentes na sua linguagem e dão sentido ao texto ao nos contar aspectos relevantes de sua vida, os seus gestos a acompanham com um suave balanço pelo ar, descrevendo uma dança. Seus braços e mãos e seu rosto são acolhedores e descrevem gentilezas que nos fazem sentar para só

1 “Orminda de Oliveira Rosa – conhecida como Mãe Orminda por ser a ialorixá do Ilê de Omulu, terreiro da Vila Izabel – foi a primeira mulher a cantar um samba-enredo na avenida. Tinha seus 35 anos, mas já cantava desde os 12” (PAZELLO, 2017).



ficar admirando a sua beleza. Sendo assim estamos carregando a palavra de sentido, e provocando nesse alguém alguma atitude, tornando-a, a palavra, um enunciado concreto (BAKTHIN, 2003).

Mãe Ormindá nos fala da concretude de sua vida, nos conduz para um tempo histórico onde nasceu o samba curitibano, lá podemos contemplar uma produção de subjetividade que dialeticamente é construída na relação objetiva/subjetiva com a música. Na verdade a sua fala é uma produção discursiva intersubjetiva, e demonstra também a construção de sua identidade de mulher e sambista que por vezes é representada como o seu orgulho paranaense e negra.

Quem disse que não temos negras e sambistas em nossas raízes? Quem disse que o Sul é só lugar de gente branca? É preciso registrar portanto o princípio da influência do povo negro no samba, que cria uma identidade social, multicultural e miscigenada e que por vezes se apresenta de forma extremante contraditória.

Todo o esforço do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) para realizar este registro histórico de personalidades negras e únicas, como Mãe Ormindá, é válido e validado por seu legado.

Sou Paranaense da Gema

Ormindá diz que o seu lugar de pertencimento é aquele com o qual se identifica. As questões do local de nascimento não significam necessariamente o seu pertencimento subjetivo, posto que o fato de nascer na terra de Ipiranga tem pouco sentido. Se o local de nascimento não determina a vinculação da pessoa com uma identidade é porque a terra reconhecida por ela e escolhida para ser sua cidade natal é outra. O seu nascimento de coração é Curitiba, por seu amor à cidade, vai construindo relações e se identificando com o lugar, portanto se define como uma paranaense.

Eu me apresento, Ormindá de Oliveira Rosa, eu nasci no dia 26 de dezembro de 1943, o nome do meu pai é Otávio José da Rosa e o nome da minha mãe Maria Eliza da Rosa. No meu registro de nascimento está uma cidadezinha do interior, Ipiranga, que eu nem conheço. Porque o meu pai, naquela época viajava muito. Quando ele viajava, e é por que era destacado, para as cidades daqui do Paraná; então a minha mãe ia junto. Então eu só nasci em Ipiranga, e dois dias depois eu vim para Curitiba, porque o meu pai veio para Curitiba. Era para a minha mãe poder ser atendida aqui, na época pela minha avó. Então eu me digo curitibana. Mas eu sou paranaense da gema.

A sua identidade paranaense pode ser o resultado de um longo processo de formação de uma autoimagem de todos os povos negros que habitaram o estado do Paraná. A emancipação do estado, em contraposição às outras regiões do Brasil. Nesse processo de formação da identidade paranaense, intelectuais, literatos e artistas plásticos desempenharam um papel fundamental (BATISTELLA, 2012).

Na construção da sua identidade de mulher negra, Mãe Ormindá, nos conta em uma narrativa forte, a história de sua rede social e da forma como se estabeleceram os seus laços com a cultura local. Nós somos o produto de um processo da apropriação na sociedade e cultura em que vivemos atribuímos sentidos às nossas experiências vividas. Assim nos descreve a importância de morar em um bairro de Curitiba, onde a maioria era branca e onde apesar da minoria negra conseguiu estabelecer profundas amizades.

Porque, por questões musicais e mesmo de samba, as pessoas sempre me perguntam: você não é daqui, não; você deve ser do Rio de Janeiro, ou de São Paulo, ou você é baiana; eu sempre digo não.

Eu sou daqui mesmo, eu canto samba, mas eu sou paranaense! Por que eles dizem que no Paraná não tem samba? Não é isso de não ter? É uma música mais difícil, porque no Paraná a gente não tem aquela tradição de samba.

Ao falar de sua história, demonstra o conhecimento sobre a construção de territórios musicais. E ao falar da cidade de Curitiba a descreve como uma cidade de brancos, de uma geografia de brancos, onde a muito custo e lentamente se constrói uma história de tradição no samba.

O carnaval considerado hoje festa símbolo da cultura popular brasileira no exterior, teve início entre o século XVIII e XIX com desfiles de blocos de rua e bailes em clubes. Deve-se considerar no entanto a diferença entre o carnaval curitibano e os outros: nas demais cidades houve um processo de profissionalização do carnaval e em Curitiba permaneceu como um espaço carnavalesco em um processo semiprofissional (VIACAVA, 2010).

Os carnavais do Rio de Janeiro e São Paulo se tornaram referências para o modelo de competições entre escolas de samba. O de Salvador, tornou-se referência para o carnaval de rua e de blocos. E em Curitiba houve um processo em que as escolas negociavam diretamente com a prefeitura nos anos 1950, 60 e 1970 a distribuição de recursos para as escolas. A partir da formação da Associação das escolas de samba, as escolas passaram então a contar com uma entidade mediadora. Para Viacava (2010) este processo de gestão é uma forma a mais de burocratização nas manifestações culturais, e que teve como resultado obstáculos ao desenvolvimento do carnaval em Curitiba.

Para Ormindá o samba representa uma ampla abertura ao diálogo onde busca na memória os fragmentos da história do carnaval Curitibano e seus percalços. E assim porque conhece a história como expressão da sua realidade social vivida, constrói ao longo da sua narrativa um exemplo bem-sucedido de uma vida voltada para a música.

A identidade de mulher negra e de sambista de Ormindá é possibilitada por sua luta pelo samba, uma batalha que se constrói entre os colegas e amigos da música, uma história da tradição do samba em Curitiba.

Porque a nossa influência aqui é mais branca do que negra. Não é como o Rio de Janeiro e o Norte do Brasil, aonde os negros, quando vieram como escravizados,



eles aportaram lá. E no Rio de Janeiro porque a Coroa Portuguesa veio para o Brasil, fugiu de lá porque os franceses iam invadir. E daí já trouxeram os negros. Então o Rio de Janeiro é mais negro e o norte, porque os negros chegaram primeiro lá. E aqui a influência é mais branca, mas tem negro aqui também. E tem samba. E também tem muito branco que gosta de samba.

A influência do negro na cultura musical do samba reflete o conhecimento histórico de Ormindá. Para a qual a escravidão surge com a sua distribuição geográfica ao longo do Brasil, configurando uma demografia com a maioria branca no sul. A construção de seu gosto musical na época, se reflete em sua fala, porque como ela mesma diz: – *Tem muito branco que também gosta de samba.*

A questão do gênero também afeta na musicalidade o universo feminino, apesar de que historicamente as mulheres sempre tiveram uma importância vital para o carnaval. Suas atividades profissionais, intelectuais e artísticas sempre permaneceram omissas ou invisibilizadas. A diferença na história de Ormindá é o lugar social que mulheres ocuparam no samba. Sendo a protagonista em samba enredo.

Mãe Ormindá é conhecida na cidade de Curitiba como uma grande dama do samba, e foi na realidade a **primeira intérprete feminina de samba-enredo do país**, motivo do qual se orgulha, pois naquela época, segundo ela, o lugar na mulher não era na avenida cantando samba. Foi a primeira mulher no Brasil e começou no sul racista ainda, com tudo o que isto representa.

Ela nos conta que na ocasião em Curitiba haviam perto de oitenta mil pessoas na Marechal Deodoro em 1978. E o locutor, que apresentava o carnaval, grita no microfone: – Minha nossa senhora, uma mulher! O desfile da escola de samba Dom Pedro II começa e, da avenida, ressoa uma voz feminina. O feito inédito coloca Mãe Ormindá na história do samba brasileiro (PAZELLO, 2017).

Ao resgatar a sua história de vida Ormindá, mulher negra e sambista exemplar, explica o lugar da música em sua vida a partir da influência de seu pai. Uma influência que perpassa o lar e o tempo reflete na memória o seu amor pela musicalidade:

O que acontece é o seguinte, porque o meu pai era militar, e ele tocava na banca da polícia militar. E ele fazia de tudo. Meu pai era um excelente violonista! Mas nunca ensinou os filhos a tocar o violão, porque ele dizia que, naquela época, tocar violão, pandeiro, essas coisas, era coisa de gente preguiçosa. E dizia com todas as letras... era coisa de gente vagabunda. Ele nunca ensinou os filhos a tocar. Imagina, ele tocava violão mas não queria que os filhos aprendessem. E ele queria que a gente estudasse. E a única coisa que ele não queria, é que os filhos fossem músicos. Porque ele também não era músico, ele era militar. Deus o livre...

O tempo vivido na época por mãe Ormindá é o tempo do populismo no Brasil. O convívio com a música a partir de seu pai e de outros membros da banda militar representam na sua memória também a proibição de uma carreira musical. É bem

provável que esta relação do vagabundo com o músico, é que para ser músico no país, a atividade era noturna em geral e saíam à noite para tocar e como iriam trabalhar no dia seguinte. Assim uma ideologia do trabalho como diferente da atividade artística musical ao mesmo tempo evidenciam resistências e lutas para construir uma carreira musical. Perpassaram e iluminam os sonhos na vida de uma menina que cantava desde os doze anos e nos informa ao dizer que escutava atrás da porta o pai a tocar o seu violão.

Então a gente via eles tocarem, porque um número reduzido da banda da Polícia Militar se reunia na casa dos meus pais, para acertarem o repertório e coisa e tal, para ensaiarem. Alguma tonalidade, e isso e aquilo, e com isso, eles faziam um ensaio, e a gente muito pequenininha assistia. Então naquele tempo, 1943, por aí, os pequenos não se envolviam nas conversas dos adultos.

Quando os adultos se reuniam, as crianças iam lá para fora. Então, o que é que a gente fazia...? A gente pegava uma coberta, e a sala da casa dos meus pais tinha um corredor como este meu aqui; então a gente pegava uma coberta e ficava bem esticadinho, para não aparecer a respiração para poder ouvir, e a minha mãe vinha na ponta do pé, muito devagarinho, para trazer café ou água, para servir. Mas também já saía. Porque naquela, época a mulher também não se envolvia nas conversas de homem.

A ideia de que o homem mandava e que sua autoridade era incontestável representava o lugar da mulher na vida doméstica e o papel do homem como o provedor único da família. O modo patriarcal de gerir a vida familiar negava também a presença das mulheres na música. No entanto, o gosto musical entrava na vida das crianças, uma vez que Orminda começou a cantar muito cedo.

Mulheres com mulheres, homens e homens, e crianças lá fora. Então eu, desde criança, sempre ouvi muita, muita música. Eu gostava disso e, naquela época, na minha época era Francisco Alves; quando eu era criança eu ouvia Francisco Alves, eu ouvia Carmem Miranda, Orlando Silva. Depois, bem depois, é que foi evoluindo para Dalva de Oliveira, para Ângela Maria.

Aquelas que eu me lembro da época de criança que eu gravei era a Carmem Miranda, também era a única mulher que eu me lembrava na época. Depois, só muito mais tarde, Elizete Cardoso. Mas eram mais homens, Orlando Silva, Silvia Caldas, eram mais os cantores na época.

Importante notar que qualquer expressão musical feminina era vista como um problema familiar assim só com muito enfrentamento e muito lentamente é que as primeiras mulheres vão fazer sucesso como protagonistas no rádio no Brasil, caso exemplar de Orminda.

A nossa infância a gente morava aqui, tem a casa ainda, o meu irmão faleceu há uns quatro anos. Mas as minhas sobrinhas moram ainda ali. Na Água Verde, na casa que, quando eu vim do interior a gente morava, na mesma casa ali na



Petit Carneiro, hoje Petit Carneiro, n. 290. Esquina com a Ângela Sampaio, daí a Coronel Dulcídio e daí os Portões do Atlético.

A sua narrativa nos coloca frente a ideia de uma família musical que migra para a capital do estado do Paraná certamente não ocorreu sem conflitos. Mas a memória perpassa os lugares onde as relações de proximidade e vizinhança se estabelecem, formalizando certa democracia racial e de certa democracia musical. Mãe Ormindina nos faz lembrar que a escola faz a mediação da criança com o mundo adulto e também com o mundo das artes e da música.

Na escola eu tinha contato com a música, porque tinha aula, tinha matéria, eu tinha aula de música. Então eu também fazia parte do coral da escola assim, nada a ver com samba. Mas com música, como qualquer outra criança. Eu estudei no Instituto de Educação, e eu estudei no Colégio Estadual, mas no Colégio Estadual eu fiquei apenas dois anos, porque depois eu fui para o Instituto de Educação do Paraná. E naquela época era o científico: ou você fazia o científico ou você fazia o curso de normalista, para você virar professora. Mas eu queria ser advogada, então eu fiz o científico ali, e depois eu fui para o Colégio Iguazu. Fiz o vestibular para Direito, eu passei, mas no primeiro ano eu tive dificuldade. Tive dificuldade financeira para poder cursar, e daí também eu me casei e tranquei a matrícula. Ficou só pelos seis meses, e depois com os filhos eu não voltei.

Ao longo de sua trajetória de vida existem rompimentos, rupturas e o desejo de cursar uma faculdade é interrompido temporariamente em função dos filhos. Mas Ormindina constrói novos sentidos e significados para a sua vida, que é o de ser esposa, mãe e mulher e aponta algumas dificuldades financeiras neste processo.

Sobre a Condição do Negro na Escola

A escola reflete uma ideologia e uma crença na democracia própria daquela época, assim os significados se constroem no coletivo, e se particularizam na subjetividade, dando sentido a experiência subjetiva do sujeito. Portanto refletindo também em sua linguagem o discurso da musicista.

Olha, para mim nunca foi difícil. O pai, meu pai era militar, então eu não tive uma infância difícil, nós todos estudávamos. Eu não me formei porque não lutei, porque não quis, porque facilitei, todos nós, todos os meus irmãos. Então eu tive uma infância boa. Eu não tive assim problema.

A subjetividade da cantora é constituída na sua relação com o mundo social, de forma que a subjetividade social perpassa a individual. Existe uma inclusão social da pessoa negra a partir da sua perspectiva de mundo, que se dá entremeada pela discriminação racial. A escola e suas intersubjetividades não permitiam aos sujeitos enxergar as ações de resistência política no movimento negro daqueles primeiros tempos.

Houve na trajetória da adolescência de Ormindina uma grande integração com a sociedade curitibana, mas a questão racial estava presente de modo subliminar.

Ali da minha rua eu me lembro, nós éramos a única família de negros ali. Mas na Rua Bento Viana, tínhamos o Tatu, o Edegar e a Marli, e ele era o Presidente do Operário. E a Mercedes, o Laurinho, então tinha outra família negra ali, perto da minha casa.

As relações do sujeito com o espaço vivido, vem demonstrar os limites da condição do negro na sociedade curitibana, poucos eram os que habitavam os bairros nobres da cidade. Ormindá distingue em seu discurso os locais de moradia e as relações sociais que se estabelecem naquela época.

Sobre a Ocupação com a Cultura do Povo Negro

Mãe Ormindá se envolveu com a cultura negra a partir da sua musicalidade e do sincretismo religioso ao longo de sua vida. Todos os sentidos e significados atribuídos à sua experiência de cantora e de religiosa foram vivenciados em comunidade. As suas experiências concretas de vida se relacionam com o cantar e com a letra, a música e a melodia entretecidos em seus lugares de pertencimento.

Fui católica apostólica romana, eu fiz primeira comunhão, tudo. Então, por causa disso, na época do catecismo, a gente frequentava o catecismo. E daí, como a gente frequentava o catecismo e daí as minhas amigas e colegas de turma. Uma das mães destas colegas, ela levava a filha para ir na Rádio Guairacá, num programa infantil que tinha das nove ao meio dia, e a Marli ia cantar e a mãe dela a levava. Então, depois do catecismo, tinha a missa das dez horas, e daí a gente ia lá para a Marli cantar, porque a gente fazia parte do coral da igreja, e daí eu ia também, então ela subia no palco para cantar. E eu também ia cantar, foi a primeira vez. Ali foi a primeira vez que subi num palco para cantar com uns 9 ou 10 ou 11 anos.

A religiosidade permite pontes e laços de solidariedade para que Ormindá ocupe o palco pela primeira vez. É na comunidade curitibana e no coral da igreja que ela sobe o palco para cantar.

Eu tinha uma voz bem grave, não bem contralto, assim porque eu cantava a parte mais grave das músicas que a gente cantava na igreja. E também porque eu ouvia com o meu pai aqueles discos e coisa e tal. Quando a gente saía do coral, a gente fazia uma brincadeira ali e ficava cantando.

Assim mãe Ormindá passa a construir uma carreira de cantora, que nasce de um processo de identificação paterna.

Daí eu fui mais para a questão da negritude, no envolvimento com o movimento do negro. Por causa do meu irmão que ficou doente.

Ele ficou muito doente e naquela época ele teve..., hoje é um estresse e isso e aquilo, naquela época era um problema mental. E daí o meu pai levava ele no psiquiatra. Hoje é psicólogo, mas naquela época era psiquiatra.



Todos os esforços familiares foram rapidamente articulados para dar suporte ao irmão com problema de saúde. Assim se formaram redes de apoio e de fortalecimento comunitário, e neste momento Ormindá passa por um momento de transição da religião espírita até se identificar com o candomblé.

Mãe Ormindá é também conhecida na comunidade como Ialorixá² que é filha de Omulu³ e senhora do Ilê⁴ de Omulu, terreiro⁵ histórico da Vila Izabel.

É daí meu pai levou ele no psiquiatra, e ele foi para o Bom Retiro⁶ e ficou internado lá. E daí o meu pai conheceu um médico, que era o Dr. Mário, me parece o nome dele. E ele chamou o meu pai, que era então major da Polícia Militar. Chamou o meu pai e disse: – Major... o Darci – que é o nome do meu irmão – ele não tem nada, o problema dele é espiritual, o senhor leve ele num centro para ver o que ele tem.

O meu irmão naquela época já era militar, ele largou da farda, ele fez um concurso e passou a ser funcionário público.

A sua interação entre os interlocutores é fundamental e ela nos comunica com uma velocidade de quem não tem nada a esconder, toda uma trajetória de vida, de luta e sofrimento onde a espontaneidade e a busca por respostas é sua marca singular.

O enlaço dos sentidos produzidos sobre o processo de cura que estava em curso com o tratamento de seu irmão se entrelaçam com o seu sorriso amplo. A sua fala nos ilumina com significados profundos que por vezes contraditórios sobre a umbanda, sua fé e sua religiosidade.

É daí o meu pai tirou ele de lá e nós passamos a frequentar o centro de mesa⁷ do Dr. Leocádio Correia. Então, eu passei a acreditar, porque o meu irmão foi curado, nunca mais ele teve estas crises. E daí a entidade, o espírito que desceu, disse que nós tínhamos que levar ele em um trabalho mais forte. Aí nós todos fomos. Mas disse que tinha que ir todo mundo, daí todos nós fomos. E começamos a seguir a umbanda, por causa deste trabalho espiritual com o meu irmão, porque ele curou-se ali e eu passei a acreditar.

2 Designação dada a sacerdotisa nas religiões de matrizes africanas candomblé impropriamente conhecida de mãe de santo ou mãe de orixá. As mães de orixás que tem casa aberta de candomblé, chama-se ialorixá, suas atribuições são cuidar e zelar pelos orixás dos filhos que frequentam a casa de candomblé, inclusive iniciá-los.

3 Orixá de umbanda sagrada, trabalha na linha de Obaluaíê é o Senhor do conhecimento e também da cura.

4 Casa, residência, moradia, cafofo.

5 Casa religiosa de cura espiritual que pratica o bem e o amor ao próximo, com referência **Olorum Deus** e sua manifestação dos orixás através de guia de luz, o terreiro de umbanda é denominado **casa que recebe luz** ou **casa dos orixás**.

6 Hospital Psiquiátrico Bom Retiro, em Curitiba. O hospital funcionou no mesmo prédio durante 67 anos. Em outubro, houve uma tentativa de demolir o edifício, mas moradores se colocaram contra a ação. A história do local se mistura com a da comunidade que vive no entorno. O bairro Bom Retiro recebeu esse nome devido à presença do hospital.

7 A mesa branca é um ritual de prática de mediunidade espiritualista desenvolvida a partir das orientações de um ou mais guias espirituais que cuidam dos trabalhos da casa.

Mãe Orminda é uma pessoa de fé e destaque quando se fala em samba no Paraná, pela sua participação ativa em muitos dos eventos destinados a incentivar o gosto pela música popular brasileira em nosso estado. Mais uma vez, o trabalho da artista se efetua nas fronteiras da vida interior, no ponto em que a sua subjetividade está inteiramente voltada (se volta) para fora.

Eu entrei nos trabalhos de umbanda⁸, que tem a corrente; e eu sentava ali e ficava batendo palma e cantando. Daí a entidade disse, porque ela não vem para aqui para ajudar a corrente. Daí eu fui para lá para cantar e já virei curimba⁹ e fui cantando e cantando. Cantando, cantando e ajudando. Eu já fui ajudando assim porque, naquela época, tinha a festa de Cosme e Damião, eles juntavam roupas e tudo para distribuir para as crianças. E a gente já ia assim nos bairros mais pobres entregar. A gente arrecadava doces e tudo então.

Entretanto convém lembrar que no processo de construção de uma identidade religiosa havia uma problemática do sintecritismo com a religião cristã que na realidade representava o enfrentamento.

Naquela época o meu irmão era funcionário público, mas também era músico. Era músico da orquestra Guarani. Daí nós íamos no baile do Clube Operário, o meu irmão, também, era sócio. Aliás, o meu pai era sócio da Sociedade Internacional Água Verde. Então nós frequentávamos lá, e o meu irmão era sócio da sociedade Dom Pedro II, então nós frequentávamos ali. E nós íamos dançar, e no Operário nós íamos no Baile de aniversário do Operário, que era dia 28 de janeiro, iam as famílias todas de Curitiba, os operários, os ferroviários, os militares, todos íamos e nós íamos juntos.

O desenvolvimento da comunicação em massa e os programas de rádios tinham uma característica diferente que recebiam artistas em contos infantis, histórias de crianças, horários religiosos, rádio novelas e rádio teatro. Desde que foi fundada, em 1924, a Rádio Clube foi a única emissora de Curitiba durante mais de duas décadas. Somente a partir de 1946 é que começam a aparecer outras emissoras.

No início de 1955, Orminda começa a sua carreira se apresentando em programas radiofônicos infantis e de calouros em nossa cidade. Para Batistela (2013) ao se instalarem em Curitiba, os imigrantes contribuíam para alterar os hábitos da cidade e cada etnia procurou organizar uma série de instituições – clubes, igrejas, escolas e associações políticas e artístico-culturais. O início foi na antiga Rádio Guairacá, em um tempo em que o rádio se impunha como o principal veículo de comunicação demassas. Escondida do pai, aos 15 anos já era nome conhecido entre os calouros da PRB-2, primeira rádio do Paraná (PAZELLO, 2017).

8 Umbanda: religião nascida no Rio de Janeiro, entre o fim do século XIX e o início do século XX, que originalmente congeminava elementos espíritas e bantos, estes já plasmados sobre elementos jeje-iorubas, e hoje apresenta-se segmentada em variados cultos caracterizados por influências muito diversas (por exemplo, indigenistas, catolicistas, esotéricas, cabalísticas etc.).

9 Conjunto de instrumentos musicais do terreiro. Os instrumentos que compõe uma curimba pode ser atabaques, tambor, agogôs, chocalhos, berimbau, violões, etc. Curimba é a orquestra de um terreiro.



E lá foi que eu comecei a cantar, porque esta Orquestra Guarani tinha um conjunto. Porque eu já cantava com o meu irmão. Daí, quando era esta orquestra, eu subia para cantar. E aí que eu fui descobrir o samba. Ele era músico, mas era uma orquestra, tinham as músicas de orquestra. Mas o conjunto é que tocava samba, daí nesta época eu já cantava, e cantava Elza Soares: – Se acaso você chegasse no meu chatô e encontrasse aquela mulher, que você deixou: será que tinha coragem de trocar nossa amizade, por ela que já lhe abandonou...? Daí eu cantava estas músicas.

A primeira mulher do Brasil a puxar um samba-enredo é curitibana. Coube a Mãe Ormindá, moradora do Santa Quitéria, a proeza de desbancar Clara Nunes, conforme anuncia o Jornal Gazeta do Povo, no dia 21 de janeiro de 2014. Mas o noticiário se engana ao afirmar que Mãe Ormindá está aposentada da folia porque ela gosta de nos lembrar que ainda canta e que pode ser encontrada mesmo aos 72 anos a cantar o samba nas casas de Curitiba.

Nos carnavais, a concentração das escolas de samba acontecia na Rua Barão do Rio Branco, pouco depois da esquina com a José Loureiro, centro de Curitiba. Os grupos ganhavam o que restava da Marechal Deodoro, antes que ela virasse a Rua Emiliano Perneta. O trajeto até o Instituto de Educação, marco do fim do desfile, era de 600 metros. Mãe Ormindá se permitia cantar enquanto protegia a voz com um costureiro drink à base de Bacardi, mel, limão e gelo para **esquentar a garganta**.

E eu já estava em centro de umbanda, mas eu ia no centro de umbanda por causa do meu irmão. Porque eu era católica, da gota, eu sei rezar e tudo direitinho. Eu me criei lá na igreja católica. Mas na umbanda eles curaram o meu irmão, eu gostava da umbanda também, então eu respeito as duas.

Os negros eram cristianizados e isto resultou em uma situação de conflito entre as crenças do povo negro e dos brancos. Segundo Verger (2012) no novo Mundo, os conquistadores espanhóis e os bandeirantes portugueses (aos quais mais tarde, se juntaram os colonos ingleses, franceses e holandeses) cristianizavam os índios, para a salvação de suas almas, como era devido, e procuravam fazê-los trabalhar em suas fazendas, engenhos e minas.

Na história de samba a alcunha de mãe Ormindá surge depois de casada e com filhos, resultando em uma consequência ser a mão de muitos músicos.

O meu filho foi cantar. Foi tocar, porque ele é músico e mora na Suíça hoje. Daí eu fui assistir ele a tocar, e falei: – Oi um beijo da mãe. E daí os amigos falaram oi mãe, oi mãe!

É difícil avaliar o impacto singular na coletividade do samba de mãe Ormindá, mas a sua fala da forma como é contada a história nos esclarece, com toda a sua clareza que era a mãe de todos. Reunindo um número grande de compositores e músicos que fazem parte dos ensaios e assim Curitiba e o Paraná tomaram conhecimento da

mãe Orminda, segundo sua narrativa tudo ocorreu também por grande influência do Claudio Ribeiro.

Claudio Ribeiro¹⁰ é um dos nossos apresentadores aqui. Ele é advogado, é compositor e é jornalista. E na época era ele que estava apresentando as escolas de samba na avenida. Daí eu vim puxando o samba, da Escola de Samba Dom Pedro II..., e, quando a escola avançou, quer dizer, quando a escola foi avisada para sair, o responsável pela pista que vai preparar levar os microfones e tudo, ligar os carros de som e tudo, foi e disse assim para mim: – Olha, a hora que eu te avisar, eu passo o microfone na tua mão, e tudo o que você disser, até mesmo a tua respiração vai direto para a avenida. Eu disse para ele que era a primeira vez que eu iria cantar na avenida. Era a primeira vez que eu iria sair cantando o samba, porque eu só tinha desfilado na escola. Mas não cantando o samba. Na verdade eu fui para ajudar o meu sobrinho que era da bateria do Dom Pedro II.

E ele disse: – Orminda vá lá, por favor, cantar, para ver se eu consigo dar ritmo naquela bateria, pelo amor de Deus.

A palavra de mãe Orminda, é uma canção sobre o samba, explica como alguém que já cantava desde pequenina tornou-se também a primeira mulher a puxar um samba. Em sua oração pura e simples, Orminda suscita uma atitude de resposta por parte do outro, a necessidade de desfilar, a família e os amigos estão fortemente presentes nesse contexto.

Então eu tinha ido lá para ajudar ele. E eu fui mais nos ensaios. Quando a escola avançou e foi, não fui preparada para sair. Mas ele disse: – Ah, vá cantando qualquer coisa lá, pelo amor de Deus, para agora não perder o ritmo na avenida. E eu disse: – Meu Deus! Meu Deus do céu, tá bom eu vou! E daí, como a minha família toda ia sair, as filhas do meu irmão, até o meu irmão.

O povo branco não tinha lá muito ritmo e, portanto, no plano de sua imaginação começa a desejar o desejo de que sua família e seus amigos que iriam desfilar tivessem o sucesso na avenida.

Ele ia desfilar na comissão de frente, e o meu sobrinho era o mestre da bateria. Eu falei, então vamos juntos, os meus filhos também foram, todo mundo foi. Daí tá chegando lá, eu disse, oh, começa a batucar aí, que depois que a bateria esquentar eu começo a cantar. Daí o cara avisou, e nós começamos, e eu até fiz uma música. E na hora eu gritei assim: – Dom Pedro II, agora é a hora! Vamos para a avenida, vamos para ganhar este carnaval. Daí eu cantei assim, a Dom Pedro na avenida é o meu povo a cantar. A Dom Pedro

10 Jornalista, radialista, escritor e compositor. Integrante da **Ala de compositores** da Estação Primeira de Mangueira. Fundou com Ricardo Cravo Albin e Aramis Millarch a Associação Brasileira de Pesquisadores da música popular brasileira (MPB) no ano de 1975. Entre os anos de 1980 e 1987, idealizou, coordenou e apresentou diversos projetos e eventos na área musical da Secretaria de Estado da Cultura (SEEC) do Paraná. Coordenou, compôs sambas de enredo e apresentou por mais de 20 anos o Carnaval de Curitiba, sendo autor livro *Samba e resiste quem pode: história do carnaval curitibano*. Também já foi presidente da Associação das Escolas de Samba e Blocos Carnavalescos de Curitiba. Em parceria é autor dos seis últimos sambas de enredo da Escola de Samba Filhos da Capela de Antonina. Fez parcerias lendárias com Cartola, Claudionor Cruz e Waltel Branco.



na Avenida faz o meu povo sambar. Isso ecoou assim na Marechal, até quase lá embaixo onde estava o Colégio Santa Maria, a gente se concentrava lá. E daí a bateria veio com tudo, e eu cantando e coisa e tal; e eu vim cantando mas eu não sabia da importância daquilo.

Assim é o término de uma época em que a mulher era um elemento a mais no samba, agora ela vai cantar e até compor a sua primeira música no instante em que a bateria começa a esquentar. Mesmo sem ter consciência da importância do seu ato, a concentração, a bateria e o canto, a avenida representa o povo a cantar e a sambar.

Aquilo para mim era uma coisa, para mim era um ensaio, quando nós atravessamos a Barão do Rio Branco que a gente ia entrar na Marechal, todo sequeto do rei Momo e das princesas, e tudo e inclusive o Claudio Ribeiro, gritou na avenida. Eu não acredito, uma mulher puxando o samba na avenida. Nada mais nada menos do que Mãe Orminda...! E daí o povo todo levantou para ver, uma mulher cantando samba, e todo mundo levantado aplaudia. Aquilo foi uma festa, uma coisa, uma loucura! E daí, por causa daquilo, eu fui pro Rio de Janeiro, cantar lá na Portela, fui cantar no Salgueiro. Que o Neil, que era o presidente das escolas de Samba do Rio de Janeiro, me levou, e daí eles fizeram um estudo e descobriram que eu fui a primeira mulher a puxar samba-enredo na avenida. E daí ficou Mãe Orminda, Mãe Orminda é para tudo. É Mãe Orminda por causa do Samba, é Mãe Orminda porque eu sou de candomblé¹¹, sou ialorixá¹², é Mãe Orminda e daí já ficou Mãe Orminda, também por causa da idade daí, porque eu sou a mãe do Samba. Então eu tenho assim uma liberdade, assim sabe, que eu gosto da minha cidade eu gosto daqui. E isto é coisa de Curitiba! Eu gosto de ser mãe Orminda!

Toda vivência interior da mãe Orminda tem a ver com o levar a alegria ao samba, cantar em Curitiba e depois no Rio de Janeiro na Portela e no Salgueiro. A sua alegria é puxar o samba enredo, e, finalmente descobre a orientação de vida para o cantar. Essa vivência do samba também é possibilitada pelo fato de ser funcionária pública aposentada, poder cantar se reflete em seu rosto, na expressão do seu olhar.

Além disso tudo eu sou policial, sou escritã de polícia, aposentada. Com dezoito anos eu entrei no serviço público, e aquela época era departamento estadual de serviço público e este departamento era vinculado à Secretaria de Obras Públicas; daí eu, com vinte e poucos anos, eu me casei e tive três filhos. Com trinta e poucos anos, o meu marido faleceu, e eu fiquei só com o meu ordenado e três filhos, na época eu trabalhava no palácio do governo.

11 Religião animista, original da região das atuais Nigéria e Benin, trazida para o Brasil por africanos escravizados e aqui estabelecida, na qual sacerdotes e adeptos encenam, em cerimônias públicas e privadas, uma convivência com forças da natureza e ancestrais.

12 Iyá, na língua yorubá, significa mãe: (pronuncia iá) a junção iaiá ou yayá significa **mamãe**, forma carinhosa de falar com a mãe, ou com a senhora da fazenda, muito usada pelos escravos. É uma palavra utilizada em muitos segmentos das religiões afro-brasileiras, principalmente no candomblé. Pode ser usado antes de uma palavra, como é o caso de *iyabassê* ou *iyá-bassê*, *Iyá Kekerê*, *iyalorixá*, *Iyá Nassô*, como pode se usar a palavra para se referir às *Iyámi* (minha mãe), também chamadas de *Iyami-Ajé* (minha mãe feiticeira) ou *Iyami Agbá* (minha mãe anciã).

E o governador era Paulo Pimentel. Eu trabalhava na vice-governança, quase que dá acesso à área governamental, eu trabalhava com o Dr. Hélio Groteman, então, só que daí eu ganhava o meu ordenado e a comissão.

Graças ao contexto de sua vida no trabalho consegue trabalhar e manter a sua posição como musicista e mãe de santo.

Mas eu preferi de escrivã para não ter que ir para a rua como agente, e eu com filho, E consegui tudo o que eu tenho, também com o meu trabalho e com o samba. Eu me aposentei, mas ainda estou cantando toda sexta-feira no Corel, na Universal e na feijoada. Eu cantei sete anos no Alice Bar, eu cantei no Vilarino, eu cantei no Operário, eu cantei no Círculo Militar, no Thalia, no Chocolate Chic, em tudo que é lugar eu canto. Eu montei uma banda minha, grupo musical Divina Luz! E foi um sucesso.

Assim Ormindá encontraria a coerência entre o fazer a música, desempenhar o seu trabalho como escritã e criar os seus filhos. O tempo de trabalho e a aposentaria não a impediram de continuar com a vivência na música. A partir da posição que hoje ocupa no circuito cultural de Curitiba, conseguiu ter sucesso.

Eu acho importante o que eles já estão fazendo. Que é se gostar. E ser negro, mas sem aquela diferenciação. A sua autoestima não quer dizer você querer entrar em uma competição para ser igual ou melhor. É simplesmente ser, a tua autoestima é ser você mesma e se aceitar. E lutar e ajudar as causas, ajudar os seus irmãos da sua comunidade. Aqueles que tenham menos recursos em termos de poder aquisitivo. Poder ajudar. Estudar muito! E agradecer a Deus de estar vivo. Agradecer a Deus! E respeitar o seu próximo, respeitar a si mesmo, e ajudar de todas as formas. Sem olhar a cor, sem olhar a cor de pele, se um é vermelho, se é azul, se é isso ou aquilo. Então tem que partir de si próprio, de sua autoestima própria, e também respeitar o outro. E respeitar a opinião do outro, ninguém é obrigado a concordar com aquilo que você diz.

Ormindá situa a importância da autoestima na construção de sua subjetividade. A questão da religiosidade permanece em respeitar o seu próximo e respeitar a si mesma.

É lógico que tem o dia 20 de novembro, o Dia da Consciência Negra, porque, porque o Zumbi dos Palmares morreu lutando para que os negros fossem libertados. Mas não é só o negro que é escravo, é aquele hoje em dia que tem menos poder aquisitivo. É este que é o escravo. Porque se tiver o negro bem-sucedido, ninguém fecha a porta para você. Mas se você não tiver um poder aquisitivo e não estiver bem financeiramente, você é discriminado, independente da tua cor. Com certeza. Eu tenho certeza absoluta que a juventude tem que estudar. O estudo, olha, este ministro lá, o Joaquim Barbosa, ele lembra que tinha uma mesa, uma cadeira e uma cama... e só. Ele foi engraxate e tudo conseguiu pelo estudo. Então tem que estudar, se você quiser você consegue. Estudando, as coisas ficam mais fáceis, o conhecimento abre as portas para você.



Uma mulher firme e sábia, que dedicou a sua vida a ser feliz e que tem defendido a todos os fracos e oprimidos ao longo de sua trajetória. Reconhecer o papel histórico de sua presença na cidade de Curitiba e no estado do Paraná, é afirmar que nós temos uma cultura musical, que temos direito à presença desta mulher negra, sábia e justa, que soube cuidar de si mesma e de todos à sua volta.

Perguntamos à Mãe Ormindá qual a música que marcou a sua vida e que fala alguma coisa para ela. Nos respondeu:

Eu tenho várias músicas, que eu gosto, mas uma música que sempre pedem para mim..., sempre pedem para mim: – Cante uma música que você goste. E eu canto uma música, que ela é atual, mas eu acho que é pela situação que a gente está vivendo hoje. Eu gosto muito desta música. Pecado Capital é o nome da música, do Paulinho da Viola.

E canta (música Pecado capital de Paulinho da Viola):

Dinheiro na mão é vendaval

É vendaval!

Na vida de um sonhador

De um sonhador!

Quanta gente aí se engana

E cai da cama

Com toda a ilusão que sonhou

E a grandeza se desfaz

Quando a solidão é mais

Alguém já falou...

Mas é preciso viver

E viver

Não é brincadeira não

Quando o jeito é se virar

Cada um trata de si

Irmão desconhece irmão

E aí!

Dinheiro na mão é vendaval

Dinheiro na mão é solução

E solidão!

Dinheiro na mão é vendaval

Dinheiro na mão é solução

E solidão!

*Dinheiro na mão é vendaval
É vendaval!*

*Na vida de um sonhador
De um sonhador!*

*Quanta gente ai se engana
E cai da cama*

*Com toda a ilusão que sonhou
E a grandeza se desfaz*

*Quando a solidão é mais
Alguém já falou...*

*Mas é preciso viver
E viver*

*Não é brincadeira não
Quando o jeito é se virar*

*Cada um trata de si
Irmão desconhece irmão
E ai!*

*Dinheiro na mão é vendaval
Dinheiro na mão é solução*

E solidão!

*Dinheiro na mão é vendaval
Dinheiro na mão é solução*

E solidão!

E solidão! E solidão!

E solidão! E solidão!

E solidão! E solidão!

É uma música que eu gosto tremendamente!

Considerações Finais

A importância de Ormindá retrata o histórico do samba em nossa cidade. As suas lembranças de família e infância remontam a influência do pai militar e músico, em seu





interesse pelo canto. A consciência de ser pessoa negra se deu ao longo de sua trajetória de lutas pela comunidade e pela saúde de seu amado irmão. Representou também a crença em outro tipo de realidade e a aproximação com o terreiro e seu consequente envolvimento com a comunidade. Além do conhecimento dos orixás e sua formação como mãe de santo e mãe do samba.

O momento da família envolvida no processo de saúde e doença do irmão, significam uma mudança de lugar social na qual passa a se ocupar dos valores e da cultura do povo negro. Os tambores e a musicalidade do terreiro, as pessoas que necessitavam de ajuda, os conhecimentos no campo da cura e os significados daqueles rituais. Sua religiosidade se relaciona diretamente também com a música e com as crenças e divertimentos do povo negro. Como mãe de santo e rodeada por seus auxiliares, os atabaques, transmitem a divindade na religião, que afeta a consciência e lhe infunde uma nova forma de ver o mundo. Agora Ormindá é mãe de santo e também a mãe do samba. Sendo representada como aquela capaz de se envolver com a luta do povo, o seu conselho para a juventude negra é lutar por seus direitos, e estudar. Aproveitar as oportunidades de aprendizagem sem deixar de considerar também a música como um caminho profissional de realização pessoal.

Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. **Dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.
- BATISTELLA, A. O paranismo e a invenção da identidade paraense. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, Dourados, v. 6, n. 11, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/viewFile/1874/1044>>. Acesso em: 01 ago. 2018.
- CASTILHO, C. A pioneira dos repiques. **Gazeta do Povo**, 2014. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/a-pioneira-dos-repiques-9kn2pkmbvaih71j3rmhylufi>>. Acesso em: 09 maio 2017.
- PAZELLO, R. P. **Axé, Mãe Ormindá do samba curitibano!** 2017. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/03/18/axe-mae-orminda-do-samba-curitibano/>>. Acesso em: 01 ago. 2018.
- VERGER, P. **Notas sobre o culto aos orixás e voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na antiga costa dos escravos, na África**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2012.
- VIACAVA, V. M. R. **Samba quente, asfalto frio: uma etnografia entre as escolas de samba de Curitiba**. 2010. 205 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/25512/dissertacao_vanessaviacava_sambaquente.pdf?sequence=1>. Acesso em: 01 ago. 2018.



*Almira Maciel: o caminho da
construção de uma identidade
militante*

Elena Camargo Shizuno



Estamos ameaçados de esquecimento, e um tal olvido – pondo inteiramente de parte os conteúdos que se poderiam perder – significaria que, humanamente falando, nos teríamos privado de uma dimensão de profundidade na existência humana. Pois memória e profundidade são o mesmo, ou antes, a profundidade não pode ser alcançada pelo homem a não ser através da recordação (ARENDETT, 2001, p. 18).

Almira Maria Maciel recebeu o nome das suas duas avós: Almira, avó materna, e Maria, avó paterna. Nasceu em Paranaguá, no estado do Paraná, no dia 13 de outubro de 1947.

Passou a morar em Curitiba em 1955, com 8 anos de idade, pois o pai, militar, era transferido constantemente. Sua primeira formação foi no magistério. Estudou no Instituto de Educação do Paraná, onde concluiu seu curso na escola normal, em 1966, mesmo ano em que a mãe faleceu, aos 40 anos de idade. Sendo a filha mais velha, acabou, em certa medida, assumindo os cuidados daquela organização familiar, composta de outros irmãos menores e de uma irmã bem pequena ainda, com 6 anos de idade.

Em 1969, aos 21 anos, se casou, e, no ano seguinte, nasceu sua primeira filha. Depois, teve mais dois filhos homens. Entre 1970 e 1974, permaneceu organizando sua vida pessoal e familiar. Começou a trabalhar em 1972, numa agência de consignações onde, à época, o seu marido também trabalhava. Em 1973, aprovada em concurso da prefeitura, iniciou sua carreira profissional na rede municipal de ensino de Curitiba, na Escola Monteiro Lobato, na Vila Nossa Senhora da Luz. Trabalhou nessa escola por dois anos, até se transferir para a escola Maria Clara, onde permaneceu por 13 anos.

Almira é filha de famílias materna e paterna miscigenadas. Seu avô paterno era paraibano, de origem negra. O seu pai, migrante nordestino, perdeu o pai muito cedo, e entrou para o exército aos 18 anos. A característica cultural, na família da sua mãe, é muito marcante, seja na culinária, nas feijoadas, seja no samba, com primos aficionados, com conjuntos e instrumentos. Na casa do seu avô materno, tinha todo tipo de instrumento. Em suas lembranças de infância, estão as caranguejadas em Paranaguá, embaixo do pé de abacate, e o samba. Segundo Almira:



Isso, ainda hoje, me emociona, quando eu lembro, porque acaba se perdendo um pouco na história. Muitos deles já nem (estão) vivos, nem tios, nem primos. Já não estão mais vivos. Então, essa relação com o gosto pelo samba também era incentivada pelo meu pai. A gente aprendeu a dançar com meu pai, em casa, que gostava muito de música, de samba. Foi com ele que eu conheci Dorival Caymmi, que eu conheci outros cantores da época. O gosto por Cauby Peixoto, depois, por Ângela Maria. Enfim, essa música brasileira era muito forte em toda a minha casa. E os internacionais também: The Platters, no final de 50, início de 60, etc. Então, a música era uma característica muito forte dentro da minha casa.

Suas grandes referências familiares – o pai e a mãe – são destaques em suas memórias, em seus ensinamentos, sua visão de mundo, seus referenciais morais e éticos liberais, principalmente na questão das condutas padrões para uma mulher de sua época e na política, entre outras. As percepções sobre sua criação são reelaboradas ao longo de sua formação, principalmente a partir do momento em que se tornou professora. Lembranças marcantes em suas memórias foram os momentos de ensinamentos de matemática que o pai lhe proporcionava:

É a minha grande referência. Eu me lembro, uma vez, eu dizendo assim, em casa: – Ah, homem nenhum presta! E ele olhava para mim e dizia: – O seu pai é um homem. Você está dizendo que o seu pai não presta? Sabe, ele vai direto no fígado! Eu disse: – Puxa vida, meu pai é um homem...

Equidade profissional entre os sexos, incentivo aos estudos e trabalho igual nas tarefas domésticas foram aprendizados que, segundo Almira, a levaram a perceber que o seu feminismo foi construído a partir de suas relações familiares, principalmente por intermédio de seu pai e de sua mãe, uma **mulher de posição**.

Outra grande referência em sua vida foi a sua professora no ensino primário (atualmente, ensino fundamental). Seu nome era Iracema. Era uma mulher negra, alta, de cabelo grisalho, que usava batom vermelho. No seu entender, uma pessoa **dura**, mas que a valorizava.

Nossa! Eu me identifiquei muito com ela! Eu me lembro até da data de aniversário dela! Ela fazia aniversário no dia 20 de janeiro (dia da fundação do Rio de Janeiro). Eu associei essas coisas, né? Para mim, ela era uma pessoa linda! E aquela coisa da força dela, sabe... E ela sabia o que dizia, o que ela punha naquele quadro, o que ela ensinava, o que ela explicava. Ela tinha autoridade. Todo mundo tinha pavor dela, morriam de medo. Sabe, a sensação que eu tenho, hoje, é que ela me empoderou, numa certa medida.

Em sua família, houve o incentivo para que entrasse na faculdade, após o curso normal. Mas Almira relutara, ante a sua suposta incompetência para tal empreitada, o que a fez refletir sobre a possibilidade de inserção no mundo acadêmico, as lutas políticas, no panorama da década de 1960, e a ditadura militar. Almira se casou e, naquele momento, não cursou a faculdade. Sobre este momento da história do Brasil, se lembrou do envolvimento dos familiares e amigos em discussões privadas, em defesas

sobre a resistência estudantil, bem como de embates em que posições favoráveis se pronunciavam e turbulentas discussões eram travadas. Muito jovem, relembrou-se Almira, usava minissaia (arrojada para a época), e sua irmã uma **boina do Che Guevara**.

Após o casamento, em 1973, se mudou, com a família, para o bairro do Xaxim, em Curitiba. Foi quando as comunidades eclesiais de base (CEBS) começaram a se organizar neste bairro. Almira retomou, então, o debate e a sua formação política, assim como iniciou uma reflexão sobre a questão da identidade étnico-racial, que percebia pouco expressa em sua família:

Eu percebo, de forma empírica, digamos... Porque eu era diferente dessa minha outra irmã, então eu percebia essa relação... Ela tinha o cabelo bem liso e a tez bem mais clara. Só o meu irmão é que é mais parecido comigo, a tez, a cor. E meu pai sempre dizia: – Você, com essa tua corzinha de cuia... Então, eu notava que eu tinha essa diferença em relação a outros primos. E eu via minhas tias, eu via primas do meu pai... – como é que a gente pode dizer? –... com a melanina bem acentuada. Uma irmã do meu pai, ela tinha a pele completamente negra, o cabelo... Os filhos dela, meus primos ... Então, eu percebi isso ainda em criança. Então eu comecei a perceber essas relações, mas não sabia, não encontrava explicação. Mesmo durante o período da escola, nunca vi isso, nunca, nenhuma relação a isso na história. Na prática, eu vivi um momento de agressão quando eu fui pro ginásio. Primeiro dia de aula no Instituto de Educação, eu chego cedo e sento na primeira carteira, e as meninas começam a chegar. O Instituto de Educação era só de meninas, era um período que as escolas eram separadas... E eu estou sentada, entra uma menina, joga a bolsa dela em cima da mesa e diz: – Esse lugar é meu! Você, senta lá atrás, sua negrinha nojenta. Eu levantei e fui lá para trás. E, quando eu chego em casa e conto, meu pai diz: – Você nunca deveria ter levantado! O lugar era seu, se você chegou antes! Então, o meu pai me mostrou essa questão da resistência, né? Mais ou menos do jeito dele, porém, ele me mostrava. Aí, eu vou começando a refletir, a perceber algumas coisas. Então, eu tinha o quê? Dez para onze anos, mais ou menos isso. Eu estava no ginásio (entrei no ginásio com dez anos).

Em seu curso de formação para professora, havia poucas moças negras em sua turma (unidas, sentadas no fundo da sala), apesar de Almira ponderar: *Como alguém me disse: – Mas você passa por branca*. Em sua percepção, posteriormente, houve uma sistematização da questão segregacional, principalmente depois de sua inserção na militância das CEBS. Estas questões foram tratadas diretamente somente na década de 1980, com o centenário da abolição da escravatura. O ano da Constituição 1988 foi um momento de reflexões que partiram da equipe das chamadas Escolas Integrais de Curitiba.

Nós tínhamos uma formação para atender aquela comunidade. A gente vai lá pro Parque Industrial José Lamartine, e um texto nos é apresentado por uma professora da rede. Ela traz um texto a respeito de Zumbi, e ela vai analisando



aquele texto. E, à medida que ela vai analisando aquele texto, parece que eu vou encontrando todas as respostas para uma série de dúvidas que eu nem sabia se eram dúvidas... eu não sabia se era coisa da minha cabeça, sabe? Foi muito interessante isso.

Ao longo dos anos, como profissional da educação na rede pública de ensino, ocorreu a sua construção de identidade, calcada politicamente sobretudo em sua formação nas CEBS e na aglutinação de grupos de esquerda, de questionamento à ditadura.

Almira possui formação religiosa católica por intermédio do grupo familiar, contudo, entra em contato com a umbanda por meio de sua avó paterna, e assim, com pessoas de origem negra africana, adquire questões que, diz, irá sistematizar posteriormente em sua trajetória.

Por volta de 1976, realizou cursos de ensino religioso que a prefeitura promoveu com o frei Vicente, no Bom Jesus, quando começou a ter acesso à teologia da libertação. Primeiro, houve um curso preparatório com reuniões periódicas, quando foi criada a Associação Interconfessional de Curitiba (ASSINTEC). A partir de então, por dois anos, trabalhou com ensino religioso, de quinta a oitava séries, com a perspectiva de se pensar também politicamente o país. Havia a apostila, a reflexão a partir da Bíblia, porém, com uma perspectiva de luta, de resistência. Posteriormente, devido às suas posturas políticas, foi retirada de sua função pela direção da instituição, com a argumentação de que: *Os seus alunos chegam ao final do ano e não sabem nem rezar o Pai-Nosso.*

Apesar de deixar o ensino fundamental, manteve relações com professores das disciplinas do núcleo comum, que se diferenciavam do ensino básico. Havia debates sobre o momento histórico, organizados a partir da Associação do Magistério Municipal de Curitiba (AMMC), das assembleias no ensino público estadual.

É a AMMC, que, depois, em 1988, passou a ser sindicato (que é o SISMMAC¹, hoje). Mas eu participava, sempre participei, porque isto foi uma coisa que eu aprendi em casa, com a minha mãe. Minha mãe foi professora também, e também fez greve. E ela defendia algumas coisas. Então, eu ouvia essas coisas dentro de casa, e participei sempre das greves... Ai, as coisas vão se somando, essa minha passagem e formação política por dentro das CEBS, essa minha possibilidade de conhecer a teologia da libertação... E surge na prefeitura a ideia das escolas integrais... E nós fazíamos, nós éramos uma equipe que contrapúnhamos, dentro da escola, uma série de coisas.

O contexto era de surgimento do Partido dos Trabalhadores (PT), de efervescência, de aglutinação na central dos trabalhadores, e também de discussões étnico-raciais a partir da reelaboração da história e do papel de personagens como Zumbi dos Palmares. Almira, nesse momento, voltou a estudar. Coursou Pedagogia, formando-se em 1986, com o intuito de estabelecer na escola um debate mais político na educação. No evento

1 SISMMAC: Sindicato dos Servidores do Magistério Municipal de Curitiba.

do centenário da abolição, em 1988, circulavam os debates de revisão da história e de ressurgimento do movimento social ligado à questão racial, no movimento negro (mais atuante fora de Curitiba, mas que já reverberava nesta cidade).

Circulavam textos e cartazes ligados ao PT. Almira entrou em contato com outros militantes, como Jaime Tadeu, e estabeleceu contatos com a Associação Cultural de Negritude e Ação Popular dos Agentes de Pastoral Negros (ACNAP). Porém, percebeu que o debate com as professoras era permeado pela resistência de discutir a questão do racismo na escola – mesmo dentro de uma escola de periferia. Por parte dos alunos também.

Aí, ele (Jaime Tadeu) me dizia: – Nossa, você tem que aprofundar isso! Tem que aprofundar! E, daí, eu tento aprofundar, por dentro do Partido dos Trabalhadores e da CUT... que é dentro do Partido dos Trabalhadores que a gente vai fundar a Secretaria de Combate ao Racismo. Eu começo a ir para as reuniões nacionais (eu faço parte, né?). Fundamos a Central Única dos Trabalhadores, já fundada, mas lá a gente funda a Comissão das Sindicalistas no Combate à Discriminação Racial. Já é 90, década de 90. Enfim...

Nesse momento, participou da construção da Marcha de Zumbi, em 1995, e estabeleceu contatos com o Movimento Negro Unificado (MNU), de São Paulo, por meio de militantes como Milton Barbosa e Paulo Izaías, e de outros estados como o Rio de Janeiro e Minas Gerais. Filiou-se ao grupo, e sua ficha de filiação foi **endossada pelo Milton Barbosa**.

A entrevistada identificou-se com a proposta e princípios políticos do MNU, e o contato com Milton Barbosa, um dos fundadores do grupo em São Paulo, favoreceu essa adesão. Porém participou também de outros grupos do Movimento Negro. O MNU foi fundado em Curitiba, em 1996: *Em 1997/1998 nosso coletivo elabora a tese Raça e Território para o Congresso do MNU em 1998*, na cidade, com a participação de pessoas dos vários estados do Brasil. No grupo, participou também das discussões referentes à questão das mulheres e da educação.

Almira se define como uma sindicalista, hoje e em sua trajetória, o marco foi sua participação em 1991, em Belo Horizonte, da fundação da Comissão de Sindicalistas contra a Discriminação Racial da Central Única dos Trabalhadores (CUT), sendo escolhida para realizar as articulações e os debates com os sindicatos.

Em seguida, participa, em 1994, da fundação da Secretaria Nacional de Combate ao Racismo do Partido dos Trabalhadores, participando diretamente dos dois primeiros coletivos da Direção Nacional. Maciel também organiza e funda a Secretaria Estadual de Combate ao Racismo do PT/PR.

Nos anos de 1992 e 1993, participa da articulação nacional da Marcha do Tricentenário de Zumbi em Brasília. Sendo esse mais um dos momentos marcantes que evocam a reconstrução da memória histórica e recriação de ideais de heróis



nacionais. Momentos de ação militante, institucionais e acadêmicas que, entrelaçados, forjam interessantes possibilidades de avanços e marcos políticos mais democráticos e libertários.

Relembra de sua participação no Sindicato dos Servidores do Magistério Municipal de Curitiba (SISMAC), sendo que em suas palavras foi considerada *persona non grata*, pois supostamente **só fazia movimento** negro. Como consequência imediata, houve o veto de seu direito de liberação em assembleia.

Próximo ao momento em que iria se aposentar, ela articula o Fórum de Entidades Negras do Paraná, e em seguida apresentou a proposta do Encontro de Educadores e Educadoras Negras do Paraná:

Junto com a professora Nará fundamos neste mesmo período e com a aprovação da Lei nº 10639/2003 o Fórum de Educação das Relações Etnicorraciais do Paraná. Nele pudemos articular e trazer personalidades de enorme relevância no combate ao Racismo entre os quais a Dra. Petronilha e o Dr. Kabengele Munanga além de muitos outros e outras.

Em 2005, concluiu uma especialização ofertada pelo Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (UFPR), cuja monografia final teve por tema as mulheres negras escravizadas em Curitiba, a partir da imprensa curitibana, no século XIX, intitulada *Você sabe fazer renda eu te alugo pra ganhar!* orientada pelo professor Luís Geraldo Silva. O objetivo da monografia foi desfazer a ideia de que, na cidade de Curitiba, não havia negros.

Em sua trajetória, lembrou-se dos momentos importantes na gestão do prefeito Roberto Requião, de muitos avanços importantes na educação, do trabalho em equipes pedagógicas com um projeto progressista. Este projeto foi desfeito na gestão seguinte, mas retornou na gestão seguinte de Requião, pois foi neste momento que se organizou o Encontro de Educadoras e Educadores Negros. Relembrou a luta por eleições diretas nas escolas e os resquícios autoritários tanto nas formas de gestão das diretoras como dos modos amorfos dos professores.

A seu ver, a luta parece, portanto, uma missão um tanto quanto ingrata, pois sua identidade se estabeleceu a partir de uma visibilidade colada à ideia de que era uma pessoa **dura, briguenta**, sempre a partir do momento em que questionava o estabelecimento de uma autoridade autoritária nas escolas. Um aprendizado questionador que nasceu na família, se desenvolveu nas CEBS e no PT – alicerces de construção de identidade militante e combativa.

Ao longo desse período, ministrou aulas em cursos de formação para a militância, participou também de um projeto com quilombos no Baixo Sul da Bahia. Recentemente, ministrou palestras para a formação de professores com ênfase na Lei nº 10.639 (BRASIL, 2003), lei que tornou obrigatório o ensino da história e cultura

afro-brasileira e africana nas escolas, públicas e particulares, no ensino fundamental e ensino médio. Atualmente, também participa de uma equipe multidisciplinar no município de Pinhais.

Referências

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Seção 1, p. 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em: 03 jun. 2018.

SHIZUNO, E. C. **Almira em sala de aula**. 2016. Fotografia.







*Júlio Mocidade: uma história
de vida marcada pelo samba*

Cláudia Novaes Deina



Quando, Bob Marley, canta **Nós somos os sobreviventes negros**, ele coloca admiravelmente em perspectiva, talvez melhor que um exército de historiadores, que não foi fácil sequer sobreviver, mas para isso foi preciso muita luta. E se viver é lutar, sobreviver e ainda criar uma cultura com a expressão de liberdade que a cultura negra possui, é lutar dobrado (REIS, 1983, p. 107, grifo nosso).

Júlio César Corrêa Neto, conhecido por Júlio Mocidade, nasceu em 23 de agosto de 1952, em Tubarão/SC, filho de Maria Laura Martins Corrêa e Francisco de Paula Corrêa. Sambista alegre e firme, desde cedo reconheceu a sua negritude devido à percepção na vida cotidiana marcada por fatos, como a separação entre os negros e os brancos que ocorria nos bailes de carnaval em Itajaí/SC, cidade onde morou quando criança. Júlio ressalta que, em Itajaí, os negros não podiam participar das festas dos brancos, no entanto os brancos frequentavam os bailes dos negros.

Defensor dos valores que perpassam a cultura africana, apoia a existência da ala das baianas no carnaval de Curitiba, ressaltando a importância da baiana Tia Ciata¹ e suas amigas para o carnaval carioca, a qual repercutiu de modo geral no carnaval brasileiro.

Os negros trouxeram da África na sua bagagem um patrimônio simbólico que se reterritorializou através do saber “[...] vinculado ao culto dos muitos deuses, à institucionalização das festas, das dramatizações dançadas e das formas musicais” (SODRÉ, 1988, p. 50). Por isso, é importante dar voz aos nossos ancestrais negros, através das narrativas que expressam a cultura de forma mais evidente na nossa sociedade, como Júlio Mocidade, que encontrou no samba uma forma de superação de todos os problemas que foram encontrados ao longo da sua trajetória de vida.

Júlio Mocidade saiu cedo de casa, vindo para Curitiba aos 12 anos de idade, trazido por sua tia avó Eurídes, que o colocou para estudar em um colégio interno do estado. A música imbrica toda a sua história de vida, de tal modo que foi responsável pela materialização e a possibilidade de superação de todos os obstáculos que foram encontrados ao longo da sua trajetória de vida.

¹ Hilária Batista de Almeida, Tia Ciata, a mais famosa e influente de todas as baianas, nasceu em Salvador em 1854. Em 1876, com 22 anos, chega ao Rio de Janeiro, indo morar inicialmente na rua General Câmara, depois se muda para a rua da Alfândega, 304. “Na sua casa, capital do pequeno continente de africanos e baianos, se podiam reforçar os valores do grupo, afirmar o seu passado cultural e sua vitalidade criadora recusados pela sociedade” (MOURA, 1995, p. 152).



No mês do seu aniversário de 64 anos, esse filho de Xangô² relata que o seu primeiro contato com a música ocorreu, ainda na adolescência, no colégio interno da Guarda Mirim. Naquele período, um maestro do Exército foi, um dia, observar o ensaio da banda da Guarda Mirim, porque precisava de uma banda de música para tocar o hino nacional numa formatura na Praça Tiradentes, quando Júlio Mocidade tinha 17 anos. Em face daquele contato com o maestro, logo após, em 1971, Júlio entrou para o Exército, onde permaneceu até 2000. Na carreira militar, participou da banda de música que tocava nos quartéis, em eventos e praças. Ao mesmo tempo, integrava a infantaria dos fuzileiros como atleta, competindo principalmente nas modalidades: 100 metros rasos, salto triplo, salto em distância e futebol.

A partir de 1985, Júlio César Corrêa Neto passou a ser conhecido como Júlio Mocidade, ocasião em que foi cantar no conjunto Sambão da Mocidade (Fotografias 1, 2 e 3).



Fotografia 1 – Júlio Mocidade na frente do palco cantando ao lado dos colegas Carlinhos, Pelé e Paulinho no Sambão da Mocidade, em Curitiba

Fonte: Acervo pessoal (1987).

2 No Candomblé, Xangô é o deus do trovão, nas cerimônias dança com majestade, pois é antepassado mítico dos reis yoruba. Segura um ose, machado duplo estilizado. Imita igualmente os gestos do deus encolerizado, tirando as pedras de raio de sua bolsa e jogando-as no chão (VERGER, 2012).



Fotografia 2 – Carlinhos, Paulinho, Júlio, Pelé, Adilson, Jaburu e William, no Grupo Sambão da Mocidade no Paraná Clube, em Curitiba
Fonte: Acervo pessoal (198-).



Fotografia 3 – Carlinhos, Paulinho, Adilson, Júlio Mocidade e William, no Grupo Sambão da Mocidade na Sociedade 13 de Maio, em Curitiba
Fonte: Acervo pessoal (2016).

Cinco anos depois, no carnaval de 2002, Júlio passou a ser o intérprete da Escola de Samba Mocidade Azul tricampeã do carnaval de Curitiba, onde permanece cantando até hoje. Antes de ir para a Mocidade Azul, ele foi intérprete em outras escolas carnavalescas de Curitiba, como Unidos do Boqueirão, Embaixadores da Alegria, Acadêmicos da Realeza e Leões da Mocidade.



A Infância na Periferia de Porto Alegre/RS e em Itajaí/SC

A gente só comia quando a mãe chegava do serviço. Mas foi uma infância muito boa.

Refletindo sobre a relação entre a etnia e a classe social no Brasil, o antropólogo Darcy Ribeiro faz uma valiosa reflexão acerca das manifestações culturais constituídas pelos negros. Apesar de todas as adversidades, tendo lhe restado como alternativa depois da escravidão a periferia das grandes cidades que hoje constituem as favelas, o retrato mais contundente do enorme contraste social de nosso país, no movimento de **adaptação** forçada a uma cultura que não era sua, preservou suas raízes africanas, tornando-se fundamental na constituição da cultura brasileira. Na interpretação de Ribeiro (1995, p. 222), “[...] talvez, o mais brasileiro dos componentes do nosso povo”.

Confirmando a interpretação do renomado antropólogo, Júlio Mocidade relembra a infância pobre na periferia da Grande Porto Alegre. Sua mãe era lavadeira de roupas e empregada doméstica, ofício que deveria garantir o sustento de toda a família, constituída pelos pais e seis filhos. No entanto, a família vivia em condições socioeconômicas de precariedade, pois o rendimento de sua genitora não era suficiente para prover todas as necessidades da casa, por isso Júlio conta que passou fome na infância.

Apesar de ter nascido em Tubarão, com um ano de idade Júlio migrou com a sua família para a periferia da Grande Porto Alegre, em busca de melhores condições socioeconômicas de vida. As primeiras lembranças da infância de nosso sambista são do cotidiano nos bairros periféricos como Niterói, no município de Canoas. Depois, nos bairros Chácara das Pedras e Menino de Deus, em Porto Alegre. Recorda ainda que morou próximo à beira do rio Guaíba na sua planície fluvial, quando estavam aterrando o referido rio para a construção do Estádio do Beira Rio. Nesse período, Júlio se refere às idas para a casa de uma tia que morava em Itajaí: *Quando a situação ficava muito ruim em Porto Alegre, a gente corria para Itajaí e passava dois, três meses por lá.*

Os constantes deslocamentos da família, de Porto Alegre para Itajaí, durante os períodos mais difíceis da infância de Júlio como consequência das dificuldades socioeconômicas enfrentadas pelos seus pais, possibilitaram a residência definitiva da família de Júlio em Itajaí. Nessa ocasião, Júlio havia completado 10 anos de idade. Salienta-se que as questões socioeconômicas enfrentadas pela família do cantor refletem a história dos negros no Brasil, os quais, após quase quatro séculos de escravidão, tiveram que superar infinitas vicissitudes que encontraram pelo caminho

Em Itajaí/SC, Júlio pôde perceber de maneira bastante clara a separação que havia entre os negros e os brancos na sociedade, a qual era evidenciada durante o carnaval.

Eu sempre me senti negro, por eu ser negra! Mas eu vivi num período da infância que o negro era muito maltratado. Em Itajaí tinha a sociedade dos

brancos e dos negros que não se misturavam. Um negro não podia passar em frente da sociedade dos brancos no carnaval, mas os brancos iam ao clube dos negros pular carnaval. Sabe como é? Eu sempre senti isso. Mas, para nós isso era normal, preconceitos de raça, de xingar, ou seu negro, ou seu macaco. Mas, aí quando eu falei assim, eu sou negro e não vou deixar me abater por isso. Onde eu entrar: vou entrar de cabeça erguida, porque não tenho que me envergonhar de ser negro.

Esse depoimento reflete a realidade de uma sociedade extremamente desigual, arraigada pelo preconceito e pelo racismo. Trazendo para o período atual, Júlio coloca que o preconceito contra o negro continua existindo, mas que ele se materializa de modo diferente.

Hoje em dia o preconceito existe, mas o preconceito é velado, o preconceito é assim ó, a gente tá andando na calçada, uma senhora branca olha e desvia ou então esconde a bolsa, você entra numa loja e o segurança fica te olhando.

É marcante nas memórias de Júlio o fato de não gostar de usar roupas brancas na infância, porque pertencia ao imaginário dele o fato de os povos escravizados aparecerem na mídia sempre com vestes brancas, e isso não lhe fazia bem. Essa atitude mudou após uma conversa com sua mãe, que enalteceu o uso de roupas de cores claras pelos jovens. Esse fato foi emblemático na história de vida de Júlio Mocidade, pois foi a partir da reflexão sobre o ser negro, ainda na infância, que ele passou a ter orgulho de ser quem é.

Tinha uma época que eu não gostava de usar roupa branca, quando criança, pois eu tinha imagem de roupa branca do negro como escravo. Sabe? Um dia a minha mãe disse: – Meu filho você é tão jovem para viver vestido de roupa escura, põe uma roupa mais clarinha. Daí eu pensei que não tinha que ter vergonha de vestir branco, porque nos filmes apareciam os negros escravos de branco. Tinha que ter o maior orgulho de ser negro.

A Vida no Colégio Interno e no Exército

A tia Eurídes, irmã de sua avó materna, trouxe Júlio para morar com ela em Curitiba. No entanto, o colocou para estudar no Colégio Profissional para Menores de Campo Comprido, em 1966, onde permaneceu por cerca de 1 ano e seis meses. Hoje nesse local funciona a Fundação de Ação Social (FAS) de Curitiba. Logo após, essa experiência, Júlio foi para a Guarda Mirim, onde estudou até os 17 anos de idade. Ele afirma que gostava muito da Guarda Mirim devido ao grande aprendizado oferecido pela instituição, principalmente no que se refere ao conhecimento da realidade do mundo. E, além disso, eles tinham um salário como menor aprendiz, pois trabalhavam em órgãos públicos como a Assembleia Legislativa e o Tribunal de Contas. Desse modo, Júlio se sentiu inserido na sociedade.



Em 1971, Júlio foi para o Exército, onde permaneceu até a aposentadoria, em 2000. Quando se alistou pediu para ir para o 20º Batalhão de Infantaria Blindada, por causa da banda de música que havia nesse local. Portanto, ao ingressar no exército passou a fazer parte da banda de música, que tocava nos quartéis, eventos, praças, desfiles de Sete de Setembro, e, além disso, era atleta, participando de competições esportivas do exército, em outros estados do Brasil e no interior do Paraná.

Tinha colega que queria que a gente sentisse vergonha de ser descendente de escravos. Um dia no exército um colega disse: – Se não fosse a Princesa Isabel, vocês ainda seriam escravos. Quando você quer subjugar uma pessoa, é porque ela tem brilho.

No Exército, Júlio expõe que, uma vez, teve um embate com um colega que fazia um discurso de desvalorização do negro. Em contraposição, ele argumentou sobre a história de resistência dos povos negros ao processo de escravidão no Brasil. Diante desse tipo de atitude, Júlio sempre se posicionou de maneira firme no combate ao preconceito na nossa sociedade.

A Religião

O nosso sambista Júlio, filho de Xangô, relata que era católico quando criança. O seu cotidiano religioso consistia em assistir à missa toda semana e, na mesma época, frequentar o terreiro de umbanda com a sua avó materna. No entanto, aos 14 anos deixou de ser católico, mas, como era aluno do colégio interno na Guarda Mirim, tinha que frequentar missa todo sábado na Igreja Católica, pois era requisito obrigatório.

Quando criança, eu era muito católico. Mesmo eu sendo católico, eu e minha avó íamos todas as quartas e sextas-feiras para o terreiro de umbanda em Itajaí. Eu ia à missa toda semana também. Mas, quando eu estudava na Guarda Mirim, uma freira nos falou que a história de Adão e Eva é invenção da Igreja Católica, ninguém sabe como o homem apareceu na face da terra.

Somente em 1994 Júlio voltou a frequentar o terreiro de umbanda, próximo a sua residência. Nesse período, passou a frequentar a religião afro-brasileira com a sua esposa Luci, ambos se interessaram pelos fundamentos teóricos da religião, fazendo inclusive um curso de teologia. Júlio diz:

A religião que seguimos hoje é muito antiga, já existia antes da igreja católica. Foi a partir da religião que eu comecei a ter um conhecimento mais profundo da questão do negro no Brasil. Eles trabalharam na agricultura durante a colonização. Se o Brasil hoje tem a economia forte na agricultura, foi graças ao trabalho dos negros. Muitas cidades foram construídas com o esforço, sangue e o suor dos negros. Durante a revitalização da Praça Tiradentes aqui em Curitiba, descobriram o caminho dos escravos.

Hoje, Júlio Mocidade é o pai pequeno³, auxiliando a sua esposa Luci, que é a mãe de santo do terreiro de candomblé e umbanda **Tenda Espírita Nzo Damburê Oh Sinha Vanju** localizado no bairro Fazendinha, em Curitiba. Terreiro de nação angola, por isso pode abrigar a umbanda e o candomblé no mesmo local. O Terreiro foi aberto pelo casal, em 2006, no dia da festa de Cosme e Damião, somente com a umbanda, depois em 2007 fundaram também o candomblé. No Candomblé eles fazem as festas para os orixás Ogum, Xangô, Obaluaê e Iansã, aberta somente para os convidados. Júlio explica que a umbanda surgiu da junção da cultura negra com a indígena. O Terreiro é frequentado por pessoas da região metropolitana de Curitiba. Na história do Brasil, os terreiros de candomblé e umbanda se constituíram como referencial de resistência da cultura afro-brasileira, através da transmissão dos valores, práticas e saberes dos nossos ancestrais africanos.

Sobre a origem das religiões afro-brasileiras, o pesquisador Verger (2012) enfatiza que, apesar do batismo dos negros na igreja católica, os mesmos continuavam a cultivar as suas divindades africanas no Brasil, representando desse modo uma forma de resistência cultural ancorada no patrimônio simbólico trazido pelos negros na diáspora africana para o novo mundo.

Batuques [...], a constituição dessa sociedade de divertimentos teve como resultado mais claro manter **o culto às divindades africanas**. Todos esses negros haviam sido batizados, mas permaneciam ligados a suas antigas crenças. Essas associações lhes permitiam manifestá-las às claras. Suas cantigas e suas danças, que aos olhos dos senhores pareciam distrações de negros nostálgicos, eram, na realidade, reuniões nas quais evocavam os Deuses da África (VERGER, 2012, p. 23, grifo nosso).

O Samba

Sua carreira como sambista teve início em 1972, quando um amigo, Edson Oli, compôs o samba **Retrato na parede**, que Júlio cantou no programa de televisão do canal 12, apresentado aos sábados por Mário Vendramel⁴. O produtor da programação gostou e convidou Júlio para cantar como calouro e, depois, como atração do programa. Ademais, a partir desse samba foi realizado um programa extra de televisão chamado Valores novos do Paraná.

Júlio Mocidade participou de concursos de música de samba referentes a composições inéditas no estado do Paraná no período de 1972 a 1974, ganhando o prêmio como melhor canção em todos os festivais de que participou. Contaram com a presença do nosso talentoso sambista o primeiro e o segundo Festival da Canção

3 Os pais ou mães de santo são assistidos por um pai ou mãe pequenos, seus substitutos em caso de necessidade (VERGER, 2012).

4 Mário Vendramel, apresentador de programa na TV, comparado pela imprensa com Chacrinha, comandou durante 35 anos o principal programa de auditório do estado do Paraná, em três emissoras diferentes: Canal 12 (atual RPC TV), TV Iguaçu (hoje Rede Massa) e Rede OM (atual CNT). Saindo do ar em 1992. Para saber mais, consulte Poniwass (2012).



de São José dos Pinhais e o Festival da Canção de Porto União. Além disso, Júlio fez uma participação, cantando marchinhas de carnaval, em 1980, no programa cidade x cidade – Curitiba x São Vicente –, apresentado por Silvio Santos. Nesse concurso, Curitiba levou o troféu de melhor marchinha do carnaval.

Depois que deixou a televisão, Júlio Mocidade foi cantar na noite curitibana. Lembra: *Eu vivi uma época muito boa da noite, a gente era valorizado como cantor.* Assim, cantou em várias bandas que se apresentavam na noite, como ABC do Samba, de 1976 até 1981, quando foi cantar na banda Mãe e Seus Batuqueiros. Em 1985, entrou para o Sambão da Mocidade que se apresentava no restaurante dançante Carreteiro em Curitiba. Hoje canta na bateria show da Escola de Samba Mocidade Azul em eventos como casamentos, formaturas e aniversários.

Em sua trajetória de artista, Júlio foi homenageado pela Sociedade 13 de Maio em 26 de fevereiro de 2012, como um dos principais intérpretes de samba enredo nas Escolas de Samba de Curitiba.

As Fotografias 4, 5 e 6 mostram alguns momentos de Júlio como cantor.



Fotografia 4 – Júlio Mocidade (direita) e Anderson (Fáisca) na apresentação da Bateria Show no Bar Acadêmicos do Salgueiro, em Curitiba

Fonte: Acervo pessoal (2013).



Fotografia 5 – Júlio, cantando na comemoração do dia do samba na Boca Maldita, em Curitiba

Fonte: Acervo pessoal (2014).



Fotografia 6 – Cantor Júlio Mocidade e o filho Julinho na Sociedade 13 de maio, em Curitiba.

Fonte: Acervo pessoal (2016).

O Carnaval

O carnaval consolidou-se como a maior manifestação cultural do Brasil. Caracterizado como uma festa plural e complexa, desenvolveu-se de forma peculiar ao longo de nossa história em cada canto do território brasileiro. Por todo o país a folia carnavalesca reúne atores sociais antagônicos, produzindo um espaço plural, onde se



materializam processos desiguais de poder. Nesse contexto prevalecem os elementos da cultura afro-brasileira, principalmente, a música, a dança e a coreografia que plasmam a festa.

Por conseguinte, Júlio Mocidade reconhece a importância dos valores da cultura africana que perpassam o nosso carnaval, citando que: *A ala das baianas tem história no carnaval*. Assim, ressalta a relevância da comunidade das baianas que moravam na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX, especialmente de Tia Ciata, para a história do carnaval brasileiro como grupo de resistência à cultura hegemônica. Desse modo, essa pequena África localizada na antiga capital federal contribuiu de forma decisiva para a preservação e a afirmação do samba no Brasil. Nesse contexto, Júlio narra a história das baianas no carnaval brasileiro:

As baianas na escola de samba representam uma homenagem a Tia Ciata. Graças a ela pode se cantar samba, pode se sair em escola de samba, os terreiros foram liberados no Rio de Janeiro em sua época. Na casa dela fazia-se roda de samba, roda de capoeira, jongo, e ela era uma grande mãe de santo. Graças a ela a polícia parou de bater nos negros que estavam com instrumentos fazendo roda de samba na época. Tia Ciata tem história, era cozinheira de uma autoridade que tinha uma ferida muito grande no pé que os médicos não curavam. Tia Ciata se propôs a curar a ferida com as ervas e rezas. Após a cura, a autoridade perguntou qual era a recompensa dela. Tia Ciata afirmou que queria que a polícia parasse de bater nos negros que estavam fazendo roda de samba.

Na cidade de Curitiba, o sambista Júlio Mocidade é intérprete da Escola de Samba Mocidade Azul, desde 2002. Escola tricampeã do carnaval curitibano, ganhando o prêmio de forma consecutiva como a melhor escola de samba do carnaval da cidade nos anos de 2014, 2015 e 2016.

Júlio César Corrêa Neto – Júlio Mocidade tem 7 filhos, 14 netos e 1 bisneta (Fotografia 7). Toda a sua família mora na região metropolitana de Curitiba e participa da Escola de Samba Mocidade Azul. Com a sua musicalidade, Júlio influenciou todos os seus descendentes, os seus filhos e netos são músicos tocando vários instrumentos, e também passistas da Mocidade Azul.

Por isso, no mês de janeiro, toda a energia da família Corrêa está voltada para a materialização do desfile da Escola de Samba Mocidade Azul. A esposa, os filhos e os netos de Júlio se reúnem junto com a comunidade local, na Associação de Moradores das Vilas São Fernando e Santa Mônica (AMAFEMO), para confeccionar as fantasias e os adereços que serão utilizados no desfile de samba da escola no carnaval curitibano. Percebe-se que Júlio Mocidade e seus descendentes contribuem de forma majestosa para a divulgação e a valorização da cultura afro-brasileira na região metropolitana de Curitiba.

Nós temos história. Não é contada como deveria ser, mas temos história. Nunca se sinta envergonhado de ser negro.



Fotografia 7 – Júlio Mocidade, a esposa Luci, os filhos, netos e a bisneta Ana no ensaio da Escola de Samba Mocidade Azul, na AMAFEMO, em Curitiba
Fonte: Acervo pessoal (2013).

Júlio conclui, refletindo que: *Todo mundo tem direito de ser alguém na vida, independentemente da cor da pele.* Sendo que um sentimento positivo importante para o sambista Júlio Mocidade consiste em: *Dar valor ao negro e perceber que nem todos os brancos são racistas, a gente não pode generalizar.* Para a juventude, ele deixa o seguinte recado sobre o preconceito racial: *Nunca se abale por uma coisa que te falarem para te diminuir. Nós somos mais! Qualquer ser humano, negro, branco ou índio tem o seu valor.* O nosso cantor termina afirmando: *Hoje se alguém me chamar de negro é um orgulho porque eu sou negro.* Acrescenta uma ressalva: Lógico que tem modos de falar. Mas, eu sou negro com muito orgulho. E encerra esta entrevista de forma muito descontraída e festiva, cantando o samba **Vou festejar** de Jorge Aragão, Dida e Neoci.

Vou festejar

Chora!

Não vou ligar

Não vou ligar

Chegou a hora

Vais me pagar

Pode chorar

Pode chorar

Mas chora!



*Chora!
Não vou ligar
Não vou ligar
Chegou a hora
Vais me pagar
Pode chorar
Pode chorar
É, o teu castigo
Brigou comigo
Sem ter porquê
Eu vou festejar
Vou festejar.*

Referências

MOURA, R. **Tia Ciata e a pequena África do Rio de Janeiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

PONIWASS, L. Mário Vendramel de volta à tela. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 05 ago. 2012. Caderno G. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/mario-vendramelde-volta-a-tela-3lt37fw7e12psf471vr85v8su>>. Acesso em: 01 ago. 2018.

REIS, J. J. Resistência escrava na Bahia? Poderemos brincar, folgar e cantar...? o protesto escravo na América. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 14, p. 107-123, 1983. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20823>>. Acesso em: 01 ago. 2018.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SODRÉ, M. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1988.

VERGER, P. **Notas sobre o culto aos orixás e voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na antiga costa dos escravos, na África**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2012.



*Gogó de Ouro: uma vida
de dedicação ao samba e às
crianças*

Veronica Ferreira Bahr Calazans



O que vem a seguir é o relato de um outro relato. Tivemos a honra de ouvir uma história, contada por quem a vive, e a missão de relatar essa história, preservando ao máximo seu caráter vivo. A pretensão não é a de traçar uma biografia que enumera e esgota os feitos de uma vida, mas a de tentar escutar o que essa vida tem a nos dizer.

No dia 12 de outubro de 1984, chegava em Curitiba um capoeirista. Era Jaime Virginio Queiroz, mestre, cordel verde e branco, berimbau nas mãos e argola na orelha. Para contar essa história, não podemos deixar de notar que Gogó de Ouro, como Jaime é conhecido, chegou em Curitiba em um Dia das Crianças. Desde então, a vida de muitas crianças foi tocada e transformada por ele. Entretanto, antes de chegar nessa parte, cabe uma passagem pela sua infância. Uma passagem triste e ao mesmo tempo bela que, segundo o próprio Gogó, influenciou no modo como ele encara o mundo e seu próprio papel.

A Infância no Rio de Janeiro

Jaime Virginio de Queiroz nasceu no dia 4 de julho de 1956, em Duque de Caxias, na baixada fluminense. Seu pai era Julio Virginio de Queiroz, um cearense que tocava acordeom. Era comerciante. Não sabia ler, mas era ótimo em fazer contas. No dinheiro, ninguém o passava para trás. Mantinha em casa uma pequena quitanda, de onde tirava o sustento da família. Sua mãe chamava-se Maria Luiza Queiroz e, deste casal, Jaime era o mais velho de cinco irmãos. No parto de sua irmã Josinete, nascida aos 7 meses de gestação, sua mãe não resiste e falece, deixando Jaime com 11 anos de idade. Seu pai não demorou a encontrar outra mulher, mas o menino não se deu bem com a madrasta. Aos 13 anos, cansado das brigas, Jaime pega o pouco dinheiro da casa e foge, no meio da noite, para procurar abrigo no Morro, na casa de uma avó. A partir daí, ele parece estar sozinho, assumindo o próprio caminho, mas seu relato mostra que tantos tocaram sua vida e ele tocou a vida de tantos outros, que a história que tinha tudo para ser apenas mais uma triste narrativa desenrola-se em torno de encontros felizes e laços duradouros.

Os primeiros anos no morro foram, segundo ele, bem típicos. E o típico era que os meninos fossem olheiros para os traficantes. Jaime relata que, naquele tempo, ainda não se lidava com cocaína. As drogas que circulavam eram a maconha e o **cheirinho da loló**



(uma mistura que levava cola de sapateiro). Ele nunca tocou em droga nenhuma, apenas encarou como mais um trabalho para sobreviver. Os outros serviços consistiam em servir às madames da região. Nos finais de semana, ele fazia plantão na feira, portando um carrinho de madeira (com rodas de rolimã), para carregar as compras de quem estava a pé. Também lavava carros e passeava com os cachorros das famílias mais endinheiradas. Mas os cachorros não eram todos iguais, nem as respectivas famílias. Belca, uma cadela dobermann, era especial, era a preferida do menino.

Belca pertencia à família Saraiva, uma família portuguesa das mais influentes da cidade, na época. Os passeios tornaram-se frequentes, e logo os laços se estreitaram. Um dia a Irene, dona da casa, disse assim: – Jaime, não quero mais te ver na rua, por aí. Venha morar conosco! E lá ele ficou até o momento de servir o exército. Até aqui, é a história do Jaime. Gogó de Ouro só virá depois.

A Capoeira

Como profissão, Jaime assume a mecânica de automóveis, mas seu amor pela capoeira, que tinha começado na rua e no morro, acaba chegando, ainda que bem mais tarde, ao contexto da academia. Nesse percurso, Jaime recebe muitos apelidos: Pastel, Morcego de Oficina, Boca de Caçapa e Baiano. Este último, em particular, rendeu-lhe sérios problemas, pois, sem ser baiano, ele tentava imitar o jeito dos baianos na capoeira. Até que um baiano, tomando isso como afronta, partiu para a briga. Jaime cantava e tocava berimbau, não era de lutar, mas nem por isso deixou de enfrentar o desafiante. Vendo a briga que não acabou bem, Floriano Franklin Canela, seu mestre de capoeira, aconselhou-o a parar com a imitação e procurar um jeito próprio de cantar. Foi o que Jaime fez.

No final da década de 1970 (ano de 77 ou 78), Jaime se inscreve no Primeiro Festival de Chula do Rio de Janeiro. Ele explica que chula é o nome dado às cantigas da capoeira, correspondente ao que seria o ponto, no Candomblé. Jaime não apenas vence o festival, como sua voz forte destaca-se incrivelmente, rendendo-lhe o apelido que o acompanharia para sempre: Gogó de Ouro. É um marco importante em sua história.

Gogó de Ouro chega a mestre de capoeira, cordel verde e branco. Aquilo que ele aprendeu na rua e no morro levou-o até certo ponto do caminho. Porém, cada vez mais, era preciso dominar a teoria. Isso significa dominar a história da capoeira e, consequentemente, a história do povo africano e sua trajetória no Brasil.

Para exemplificar, ele nos conta que sua argola na orelha tem um significado muito especial. Ela remete a um tempo em que os negros, escravizados, eram marcados por esta argola. *Isto não é um brinco*, ressalta. Mesmo assim, quando ia visitar seu pai, tirava a argola, sabendo que ele não entenderia. Sobre a história da capoeira, ele enfatiza um período de marginalização. Gogó relata que a capoeira era usada para ganhar dinheiro. Resumindo, alguém jogava uma moeda e os dois capoeiristas brigam para saber quem conseguiria apanhá-la com a boca. Depois, o público apostava com

quem estava o dinheiro. Mestre Bimba (Capoeira São Bento Grande) e Mestre Pastinha (Capoeira de Angola) moralizaram a capoeira, acabando com as apostas. Pararam as brigas de rua: *Quer brigar, vai pra academia, fecha a porta e o pau come lá dentro.*

A ideia da marginalização da capoeira e sua posterior moralização oferece a Gogó um conjunto de valores que faz sentido no contexto da cultura afro-brasileira. A capoeira é vista como um meio para transmitir o melhor da cultura herdada dos escravos e não suas malandragens. Tais valores moldam não somente seu próprio caráter, mas transformam-se na base dos trabalhos educacionais que ele desenvolve até os dias atuais.

A Chegada em Curitiba: Gogó se Descobre Sambista

Gogó nos conta que a Federação de Capoeira envia os mestres aos lugares que precisam. Em 1984, Curitiba precisava de um mestre e foi agraciada pela vinda do Mestre Gogó de Ouro, recebido pelo famoso Mestre Burguês, da Academia Muzenza. O primeiro estranhamento na nova cidade não tardou a aparecer. No Rio de Janeiro, ou mesmo em Salvador, era comum que, após encerrar o **jogo** propriamente dito, a roda de capoeira não fosse imediatamente dispersada. Os músicos ficavam ali, com os instrumentos, cantando samba de roda. Mas em Curitiba não era assim. Terminada a capoeira todos trocavam suas roupas e iam direto para casa. Essa diferença era intrigante e Gogó não se rendeu a ela facilmente.

A capoeira terminava, ao lado do Bondinho da Rua XV, e Gogó ficava ali mais um pouco, tocando pandeiro. Então, aconteceu algo que também não ocorria nos outros lugares. A polícia passou e o levou para o módulo policial da Praça Osório. Qual era a acusação? O senhor Jaime estaria **fazendo montinho**, o que não era tolerado na capital do Paraná. Este não foi o único episódio. Outra vez, no bebedouro do Largo da Ordem, Gogó reincidiu no mesmo **crime**: tocar pandeiro e cantar na rua, ou seja, **fazer montinho**. Então, o levaram até a Praça Tiradentes e, como na primeira vez, foi solto logo em seguida.

Em uma dessas ocasiões, Mestre Burguês foi buscá-lo e, obviamente, não estava contente com a situação. O problema não era Gogó ter sido preso, mas a constatação de que seus novos hábitos não condiziam com o que se esperava de um mestre de capoeira. O capoeirista deveria ser como um atleta. Não poderia sair à noite para aproveitar os prazeres da vida boêmia. Entretanto, o modo como Gogó de Ouro cantava samba chamava cada vez mais a atenção dos músicos da cidade. Os convites para integrar a vida noturna de Curitiba estavam ficando frequentes. Em julho de 1985, menos de um ano após sua chegada, ele recebe uma notícia nada bem-vinda. Mestre Burguês decide que é hora do Gogó de Ouro partir para outra cidade. Sua passagem já estava comprada, mas Curitiba também já tinha deixado nele uma marca. Diante do impasse e da intransigência de seu superior na capoeira, Gogó de Ouro rompe com Mestre Burguês e assume o samba definitivamente. A entrega



de seu cordel verde e branco é o preço a ser pago pela decisão. Desse momento em diante, a capoeira passa a ocupar outro lugar em sua vida: ela é um instrumento para a educação. Mas vamos deixar essa parte para o final.

Ao ouvir, do próprio Gogó de Ouro, a narrativa dos primeiros anos em Curitiba, ficou uma questão a ser respondida: o que este capoeirista, que veio do Rio de Janeiro para descobrir o samba em Curitiba, trouxe de tão especial, a ponto de causar impacto no meio musical da cidade? A resposta não veio dele, mas de seus companheiros, daqueles que acompanharam sua história.

João Carlos Freitas, pesquisador da história do samba no Paraná, resume suas impressões de forma enfática. Segundo ele, Mãe da Cuíca pode ser considerado o fundador do samba em Curitiba, no início da década de 1940. Como fundador, imprimiu uma característica própria, que trazia personalidade e distinguia a cidade dos demais recantos de samba espalhados pelo Brasil. Ainda segundo o pesquisador, com a chegada de Gogó de Ouro, o samba já consolidado foi balançado por uma ginga e uma efervescência trazida de fora. Não deixou de ser o samba de Curitiba, mas ganhou um molho diferente, tornou-se mais solto. Mesmo os instrumentos mudaram. Não era costume usar banjo, tantã e repique de mão. Gogó de Ouro foi o responsável por tais inovações. Além disso, o partido alto (improvisação) também não fazia parte dos costumes dos sambistas. A origem na capoeira o tornou um grande partideiro e, segundo João Carlos, “[...] o samba de Curitiba não foi mais o mesmo” (FREITAS, 2009, p. 18).

Outro grande personagem da cultura curitibana concedeu-nos um depoimento sobre o Gogó. Glauco Souza Lobo era o presidente da Fundação Cultural de Curitiba, justamente em meados da década de 1980. Nessa época, uma das grandes demandas culturais, e que merecia a total atenção da Fundação, era a valorização da cultura de origem africana, em uma cidade cuja tradição, ou autoimagem construída, apontava apenas para a herança europeia (embora sua população negra fosse numerosa). A chegada de Gogó de Ouro a Curitiba responde a essa demanda na medida em que ele tem vasto conhecimento de tradições que, segundo Glauco¹, Curitiba só conhecia de ouvir falar (informação verbal). O Jongo, por exemplo, só chegava através dos LPs de Clementina de Jesus. O Maculelê, e outras tradições do tempo da escravidão, não fazia parte do repertório cultural construído. Gogó de Ouro teria trazido toda esta vivência em sua bagagem.

De volta ao relato do próprio Gogó, percebemos que samba e Curitiba é uma dupla que se estabelece de maneira indissociável. Em certa ocasião, o sambista Anildo Guedes o levou para o Rio, como motorista, para um festival. Chegou lá e acabou subindo no palco. Gogó já tinha voltado, como sambista, para participar de roda de rua, mas enfrentar o palco era a primeira vez. O pessoal do Rio ficou ao mesmo tempo impressionado com seu trabalho e indignado como a sua opção de fazer samba em

1 Informação fornecida por Glauco Souza Lobo à Verônica Calazans em 18 de julho de 2016 em Curitiba (entrevista).

Curitiba. Queriam que ele ficasse lá, mas receberam a seguinte resposta: *Lugar bom de fazer samba é Curitiba.*

É interessante notar que, em Curitiba, sua primeira experiência no palco exigiu-lhe talentos de ator que, para ele, eram até então desconhecidos. Em 1985, Gogó participou de um grande espetáculo, realizado no Teatro Guaíra, que se desenvolvia em torno da origem do samba. Foi quando ele interpretou Madame Satã, papel que também explorou seus talentos de capoeirista e cantor.

Assim como no Rio de Janeiro, seus primeiros trabalhos como cantor evidenciavam sua falta de uma formação musical formal. Ele brinca que: *Não sabia nem o que era tom.* Mas esta fase logo foi superada, dando lugar a um artista completo e único. É impossível não pensar que, no final, quem ganha é o samba de Curitiba. O irônico, ou trágico, é que em 1987, já como sambista, Gogó teve o terceiro encontro com a polícia, nesta cidade. E este foi o mais grave, pois teve que dormir na delegacia. Mesmo assim, não cogitou a possibilidade de voltar para o Rio. Entre suas inúmeras contribuições a essa manifestação cultural, destaca-se o esforço por estabelecer o Dia Nacional do Samba (Figura 1), que rendeu importantes eventos de comemoração e a reunião dos sambistas mais destacados da cidade. Nesse mesmo espírito de generosidade, Gogó de Ouro pode ser considerado o padrinho de inúmeros artistas, assim como ele mesmo reconhece ter sido generosamente apadrinhado por importantes figuras como o Picolé (sambista da turma do Maé da Cuíca), Cláudio Ribeiro (compositor) e os já citados João Carlos Freitas e Glauco Souza Lobo.



Figura 1 – Cartaz do evento do Dia do Samba
Fonte: Acervo pessoal (2007).

As Crianças

Entrevistando um sambista do porte de Gogó de Ouro, imaginamos que as conversas terão o samba como único ponto central. Engano. Sem perceber, a conversa nos levava, frequentemente, a outro rumo: as crianças. A importância das crianças na vida de Gogó de Ouro não é menor que sua paixão pelo samba. Ainda no Rio de Janeiro, ele participava de um projeto que se chamava **Projeto Menino de rua** e cujo objetivo era o de oferecer uma oportunidade de educação às crianças em situação de risco. Ao chegar em Curitiba, seu papel junto à Fundação Cultural extrapolou o âmbito musical (Figura 2).



Figura 2 – Um dos tantos projetos destinados às crianças
Fonte: Acervo pessoal (1997).

Ao lado de companheiros como Charrão (José dos Santos Barbosa, sambista) e Bola Rei Momo (Reinaldo Bola), Gogó de Ouro participou das origens do **Projeto Piá**, afinal de contas, é assim que se chama **menino** em Curitiba. O cordão de mestre de capoeira tinha sido entregue, mas os valores da cultura herdada nunca o deixaram. Gogó começou a ensinar capoeira em colégios situados nos bairros da Barreirinha, Pilarzinho, Vila Nori, Abranches... Segundo Glauco², sua principal contribuição era o

² Informação fornecida por Glauco Souza Lobo à Verônica Calazans em 18 de julho de 2016 em Curitiba (entrevista).

acesso privilegiado que ele tinha junto à comunidade: Gogó tinha a ginga do **malaco**, mas essa ginga não era no sentido da desonestidade. Ao contrário, ele era o malaco respeitado na comunidade, justamente por seus valores e pela responsabilidade com a qual desenvolvia seus trabalhos.

De todas as escolas por onde passou, uma lhe deu o maior presente que é possível imaginar. Quando passou a ensinar no Lar do Bom Menino, no Xaxim, um dos meninos, interno, chamou logo a sua atenção. Formou-se, inexplicavelmente, uma profunda ligação entre este menino de 7 anos e o novo educador. Gogó conta que às vezes era chamado no Lar para acalmar o menino que pedia por ele. Com o tempo, conseguiu a permissão de levar o menino para sua casa, aos finais de semana. Logo, Gogó de Ouro e sua esposa perceberam que tinham ganho da vida um filho, só faltava oficializar. Assim foi feito. E ele deixa bem claro: *Não tem essa história de **filho da coração**. Filho é filho.*

E para seu filho, Gogó não queria a mesma vida de músico que ele levava. Porém, não adiantou muito contrariar o inevitável. Quando se deu conta, seu padrinho Picolé estava ensinando música para o menino, em segredo. O menino cresceu e hoje é um grande músico: o percussionista Macarrão. Uma de suas irmãs também seguiu o caminho do pai, já conformado com as respectivas opções.

Uma Vida que Fala

Deixamos para o fim o relato do encontro de Gogó com seu filho porque ele fecha um ciclo que parece, a uma primeira vista, dar o tom dessa história de vida tão especial. O menino, que um dia foi acolhido por uma família e retirado de sua vida de dificuldades, cresceu. E quando ele já tinha encontrado seu caminho, encontrou um outro menino, talvez parecido com ele, e fez o mesmo. Entretanto, o modo como Gogó conta essa história não retrata um mero sentimento de retribuição. Em outras palavras, ele não se mostra envaidecido por ter retribuído de alguma forma a chance que outros lhe deram, não se descreve como alguém que está devolvendo um favor, mas como quem ganha um segundo presente.

Este sentimento de gratidão é uma constante em suas falas. Desde a família que o acolheu, os mestres de capoeira que o orientaram, seu amigo Kunta (Geraldo Xisto Gonçalves, Mestre Kunta Kinte) que o recebeu em casa quando ele deixou a capoeira, os sambistas da velha-guarda que lhe deram o primeiro impulso... Só gratidão. O mesmo respeito aos mais velhos, como valor ensinado às crianças através da capoeira, aparece em sua fala, com relação àqueles que lhe serviram de referência.

Há outro elemento a ser destacado. A conversa foi constantemente direcionada, por ele, aos projetos que envolvem o samba ou as crianças. Tais projetos são sempre descritos por seu caráter coletivo. Seja nos relatos do passado ou nos planos para o futuro, sempre aparece o nome dos companheiros que compartilham aquela jornada.



Demonstrando plena consciência do papel que exerce na sua comunidade, na periferia, Gogó parece ter mais orgulho disso do que de qualquer conquista individual. Mesmo o aspecto da superação – evidente e inquestionável – é diminuído em seu discurso. Das partes difíceis, Gogó de Ouro fala de modo bastante econômico e objetivo. Tentamos perguntar sobre racismo, preconceito. Duas ou três palavrinhas e o assunto tomou outro rumo.

Para concluir, as **Vidas que falam** contam histórias de pessoas que assumiram uma herança ancestral e transformaram outras vidas a partir daí. Entretanto, as **Vidas que falam** não falam todas do mesmo modo e pelos mesmos meios. A vida de Jaime Virginio Queiroz, o Gogó de Ouro, não fala através de uma teoria, ou mesmo uma reflexão sobre o que é ser negro ou o que dizer aos outros que se reconhecem como tal. No respeito às figuras de referência, na gratidão aos companheiros de jornada, na preocupação com os que representam o futuro, sua vida fala através dos valores ancestrais, tão estruturantes que se tornam o único caminho possível.

Referências

FREITAS, J. C. **Colorado**: a primeira escola de samba de Curitiba. Curitiba: Edição do Autor, 2009.



*Maria Lúcia de Souza:
descobri a negritude, respiro
negritude*

Gilson Leandro Queluz



Memórias da Infância e do Trabalho

Maria Lúcia de Souza tem 57 anos e nasceu em Mendes Pimentel/MG, terceira filha de 13 irmãos, quatro dos quais faleceram quando crianças, estando vivos nove: Narzarino, Maria Lucia, Marina, José, Darcy, Marinete, Maria de Lourdes, João, Marcilene. O pai é Antonio Garcia de Souza e a mãe, Neusina Inácio de Souza (Fotografia 1). Ele, filho de espanhol com uma índia. Ao longo da entrevista, Maria comenta brevemente sobre suas raízes familiares. Segundo ela, seu avô paterno teria vindo para o Brasil na época da Primeira Guerra Mundial e, figuradamente, laçou a sua avó no mato, a qual passou a ser sua esposa. Relata, também, acerca de seu pai, que quando criança foi morar na casa de alguém que o ensinou a ler. Depois, teria seguido seus estudos de maneira autodidata, conseguindo, inclusive, lecionar no ensino primário da região, chegando a ser juiz de paz, cargo simbólico do respeito da comunidade para com ele. A mãe de Maria Lúcia era neta de escravos por parte de pai, e neta de italianos por parte de mãe. Como um fato curioso, porém exemplar das relações sociais de um dado período da história do Brasil, Maria Lúcia narra que a família do seu avô paterno foi proprietária da família do seu avô materno, mesmo após a abolição da escravidão.



Fotografia 1 – A família de Maria Lúcia

Fonte: Acervo pessoal (1993).

Nota: Em pé, seus pais Antonio e Neusina.



A primeira lembrança marcante que Maria Lúcia narra de sua infância é aquela relacionada à fome, marcada pela combinação das dificuldades causadas pela seca na região em que morava, com a doença do seu pai: *Passsei fome sim, muitas vezes a gente ia deitar e a minha mãe deitava do lado e passava a mão na cabeça e a gente falava: – Mãe, a gente tá com fome. E ela falava assim: – Durme que passa a fome.* Maria Lúcia enfatiza que o amor e o carinho dedicados pelos seus pais a ela e a seus irmãos eram uma coisa boa, mas que: *Alimentos mesmo a gente não tinha.* A doença do seu pai fora proporcionada por uma depressão causada pelo falecimento de uma filha do primeiro casamento. Maria Lúcia narra que para tentar salvá-la seu pai vendera os bens, os animais e até mesmo um sítiozinho no esforço para pagar um tratamento médico na cidade de Vitória, pois naquele tempo: *Tudo era particular, não tinha tratamento gratuito.* Após ser desenganada pelos médicos, esta filha e o pai retornaram à casa em Minas Gerais. Ela permaneceu em coma por aproximadamente trinta dias até falecer. O momento da sua morte foi extremamente marcante para Maria Lucia:

Eu vou morrer com cem anos e não vou esquecer essa cena. Que ele entra assim, ele estava todo barbudo, cabeludo, sujo... Estava numa depressão mesmo, no mato. E ele entrou casa adentro e foi em direção do quarto aonde ela estava, parou em frente à porta e ela virou o olho, olhou pra ele, e nós ali, os filhos todos juntos. Quando viu o pai, ela olhou pra ele e falou: meu pai, o senhor precisa deixar eu ir. Meu tempo aqui já terminou. Ele falou: vai com Deus, minha filha. Então, foi uma cena muito marcante para mim com idade de cinco anos, eu não esqueço nunca.

O falecimento da última dos sete filhos do primeiro casamento aprofundou o estado de depressão do pai de Maria Lucia, intensificando a precariedade da vida cotidiana da família, que passou a se alimentar apenas de angu de banana verde e manga. A situação só foi contornada quando a sua mãe, analfabeta, solicitou ajuda, por meio de uma carta escrita pelo seu pai ao tio Vicente Garcia, irmão de seu pai. Ele, que residia no Paraná, prontamente se dirigiu a Minas Gerais. Lá chegando, comprou remédios para a melhoria da saúde do irmão e comida para a família: *Ele foi na cidadezinha lá, comprou batata, macarrão, comprou carne. Foi uma festa a chegada do meu tio em Minas Gerais.*

Com a recuperação do seu pai, a família dirigiu-se em um pau de arara para o norte do Paraná. Foram vagando de fazenda em fazenda, até o pai conseguir um sítio onde plantava de ameia – na microrregião de Toledo, na cidade de Nova Aurora – ou seja, metade da colheita ficava para o proprietário da terra e metade para ele. No sítio plantavam especialmente hortelã¹, para a produção de óleo de hortelã, pois: *Ø que dava mais dinheiro na época era hortelã. E quando tinha colheita, eram três colheitas no ano. Cortava ele, ele brotava novamente, daí cortava, então eram três colheitas no ano. Era uma coisa que dava dinheiro.*

1 Sobre o ciclo de plantação de hortelã no oeste do Paraná, consulte Backes (2009).

Após três anos nesta região, o seu pai ouviu falar de uma fazenda em Matelândia, onde, dizia-se, que se o agricultor derrubasse a mata para fazer plantação, o fazendeiro dava a terra para plantar gratuitamente por quatro anos. Nesta ilusão, seu pai e a família se dirigiram para a região oeste do Paraná. Ao chegarem na fazenda Padroeira², logo ao atravessar o seu portão se deram conta de que: *O regime na fazenda era praticamente um regime de escravidão.* A fazenda era um grande latifúndio, estendendo-se ao longo dos municípios de Matelândia e Ramilândia. Segundo a entrevistada, era uma verdadeira ocupação ou grilagem, que baseava sua produção em um regime de severa exploração:

As pessoas não conseguiam, depois que entravam lá, não conseguiam mais sair. Porque elas acabavam adquirindo dívida na fazenda e não conseguiam pagar aquela dívida nunca. E aí... tinha os jagunços, que, por exemplo, se você chegasse lá na sede, e falasse alto com alguém, com os administradores, o jagunço ia lá e enfiava uma bala na testa. Eu vi isso várias vezes, na minha frente, caía assim, pai de família.

A sua família só conseguiu se livrar da situação porque seu pai, letrado e bastante diplomático, após algum tempo, conseguiu um cargo de administrador do trabalho dos boias-frias na fazenda. Isso lhe permitiu que, combinado à renda oriunda do trabalho dos filhos que também atuavam como boias-frias, acumulasse em um ano o dinheiro necessário para pagar a dívida e retirar-se da fazenda.

O destino da família, agora composta, além de Maria Lúcia nos seus 13 anos, por mais 8 irmãos, foi o Paraguai para plantar hortelã em terras que o seu tio Vicente comprara. Na localidade paraguaia, em que também moravam, aproximadamente, outras 300 famílias brasileiras, as dificuldades de sobrevivência se amenizaram. Maria Lúcia continuou trabalhando na roça e narra que teve a oportunidade de realizar seu primeiro trabalho social. Apenas nove das famílias de brasileiros eram católicas romanas, as demais eram evangélicas da Congregação Cristã. Maria Lúcia procurou romper o isolamento destas famílias católicas, no início, reunindo-as semanalmente nas casas para conversar, orar e escutar discos com mensagens e cânticos religiosos, como os do padre Zezinho e, posteriormente, com a decisiva colaboração de seu engenhoso pai e de pessoas da comunidade, construindo em mutirão uma pequenina igreja onde passaram a se realizar os encontros.

Ao completar 18 anos, Maria Lúcia comunicou ao pai sua decisão de vir morar em Curitiba através do seguinte diálogo: – *Olha, se o senhor quiser ficar aqui no Paraguai o senhor fica, eu vou embora para Curitiba. Meu pai disse: – Não, filha minha não vai sair sozinha, se você vai vamos todos.*

Desta forma, a família de 12 pessoas (os pais, 8 irmãos e 2 tios) se dirigiu para Curitiba, onde já residia o irmão mais velho. Chegaram na cidade: *No dia 29 de junho de 80, estava caindo uma geada que congelou os canos d'água.*

2 A Fazenda Padroeira foi invadida pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em 1986, alguns anos depois do episódio narrado por Maria Lucia. Consulte Ribeiro (2007).



Maria Lúcia conta que, no dia seguinte, foi fazer a carteira de trabalho e, ao realizar o então exame obrigatório de pulmão no posto da saúde pública:

A atendente perguntou qual era a minha profissão. Eu respondi: – Doméstica. E ela perguntou: – Você está trabalhando? Eu falei não. Ela falou: – Você não quer trabalhar na minha casa? Eu falei: – Eu quero. E lá fui eu para a casa da mulher, no mesmo dia, eu e a minha irmã, a Marina, que é mais nova do que eu, porque as duas foram fazer os documentos.

Foi assim que ela se inseriu no mercado de trabalho informal dos serviços domésticos, por um curto prazo de duas semanas na casa da referida atendente, por um ano trabalhando como babá e por quatro anos atuando como cozinheira. Entre as dificuldades de adaptação cultural enfrentadas, Maria Lúcia descreve de forma bem-humorada seu encontro com as **modernas** tecnologias domésticas:

Não sabia o que era um aspirador de pó, eu não sabia o que era um liquidificador, eu não sabia o que era um telefone. Ninguém tinha me apresentado ainda a essas coisas. Eu só me lembro de uma cena muito engraçada, que a mulher mandou eu lustrar, passar a enceradeira na casa. Eu liguei a enceradeira, fui lá e liguei na tomada, imagina? A enceradeira saiu andando sozinha na casa, quebrando tudo...

Foi trabalhando como babá na casa de uma professora do Colégio Estadual Dezenove de Dezembro, que Maria Lúcia teve a oportunidade de iniciar seus estudos, aos dezenove anos. Ela comenta que teve muita facilidade com o aprendizado, terminando o ensino primário, até a quarta série, em um ano e, posteriormente, concluindo os estudos até a oitava série. Teve dificuldades ocasionadas pelo sistema excludente de exames de admissão então existentes para o ensino médio, em entrar em uma escola pública para cursar este nível de ensino, acabando por cursá-lo em uma instituição particular, o Colégio Bardal.

Maria Lucia, ao comentar seu processo educacional, enfatiza sua boa relação com a segunda família em que trabalhou como cozinheira:

Nessa outra casa também a família me ajudou muito, e eu até costume dizer que eu era empregada doméstica da família, mas era muito respeitada. A família não me tratava como empregada doméstica. Eu era mais um membro da família ali. E, às vezes, a gente fala que não é valorizado, eu quando trabalhei naquela casa fui muito valorizada, né? E aí, tinha uns adolescentes que estavam no mesmo nível que eu da escola, então eles adoravam me ensinar. Então, qualquer dúvida que eu tinha, eu sentava com eles e eles me ensinavam e era muito legal.

Após estes anos trabalhando como cozinheira nesta casa, Maria Lúcia passou a trabalhar – pela primeira vez com a carteira assinada – como zeladora da empresa Ivaí, especializada em engenharia de obras. Dois anos depois, saiu deste emprego e foi trabalhar em uma confeitaria, passando a se dedicar ao setor de alimentação.

Neste meio-tempo, sua família foi morar em Itapoá, onde seu pai passou a trabalhar como caseiro em uma chácara. Porém, gradualmente, Maria Lúcia foi assumindo grande responsabilidade para com a família, pois seus irmãos menores, na ausência de escolas de ensino médio em Itapoá, foram migrando para Curitiba para concluir os estudos. Desta maneira, colocou-se com urgência o problema da moradia, pois, até então, Maria Lúcia e a irmã moravam nas casas das famílias em que trabalhavam e solucionavam com improvisos a situação dos irmãos. O anseio pela moradia teve um primeiro desenlace quando conseguiu sua primeira casa através da Companhia de Habitação Popular (COHAB), um apartamento no conjunto Atenas I, localizado no bairro Campo Comprido. A estabilidade de moradia permitiu que se organizasse para a continuidade e aprofundamento de suas atividades: *Fomos morar no apartamento ali e continuei estudando. Estava fazendo o ensino médio, trabalhando e, nos finais de semana, participava do grupo de jovens. O grupo fazia teatro, uma coisinha ou outra, bem coisas de igreja mesmo.*

Consciência da Negritude

Maria Lúcia tomou maior consciência quanto à questão racial nos preparativos para a comemoração do centenário de Abolição da escravatura. Mais especificamente, nos encontros preparativos, durante o ano de 1987, para a campanha da fraternidade da Igreja Católica Romana de 1988, cujo tema foi **A fraternidade e o negro**³. Maria Lúcia conta que até então esta não tinha sido uma questão relevante para ela. Em uma casa com o pai branco e a mãe negra, aprendera com a mãe a se valorizar enquanto negra: *Tinha que andar sempre muito limpinha, com o cabelo sempre penteadinho, sempre tudo muito correto porque vocês são pretos.* Esta valorização era de modo velado, pois o pai, apesar de todos os filhos serem pretos, preferia enfatizar sua herança espanhola tentando, inclusive, ensinar a língua para as crianças.

Foi no contexto de sua participação no grupo de jovens da igreja do São Braz, durante um festival de música sacra por ele organizada, que ela entrou em contato com o coletivo que estava na preparação da campanha da fraternidade:

Em fevereiro de 87 dois rapazes chegaram no festival, e me entregaram um convite para um encontro que ia ser em abril para discutir a campanha da fraternidade. E eu olhei para eles e pensei, certamente esses dois polacos tão achando que eu sou negra. É, mas eu não sou.

Apesar disso, convencida por sua amiga Helena que morava no mesmo conjunto, resolveu ir à reunião preparatória que ocorreu na igreja Bom Jesus, localizada na Praça Rui Barbosa:

Quando eu entro naquela sala, eu olho, é uma sala grande, tinha umas quarenta pessoas, brancos e negros. Tinha bastante negro naquela sala. Eram mais

³ Sobre a campanha da fraternidade de 1988 e o processo de criação da pastoral afro-brasileira, consulte Passos, Giorgi e Baptista (2015).



seminaristas e freiras. Elas estavam organizando o 1º encontro estadual. E aí quem me recebe? Aqueles dois polacos, que eram o Ivo que era seminarista e o Eduardo.

Ao final do encontro, eles cantaram uma música em nagô. Segundo ela, isto: *Foi de uma profundidade que bateu lá na alma, lá dentro da minha alma.* Em sua casa passou a se questionar:

Por que que você não conhece essa língua que é da tua mãe? A tua mãe tem uma língua. Você sempre soube que o pai tinha, que era espanhol. E a mãe? Aonde que se fala a língua da mãe? Fui para casa com aquilo e aquilo não saiu mais da minha cabeça. E não saiu da minha cabeça, do coração, do resto do corpo.

Retornou à Igreja de Bom Jesus para um segundo encontro, onde se deparou, com: *Aqueles negros dançando e tocando capoeira... e uns padres e umas freiras e uma freira de hábito. Nunca havia visto tanto negro junto.* Declara que neste momento foi definitivamente: *Mordida pelo bichinho da negritude. Eu descobri naquele dia que eu era negra.*

A partir daí envolveu-se fortemente com o movimento dos agentes da pastoral do negro:

Com a campanha da fraternidade brotou movimento pelo país inteiro, a discussão sobre a negritude brotou pelo país inteiro. Aqui em Curitiba a gente tinha grupos em todas as igrejas, todas as paróquias tinham grupo, que a gente chamava de grupo de base. Esse grupo discutia lá na igreja, e na quinta-feira dois ou três negros desses grupos iam para a reunião, que era onde a gente trazia sempre uma pessoa para falar de um assunto. Era do tipo dois aprendem e levam para a base.

Comenta que foi organizado em Curitiba um Encontro Nacional de Agentes da Pastoral do Negro, o qual exigiu uma grande mobilização e trabalho. Também em Curitiba, foi realizada, em 23 de novembro de 1987, a primeira missa com elementos e liturgia afro realizada em uma catedral no Brasil.

Porém, após a campanha da fraternidade, a Igreja retirou gradualmente o apoio aos agentes da pastoral negra. Maria Lúcia conta que, mesmo assim, não desistiu. Demitiu-se de seu trabalho para militar, sem remuneração, durante seis meses na pastoral, até quando não foi mais possível continuar. Comenta que a sua militância na pastoral se entremeava com a militância no Partido dos Trabalhadores (PT).

Apesar do apoio de algumas pessoas do interior da Igreja, como o frei Davi, que garantiu a continuidade do uso do espaço da igreja Bom Jesus pela pastoral, a estrutura institucional passou a excluir os seminaristas que atuaram como agentes, sob a alegação de militância política. Esta situação e o desejo de ampliação da luta desembocou na organização, no ano de 1990, por parte das pessoas envolvidas com a pastoral, como o Paulo Borges, o José de Arimatéia, a Helena, o Ivo, o Jaime, entre outros, da Associação Cultural de Negritude e Ação Popular dos Agentes de Pastoral Negros (ACNAP)⁴.

⁴ Para mais informações, consulte a página da Associação Cultural de Negritude e Ação Popular dos Agentes de Pastoral Negros (2018).

Para ela, este processo de inserção na luta contra o racismo é fundamental, pois: *A partir do momento que a gente bota a cara para fora a gente é discriminado, se eu tenho consciência automaticamente eu vou ter que fazer alguma coisa.* Por conseguinte, a cada pessoa que os procurava ao ser discriminado, o processo e as formas de luta cresciam. Articularam-se, assim, vários grupos que surgiam e se fortaleciam, como o Movimento Negro Unificado (MNU), o Grupo de União e Consciência Negra, na unidade de lutas comuns. Maria Lúcia cita dois exemplos, o apoio comum à luta da comunidade remanescente de quilombolas Invernada Paiol de Telha em Guarapuava⁵ e a luta contra a discriminação aos terreiros de candomblé. Para ela: *A luta é uma só, eu sempre achei muito fácil fazer essa luta juntos, não encontrei dificuldade. Nós não temos tendência dentro do movimento negro, podemos divergir em algumas coisas, mas tendência não.*

Contribuição ao Povo Negro

Maria Lúcia destaca sua participação na ACNAP. Primeiramente, através do esforço coletivo de arrecadação de fundos para a construção do prédio-sede da ACNAP, no bairro Sítio Cercado. Comenta que para este fim foram realizadas 37 feijoadas, algumas para até 800 pessoas, que conjuntamente com a contribuição pessoal dos membros através do **carnezinho**, e com uma contribuição estatal parcial, permitiram a concretização do intento.

Conta que a região onde foi construída a ACNAP era uma região de ocupação, bastante precária, composta majoritariamente de barracos, com valetas a céu aberto. A ACNAP iniciou um trabalho de reforço escolar, no contraturno da escola regular, procurando melhorar os altos índices de reprovação e a baixa estima das crianças. Maria Lúcia começou a trabalhar com as crianças de quinta a oitava séries, a:

Ensinar e aprender, ensinar sobre negritude e cidadania e tudo que era necessário para elas. As crianças começaram a ter um avanço na escola e, depois de um ano, vários professores das escolas vieram até nós para pedir reunião. Era um grupo de pessoas que queria saber que tipo de trabalho a gente estava desenvolvendo com aquelas crianças para elas terem tido uma melhora nas notas que foi, assim, avassaladora.

Maria Lúcia passou a trabalhar como autônoma na área de alimentação e a dedicar dois dias por semana, durante três anos, ao projeto, o qual lembra com especial carinho: *Foi um trabalho fantástico que eu fiz com as crianças. Até hoje eu encontro essas crianças por aí, eu olho e eu sei quem são, eu sei que hoje pelo menos elas, pelo menos essas, não morreram e nem estão na droga.*

Outro projeto foi desenvolvido pelo ACNAP, em parceria com a Casa Brasil, durante o governo Lula. Um número significativo de jovens carentes, aproximadamente

⁵ A Comunidade Invernada Paiol de Telha, após uma luta de mais de uma década foi a primeira do Paraná a ser reconhecida como território quilombola (CARARO et al., 2015).



150, oriundos de Curitiba, Piraquara, Colombo, São José, recebiam bolsa, para cursar os cursos de panificação ou costura. Maria Lúcia lecionou aulas de panificação e confeitaria, comentando que a experiência foi muito gratificante. Para ela, o jovem precisa de um professor que mostre que ele é gente. Se no começo boa parte dos jovens vinham com drogas na mochila e até revólveres, com o tempo passaram a vir limpos para a escola e, em sua maioria, foram aprovados na tarefa final de fazer bolos ou salgados. Conta Maria Lúcia que 140 destes jovens saíram empregados e soube que apenas dois deles morreram posteriormente, o que a levou à conclusão de que não há jovem sem recuperação: *É só trabalhar com ele.*

Após este projeto, afastou-se da ACNAP em 2005, por problemas de saúde e por desejar que as novas gerações continuassem o trabalho. Comenta, de maneira crítica, que com o governo Lula boa parte dos trabalhos voluntários passaram a ser remunerados, o que levou a uma certa desmobilização do trabalho espontâneo de militância.

Em 2014, iniciou, sempre de forma voluntária, com outras três colegas, o projeto Bebê Solidário, que consiste, a partir de tecidos doados, em fazer roupas de bebê, um enxoval básico e doar para as mães que necessitam. Para identificar o público carente, conseguiram a mediação de dez agentes de saúde de diferentes regiões de Curitiba. Estabeleceram que cada agente teria direito a distribuir um enxoval mensalmente em seu bairro. O projeto rapidamente assumiu uma outra dimensão, com o número de costureiras sendo ampliado para 13. Maria Lúcia relata que, de 2014 até o início de 2016, foram doados 370 enxovais. Os enxovais foram entregues pessoalmente, com a mediação dos agentes de saúde, sendo as famílias cadastradas e a entrega fotografada. Ela comenta que este trabalho, ao mesmo tempo que foi gratificante, foi assustador. Primeiramente, pela miséria das famílias constatada diretamente quando da entrega dos enxovais. Em uma época de pleno emprego, ela percebeu que: *Eravam famílias de pessoas trabalhadoras que se encontravam naquela condição, porque o homem trabalha e ganha salário mínimo e não conseguia pagar as despesas de sustento de uma casa. Famílias morando em barracos onde, muitas vezes, não se conseguia chegar por causa da lama: Num espaço de dois por quatro que você chegava e tinha o colchão no chão, o fogão e uma piazinha, só. Pagando duzentos reais de aluguel.* Em segundo lugar, pela surpresa em constatar que: *Trezentas e setenta, quase quatrocentas famílias que nós visitamos, 90% dessas famílias eram negras.* Para ela foi profundamente assustador, em um momento supostamente bom para o país, chegar: *Numa família negra, com problema de saúde, sem alimento para comer, sem roupa para vestir.* Maria Lúcia, por problemas de saúde, teve que abandonar o projeto no início de 2016, apesar de continuar recebendo doações em sua casa, as quais encaminha para as 10 voluntárias que permanecem atuando.

Militância Cultural

Maria Lúcia comenta que, com o crescimento do movimento negro, apareceram outros grupos que não estavam diretamente ligados à militância. Ela cita especialmente aqueles que desenvolviam projetos culturais. Entre eles, o Escolhido a dedo e o Baluarte, grupos que realizavam desfiles visando à valorização da beleza e da estética negra.

Concedeu maior destaque em sua narrativa à participação durante cinco anos no grupo teatral Arte Negra. Comenta que as peças: *Puxavam mais para o lado social* e rememora, especialmente, a peça **O emprego do lixeiro**, que ficou em cartaz por quatro anos e cujo enredo resume da seguinte forma:

Tratava de um jovem que fazia faculdade mas que não encontrava emprego. O emprego que ele encontrou era de lixeiro e ele não queria sujar a carteira porque estava fazendo faculdade. Tinha um drama que era muito interessante, pois nessa peça a mãe era um pouco arrogante, queria ser importante, o pai tinha asma e respirava muito mal e tinha uma filha doente que tinha epilepsia. A gente encenava dentro de uma cerca de arame farpado, de um por um metro.

Também recorda da peça: *Frígida, que tratava dos problemas de dois casais, principalmente a questão da valorização da mulher*. O grupo também encenava peças menores, de 10 a 15 minutos, para eventos ou apresentação em escolas.

Maria Lúcia também comenta sua participação em um grupo de dança, logo quando iniciaram as atividades da ACNAP. Reflete sobre como estas experiências teatrais e de dança, posteriormente, ajudaram no desenvolvimento de dinâmicas e atividades didáticas nos projetos da ACNAP. Os limites entre cultura, política e militância social aparecem, assim, fluidos, sem fronteiras, na vida de Maria Lucia.

Experiências Religiosas

Maria Lúcia em seu depoimento apresenta uma rica e multifacetada vivência religiosa.

Como vimos, durante muito tempo Maria Lúcia participou ativamente de atividades da Igreja Católica-Romana: organizou grupos de conversa sobre religião, auxiliou a construção de uma igreja quando de sua estada no Paraguai, participou em Curitiba de grupos de jovens e da pastoral negra. Desta intensa atividade derivaram outras militâncias e ações como aquelas narradas na constituição da ACNAP.

Pois, foi no âmbito de sua religiosidade católica que se estabeleceram os primeiros contatos com as religiões de matriz afro-brasileira. Maria Lúcia narra que foi instigada a conhecer estas religiosidades por um dos seminaristas que conhecera nas reuniões dos agentes da pastoral negra. Este seminarista estava desenvolvendo sua monografia sobre o tema das religiões de matriz africana, especialmente umbanda e candomblé, e



convidou-a a acompanhá-lo nas suas visitas aos terreiros. Experiência assim narrada por ela:

Um dia a gente estava numa missa ali na Praça Oswaldo Cruz e ele falou que estava indo em uma festa de umbanda lá em Pinhais. E eu falei: eu quero ir junto. E aí eu fui na festa. Cheguei lá, a mãe de santo olhou para mim e eu já comecei me sacudir com os tambores e ela entrou lá dentro, pegou uma saia e vestiu em mim.

Maria Lúcia diz que se apaixonou pela experiência de frequentar o Candomblé, o que abriu novas perspectivas para sua compreensão das tradições e das culturas africanas e do movimento da negritude. Esta possibilidade de compreensão fora até então obscurecida, pois: *Sempre que ia na igreja Católica, a gente ouviu que era uma coisa muito demonizada e a gente não pensava diferente. Não tem como a gente pensar diferente de uma coisa que a gente não conhece.* Maria Lúcia enfatiza que se aprofundou na busca de conhecimento sobre a religiosidade afro-brasileira, lendo livros, fazendo cursos, também com um objetivo político, ou seja, de combate à intolerância religiosa, que se traduzia, muitas vezes, em perseguições aos terreiros e aos seus líderes religiosos: *Eu tenho que conhecer essa religião porque eu não vou permitir que alguém mais fale mal dessa religião.* Um dos cursos que frequentou e que para ela foi marcante, foi sobre candomblé e cultura africana, ministrado por Glauco de Souza Lobo nas quintas-feiras em que ocorriam as reuniões dos agentes da pastoral do negro na Igreja Bom Jesus.

Apesar do estudo intensivo e do respeito desenvolvido pela religiosidade afro-brasileira, Maria Lúcia não se transformou em uma frequentadora regular do Candomblé.

Este envolvimento mais profundo se deu com o espiritismo. Passando por problemas de saúde, mais especificamente com a coluna, tinha sérias dificuldades de locomoção, chegando a ficar paralisada e com o médico afirmando que ela iria ficar na cadeira de rodas. Uma amiga próxima, ciente de sua situação, convidou-a a se consultar em um centro espírita (Casa Espiritualista Cristã Obreiros da Paz – CECOP), situado no Bacacheri. Maria Lúcia conta que, após esperar por algum tempo na fila, teve uma experiência incrível, mesmo para quem, como ela, passara pelo: *Conhecimento de duas religiões.* Ao entrar no ambiente para tratamento, sua amiga disse: *Seja bem-vinda, fecha os olhos, mentaliza Jesus e que você seja merecedora do que você veio buscar.* Após Maria Lúcia deitar na maca, o tratamento teve início. Ela narra da seguinte maneira a experiência:

Eu levitei, saí dali, do espírito né, saiu da maca assim e aí do lado, eu com o olho fechado, apareceu um homem enorme com uma roupa dessa cor aqui. Eu pensei que era alguém dali do salão que tivesse vindo ali, mas quando eu abri os olhos não tinha ninguém, era a entidade.

Logo após a entidade ter diagnosticado um problema cardíaco, ela sentiu que o seu: *Coração saiu para fora do meu corpo. E eles mexiam, e eu ali deitada, mas tudo isso que eu estou contando para você durou exatamente um minuto.*

Ao longo do tratamento, que perdurou por mais dezoito sessões, Maria Lúcia, que, em média, aguardava duas horas por cada sessão, foi aprendendo princípios do espiritismo com os palestrantes que se revezavam. Também conta que, em uma das sessões, ao ver a entidade, um homem de olhos azuis com uma capa, que a levantara do seu corpo, ela prometeu que, se voltasse a andar, iria trabalhar ali. Conta que esta promessa, somada ao fato de perceber a grande quantidade de pessoas atendidas, mais de mil por dia, a levou a se oferecer para ajudar como voluntária. Trabalhou na cozinha, ajudando a servir café, pão e bolo para os doentes por duas semanas, quando recebeu o convite para: *Trabalhar na doutrina*, trabalho que se dava nas quintas-feiras à noite. Passou, então, a trabalhar como voluntária nas quintas e no trabalho espiritual nos sábados e domingos, especialmente: *Com o desencarnado, porque as mesmas doenças que têm o encarnado têm o desencarnado*.

Este trabalho no CECOP durou cinco anos, quando, por diversos fatores, passou a frequentar um centro espírita mais próximo a sua casa, agora não mais exercendo trabalho voluntário. Ela conclui de modo afirmativo: *Hoje, se perguntar qual é a minha religião, eu sou espírita kardecista*.

Considerações Finais

A entrevista foi concluída em um tom, felizmente, de sentimentos contrastantes. Maria Lúcia fez um apanhado da situação contemporânea do Brasil, comentando sobre sua tristeza com o processo de *impeachment*. Diz que entrou em desespero, um desespero espiritual no dia da primeira passeata do Fora Dilma. Ela, militante do PT, entrou em desespero com a possibilidade de perda das conquistas, frutos de décadas de lutas do movimento negro, do movimento dos trabalhadores, ficando doente por três dias. Também narrou os seus sentimentos durante o dia da votação do *impeachment* na Câmara dos Deputados. Teve uma crise de choro, como se alguém tivesse morrido e falou: *Morreu, morreu a nossa luta, um pouco da nossa luta, morreram os dias que a gente passou acordado, morreram os dias que a gente passou acampado na Universidade Federal, pela política de cotas*.

Porém, esta tristeza com o potencial enfraquecimento da militância e a perda de direitos conquistados pelos trabalhadores, foi contrabalançada por uma vívida esperança na juventude. Apesar do seu constante questionamento sobre se os jovens irão realmente assumir as lutas dos velhos, sintetizada na pergunta essencial, reiterada em diferentes fórmulas: *Os jovens, vão fazer?* Maria Lúcia assume a esperança na juventude na figura dos seus sobrinhos. Orgulhosa, conta que onze dos seus doze sobrinhos estão estudando e sete deles na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Narra que a família está sempre junta e comenta sua participação ativa na educação dos sobrinhos:



Vão vindo os exemplos da gente, quando começa a pisar na bola a gente chega junto, e daí a gente vai educando, chamando mesmo a atenção, chamando para a responsabilidade de algumas coisas. E aí, graças a Deus, estão indo, estudando.

Este momento final de celebração da vida familiar, talvez, seja a síntese de uma alegria de viver presente no comprometimento constante com as lutas da militância no movimento negro, da militância política, na responsabilidade e no amor ao próximo expressados pelo multifacetado trabalho voluntário, no amor por aprender e ensinar, experimentado de tantas maneiras ao longo de seu depoimento. Celebração da vida, celebração da luta coletiva, celebração da consciência negra, porque, nas suas palavras: *Quando eu descobri a negritude, a partir desse momento eu respiro negritude.*

Referências

ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE NEGRITUDE E AÇÃO POPULAR DOS AGENTES DE PASTORAL NEGROS. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/acnapbr/>>. Acesso em: 03 ago. 2018.

BACKES, G. **As plantações de hortelã e as dinâmicas socioculturais da fronteira:** memórias, trajetórias e estranhamentos em Mercedes (Oeste do Paraná 1960-2009). 2009. 159 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2009. Disponível em: <<http://tede.unioeste.br/handle/tede/1749>>. Acesso em: 01 ago. 2018.

CARARO, A. R. A. et al. Paiol de telhas: memória e constituição territorial “quilombola” em Guarapuava, Paraná. In: SEMINÁRIO ESTADUAL DE ESTUDOS TERRITORIAIS, 7., 2014, Ponta Grossa. **Anais eletrônicos...** Ponta Grossa: UEPG, 2014. Disponível em: <<http://www3.uepg.br/seet/wp-content/uploads/sites/5/2014/08/PAIOL-DE-TELHAS-MEM%C3%93RIAE-CONSTITUI%C3%87%C3%83O-TERRITORIAL-%E2%80%9CQUILOMBOLA%E2%80%9CDEM-GUARAPUAVA-PARAN%C3%81.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2018.

PASSOS, P. S. dos; GIORGI, M. C.; BAPTISTA, R. P. A pastoral afro-brasileira e a campanha da fraternidade de 1988: uma análise discursiva das questões raciais no interior da Igreja Católica. **Educere et Educare:** Revista de Educação, v. 10, n. 20, p. 599-610, 2015. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/12600>>. Acesso em: 01 ago. 2018.

RIBEIRO, S. L. S. **Tramas e traumas:** identidades em marcha. 2007. São Paulo: FFLCH/USP, 2007. 392 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-01112007-143040/pt-br.php>>. Acesso em: 01 ago. 2018.



*Jaime Tadeu da Silva:
aguerrido e vencedor*

Maria José Menezes Lourega Belli



Jaime Tadeu da Silva nasceu em Curitiba, em 12 de fevereiro de 1963, filho de Jaime Bezerra da Silva e Maria Bernardes Bento. O ambiente familiar adquiria solidez afetiva por meio do carinho com que sua mãe cuidava de todos. Era uma mulher que se dedicava intensamente aos filhos e, quando Jaime teve de enfrentar a paralisia não esmoreceu, com coragem o envolvia nos braços buscando tratamento médico.

Essa disposição, essa coragem faz com que a disposição de Maria Bernardes Bento nos leve a perceber que: *Tudo é incerto neste mundo hediondo, mas não o amor de uma mãe.*

A lembrança da paralisia infantil é muito forte para Jaime, mais forte ainda tem na memória o carinho e a dedicação de sua mãe, que sistematicamente o levava para fazer fisioterapia e depois ia trabalhar. Com todo esse empenho conseguiu andar e novos desafios enfrentar. Nesse processo, também lhe veio à lembrança a dificuldade em passar pelo tratamento, o percurso feito a pé da sua casa até o centro médico e o esforço grandioso de sua mãe, que acabou resultando em superação.

Na infância, a sua madrinha Zoleide sempre lhe trazia alegrias. Presenteava-o com brinquedos que estimulavam a andar, como cavalinho e carrinho de pedalar.

Devido à paralisia e ao uso de botas ortopédicas, Jaime enfrentou grandes dificuldades de aceitabilidade na escola, o que provocou o seu afastamento da sala de aula.

O pai, Jaime, era uma pessoa enérgica, exigente e disciplinada. O seu olhar fixo se mantém ainda inesquecível. Acredita que esse importante referencial paterno foi sempre um grande desafio, já que buscou demonstrar a ele o quanto era capaz de conquistar independência e se auto realizar.

Nesse período, sua família mudou-se para Blumenau/SC. Jaime ingressou na Guarda Mirim, PROMENOR, fazendo vários trabalhos e retornando à escola. Um dia, varrendo a rua, um senhor passou e lhe disse que nunca tinha visto uma pessoa deficiente estar desempenhando aquela função. Essa abordagem até hoje o entristece e o faz pensar o quanto “[...] as dificuldades são o aço estrutural que entra na construção do caráter” (ANDRADE, 2013, p. 18).



A família de Jaime retornou em 14 de agosto de 1977 a Curitiba, e ele passou a procurar emprego. Porém, a situação do país estava extremamente difícil, a política econômica dos governos militares estava no auge, gerando inflação e desemprego.

Depois de algum tempo desempregado, conseguiu, por intermédio de sua madrinha, colocação em uma gráfica e assumiu como ajudante de impressor. A empresa acabou sendo vendida, mas os novos donos resolveram mantê-lo na função. Assim, a mudança foi apenas de endereço, já que a gráfica foi para Araucária.

Jaime permaneceu nesse emprego por três anos, saindo quando a gráfica acabou falindo e fechando suas portas. Passou a fazer bicos e, depois, foi trabalhar no Supermercado Mercadorama, onde fez um grupo de amigos que lhe trouxe grande felicidade. Ao sair do mercado, novamente enfrentou problemas econômicos.

O seu sonho era conseguir uma colocação como office boy; acreditava que poderia ser uma oportunidade para receber um salário melhor. Mas não teve êxito e, sua madrinha, novamente, o ajudou a conseguir um emprego numa gráfica. Desta vez a empresa fez o registro em carteira, e logo depois Jaime foi convidado para trabalhar na gráfica do Partido dos Trabalhadores (PT).

Jaime destaca duas lembranças marcantes da sua juventude, que agora lhe vêm como um flash, acontecimentos que o colocaram diante da perversa discriminação racial.

A primeira situação ocorreu quando ele e seu amigo entraram em um táxi, e o taxista chamou a polícia por acreditar que seria assaltado, e quando da chegada da polícia nada foi provado, e os policiais pediram desculpas e foram embora. A segunda angustiante situação ocorreu quando, ao carregar um televisor que buscara no conserto, foi acusado de ladrão por um motorista que passava. Jaime lembra até hoje que o carro do motorista era um corcel. Quando da chegada da polícia, ficou amedrontado diante da acusação injuriosa, de que teria roubado o aparelho. Apesar do pânico, afirmou que poderia provar ser o dono da televisão, e para tal bastaria que o acompanhassem à oficina do conserto. Jaime se recorda com intensidade o desenrolar de todo aquele acontecimento trágico. A polícia chegou de forma agressiva. Sem se amedrontar, com coragem conseguiu estabelecer a verdade diante da acusação injuriosa. Os policiais, percebendo que haviam se precipitado ao acusarem sem prova, resolveram se desculpar e logo foram embora. Naquele momento de grande susto, Jaime ficou inconformado pela violência dos agentes policiais. Só mais tarde compreendeu que, além da violência sofrida, havia também se deparado com uma ação injusta e impregnada de discriminação racial.

Todas essas situações vividas ganharam um novo sentido quando entrou na gráfica do PT e passou a militar na Pastoral Operária, particularmente quando ocorreu um encontro das Pastorais Operárias em Foz do Iguaçu e Jaime se aproximou dos Agentes Pastorais Negros.

Assim, Jaime ingressou nessas duas frentes de luta e desenvolveu uma compreensão histórica da presença africana no Brasil, as formas de lutas e resistência. Nesse processo de aprendizagem, foi se descobrindo ao constituir uma identidade negra. Esse percurso de percepção sempre ocorreu integrado com a coletividade que assegurou uma circularidade de experiências que levaram ao avanço da luta negra nas escolas, sindicatos, partidos, igrejas e associações de moradores. Já estando presente na Pastoral Negra, conheceu o professor Ivo Queiroz, que o estimulou a melhor compreender os movimentos de lutas e de tomada de consciência por parte dos movimentos negros. Compreendeu a necessidade de ir além da denúncia, a importância de mobilizar e transformar a injustiça em justiça. Nessa caminhada, ocorreu primeiramente a compreensão da história africana no Brasil por meio do projeto enegrecido que foi ganhando espaço junto com a comunidade e se ampliou com a substituição do 13 de maio para 20 de novembro (Figura 1), consagrado como o dia internacional da Consciência Negra. Outro importante desafio foi a criação de estratégias para gerar oportunidades para o ingresso de negros nas Universidades, o que ampliaria os espaços de inserção dos negros na sociedade.



Figura 1 – Cartaz referente ao dia da Consciência Negra (20 de novembro)
Fonte: Grupo Ka-naombo (2017).

A participação de Jaime em todas essas lutas junto à Pastoral passou por grandes modificações, pois o grupo de que ele participava resolveu criar outra frente de luta e adquirir independência da Pastoral. Essa movimentação culminou com a fundação da Associação Cultural de Negritude e Ação Popular dos Agentes de Pastoral Negros (ACNAP). Nesse novo desenho de atuação, a Pastoral Afro se faz presente na Igreja Católica, e a ACNAP desenvolve diálogos com todas as religiões.



Nesse momento de tantas realizações por meio do esforço coletivo, a sensação é de que é “[...] fácil é sonhar todas as noites. Difícil é lutar por um sonho” (ANDRADE, 2013, p. 25). E, as conquistas somente foram possíveis, pois: “Vontade de chegar / Como quem já chegou / Chega de chegar / Depressa é muito devagar” (LEMINSKI, 2014, p. 56).

Para institucionalizar e viabilizar o funcionamento da ACNAP, em 1990, foi desenvolvido um Estatuto em vigor até hoje. O grupo se mobilizou para a construção da sede e, para isso, recebeu doações e promoveu muitos eventos como feijoadas, a Noite negra, concursos de beleza Palmares. Em meio a todo esse esforço coletivo, surgiu o grupo cultural Afro Ka-Naombo (Figura 2), que, com a suas apresentações, proporciona formas de integração social ao transmitir com alegria e empolgação a música e a dança africana.



Figura 2 – Logotipo Grupo Afro Cultural Ka-naombo
Fonte: Grupo Ka-naombo (2017).

Todas essas ações da comunidade geraram recursos, mas, sobretudo, desenvolveram-se laços de amizade e ampliaram a rede de convivência, o que acabou constituindo um trabalho vigoroso de base. Concomitantemente a todos esses eventos, as reuniões aconteciam em várias igrejas. Depois da edificação da sede, cuja construção levou dez anos, era necessário fazer os acabamentos, e para isso foi elaborado um projeto de reforço escolar, que contou com o apoio de uma entidade chamada **Mais**, de

origem italiana. Conjuntamente com o apoio do **Mais**, foi organizado um curso pré-vestibular com recursos da Fundação Ford e da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Em meio ao contexto de organização, a ACNAP foi procurada pelos integrantes da comunidade quilombola Invernada Paiol de Telha (Figura 3). Buscavam ajuda para reaver suas terras, tomadas por fazendeiros na região de Guarapuava. O grupo, junto com a Associação de Professores do Paraná (APP)-Sindicato e outros movimentos negros, assegurou novas terras no município de Pinhão, através do Banco do Brasil. Vale ressaltar que, ao entrar em contato com essa comunidade, outras foram descobertas e hoje são mais de 100, o que retira da invisibilidade os quilombolas no Paraná.



Figura 3 – Cartaz referente à Comunidade Quilombola Paiol da Telha
Fonte: Terra de Direitos (2015).

Em paralelo à finalização da sede da ACNAP, um novo desenho de atuação foi sendo definido, o campo de atuação se ampliou e hoje ocorre uma atuante participação na rede de luta tanto no estado do Paraná quanto nacionalmente. Jaime destaca a sua presença junto à ACNAP no debate das cotas nas Universidades Federais no Brasil e no âmbito do estado do Paraná. Todas essas ações de sensibilização resultaram em uma resposta positiva por parte da Universidade Federal do Paraná (UFPR), uma das primeiras universidades a reconhecer como justa as reivindicações do Movimento Negro



e adotar o sistema de cotas. Esse grande esforço coletivo prosseguiu e também abriu novos avanços, como a Lei nº 10.639 (BRASIL, 2003), que instituiu a obrigatoriedade do ensino da história do continente africano e da história negra no Brasil; na sequência, veio a Lei nº 11.645 (BRASIL, 2008) na defesa do ensino da história dos indígenas no Brasil. Cabe destaque também ao Estatuto da Igualdade Racial, Lei nº 12.288 (BRASIL, 2010), que representou um documento em defesa do direito à saúde, educação, esporte, lazer, à liberdade religiosa, de crenças, de consciência e de manifestações.

Todo esse amplo e importante conjunto de ações só foi possível porque Jaime contou com o apoio familiar. Jaime declarou seu amor por sua esposa Vera e pela sua família. Assim, para Jaime aconteceu: “Amor Bastante / Quando eu vi você / Tive uma ideia brilhante / Foi como se olhasse / Olhasse dentro de um diamante / E meu olhar ganhou / Mil faces num só instante / Basta um instante / E você tem um amor bastante” (LEMINSKI, 2014, p. 67).

Jaime conheceu Vera e foi se aproximando aos poucos, e com extrema coragem resolveu ir morar no terreno do seu sogro, enfrentar toda a família e construir uma casa. Mas a coragem não parou aí, hoje ele tem três filhos Keny Adubi, Larimi e Amuimi e continua na militância.

Em meio a todos esses acontecimentos, resolveu retornar aos estudos e se formou em história. Ingressou como professor do estado do Paraná em 2012, o que foi uma grande conquista pois o seu primeiro contato com a APP-Sindicato foi como funcionário da gráfica e, agora, assumia a posição de professor atuante na causa negra, nas lutas sociais e na luta pela escola pública de qualidade universalizada.

Assim, a participação na Associação dos Professores do Paraná foi muito importante e possibilitou o desenvolvimento de ações dialógicas nas escolas sobre as questões que envolvem a Lei nº 11.645 (BRASIL, 2008) e também foi criada a Secretaria da Questão Étnico Racial (Figura 4).



Figura 4 – Cartaz referente a atividade de cultura afro nas escolas

Fonte: Cultura Afro nas Escolas (2018).

Mesmo com o envolvimento em todas essas atividades e ainda com o nascimento de Larimi, resolveu sair candidato a vereador em Curitiba. A sua campanha ficou marcada pelo uso do ekete, da música composta por amigos, do apoio da esposa Vera e de todos os que acreditam ser fundamental aprofundar um debate sobre a importância da luta negra e a necessidade de representação na Câmara dos Vereadores.

A convicção da necessidade de uma representação do movimento negro no âmbito parlamentar fez com que novamente se lançasse a vereador, agora buscando defender os movimentos sociais, mas o que ficou mais evidente foi que, sem condições financeiras, não há possibilidade de se eleger.

Essa trajetória de luta com enfrentamentos, desafios e conquistas é avaliada pelo professor Jaime como sendo um esforço coletivo, e sempre carrega consigo a convicção da importância em assegurar a defesa da luta pela igualdade racial no Brasil, e esse empenho já o conduziu a grandes conquistas.

Por isso: “Tem horas que é caco de vidro / Meses que é feito um grito / Tem horas que nem duvido / Tem dias que eu acredito” (LEMINSKI, 2014, p. 87).

E, por acreditar, foi possível a formação do Conselho da Promoção da Igualdade Racial do Estado do Paraná, que passou a existir em 2014, após 20 anos de luta. Agora existe a demanda por recursos e um espaço de atuação, principalmente para a implantação do Programa SOS Racismo no estado do Paraná.

Outra luta foi a instalação de bancas de verificação para todos os concursos públicas do estado, com o objetivo de que se cumpra a lei.

Um ponto negativo é que muitas leis aprovadas acabaram não contemplando todas as demandas do movimento negro. Exemplo disso é o Estatuto da Promoção da Igualdade Racial, que levou dez anos para ser aprovado, sendo sancionado em 2015, mas que deixou sem regulamentar as terras quilombolas e não adotou a taxa de 20% de negros nas programações televisivas.

Mesmo identificando esses desafios, que ainda se fazem presentes, o professor Jaime nutre um sentimento positivo, pois existe um movimento de mudança, um esforço coletivo em tornar este país um lugar mais justo para que possamos viver e transformar nossos sonhos em realidade.

Para o professor Jaime, a grande mensagem para os jovens é: *As ações dos homens são os melhores intérpretes dos seus pensamentos.*

Assim, eles devem ser estimulados a descobrir, estudar e ouvir as experiências que não estão fixadas apenas em um passado longínquo, mas que circulam pelas experiências das comunidades negras.

Finalmente, o professor nos brinda com mais uma de suas histórias.

Gostaria de contar uma história que ocorreu em uma das reuniões da APP-Sindicato, há cinco anos. Uma professora de escola pública, após participar da formação/seminário sobre a Lei nº 11.645 (BRASIL, 2008), relatou que, antes de



se integrar nas questões do ensino da história negra e indígena, agia na escola em que atuava com um olhar indiferente a essas preocupações, tanto no âmbito da aprendizagem quanto na própria convivência na escola com seus alunos e colegas. À medida que rompeu com sua posição de distanciamento e indiferença em relação à história indígena e africana, seu olhar em relação ao Brasil e a sua atuação como professora mudaram. Hoje ela acredita que a consciência e o engajamento fazem com que nós nos percebamos como plurais em uma sociedade compromissada com o coletivo, com a justiça social.

Essa história, junto com todas as outras que relatou, revela exemplos individuais e coletivos que demonstram o quanto é possível transformar a discriminação, a exclusão em justiça e inclusão.

Esse é o caminho para assegurar a cidadania e fortalecer a democracia.

Referências

ANDRADE, C. D. de. **Sentimento do mundo**. São Paulo: Cia das Letras, 2013.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Seção 1, p. 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 03 jun. 2018.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Seção 1, p. 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em: 01 ago. 2018.

BRASIL. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 21 jul. 2010. Seção 1, p. 1-4. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2010/lei/l12288.htm>. Acesso em: 15 maio 2017.

CULTURA AFRO NAS ESCOLAS. Disponível em: <<http://culturaafronascolas.blogspot.com/>>. Acesso em: 03 ago. 2018.

GRUPO KA-NAOMBO. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/category/Society---Culture-Website/Grupo-Ka-naombo-191978240909365/>>. Acesso em: 18 set. 2017.

LEMINSKI, P. **Toda poesia**. São Paulo: Cia das Letras, 2014.

TERRA DE DIREITOS. 2015. Disponível em: <<http://terradedireitos.org.br/noticias/noticias/um-passo-mais-rumo-a-vitoria-quilombo-paiol-de-telha-avanca-na-retomada-do-seuterritorio/18636>>. Acesso em: 03 ago. 2018.



*Cláudio Peba da Silva:
professor, músico e poeta do
samba curitibano*

Wanderley José Deina



Há um rio que atravessa a casa. Esse rio, dizem, é o tempo. E as lembranças são peixes nadando ao invés da corrente. Acredito, sim, por educação. Mas não creio. Minhas lembranças são aves. A haver inundação é de céu, repleção de nuvem. Vos guio por essa nuvem, minha lembrança (COUTO, 2009, p. 25).

Cláudio César da Silva nasceu em Guarulhos/SP, em 15 de março de 1968, filho de Maria José Rio Branco da Silva e Antônio Gregório da Silva. Viveu, da infância até a juventude, em Jardim Munhoz, periferia da cidade. Peba foi o apelido que recebeu ainda criança, na Roda de Capoeira, em alusão ao Tatu Peba. Faz parte da tradição da capoeira nomear os participantes da roda com apelidos. Trata-se de um ritual de iniciação, uma espécie de batismo, que confere ao capoeirista a sua identidade, firmando o pertencimento ao grupo. Assim inicia uma história que é sua, mas também dos grupos aos quais pertence ou pertenceu, das amizades que fez e das que ainda fará, pois esta biografia retrata a vida de um sujeito que se encontra no meio do curso do rio que atravessa a sua casa. Da capoeira para as rodas de samba, o apelido tornou-se a assinatura do compositor, transcendendo pela vida afora.

Cláudio Peba da Silva, Cláudio Peba, ou apenas Peba, o nome que assumiu para si, deixando para trás o César, uma denominação, entre os romanos, reservada apenas aos imperadores. A palavra peba, de origem Tupi, em seu uso popular na cultura brasileira, traz um sentido pejorativo, de algo sem valor, um substantivo que nada tem a ver com o nosso nobre Cláudio Peba. O Rio Branco, do sobrenome da mãe, em sua narrativa, se deve à prática, no século XIX, *de atribuir aos escravizados o nome de seu proprietário*. Ele seria descendente direto de escravos pertencentes ao Visconde do Rio Branco, responsável pela Lei do Ventre Livre de 1871, antecessora da Lei Áurea que, institucionalmente, acabou com a escravidão no Brasil. O orgulho que demonstra por sua ancestralidade manifesta a inquestionável majestade de seu caráter. Seu bisavô, João Batista do Rio Branco, *nasceu no período em que vigorou a Lei do Ventre Livre*. Maria José, sua neta, não levou o sobrenome adiante, porque, segundo Peba, não tinha consciência da responsabilidade implicada, pois *os tempos eram outros*. Naquela época não havia muito esforço do povo negro para valorizar suas raízes, sua ancestralidade, tal como ocorre hoje em dia entre aqueles que são conscientes de sua condição e da sua importância para a história do Brasil.



Foi educado *dentro dos rigores de uma família protestante*. A mãe, *desde muito cedo*, ensinou-o *a ver a vida pela janela da frente*, contando com a ajuda dos filhos para fazer as entregas das roupas que lavava para sustentar a família. Naquele tempo, o pequeno Peba *ficava chateado por ter de parar de jogar bola para ajudar a mãe*. Mas a maturidade lhe permitiu compreender que havia um sentido pedagógico na prática de Maria em envolver os filhos nos trabalhos cotidianos. Trabalhar em casa era a única opção para poder estar perto dos filhos, *para ter as crianças sob o seu olhar*. Aos 77 anos, Maria José ainda trabalha como lavadeira, *não por necessidade, mas para não deixar alguns antigos clientes*. Nas palavras de Peba, *clientes cinquentenários que ela preserva, uma situação conveniente para ambos os lados*. Maria José foi a figura central da educação do pequeno Peba, cuidando para que ele e seus irmãos e irmãs não ficassem o tempo todo na rua. Maria educou os filhos: *a partir dos preceitos da religião cristã protestante*, estabelecendo uma disciplina rígida no cotidiano familiar. Peba se refere à mãe e ao pai, Antônio Gregório, com muita ternura, respeito e admiração.

Na infância e adolescência, circulava entre os campos de futebol de várzea que ficavam no final da rua, jogando bola, brincando nas rodas de capoeira e nas rodas de samba que se formavam à beira do gramado. *Toda final de semana era assim*. Durante a semana, ia para a escola pela manhã e à tarde frequentava o Estádio da Ponte Grande, onde podia assistir ao treinamento de alguns atletas de renome nacional e internacional como João do Pulo, Zequinha Barbosa e Conceição Geremias, que se tornaram, além de ídolos, exemplos que ele procurava seguir. Peba lembra com muito carinho da convivência com João do Pulo, que se tornou uma grande referência em sua vida. Chegou a treinar atletismo, fazendo corrida de fundo e marcha atlética nas divisões de base do clube, mas não seguiu em frente, apesar de ter participado de algumas competições. Um momento marcante dessa fase foi acompanhar *a comitiva para acender a Pira Olímpica do Troféu Brasil de Atletismo de 1979*.

Um amigo daquela época, amizade que Peba preserva até hoje, é Kiko Nogueira, com quem já na adolescência passou a frequentar as rodas de samba da Barra Funda, *onde a coisa pegava*. O amigo, também ligado ao samba, tentou a sorte no futebol nas divisões de base do Corinthians, mas seguiu carreira na música, tocando cavaquinho em grupos de destaque no cenário musical paulista, como o Redenção. Hoje o amigo de infância coordena alguns projetos ligados ao samba e administra o Bar Maracangalha, em São Paulo, *uma casa que consome música de segunda a segunda*. Muitos sambistas curitibanos costumam tocar na casa, por indicação do embaixador Cláudio Peba.

Conseguiu estudar até a sétima série, *no tempo certo, num tirão só*. Mas, *contra os conselhos da família*, interrompeu os estudos, cedendo às necessidades da vida que o levaram ao mercado de trabalho antes que tivesse a oportunidade de concluir o ensino fundamental. Depois de dois anos sem estudar, foi encaminhado pelo empregador, uma empresa de ônibus, para um curso profissionalizante no Serviço Nacional de

Aprendizagem Industrial (SENAI). Peba lembra que na sua *época todo moleque se formava no SENAI e, a partir dali, começava a vida profissional*. Formou-se reparador de circuito eletrônico em 1983. A oitava série foi concluída, tempos depois, no supletivo, a mesma modalidade de ensino que, mais tarde, lhe possibilitou concluir o segundo grau. Iniciou o segundo grau em 1984, mas parou em 1986, vindo a terminar no início dos anos 2000, por volta dos 32 anos de idade, no Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos (CEEBJA) Campo Comprido, em Curitiba.

Depois de um tempo, Cláudio Peba resolveu dar um passo a mais na sua formação. Queria fazer algo na área da música, depois da família, sua maior paixão. Tentou o curso de produção musical na Universidade Federal do Paraná (UFPR), mas não conseguiu se sair muito bem na prova de física. Peba lamenta por ter ficado na *suplência* por tão pouco. Não se deu por vencido, fez cursinho para suprir as lacunas da formação básica e, aos 40 anos de idade, foi aprovado na seleção de duas universidades de Curitiba para o curso de música. Na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), através do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), recebeu uma bolsa do Programa Universidade para Todos (PROUNI). Também passou no vestibular da Faculdade de Artes do Paraná (FAP), onde se formou aos 44 anos (Fotografia 1).



Fotografia 1 – Cláudio Peba, com Neusa e Paulinho, no dia da formatura na FAP
Fonte: Acervo pessoal (2012).

Desde muito cedo, Cláudio Peba teve consciência de sua condição de sujeito negro. Pela própria ancestralidade, pelas histórias, contadas na família, que remontam à época da escravidão, mas, principalmente, pela sua própria situação no mundo. Durante a infância, na escola, quando *as diferenças vinham à tona*, Peba *ficava*



pensativa, questionando: *por que as coisas são assim, por que não são diferentes?* Mas nunca enxergou a si mesmo como uma vítima da história, pela cor da sua pele ou mesmo pela saga de seus ancestrais. O que sempre o incomodou, desde cedo, foi a diferença de classes. Numa reflexão que poderia ser inspirada por Rousseau ou Marx, mas que certamente tem a influência de Bezerra da Silva, um grande ídolo desde a adolescência, Cláudio Peba questiona: *no princípio, ninguém tinha nada e por que alguns, hoje, têm tanto e outros continuam sem nada?* O branco pobre, para ele, sofre da mesma injustiça que sofrem os negros, mestiços e índios. Não se trata de *ser ou não ser negro*, mas de *ter ou não ter* o básico para uma vida com mais qualidade. O samba *Engraçado*, composto em 2014 com seu amigo Ivo Queiroz, reflete de forma bem-humorada sua profunda consciência social.

Engraçado

*Olha me diga quem foi?
Foi a comadre quem disse...
Porque não iria ao samba.
Indo lá tenho despesas...
Estou engraçada pra caramba
Faz tempo,
que eu ando engraçado
Já fiz muitos movimentos,
Mas eu não consigo encontrar um trocado.
Parece que todo vento,
De brisa vira um tornado.
Até mesmo a minha sombra,
Está andando pro outro lado.
Até deixei de tomar um café...
Mas já estou acostumado.
Já nem pego coletivo...
Só ando a pé, com pisante apertando.
Quando conto ninguém leva fé...
Que estou desafortunado.
Não dá mesmo pra ir ao samba, quem está...
Engraçado pra caramba.*

Este sentimento universal sobre a injustiça social, Peba também referencia no verso do samba-enredo de Nenê de Vila Matilde (MANGUEIRA; JANGADA, 1981), **Palmares, raízes da liberdade**: “O negro soube se unir ao índio e ao branco pobre, eram três raças a sorrir, era um Brasil mais nobre”. Mas apesar dessa visão alargada, sobre os problemas sociais no Brasil, que não enxerga os oprimidos ou os opressores, os pobres ou os ricos através da cor da pele, Cláudio Peba desenvolveu uma compreensão conceitual bastante elaborada, acerca do povo negro no Brasil, que incorpora elementos teóricos, recebidos da academia, da experiência estética em sua vivência no samba, bem como dos dados da sua própria experiência fenomenológica, como sujeito negro, num mundo onde o poder político e econômico se concentra nas mãos de pessoas de pele branca. Lembra o fato de os negros terem trabalhado tantos séculos, na escravidão, desenvolvendo a economia do Brasil e que, no momento da liberdade, *sáíam com uma mão na frente e a outra atrás*. A consciência crítica emerge da própria reflexão sobre seus ancestrais: *por que minha avó lavava roupa na mina e minha mãe, depois, continuou a ganhar a vida, lavando roupa para fora? Por que meu pai, tendo trabalhado tanto, viajando o Brasil para instalar ar condicionado para uma empresa, só conseguiu sua casa própria depois dos 60 anos de idade?*

Peba lembra que seu pai *veio da lavoura, fez curso de soldador, trabalhou a vida inteira e desfrutou muito pouco da vida. Quando poderia aproveitar mais, depois da aposentadoria, não tinha mais saúde*. Seu Antônio Gregório da Silva, hoje com 77 anos, leva uma vida com várias restrições por conta dos problemas de saúde que desenvolveu em função da dura vida que levou. Fazendo uma comparação com a vida de seu pai, Cláudio Peba sublinha que conseguiu comprar sua casa própria quando tinha cerca de 40 anos de idade. Se a vida do negro ainda é precária, já foi muito mais difícil. Em 2010, Peba escreveu:

Delírio do poeta

*E o samba que cantei
Meu pai que me ensinou
Me disse que aprendeu
Ouvindo o meu avô
Herança que eu tive e vou deixar
Um samba para o meu filho cantar*

A denúncia das injustiças sociais, especialmente daquelas sofridas pelo povo negro, é uma das marcas da poesia do compositor Cláudio Peba. Começou a participar das rodas de samba ainda criança. No início, por diversão. A capoeira e a roda de samba foram os seus primeiros contatos com a cultura do povo negro. Desde cedo, vivendo na periferia de São Paulo, desenvolveu a percepção de que o samba é universal e democrático. *A roda de samba é o primeiro lazer que a periferia*



encontra: se tudo é cobrado, uma roda de samba é grátis. Na roda de samba também existe uma espécie de meritocracia que valoriza aqueles que se sobressaem pelo talento, ganhando o reconhecimento do grupo: *quem ganha algum destaque, tem até alguns privilégios.* Ainda adolescente, Cláudio Peba encostava nas rodas de samba para aprender e, com o tempo, com esforço e dedicação, foi se tornando um mestre. Havia um amigo daquela época, o Cunha, que tinha uma condição financeira melhor e podia comprar os discos de samba que faziam sucesso. Peba lembra que, na companhia de outros amigos com as mesmas dificuldades financeiras que as suas, ia para a casa do Cunha e *enquanto não aprendiam três ou quatro músicas para cantar na próxima roda de samba, não paravam.*

Quando estudava no Serviço Social da Indústria (SESI), passou a participar da fanfarra da escola. Junto com seus colegas, negociava a diversão com o maestro, Seu Cândido, que, para liberar os instrumentos para o samba, sempre dizia: *se ensaiarem e o ensaio sair bom, dentro do tempo combinado, eu deixo os couros para vocês fazerem uma roda de samba.* Peba se lembra de amigos como o Zé Cascão e o Pelé, que já haviam parado de estudar, mas voltaram à escola, motivados pela possibilidade de participar *da roda de samba da fanfarra e acabaram se formando.* Naquela época, Cláudio Peba lembra que ainda não tinha a consciência que tem hoje sobre a importância cultural do samba, especialmente para o povo negro. Tudo *era mais por diversão.*

Hoje a diversão virou também coisa séria. Graduado em música na FAP, o habilidoso percussionista formado nas rodas de samba continua estudando, dedicando-se ao saxofone. Peba é um dos fundadores da Roda de Samba do Compositor Paranaense (Fotografia 2) e da Roda de Samba do Sindicatis.



Fotografia 2 – Roda de Samba do Compositor Paranaense, apresentação no Auditório da UTFPR em janeiro de 2016, durante o 35º Congresso Nacional do ANDES

Fonte: Acervo pessoal (2016).

Nota: Da esquerda para a direita: Luciane Alves, Ivo Queiroz, Cláudio Peba, Bruno, Hardy Guedes e Roberto Guedes.

Sua contribuição à cultura brasileira, e ao povo negro, de um modo específico, tem sido principalmente através da arte. Com os amigos que fez na faculdade, Peba participa de projetos sociais em asilos e orfanatos. Carregam os instrumentos, para que as crianças ou idosos possam tocar, e formam a roda de samba, uma maneira de levar a beleza da arte para pessoas que são ignoradas pela sociedade. Dessas atividades, destaca uma que foi realizada recentemente em uma casa que acolhe crianças e adolescentes, sob a tutela da justiça, filhos de pais e mães encarceradas. Chamou-lhe a atenção o fato de a maioria das crianças ser negra.

Em 1984, Cláudio Peba conheceu a Neusa, sua companheira há 32 anos, a quem se refere com um afeto que transparece nitidamente no brilho de seu olhar. Em 1986 nasceu Denis, o filho mais velho. Neusa e Denis aparecem com Cláudio Peba na Fotografia 3.



Fotografia 3 – Denis, Peba e Neusa no casamento da filha Deise

Fonte: Acervo pessoal (2010).

Em 1988, ano em que decidiu sair de São Paulo, nasceu a filha Deise. Por achar que o envolvimento com o samba poderia comprometer a vida em família, por todo o envolvimento que já tinha com cultura do carnaval, uma época em que *saía nas escolas de samba*, decidiu buscar melhores condições, mudando para o interior. Sua formação no SESI abriu uma possibilidade de trabalhar na safra de cana-de-açúcar, no interior de São Paulo, na área de manutenção. Depois de seis meses na usina, passou a trabalhar em um laticínio. Aprendeu a profissão de queijeiro em São Pedro do Turvo, região de Ourinhos. Após certo tempo, já dominando o ofício, surgiu a oportunidade de trabalhar em um laticínio na Fazenda Barra Mansa, em Siqueira Campos, interior do Paraná, onde ficou por um ano e meio. Depois disso, fez concurso para trabalhar como recenseador do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), quando aproveitou para conhecer



melhor a cultura do interior do Paraná. Excelente rimador no Samba de Partido Alto, Peba lembra que, naquela época, frequentou o Centro de Tradições Gaúchas (CTG), onde até arriscava alguns versos com os trovadores do movimento gaúcho. Brinca que a rítmica da trova gaúcha é bem diferente do samba, mas que isso não o intimidava. O fato é que Peba é o tipo de pessoa que não encontra dificuldade alguma para fazer amizades, e toda sua trajetória de vida poderia ser narrada, também, a partir das amizades que cultivou ao longo dos seus 48 anos de idade.

Terminado o censo, veio para Curitiba em 1992 para *ver como as coisas eram*. Se não encontrasse trabalho, voltaria com a família para São Paulo. Nesse período, conheceu a Presidente da Escola de Samba Colorado. Ainda estava aberto o concurso para a escolha do samba-enredo da escola, e Cláudio Peba decidiu concorrer. Teve a honra de ter seu samba escolhido pela primeira escola de samba de Curitiba, que foi fundada por Maé da Cuíca, em 1946. Esse fato foi fundamental em sua decisão de ficar no Paraná. Talvez não soubesse ainda, mas, naquele momento, seu coração já havia sido capturado pela capital paranaense, sonhando em ali permanecer. Em 1992, Peba compôs **Rua das flores**, samba enredo da Escola Colorado.

Rua das flores

Sonhei, sonhei, sonhei

Fiquei feliz porque meu sonho aconteceu

Descendo com a Colorado, Vi que a rua quinze floresceu

E entre meio às flores, Grandes valores faz dali seu dia a dia

Poetas, Boêmios, Cantores, Plebeus e Doutores, Estudantes e Artistas.

Essa paixão pela cidade, esse deslumbramento inicial que se converteu em apoteose no carnaval curitibano, se evidencia em seus versos. Mas, com o tempo, a paixão transformou-se em amor consciente e crítico das diversas contradições da cidade referenciada como um modelo em qualidade de vida para o país e para o mundo. A seguir, **Filho da solidão**, a composição de Cláudio Peba e Léo Fé, de 2011.

Filho da solidão

Muita gente me olha, mas prefere não ver.

É mais fácil temer, do que tentar ajudar.

Não precisa entender, bem melhor é criticar.

O porquê de esta forma eu me encontrar

Muita gente me olha, mas prefere não ver.

*Cada um com seu river, deixa como está.
Não fiz por merecer, e sem motivos pra mudar.
Se contente em me ver, do que ter que me enxergar.
Quem me aquece é o Sol, quem me ilumina é a Lua.
Vivo a Mercê do destino, a minha casa é a rua
Escondido na marquise, a minha cama é o chão.
Ignorado por quem passa, sou filho da solidão.*

O verdadeiro frio de Curitiba é o mesmo que se generaliza nas grandes metrópoles brasileiras e do mundo. Mas se conheceu o frio, também encontrou o calor do acolhimento. A primeira pessoa que conheceu na capital foi Sidnei, hoje compadre e amigo inseparável. Peba lembra que, quando decidiu ficar, foi acolhido, junto com sua família, pelo amigo e sua esposa, na época, recém-casados. Trouxe a Neusa, o Denis e a Deise que haviam ficado em Siqueira Campos enquanto procurava trabalho na capital. Passado o carnaval, alugou uma casa no Jardim Campo Alto, bairro de Colombo, na região metropolitana. Um mês depois mudou para o Campo Comprido, em Curitiba. Ainda em 1992, passou em um concurso para trabalhar na Prefeitura de Curitiba no setor de manutenção. Atualmente, mora no Tatuquara, quase na divisa de Curitiba com Araucária, de onde, sem muito esforço, pode-se avistar as chaminés da Refinaria Presidente Getúlio Vargas, da Petrobrás. Ainda por terminar, sua casa é confortável e acolhedora, com as portas sempre abertas aos amigos.

A formação protestante rigorosa não determinou sua visão de mundo. Sua trajetória de vida, aberta ao diferente, tornou-o uma pessoa plural. Sobre sua religiosidade, considera que até *certa idade, caminhava junto com a mãe*. A partir de um determinado momento passou a *fazer a própria caminhada*. Peba diz que nunca foi um frequentador dos cultos africanos, mas que conhece, compreende o sentido dos ritos e aprendeu a respeitar. Reflete que *nunca ouviu uma notícia sobre algum grupo de alguma religião de origem africana que tenha invadido o espaço cristão para desrespeitar* e, nesse sentido, pondera: *o contrário não se pode afirmar*. Em um juízo que poderia, facilmente, se embasar na clássica interpretação de Vernant (2002), sobre as diferenças entre o politeísmo da religiosidade greco-romana em contraposição ao monoteísmo cristão na antiguidade, que demarcou o aparecimento e o desaparecimento da democracia na antiguidade ocidental, Peba considera que o politeísmo da religiosidade africana é um elemento que incentiva um respeito maior pelo Deus do outro e, nesse sentido, o respeito pelo próximo, com todas as suas diferenças e idiossincrasias. Para ele, no fim das contas, todos caminham em busca de um sentido para a vida, importando saber caminhar com respeito ao caminho do outro:



Se nós tivermos algum motivo para caminhar juntos, pelo menos, um pedaço da nossa caminhada, o restante pode-se muito bem caminhar sozinho. Se tivermos motivos para, em algum momento, nos unirmos novamente, que bom...! O importante é sabermos respeitar o caminho um do outro.

Essa visão plural foi determinante em sua experiência na universidade, aos quarenta anos de idade. Antes do primeiro dia de aula, comenta que sentiu certa insegurança em relação ao convívio com a *molecada de dezessete a dezenove anos. Sentiu um medo danado da surpresa com aquilo que encontraria pela frente*. Mas, desde os primeiros dias no curso, a realidade se mostrou diferente, o que se deve à sua própria atitude, bem como ao acolhimento que recebeu de seus colegas: *rejuvenesci uns vinte anos para conviver com eles e eles envelheceram uns vinte para compartilhar comigo*. Seus antigos colegas de faculdade são seus amigos de hoje, companheiros em projetos culturais e sociais. Além da facilidade para fazer amizades, o cuidado que dedica aos amigos é uma característica marcante em sua personalidade.

O poeta Cláudio Peba reflete sobre o momento que o inspira, expressando através de suas letras a sua leitura sobre o mundo. Uma visão de um sujeito que mergulha na cultura de sua gente. Através da arte, dos sambas que compõe e canta, promove a cultura negra e denuncia as injustiças sofridas pelo povo: *eu sempre fui do povo, com o povo e pelo povo... Eu sempre me coloquei na condição de ser porta-voz do povo menos ouvido*. Já participou do Movimento Negro Unificado (MNU) de Curitiba, mas nunca foi um *filiado*, no sentido estrito. Compartilha a mesma causa, o reconhecimento da dignidade do povo negro, procurando fazer a sua parte em seu dia a dia, principalmente através da arte, com suas letras e nos projetos sociais e culturais que desenvolve junto aos amigos que fez na faculdade e outros parceiros que compartilham dos mesmos ideais. Peba considera que fazer um curso universitário lhe abriu muitas possibilidades de trabalhar pelo povo negro. Com certa frequência é convidado para fazer palestras (Fotografia 4), através das quais procura conscientizar os seus interlocutores sobre a situação do negro no Brasil e, de modo especial, na cidade de Curitiba. Licenciado em artes, já trabalhou como professor substituto na Secretaria de Estado da Educação do Paraná.

O professor Cláudio Peba da Silva, atualmente, ganha a vida como segurança, uma profissão que exerce, praticamente, desde que chegou a Curitiba. Peba lamenta o fato de que, depois que se formou, não houve mais nenhum concurso público para professor em sua área. Seu projeto de vida é trabalhar integralmente como educador, podendo sobreviver e sustentar sua família. Excelente estudante universitário, aprimorou, no campo da teoria, a experiência de toda a sua vida como músico. O sambista Cláudio Peba demonstra um conhecimento bastante elaborado sobre a música brasileira de um modo geral, sem se restringir ao gênero em que é reconhecido como um mestre. Seu sonho é continuar estudando, fazer mestrado, quem sabe, doutorado na área de música, enfim, entrar para a academia para aprimorar ainda mais o seu conhecimento

e ajudar os mais novos que se enveredam por este caminho. Mas avalia que o sonho só se tornará propriamente um projeto de vida quando, efetivamente, se tornar um professor, quando passar em um concurso público, pois a sua profissão atual, em sua avaliação, *não permite dar um passo tão ousado*. Embora tenha pegado o gosto pelos estudos *tardiamente*, depois que percebeu o seu valor, se tornou um estudante exemplar. Peba comenta que, quando fazia o supletivo no CEEBEJA do Campo Comprido, houve uma época em que *se sentia revoltado consigo mesmo, mergulhava nos estudos e fazia três, quatro provas por semana para eliminar as matérias para poder seguir em frente*.



Fotografia 4 – Cláudio Peba, proferindo uma palestra sobre o samba no Teatro Universitário de Curitiba (TUC), durante a Semana Cultural 2016
Fonte: Acervo pessoal (2016).

Um amigo que fez logo que chegou a Curitiba, e que o inspirou na decisão de voltar a estudar, foi Ivo Queiroz, professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). O Professor Ivo, como é conhecido nas rodas de samba, *nunca manifestou algum tipo de tom professoral, dizendo coisas do tipo: você precisa estudar. Sempre foi, e ainda é, um companheiro que mostra, através do exemplo, na convivência cotidiana, a importância do estudo*, especialmente para o povo negro. Segundo Peba, na roda de samba há pessoas com todo o tipo de formação, alguns estudaram mais, outros menos, mas todos têm o seu lugar. Existe reconhecimento, mas não hierarquia. Assim como o Peba aprendeu com o Ivo, com certeza, o Ivo aprendeu com o Peba. O Paulinho, seu filho mais novo, que tem apenas oito anos de idade, já o acompanha em algumas rodas e já está lá, já tem o seu lugar, aprendendo a tocar e a cantar. Mais do que a música, Peba avalia que o pequeno Paulo tem a oportunidade de aprender determinados valores que nenhuma escola pode lhe oferecer. Cita como exemplo o amigo Jéferson Costa, que,



por ser um dos músicos mais novos, ganhou o apelido de *Baby Face*. Na roda passou a se interessar por sambas antigos, tornando-se um pesquisador contumaz que conhece um repertório importantíssimo da década de trinta em diante. Desenvolveu o talento para o cavaquinho e hoje é um dos responsáveis pelas harmonias da Roda de Samba do Compositor Paranaense. Passou no vestibular para filosofia na PUCPR, com bolsa do PROUNI, uma conquista celebrada por todos os parceiros e parceiras. *De vez em quando, o Baby desaparece da roda de samba, mas todo mundo sabe que é por um bem maior, pois precisa se dedicar aos estudos.*

Peba lamenta que seu filho Denis e sua filha Deise (Fotografia 5) tenham parado de estudar sem chegar à universidade. Avalia que, em certo sentido, seguiram o seu exemplo, pois ele também deixou os estudos, *contra a vontade dos pais*, para começar a trabalhar, para garantir seu próprio sustento. *Eles já têm seus próprios filhos e sua própria responsabilidade, o que é motivo de muito orgulho.* Para Cláudio Peba, o pequeno Paulinho possivelmente fará um caminho diferente, pois tem a oportunidade de conviver com o pai em outra fase: um pai que fez um curso universitário. Além disso, avalia que, na época em que o Denis e a Deise estavam na escola, ele e a Neusa não dispunham de muito tempo para acompanhar a educação escolar dos filhos *mais de perto*, em função do trabalho que os obrigava a ficar muito tempo fora de casa. Neste momento, ele traz, novamente, a referência ao samba Delírio do poeta (PEBA, 2014): *eu espero que em algum momento eles também possam cantar o samba que eu cantei mais tarde.* Assim como o pai descobriu o valor do estudo depois de ter parado de estudar por um significativo período de tempo, Denis e Deise também podem voltar. *Mas é a história deles e são eles que vão decidir voltar aos estudos, ou não.* Apesar de valorizar a academia, de desejar continuar estudando, fazer mestrado e doutorado, reflete que *a felicidade de cada um, cada um constrói a partir da sua própria perspectiva de vida. O mais importante é viver com dignidade.*



Fotografia 5 – Deise, no dia do casamento junto com seu pai Cláudio Peba
Fonte: Acervo pessoal (2010).

Peba avalia que a situação do povo negro no Brasil ainda é difícil, mas que já foi muito pior: *em relação ao preconceito, pouca coisa mudou. A grande diferença é que no passado ele era mais velado e hoje já não há mais como esconder que ele existe.* Isso se deve ao desenvolvimento de uma consciência crítica acerca do problema. *Antigamente o negro abaixava a cabeça, mas hoje as coisas são bem diferentes.* Um conselho que sugere aos mais novos, negros, brancos ou índios, é *duvide sempre. Desconfie daquilo que lhe entregam de bandeja. Busque o conhecimento porque ele é a melhor defesa contra as injustiças que quiserem lhe impor.* Com esse pensamento, podemos fechar este pequeno relato, que incorpora apenas alguns recortes importantes de sua singular trajetória. Outros, com igual importância, devem ter ficado de fora.

Certamente, Cláudio Peba é muito mais do que aquilo que é apresentado nesta pequena biografia. Sua vida, intensa e profundamente fruída, é a manifestação da existência de um sujeito que, superando as adversidades, aprendeu a aproveitar as oportunidades que apareceram pelo caminho. Muitas lhe faltaram, mas aprendeu a lutar contra as adversidades, aquilo que muitos acham cômodo simplesmente chamar de destino, sorte ou ausência de fortuna. Seu destino ainda está sendo trilhado por um sujeito plenamente consciente da estrada da existência, que teve início com seus ancestrais e que continua e continuará com Denis, Deise e Paulinho, cada qual seguindo sua própria história de vida, construindo sua própria existência. Uma vida que fala aos amigos, aos alunos do professor Cláudio e a todas as pessoas afetadas pelo seu horizonte existencial, sensibilizadas pelo seu exemplo, pela sua poesia, pela sua música e pelo seu conhecimento que ajudam a tornar o mundo melhor. Escrever uma biografia significa, em certo sentido, invadir o rio da existência que atravessa a casa de alguém. Mas significa, também, ser inundado por esse mesmo rio que não deixa de afetar o invasor. A inundação recebida, neste caso, serviu para encher o espírito do invasor com a beleza de uma existência vivida em plenitude.

Uma experiência existencial em pleno curso, em direção ao futuro, com sólidos fundamentos fixados no passado. No samba *O peso da idade* (de Cláudio Peba e Léo Fé, 2013), Peba imagina o que será o futuro, **quando a velhice chegar.**

O peso da idade

*Quando a velhice chegar
Eu sei que vai pesar, sobre mim a idade
O meu fim irá se aproximar
Da minha mocidade, sentirei saudade
Me lembrarei dos amores
Que a vida proporcionou*



*Alegria e dissabores
Que o tempo não apagou
Sei que deixei amizades, onde tive o prazer de passar.
Mas se deixei inimigos espero que o perdão
Possam me dar.*

Uma crítica, se é que isso é possível? Ou uma provocação? Peba e o amigo Léo Fé, seu parceiro neste samba e em outros tantos que já nasceram e em outros tantos que ainda nascerão desta amizade – ou de outras –, esqueceram uma coisa básica sobre os grandes poetas: o fato, incontestável, de que eles nunca chegam ao fim e de que sequer envelhecem. O poeta permanece, através da sua poesia, como um rastro de luz a iluminar a humanidade.

Referências

COUTO, M. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MANGUEIRA, A. da; JANGADA. **Palmares raiz da liberdade**. Intérprete: Armando da Mangueira. In: Sambas de enredo das escolas de samba do grupo 1: carnaval 1982. São Paulo: Copacabana, 1981. LP. Faixa 7.

PEBA, C. **Delírio do poeta**. 2014. Disponível em: <<http://sambadosindicatis.blogspot.com.br/2014/08/delirio-do-poeta-claudio-peba.html>>. Acesso em: 01 ago. 2018.

VERNANT, J.-P. **Entre mito e política**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.



*Brenda Maria: valorização
cultural e empoderamento do
povo negro*

Lino Trevisan



Este texto tem como objetivo registrar informações sobre Brenda Maria, fruto principalmente de uma entrevista realizada com a biografada, nas dependências da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), na manhã chuvosa de 3 de setembro de 2015. Informações adicionais foram pesquisadas na internet.

Convida-se o leitor para conhecer um pouco da vida e da história de Brenda Maria, com a esperança e a convicção que o presente registro possa ser uma importante contribuição para todas as pessoas que sonham e lutam pela construção de uma sociedade sem preconceitos, racismos e discriminação racial. Acredita-se ser mais adequado para o propósito desse trabalho, um texto que embora possa **pecar** no rigor acadêmico, seja rico na sensibilidade e na fidelidade à protagonista do projeto aqui em tela. Dito de outro modo, a opção foi sempre que possível, priorizar que a história, a vida e a trama sejam relatadas pela própria Brenda Maria. Para isso, além de organizar o texto, procurou-se estabelecer algumas relações e reflexões, tentando ajudar a **desenrolar** de maneira contextualizada e mais agradável os fios da teia da vida e da luta da biografada.

A Infância

Brenda Maria Lucília Oeiras dos Santos é filha de Luimar Torres dos Santos e Sonia Regina Oeiras dos Santos e irmã de Bárbara e Dayanna. Nasceu no dia 2 abril de 1980, na cidade do Rio de Janeiro/RJ. Faz questão de registrar a presença da ancestralidade feminina que carrega em seu nome, esclarecendo que Maria e Lucília eram, respectivamente, os nomes das avós paterna e materna.

A entrevistada relata que residiu em um apartamento na Ilha do Governador, na cidade do Rio de Janeiro, até os oito anos de idade. O prédio era vizinho de vários outros, numa ladeira em uma rua sem saída. Lembra que as crianças se encontravam e brincavam juntas na rua. Os moradores do prédio organizavam momentos coletivos como carnaval e festa junina, pois todas as famílias se davam bem, construindo histórias para as crianças. Para melhor perceber como a entrevistada lembra dessa fase de sua vida, recorre-se a seu relato:



Mas no Rio de Janeiro era uma coisa mais, acho que é onde eu vivi mesmo a infância mesmo, brincando (todas as crianças se conheciam, todas as famílias se conheciam). Morava em prédio, mas (era aquela área comum) nos apartamentos, nos andares (ali era justamente para brincar); então eu simplesmente abria a porta do apartamento e brincava ali mesmo. Então minha memória mais de infância bem vivida foi no Rio de Janeiro¹.

Percebe-se a lembrança de uma infância feliz. Para ilustrar momentos felizes da infância da entrevistada recorre-se às Fotografias 1 e 2 do acervo pessoal.



Fotografia 1 – Brenda Maria com o pai em seu aniversário de 2 anos

Fonte: Acervo pessoal (1982).



Fotografia 2 – Brenda Maria com 2 anos na casa do Rio de Janeiro

Fonte: Acervo pessoal (1982).

1 Como a entrevista realizou-se em tom de conversa em que a entrevistada vai pensando, refletindo as suas respostas, para deixar o texto mais fluído, nas citações de excertos das entrevistas, optou-se por eliminar palavras repetidas, ou substituídas por outras na sequência da conversa, mantendo o sentido da opinião manifestada pela entrevista.

Além das brincadeiras com as crianças da vizinhança, Brenda Maria relata lembranças da escola, durante seus primeiros anos de vida, ainda na cidade do Rio de Janeiro.

Na escola também lembro de ser uma coisa bem tranquila, lembro de uma professora que era muito apegada a mim. Uma vez eu participei de uma festa, eu lembro que fui (substituir) uma aluna, (já) não estava mais da sala dela e fui (substituir) uma aluna, e ela ficou emocionada em me ver. Até hoje eu guardo essa memória.

Como dito nos parágrafos anteriores, as lembranças desta fase feliz da infância na cidade do Rio de Janeiro referem-se até os oito anos, idade que Brenda Maria possuía quando se mudou com a família para a cidade de Curitiba, capital do estado do Paraná. Esta mudança é descrita pela entrevistada como uma quebra:

Tem uma quebra assim, brusca não só pela questão climática do tempo mesmo, mas a coisa de você não ter mais o contato com outras crianças. Então a gente realmente foi para dentro do apartamento. Eu acho que com o tempo, hoje refletindo sobre algumas coisas eu começo a entender algumas (questões) raciais também. Mas o que eu mais senti mesmo foi essa quebra. Logo falando de infância ainda, foi essa quebra na coisa de encontrar outras famílias, outras crianças. É quando a gente vai para dentro de um apartamento mesmo sendo um prédio com área comum, tendo um parquinho e tal, as crianças não se davam. Para você falar com alguém, até, ainda hoje é assim. Lá no Rio de Janeiro a gente simplesmente saía: mãe, tô indo na casa de fulano, tocava a campainha, abria a porta e entrava. Aqui não é assim. Então já começa a sentir esses entraves.

A classificação desta mudança de cidade como **quebra** é compreensível, pois a biografada identifica uma diferença climática, uma diferença cultural e a presença de questões raciais que se manifestam de formas diferentes e que são percebidas pela menina e guardadas em suas lembranças. Perceber e compreender essas questões faz parte do processo de construção da identidade, o que requer sensibilidade e compreensão, pois envolvem questões complexas e nem sempre de fácil percepção, até porque muitas manifestações sociais ocorrem de forma sutil ou velada, especialmente aquelas associadas a preconceito e discriminação racial.

Eu acho que está acompanhado, minha mãe é negra mais escura do que eu. Meu pai é branco. Ou vamos chamar de não negro. Porque não dá para classificá-lo também como branco, branco. É mas eu acho que... Hoje, pensando numa construção de ideia, numa reflexão. Eu não posso dizer que consegui analisar meus 35 anos de vida. A partir do momento que eu começo a participar mais e querer refletir mais sobre isso mas eu não consigo ainda fazer uma reflexão total como foi meu processo de infância. Algumas coisas, alguns flashes assim, de repente, olha, isso aí tinha a ver com preconceito, olha isso aí tinha a ver com tal coisa (mas eu creio que sim). Afinal minha mãe, sendo negra mais escura e minhas irmãs também



sendo mais escuras do que eu, já caracterizava uma família negra. Num ambiente, onde assim... Sai do Rio de Janeiro em 88, meus pais servidores públicos, a gente era classe média, classe média alta, e aqui a gente não via negros fazendo parte deste tipo de classe.

O ingresso no ambiente escolar em Curitiba também contribuiu para perceber diferenças nas relações sociais vivenciadas nesta cidade com as relações vividas na cidade do Rio de Janeiro.

Senti assim. Além dessa questão, de ser outro tipo de relação com as pessoas. Questão de amizade. Lá no Rio era tudo muito junto, crianças negras com crianças não negras, com crianças brancas, mesmo prédio, a imagem que tenho, tudo muito junto até meus 8 anos, era tudo junto as famílias ficavam muito junto, inclusive na escola. E lá não tem essa coisa, essa separação, eu vejo, não que não tinha racismo lá. Mas eu não via, pelo menos como criança ainda não sentia essas tensões raciais. Por meus pais serem classe média, classe média alta quando a gente veio para cá antes do plano Collor, é bom lembrar. As escolas que eu frequentei já não eram só ambientes que existiam diversidade racial, então já havia uma separação, a gente não via tantas crianças negras, ou tantos jovens negros, nas escolas que eu frequentei.

As diferenças nas relações sociais, como já apontadas, envolvem questões raciais mas também questões culturais e sociais. Frequentemente estas múltiplas dimensões se entrecruzam na complexidade das relações sociais, por vezes tornando difícil a percepção e a identificação de posturas preconceituosas e discriminatórias, especialmente quando criança. É nesse contexto complexo de múltiplas relações que Brenda Maria vai tomando consciência das questões que possuem conotação racial e construindo sua identidade.

A Tomada de Consciência e a Construção da Identidade

Tomar consciência das especificidades e sutilezas associadas a questões raciais, como a discriminação e o preconceito, bem como reconhecer, construir e assumir uma identidade negra se inserem entre os eventos que podem ser considerados como um processo social², que se realiza nas relações sociais, envolvendo a subjetividade e a alteridade, que pode ser traduzida de forma simplificada pela relação **eu** e o **outro** ou **nós** e **eles**. Dito de outro modo, esta relação envolve a identificação de semelhanças e diferenças na caracterização dos indivíduos em suas relações sociais. Esta categoria pode ser utilizada para relações de classe social e relações raciais, entre outras. Brenda Maria descreve como esse processo ocorreu com ela.

2 Embora Elias (2006) considere que os processos sociais possuem longa duração, com pelo menos três gerações, optou-se por utilizar a noção de processo social por entender que as situações descritas neste texto, podem ser comparadas à complexidade, e às interações típicas de processos sociais.

Primeiro choque, digamos assim racial, foi quando comecei a ficar mais próxima dos movimentos sociais. Foi quando aos 12 anos eu fui com minha mãe em uma loja e a atendente me chamou de senhora e chamou minha mãe de você. E aí naquela hora ela já teve, ela ficou já brava, chamou a gerente, ela já interpretou aquilo como racismo. E eu ainda não, [...] eu ficava nessa questão: é por causa do senhora ou por causa do você, ainda não tinha esta noção da questão racial. Mas foi quando a gente conheceu, minha mãe, depois saiu uma matéria no jornal e acho que orientaram ela a procurar a Associação Cultural de Negritude e Ação Popular (ACNAP), a pastoral, na época fazia um trabalho, acho que ali na Santa Casa, tinha uma sala, tinha alguns encontros semanais ou mensais, eu não lembro direito, e foi quando conheci o Jaime³, conheci a Vera Paixão. E aí a gente começou a frequentar estas reuniões, a gente ia em família, ia todo mundo, para debater, conversar sobre aquilo ali. Então foi quando eu comecei a ter contato, digamos, com o movimento social, mas ainda não tinha entendido o que estava acontecendo, e durante muitos anos eu ainda não me entendia negra.

O relato evidencia que a tomada de consciência e o reconhecimento da identidade é uma construção social que se faz coletivamente. Esse processo assume diferentes formas e situações de acordo com a dinâmica de vida dos indivíduos em suas relações sociais. Por vezes possui momentos de dúvidas, de inquietações, pois nem sempre é de fácil entendimento. No relato das experiências vivenciadas por Brenda Maria, revelam-se duas questões significativas. A primeira se refere à importância da família, às questões afetivas e experiências de relações na escola.

Então assim... Esse ano, inclusive, que eu tenho 35 anos. Esse ano, inclusive, no começo do ano que eu fui entender, por exemplo, que por eu ser menos escura, a minha mãe sempre achou que eu ficava ótima com cabelo mais claro. Então minha mãe desde pequena, ela alisava o cabelo das minhas irmãs, que tinham cabelo mais crespo e são mais escuras e o meu cabelo ela achava que eu ficava ótima loira. Então a partir daí, esse ano que eu caí na real sobre isso, então eu entendo que todo o meu processo de construção, eu fui criada para ser uma mulher branca, ou como uma mulher branca, ou uma morena (como se fala) que transita muito bem em espaços brancos. Só que as pessoas já me viam negra. Então, mesmo clareando meu cabelo durante boa parte da minha adolescência, tomando remédio para emagrecer, negando as minhas formas inclusive, tendo quadril mais largo, enfim o cabelo do jeito que é, que é mais escuro mesmo, mais enrolado. Mas uma coisa que eu sei é que eu nunca gostei de franja, por exemplo, eu ia cortar o cabelo e imediatamente o cabeleireiro vem já pede para fazer uma escova, e eu nunca gostei, nunca achei proporcional, ver aquilo, o meu cabelo liso, parece que não ornava com meu rosto. E hoje eu entendo que também faz parte do meu processo de me reconhecer. Eu não sabia o que eu era, mas tem a ver com a questão da estética, mas eu fui totalmente criada para ser uma mulher branca. E passei, além de tomar os remédios, pintando meu cabelo de loiro.

³ Refere-se a Jaime Tadeu da Silva, que também faz parte do projeto dessa obra.



Então, tentando, porque este também era meu referencial de amizade, circulando entre pessoas de classe média, classe média alta então todas as minhas amigas ou eram loiras magras ou eram morenas, morenas mesmo, cabelos escuros, brancas com cabelo escuro e magras, e nenhum menino queria ficar comigo. Mesmo eu estando magra e loira. Então, hoje eu entendo que isso também é reflexo, hoje, era para ficar, nunca era a menina para namorar. Eu já entendo isso hoje como uma atitude racial, racismo mesmo. Por mais que eu tentasse me embranquecer, existe aquele desconforto que não é falado, não é percebido, às vezes não é uma leitura nem do outro, uma leitura consciente da pessoa negra porque está tão introjetado o racismo que fica aquela questão, mas hoje eu vejo que eu era mesmo loira com cabelo loiro e magra, eu era um objeto sexual, então eu já leio isso como um racismo.

Este excerto evidencia como Brenda Maria, na relação com os outros indivíduos, vai percebendo diferenças que levam à reflexão e à percepção de quem ela é, isto é, de características biofísicas que a auxiliam a assumir a identificação como uma mulher negra. Dito de outro modo, a entrevistada vivencia relações e situações que a levam a refletir sobre a situação de maneira a ir tomando consciência e assumindo-se como mulher negra.

A segunda questão diz respeito à complexidade envolvida no processo de conscientização e identificação do **eu** em relação aos **outros**. Para compreender de maneira mais significativa, o envolvimento com movimentos sociais e culturais ligados à questão da ancestralidade africana, recorre-se mais uma vez à fala da entrevistada.

E já nesse momento as pessoas me entendiam negra e aí comecei a frequentar mais movimento social, comecei a ter contato com a Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio através de um grupo que estudava percussão de maracatu, que é uma manifestação de Pernambuco, e comecei a me encantar com aquela história, com a ancestralidade, e acredito que também foi um chamado ancestral, que está em mim, está no meu sangue isso, e a partir daí comecei a estudar, estudar, estudar por mim não vinculado a nenhuma instituição, nem nada. E isto paralelamente ao movimento social e com várias pessoas que falavam... Quando eu falava eles, me referindo à comunidade negra, muitas pessoas, inclusive brancas, falavam: mas Brenda, você é negra. E aí começam os choques. [...] Será que eu só gosto da cultura? Por que a pessoa está me chamando? Falando que eu sou negra? Será que eles me entendem negra porque eu gosto de fazer coisas ligadas à cultura negra? [...] E a partir daí vou começando a me entender. Mas muito mesmo próximo do movimento, esta minha identidade ela começa com uma construção coletiva. Então é um vai e volta. De afirmação, uma afirmação mesmo, você é, começa a se entender como... E aí eu vou fazendo essa ligação desde meu processo da infância, adolescência de negação, tentativa de embranquecimento, até chegar hoje onde eu me entendo realmente, eu sei que eu sou. Então hoje não estou travestida ou achando que as pessoas estão fazendo uma leitura errada de mim, hoje eu me entendo, hoje eu sei quem eu sou.

O excerto evidencia que este questionamento ou choque, que leva à reflexão e posterior identificação como mulher negra, ocorre de **fora para dentro**, ou seja, são as falas e posicionamentos de outros indivíduos que a identificam e a colocam como uma mulher negra, levando-a à reflexão e consequente mudança de atitude, assumindo sua negritude. Em síntese, o próprio envolvimento com a cultura negra contribui para a construção da identidade da pessoa envolvida.

A complexidade desse processo de conscientização e identificação que ocorre na dinâmica dialógica das vivências cotidianas das relações e interações sociais, e que muitas vezes parece ambíguo e contraditório, pode ser compreendida de forma mais adequada, com o auxílio do esquema metodológico proposto por Moura (1988) na obra *Sociologia do Negro Brasileiro*. O autor utiliza-se da dialética materialista e dos termos classe **em si** e **para si** para analisar o que chamou de problema do negro no Brasil. De acordo com Moura, o termo classe **em si** pode ser utilizado para referir-se aos negros como grupos diferenciados, isto é, que são identificados como negros. Nessa condição poderiam ser mencionadas diversas situações, a começar pelos colonizadores escravocratas que identificaram os negros como inferiores e, dessa forma, tentaram justificar a escravização, até as formas presentes de preconceito, discriminação e racismo existentes na sociedade brasileira. Por outro lado, o termo classe **para si** se refere ao que o autor designa como **grupos específicos**, isto é, que se identificam, que se veem, que se reconhecem, que, a partir da consciência dessa diferenciação, criam valores, elaboram ideologias e procuram se reencontrar como ser, encarando sua **marca** como elemento positivo. Os **grupos específicos** desempenham um papel organizacional, social e cultural, possibilitando estratégias de sobrevivência e servindo para a elaboração, “[...] a partir dos padrões culturais africanos e afro-brasileiros de uma cultura de **resistência** à sua situação social” (MOURA, 1988, p. 120, grifo nosso). Ainda de acordo com o autor, estes grupos existiram em todo o transcurso do regime escravista no Brasil, e também depois da abolição, até o tempo presente, “[...] pontilhando toda a trajetória da existência do negro brasileiro” (MOURA, 1988, p. 112).

Além de ser um processo complexo, que se constitui na interação do **eu** com os **outros**, por um **vai e volta**, de acordo com as palavras da entrevistada, ele é marcado também por tentativas de negação, isto é, por ações que tentam minimizar a negritude, ações estas associadas ao que ficou historicamente conhecido no Brasil como **processo de embranquecimento**. A construção da consciência e da identidade ocorre de forma coletiva, nas relações sociais que se estabelecem em contextos estruturados (THOMPSON, 2011), numa relação dialética e dialógica, que envolve percepção, negação, negociação, aceitação e identificação.

Mostrando as fotos de comemoração de seu primeiro aniversário (Fotografia 3), Brenda explica por que quis mostrar essas fotos durante a entrevista. Sua fala a esse respeito ilustra os últimos comentários.



Fotografia 3 – Brenda com os pais em seu primeiro aniversário
Fonte: Acervo pessoal (1981).

Então, eu quis trazer estas fotos, especialmente esta é do meu aniversário de um ano, mostrando a minha mãe, meu pai, e eu ali loirinha sarará. Para causar mesmo esta reflexão, se algum momento eu deixei de ser negra, desde este momento. Então a negritude para mim está além da questão da pele. Não estou falando de branco que se reconhece negro e se identificam com a cultura, mas estou falando de quem carrega mesmo. Eu trouxe para causar essa reflexão, que ao longo – bem doido, né? – porque ao longo do meu crescer, as bombas hormonais foram cada vez mais fazendo seu trabalho de me enegrecer. Não foi só uma questão política social da questão de identidade. Ela não veio só com uma questão só de empoderamento social e político de circular nos movimentos sociais. Mas teve a questão também de me tornar mulher, eu também leio isso como uma questão ancestral, um chamado, por isso que eu trouxe para fazer essa reflexão.

A Cultura como Dimensão Central

Esta seção pretende destacar as revelações da biografada com relação à cultura em geral, mas também, e de maneira especial, a relação e a importância da cultura, e em particular a cultura do povo negro, no trabalho de produção cultural desenvolvido por Brenda Maria, bem como repertórios para identificar situações de violência, de resistência, de luta individual e coletiva pela identidade e pelo empoderamento do povo negro. Em outras palavras, procura-se evidenciar o papel central desempenhado pela cultura, na vida e no trabalho da entrevistada, como é percebido por Brenda Maria.

Eu acredito que a cultura é uma das coisas mais importantes para o negro começar a se entender como negro; [...] a cultura é primordial, é o contato que a gente tem com a ancestralidade, é o contato que a gente tem com os valores, com a oralidade com a forma de trabalhar, com a forma de compartilhar.

A cultura é uma das chaves para o empoderamento da comunidade negra, da sua história, da sua memória, da sua identidade, da sua identificação junto a uma comunidade.

Através da cultura, eu acho também que são vários valores, a circularidade, a oralidade, o axé. Eu sou iniciada no Candomblé, eu conheci meu babalorixá dentro da Sociedade 13 de Maio. E eu acredito que está todo mundo ligado, quando a gente começa a ter uma noção de uma cosmovisão, de viver mesmo aquilo como uma coisa plena. Eu acredito que me foi dado um dom através da cultura, de trabalhar a cultura uma forma de empoderar meus irmãos e minhas irmãs, através da atividade cultural.

A cultura é interpretada como a dimensão central para a construção da identidade. No caso específico de Brenda Maria, que tem como atividade profissional o trabalho de produção cultural, a cultura está totalmente imbricada com a atividade laboral. Nessa imbricação com a cultura, acaba se destacando a cultura presente na ancestralidade afro-brasileira.

Eu comecei a fazer atividades como produtora cultural, assim fazer eventos. Tinha uma festa chamada SomZala, onde as pessoas eram brancas, a equipe era branca, mas eu trouxe todos os elementos, é que eu não consigo fazer um evento, fazer uma festa, vamos fazer uma festa, para mim tem que ter conceito, para mim tem que ter a imagem, ligada com o ambiente, eu crio todo um ambiente a partir daquilo ali, da ideia, e eu creio que isto foi muito, um dos processos que me puxou, inclusive para este conhecimento. E eu acredito que muitas pessoas se viram nestas ações que eu faço porque ela tem pesquisa, traz uma história, traz uma memória e promove uma participação do coletivo. Assim como é dentro dos valores afro-brasileiros. Eu não tinha esta leitura, mas já é inerente, o processo da ação cultural e a própria ação, dentro dos valores afro-brasileiros.

As manifestações culturais ocorrem em espaços sociais, que possibilitam a participação coletiva, resgatando e valorizando a memória cultural. É nesse contexto que está inserido o trabalho de produção cultural desenvolvido pela biografada.

*Então o fazer também o evento [...], como eu vou atrás muito da pesquisa, como eu gosto muito da pesquisa, então a própria pesquisa me alimenta. Aí eu ponho de alguma forma dentro de uma ação cultural educativa [...]. Hoje eu entendo que estas ações todas, eram ações de **educomunicação**, de educação e comunicação para além de um evento cultural, para além de uma ação cultural. Então começou como eventos, essa festa SomZala. Depois eu fiz parte do grupo*



de percussão do maracatu; para fazer as festas também existia uma leitura, existia uma elaboração do material gráfico, uma pesquisa, dos elementos que são colocados nos cartazes tem a ver com isso, hoje as pessoas me procuram pelo meu trabalho, que tem uma cara muito específica do design gráfico e também de ambientação, está sempre ligado com a questão afro-brasileira, então as pessoas me procuram por conta disso.

Para Brenda Maria, seu trabalho procura articular a produção de eventos culturais com a questão afro-brasileira, procurando estabelecer uma dimensão educativa de comunicação e valorização das manifestações culturais do povo negro. Entende que atualmente as pessoas a procuram para realizar trabalhos por causa disso, o que significa que seu trabalho está sendo reconhecido e valorizado.

Afirma que em seus trabalhos de produção cultural, de produção de material gráfico, como designer, ela procura colocar em prática possibilidades de contribuir para a cultura e o fortalecimento do povo negro (Fotografias 4 a 9).



Fotografia 4 – Capa do encarte do documentário Sob a estrela de Salomão: a Sociedade 13 de Maio como lugar de construção da memória e identidade negras em Curitiba

Fonte: Trevisan (2016b).

Nota: Brenda participou da pesquisa, produção e produção gráfica deste documentário.



Fotografia 5 – Face do DVD que contém o documentário Sob a estrela de Salomão: a Sociedade 13 de Maio como lugar de construção da memória e identidade negras em Curitiba

Fonte: Trevisan (2016c).

Nota: Brenda participou da pesquisa, produção e produção gráfica deste documentário.



Fotografia 6 – Ficha técnica do encarte do documentário Sob a estrela de Salomão: a Sociedade 13 de Maio como lugar de construção da memória e identidade negras em Curitiba

Fonte: Trevisan (2016d).

Nota: Brenda participou da pesquisa, produção e produção gráfica deste documentário.



Fotografia 7 – Cartaz SomZala 2006
Fonte: Santos (2006).



Fotografia 8 – SomZala 2007
Fonte: Santos (2007).



Fotografia 9 – Caixa preta: uma viagem pela música negra mundial
Fonte: Santos (2017).

Em meus materiais procuro fazer uma nova leitura do negro, do ser negro. Sempre que eu fiz materiais eu trouxe a ideia do negro empoderado, pois através da ideia do design também é possível trabalhar o empoderamento e passar uma outra imagem para a comunidade negra.

Mencionou-se anteriormente que as manifestações culturais ocorrem em espaços sociais. Quando espaços sociais estão associados a espaços físicos, cria-se um local de referência, um território que permite o encontro e a realização de atividades e manifestações coletivas de um determinado grupo que frequenta o local. A biografada vem realizando trabalhos vinculados à Sociedade 13 de Maio há quase uma década. Ao mesmo tempo em que a sede dessa sociedade tem servido com espaço físico – território – para encontros e realização de atividades, a própria sociedade constitui-se num importante espaço social, para articulação, resgate de memória, construção de identidades e o empoderamento de coletividades. Novamente recorre-se à voz da biografada, transcrevendo um excerto da entrevista, no qual ela relata parte desse trabalho.

Esse trabalho com a Sociedade 13 de Maio, de pesquisa, de levantar a história, levantar a memória, articular internamente (tanto internamente como de fora, trazer, dar visibilidade) teve o Samba da tradição, que foi um trabalho feito para articular a velha-guarda do clube, através da roda de samba que também é uma manifestação negra, e que trabalha com a pluralidade e memória e hoje tem o baile que eu faço também no 13⁴ e que está trabalhando com o empoderamento, desde o empoderamento estético, empoderamento político, de autorreconhecimento que está sendo feito junto aos movimentos sociais. Então, as minhas ações culturais, elas foram indo mais para o campo social, elas ultrapassam a questão da festa, do evento cultural em si. Eu já leio agora, entendo agora que são eventos de educação, comunicação e de empoderamento social.

Um dos aspectos relevantes da realização de uma entrevista semiestruturada é que o evento se configura como uma conversa, um diálogo, oportunizando à pessoa entrevistada pensar e refletir sobre as questões que vão sendo colocadas pelo entrevistador, que vai acompanhando a reflexão que se verbaliza na fala do entrevistado. A possibilidade de perceber como a pessoa entrevistada vai raciocinando e chegando a conclusões, no caso em questão, sobre seu trabalho e sua vida, é um privilégio para o entrevistador. O último excerto apresentado ilustra um desses momentos especiais. O exercício de reflexão e construção do raciocínio produz uma resposta com uma conclusão consistente e bonita. Apesar da repetição, vale a pena rever a bela conclusão.

Então, as minhas ações culturais, elas foram indo mais para o campo social, elas ultrapassam a questão da festa, do evento cultural em si. Eu já leio agora, entendo agora que são eventos de educação, comunicação e de empoderamento social.

4 Denominado Um baile bom, iniciado no segundo semestre de 2014.



Anunciou-se no início desta seção a intenção de articular em torno da cultura outros temas, entre eles a violência e a luta pela construção da identidade. Brenda Maria entende que nestes últimos 10 anos:

[...] todo meu processo, foi processo de violência, de aniquilação da minha identidade. Então, eu hoje sei, por mais que eu me entenda negra, que existem negras com pele mais escura que passam por violências piores do que as violências que eu passei. Continuam passando e vão continuar passando enquanto não houver uma mudança mesmo.

O leitor talvez esteja se perguntando: que violência foi essa? Que violências sofrem as pessoas negras que a entrevistada está mencionando? Poderia deixar as questões para reflexão e, certamente, se não todos os leitores, pelo menos a maioria poderia listar diversas situações que a população negra vivencia no Brasil e que podem ser consideradas violências. Porém, mantendo a fidelidade ao estilo adotado, de sempre que possível dar **voz** à entrevistada, recorre-se a um excerto da transcrição da entrevista.

Chegar aos 35 anos e ainda estar resgatando situações para entender o processo da construção do meu eu. Desde a questão familiar, por exemplo, minhas irmãs desde o começo foram obrigadas a alisar o cabelo tentando entrar já no processo de embranquecimento. Eu, por já ter a pele menos escura, meu padrão de beleza, já era considerado, digamos, um pouco melhor do que o das minhas irmãs, era o processo de clarear o cabelo, e toda a adolescência, infância a partir daqui, principalmente, de Curitiba, um processo muito difícil de viver a adolescência, já é difícil naturalmente. Mas a coisa da rejeição. Estar sempre sendo rejeitada e achar que isso era apenas uma questão de estética. Pela questão do corpo, ser gorda ou não ser gorda, tanto que eu pensei que tinha a questão de gordura, eu não entendia o que era um processo que tinha a ver com pele, com colorismo, de quem dita o que você pode ou o que não pode. Eu ainda acho uma violência, por mais que eu transite bem no meio branco, é... por estar cada vez mais assumindo através da questão estética ou por causa da militância, ou por causa das ações, ou porque eu não guardo, não deixo de falar o que eu penso. Eu ainda acho horrível eu ser ainda a pessoa que consegue circular em espaço de poder, por ser mais aceita do que uma pessoa mais escura do que eu, eu acho isso horrível.

No final do excerto percebe-se que a biografada sente que atualmente transita bem no meio branco, circula em espaços de poder. Porém, isso revela certa ambiguidade: por um lado, uma pessoa que carrega a ancestralidade afro-brasileira está ocupando espaços e falando em nome de seu povo; por outro lado, a constatação de que o fato de ela ser aceita nesses espaços pode significar que tais espaços ainda não aceitam com facilidade pessoas negras. Consequentemente, provoca nas pessoas que estão nesta condição sentimentos também ambíguos, isto é, embora se sintam na **obrigação** de ocupar espaços e defender a cultura e as causas de seu povo, que

estão representando naquela situação, não deixa de provocar ao mesmo tempo um sentimento de desconforto.

As pessoas num espaço de poder me chamam para fazer uma fala sobre negritude, eu entendo como uma questão estratégica porque alguém que consegue acessar para poder dar voz. Mas ainda acho isso horrível. Porque eu acredito que tem gente há muito mais tempo do que eu na luta e que não conseguiu acessar, exatamente, por ter a pele mais escura. Então para mim não tem como ficar à vontade com isso, achar isso confortável. Sentar ali num lugar, [e dizer] conquistei e agora estou aqui falando com essas pessoas e usando disso para capitalizar para alguma coisa, seja uma questão política, ou para projetos. Eu não consigo ficar confortável por isso. Para mim continua sendo perpetuação dessa violência vivida que hoje, mesmo empoderada, isso continua acontecendo, porque eu me espelho muito, eu me enxergo dentro de uma comunidade, já não são mais eles: somos nós.

As relações sociais não são simples, envolvem questões complexas e contraditórias. Isso fica evidente nos últimos excertos da entrevista. Embora haja certo desconforto, há que se ressaltar como ponto positivo o reconhecimento de que quem está representando um grupo, uma comunidade, tem consciência de que não fala por si e sim pela coletividade, **somos nós**.

Embora as relações sociais sejam complexas e contraditórias, é na simplicidade das relações e ações cotidianas que se encontra a melhor maneira de entender a complexidade, bem como de desenvolver atividades que possibilitem melhores condições de vida para a população. Nesse sentido, as iniciativas desenvolvidas pela entrevistada junto à Sociedade 13 de Maio são exemplos de ações junto a um grupo ou comunidade que contribuem para a conscientização, construção de identidade e empoderamento das pessoas envolvidas.

A partir do momento que comecei a atuar na Sociedade 13 de Maio acho que é uma troca, eu me reconheço, lá dentro eu me identifico com aquela história, eu já não acho que é uma história só do clube, eu acho que é uma história que faz parte de todos, todos os negros, especialmente de Curitiba, Paraná, Brasil, é uma história de luta, de resistência. Eu acho que ali também é uma história, o espaço em si, é um espaço de resistência, é um espaço que merece ser cuidado, como um mecanismo, como uma ferramenta de empoderamento da comunidade negra.

O excerto leva a pensar como a cultura é um elemento central no estabelecimento e compartilhamento de valores por um determinado grupo social. Cultura esta que não é abstrata, mas prática cotidiana das pessoas nas suas atividades inseridas em contextos sociais determinados. No caso específico, a Sociedade 13 de Maio se insere como um espaço ou território que possibilita a articulação da história e da memória do clube com as lutas de resistência e afirmação de valores e práticas culturais, como *locus* de construção de identidade e de empoderamento do povo negro.



Feve o Samba da tradição que começa também com a história de mobilizar uma velha-guarda do clube, deles se reconhecerem nos seus contemporâneos, que tivesse uma vontade de voltar a frequentar o clube, e através do samba, das rodas de samba que além de ser uma manifestação contagiante, ela traz história, traz memória, traz valores e traz uma dinâmica do viver, do ser negro.

Nesse sentido, especialmente dentro da cultura da ancestralidade africana, a valorização e o respeito aos mais velhos é uma dimensão e um valor fundante. O respeito e a experiência dos mais velhos são essenciais na vivência e nas práticas culturais, no modo de ser e viver no mundo. Por isso a existência de um espaço ou território que possibilite as relações e integrações entre as diferentes gerações se constitui num importante espaço para aprendizagem, troca de experiências e fortalecimento da comunidade.

O foco central não está nos espaços, mas no registro da vivência da biografada. Por isso não se está abordando a história e a importância da Sociedade 13 de Maio para o povo negro de Curitiba e região, e sim o trabalho desenvolvido por Brenda Maria, em parte, nos últimos anos, relacionado a essa sociedade. Observe-se como a entrevistada se refere aos eventos e em particular a **Um baile bom**, por ela produzido no espaço da Sociedade 13 de Maio.

E agora com o baile, que eu estou fazendo mobilizando a juventude para voltar seus olhos para o 13 de Maio, para si, pelo referencial estético vendo muito negros lá dentro. As pessoas nestas festas, falam: nossa, nunca vi tanto negro aqui dentro! Coisa boa, feliz de estar vendo aquilo ali acontecendo. A comunicação agora é mais direta para a comunidade negra. Então quando eu falo, é nossa casa, é nosso evento, nossa festa, como é bom estar em família, como é bom estar aqui. Então tudo é voltado para a comunidade negra. Meu medo é que as pessoas lessem como uma questão de segregação. Mas não é segregação, é política afirmativa. [...] Então para mim é uma troca, uma conversa com as pessoas que estão me ajudando a fazer e me incentivando a fazer. Então para mim a ação cultural é caminho para várias coisas.

Percebe-se pelo relato a produção de um evento que é ao mesmo tempo atividade de lazer, ação cultural, atividade de encontro, confraternização e mobilização de um grupo social, no qual as pessoas procuram se fortalecer enquanto sujeitos culturais e sociais. Dito de outra maneira, as atividades sociais são simultaneamente portadoras de múltiplas dimensões. Nas palavras da entrevistada:

[...] para mim está tudo muito ligado. [...] Só o estar aqui viva já é um ato político. Eu estar aqui cada dia me reafirmando, colaborando com as minhas amigas, por exemplo, empreendedoras comprando delas, empreendedoras negras já é um ato político. Já é fortalecer a economia. Toda vez que eu saio com turbante, para mim não é só uma questão meramente estética, tem a ver com minha etnicidade,

eu também faço turbante para vender. E tenho cada vez sentido mais, que, quando eu vendo para uma mulher negra os meus produtos, meu coração fica preenchido de uma outra forma e eu sei que a atinge também de outra forma. [...] Só no meu vender, no meu empreender, também já existe esta ação de empoderamento. [...] O meu lazer, ele tem a ver com meu trabalho porque eu também me divirto nas atividades culturais que eu faço. [...] Está tudo muito ligado, o viver, o estar aqui, ele em si já é um ato político.

Brenda Maria entende que todas as ações – lazer, trabalho, colaboração, empreender, vestir-se, vender, viver – estão ligadas e constituem atos políticos. A ação política, porém, vai mais além, se dá também pelas ações feitas a partir de uma intencionalidade de promover e fortalecer a cultura e o empoderamento do povo negro. Exemplo disso é a participação da biografada em conselhos e entidades, onde defende as pautas de interesse coletivo.

Eu faço parte agora do Conselho de Promoção da Igualdade Racial, o Conselho Estadual, e do Conselho de Cultura, estadual também. Estou aprendendo com esse pessoal que já trabalha há muito tempo com isso, dentro da militância, dentro dessas estruturas, de poder de alguma forma inserir estas pautas, tanto do povo de terreiro, quanto da comunidade negra, dos povos das comunidades tradicionais, que apesar de serem diversos, tem muitas pautas nossas que são conjuntas, questão de território, questão da preservação da própria identidade, da própria cultura.

Mensagem para a Juventude Negra

Neste último tópico, apresentam-se avaliações feitas pela biografada considerando aspectos positivos e negativos na constituição de sua identidade bem como uma mensagem para a juventude negra. Não se caracteriza como considerações finais, mas como um convite para a construção coletiva da identidade e valorização do povo negro. Como ponto positivo a entrevistada destaca:

Eu acho que o sentimento positivo é me sentir que hoje eu sou eu. Assim não tem coisa melhor, de hoje ter passado tanto tempo, e hoje saber quem eu sou, sabe? E estar circulando em grupos que também entendem quem eu sou. Hoje tem também, eu esqueci de comentar, mas faço parte da roda de mulheres negras de Curitiba, [...] e está sendo muito importante estar no meio de pessoas que entendem os processos que passamos e que estamos passando, um sentimento positivo, ótimo e maravilhoso é ter o coração tranquilo sabendo de quem eu sou.

Observa-se que, para Brenda Maria, ter consciência de si, de sua identidade como mulher negra, reconhecendo e assumindo sua ancestralidade e sua cultura atualmente caracteriza-se como aspectos positivos. Assumir esta identidade é resultado de um longo processo social de experiências vividas e de construção de identidade individual e coletiva. Processo este marcado por angústias, sofrimentos e violências, como



descrito anteriormente. O desconhecimento, o sofrimento e a violência caracterizam o lado negativo desse processo.

É o negativo é a memória de 30 anos ou quase 30 anos de negação do eu. De ter passado por tantas coisas sem entender o que é que estava acontecendo. E de estar no meio de pessoas que também não sabiam o que estava acontecendo, não só não sabiam por uma questão de ignorância, mas não sabiam porque não queriam olhar. [...] Então o que tem de negativo para mim é isso, de como foi tanto tempo e hoje eu leio isto como uma violência, entendo isso como uma violência. Sabe, e de às vezes ter sido usado para legitimar alguma coisa, olha temos negros aqui, ou tem a nega que faz, ou tem uma pessoa que pode falar. Não pode falar que não tem, porque tem fulano e sicrano. Então, acho que são estas duas coisas.

Como mensagem para a juventude negra, a biografada ressalta, sobretudo, a união, mesmo com situações adversas, para que juntos tenham mais força para defender os valores e a cultura da ancestralidade africana.

Comece, desde já, a se unir. Não tem como a gente ter referencial, trabalhar empoderamento, de identidade, também posicionamento político sem união. Acho que foi um dos maiores legados dos nossos ancestrais, foi esse assim, inclusive, no meio da adversidade saber se unir. Porque você estar sozinho, e... além de ser muito doloroso, é muito difícil de trabalhar. [...] Realmente, juntos somos mais fortes. Meu conselho é que se unam e comecem a ter empatia uns pelos outros. Nossos ancestrais, eles vêm escravizados da África dos mais diversos lugares. Quando chegam aqui estrategicamente, os brancos botam cada um de um lugar sem falar sua língua. Evitando que eles tivessem qualquer tipo de união, exatamente para virem aqui e simplesmente executar o que tinha que ser executado, para trabalhar até morrer, e no meio disso tudo eles conseguiram, eles e elas, lembrando também que as mulheres foram escravizadas, conseguiram criar coisas maravilhosas. Que hoje, convenientemente, é lido como uma, pela branquitude é lido como uma identidade brasileira, mas uma identidade de consumo, mas que para nós tem a ver com referencial de memória, de identidade, de poder, de tudo aquilo que somos, essas palavras nunca vão sair, porque quanto mais a gente se apropria do que é nosso, mais a gente consegue também devolver para os outros. Por isso que eu penso na questão da união. Se espelhar nesse movimento feito pelos nossos ancestrais, que apesar de tudo, muitas vezes de estar em guerra na África, tiveram que aqui, olha, eu não gosto de você, mas aqui a gente está na mesma condição. Então vamos trabalhar com isso.

Brenda Maria conclui a entrevista manifestando que está muito feliz por ter sido escolhida para fazer parte do projeto Vidas que falam.

Estou bem feliz, na verdade, de ter sido colocada no meio de tanta gente bacana, importante, gente que eu respeito e gente que eu admiro o trabalho,

como militante, como pessoas atuantes da cultura, pessoas com suas realizações políticas. Então estou bem feliz de ter sido convidada e estar no meio destas pessoas todas, e enfim agradeço ao professor Ivo⁵ que me veio com essa surpresa. [...] Ele me empoderou neste momento, falando que reconhece meu trabalho e me colocando no meio de todas estas pessoas, então me senti valorizada e senti que meu trabalho está fazendo a diferença. Agradeço vocês por terem me chamado.

Referências

ELIAS, N. **Escritos e ensaios**: estado, processo, opinião pública. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MOURA, C. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

SANTOS, B. M. L. O. dos. **Cartaz Caixa preta**: uma viagem pela música negra mundial. 2017. Fotografia.

SANTOS, B. M. L. O. dos. **Cartaz SomZala 2006**. 2006. Fotografia. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/chiliquesecliques/1524827668/in/photostream/>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

SANTOS, B. M. L. O. dos. **Cartaz SomZala 2007**. 2007. Fotografia. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/chiliquesecliques/1524828280/>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9. ed. Petrópolis Vozes, 2011.

TREVISAN, L. **Brenda Maria**. 2015. Fotografia.

TREVISAN, L. **Capa do encarte do documentário Sob a estrela de Salomão**: a Sociedade 13 de Maio como lugar de construção da memória e identidade negras em Curitiba. 2016b. Fotografia.

TREVISAN, L. **Face do DVD que contém o documentário Sob a estrela de Salomão**: a Sociedade 13 de Maio como lugar de construção da memória e identidade negras em Curitiba. 2016c. Fotografia.

TREVISAN, L. **Ficha técnica do encarte do documentário Sob a estrela de Salomão**: a Sociedade 13 de Maio como lugar de construção da memória e identidade negras em Curitiba. 2016d. Fotografia.

5 Ivo Pereira de Queiroz, idealizador desse projeto, também incluído nessa obra.





*Bruno Santos de Lima:
uma vida de superação*

Celia Regina Tokarski



*Pois a vida tem seus desatinos
E a sorte não recrimino
Por não querer me consolar
E o sol me anuncia todo dia
Que a chance que eu queria
Deus insiste em me dar.*

Por ser uma estudiosa da história e cultura afro-brasileira, minhas experiências em relação ao racismo vêm dos estudos e da experiência de negros e negras, com quem convivo.

Surpresa especial foi conhecer Bruno Santos de Lima, o jovem advogado e sambista protagonista desta biografia. Telefonei para o Bruno, e marcamos a entrevista na lanchonete da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), onde pudemos conversar sobre sua vida, suas impressões sobre o racismo, o que é ser um jovem negro, as lutas que travou e os preconceitos que ainda enfrenta na sua trajetória de vida. Um jovem advogado e sambista alegre, cheio de ideais e com muitos sonhos a realizar.

Bruno Santos de Lima nasceu a 13 de fevereiro de 1981, em Dourados, cidade situada na região Centro-Sul de Mato Grosso do Sul, próximo aos rios Paraná e Paraguai. Cidade considerada como a segunda mais importante do estado de Mato Grosso do Sul, com aproximadamente 207 mil habitantes. Ainda pequeno, Bruno mudou-se para Curitiba com a família. Bruno é filho de José de Lima Filho e Joana D'Arc Santos Silva. Tem três irmãos. Seus avós paternos e maternos são descendentes de negros. Filho de uma união inter-racial, pai negro e mãe branca, desde cedo Bruno percebeu as marcas do racismo presentes em nossa sociedade.

As relações inter-raciais muitas vezes podem ser motivo de preconceitos vivenciados no cotidiano de casais como o caso dos pais de Bruno. Ficaram marcados em suas lembranças os comentários e questionamentos de estranhos e estranhas quando passeava com sua mãe, pois o fato de ela ser branca e ele negro colocava em dúvida a maternidade de sua mãe. Frequentemente ouvimos relatos ou mesmo assistimos omissos a situações como esta. Crianças sendo marcadas pela indiscrição e



preconceito de estranhos somente pelo fato de terem cor diferente de sua mãe ou pai. Bruno comenta que isso marcou sua infância de forma indelével.

As relações inter-raciais no Brasil, infelizmente, continuam sendo alvo de questionamentos que não levam em conta o fator emocional que pode unir duas pessoas de cor e/ou etnias diferentes, resultando dessa união filhos que vivenciam, juntamente com os pais, o racismo e o preconceito existente. Moutinho (2004, p. 24) afirma que “[...] estes relacionamentos dialogam diretamente com a maneira pela qual estas nações estruturam seus mitos de origem, identidades e políticas sexuais”.

Dessa maneira podemos aferir que a experiência vivenciada por Bruno e sua família está diretamente relacionada com a maneira como a sociedade brasileira foi estruturada: o racismo e as uniões inter-raciais como forma de branqueamento da nação, intuito tão propagado desde o final do século XIX, mas que não se confirmou, como demonstram os dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nos últimos recenseamentos. Hoje, vemos as uniões inter-raciais acontecerem em número cada vez maior, mas não diminuem as discriminações originadas nas entranhas da cultura racista que ainda permeia nossa sociedade.

Nas lembranças de Bruno, além destas passagens em relação à cor de sua mãe, na vida escolar ele também vivenciou situações de racismo, apesar de sua popularidade por se destacar nos esportes, especialmente no basquete, assim como um de seus irmãos que se destacava no futebol. Acredita que a primeira vez que percebeu o racismo presente na fala de professores foi quando cursava a antiga 5ª série, na década de 1990, e a professora de história afirmou que: *O preconceito é normal, afinal não somos obrigados a gostar de todas as pessoas*, complementando ainda que ela, particularmente, adorava os negros, pois os mesmos têm dentes lindos. Uma fala eivada de preconceito e discriminação. Os apelidos como **fumê** e **negão** eram uma constante, mas acredita que por se destacar nos esportes, entre os colegas do colégio, não sofria tanta discriminação por ser negro.

Outra lembrança de Bruno, que deve ser a mesma vivenciada pelas crianças e jovens negros e negras nos bancos escolares, se refere aos livros didáticos, onde a imagem de negros e negras, quando existentes, eram apresentados de forma negativa. Os livros de história então traziam não só imagens estereotipadas, mas o discurso também. Os povos africanos eram apresentados como submissos, inferiores, por isso passíveis de escravização. Hoje, muitas mudanças ocorreram, principalmente por influência da Lei nº 10.639 (BRASIL, 2003) e das ações dos Movimentos Negros brasileiros, mas ainda é necessária a conscientização de que a educação se faz com conhecimento e respeito a todas as etnias e suas contribuições para a ciência, cultura e formação da sociedade brasileira.

Ainda na 8ª série, Bruno recebeu uma bolsa de estudos de um colégio da rede privada de ensino de Curitiba por conta de seu destaque no basquete. O fato de ser

bolsista e negro pesou no tratamento dado por alguns professores. Entre suas lembranças do período em que estudou no colégio, Bruno não esquece a discriminação por parte de uma professora que o tratava de forma diferenciada em comparação aos alunos e alunas que não eram bolsistas ou que eram brancos. Entre as discriminações, as alusões pejorativas ao seu cabelo e à necessidade de: *Raspá-lo com uma máquina de cortar cabelo* marcaram fundo a adolescência de Bruno.

Aqui vale destacar que o cabelo de negros e negras é marca importante de sua identidade estética e étnico-racial. Segundo Gomes (2002, p. 27, grifo nosso), devemos questionar estas questões vivenciadas por educandos e educandas negros e negras da seguinte forma: “A existência de um padrão de beleza que prima pela **brancura**, numa sociedade miscigenada como a nossa, afeta ou não a nossa vida nas diferentes instituições sociais em que vivemos?”.

Vivemos em sociedade, desde o momento em que nascemos: primeiro o ambiente familiar, onde recebemos carinho, proteção e dificilmente nos damos conta de que existem diferenças, essa diversidade existente em nossa sociedade. Porém, ao iniciarmos nossa trajetória escolar, nos deparamos com o **outro**, com as pessoas que vivenciaram outras organizações familiares, outros credos e que também têm outras identidades étnico-raciais. Nesse universo também desejamos ter o acolhimento que a família nos proporcionou e nem sempre encontramos essa receptividade. Então, enquadrar-se nos padrões pré-estabelecidos pela sociedade é uma questão de aceitação. E se não estamos dentro de todos estes padrões, como Gomes (2002) cita anteriormente, seremos afetados e a criança e adolescente negra terá maiores dificuldades no percurso escolar.

Bruno vivenciou ainda na adolescência essas situações em que a escola e a sociedade não discutiam as questões étnico-raciais, o currículo europeizante, o padrão de beleza embasado na beleza branca, no cabelo liso, criando estereótipos negativos em relação à beleza, ao corpo e ao cabelo negro. Essa experiência marcou esse período da vida de Bruno, fazendo com que não esqueça as várias vezes em que enfrentou este tipo de situação.

Essa vivência na escola, ainda hoje, é marcada pelos estereótipos, pelas **brincadeiras e apelidos** que na maioria das vezes são ignorados pelos educadores e educadoras. Um silenciamento que obriga as crianças e os adolescentes negros e negras a lidar sozinhos com a situação. A forma que Bruno encontrou para enfrentar essa violência que sofria foi dedicar-se mais ainda ao esporte, além do basquete a prática de jiu-jitsu auxiliou o enfrentamento do preconceito que vivenciava no cotidiano escolar.

Apesar de se destacar no esporte, Bruno vivenciou momentos tristes que o racismo infligiu. Lembra que numa partida de basquete dos jogos intercolégiais em que participou ocorreu um desentendimento que resultou numa briga entre os jogadores. O professor de educação física, que era também o Coordenador Geral de Esportes do Colégio em que Bruno estudava, puxou-o pelo braço, chamando-o de **marginzinho**.



Bruno lembra que um amigo interveio, alegando que todos brigaram, portanto não era justo que somente Bruno fosse penalizado, porém o professor o ameaçou com expulsão.

Em outra ocasião, um menino que estava assistindo a um jogo gritou: *Macaco, imundo, fedorento*. Um dos jogadores de seu time, que era amigo de Bruno, jogou a bola no rosto do agressor que estava na plateia. A solidariedade de alguns de seus amigos, que eram brancos, o incentivou a permanecer de cabeça erguida, porém, ainda não sabia como defender-se, ainda não conseguia discutir as questões étnico-raciais e o racismo e a discriminação. Muitos amigos seus, que também eram negros, encontraram nas artes marciais uma saída para defender-se, como é o caso de um amigo, que se tornou lutador.

Essas atitudes preconceituosas vivenciadas no ambiente escolar fizeram com que Bruno procurasse sempre ser o melhor. O melhor nas notas, por isso seu desempenho escolar sempre foi alto, porém nem por isso ganhava o elogio de todos os professores e professoras. Assim ocorria também no basquete. Essa era a forma que encontrou para superação das adversidades que o racismo impunha ao educando Bruno. E cabe ressaltar que essa experiência é vivenciada por inúmeras famílias negras que ensinam seus filhos e suas filhas a serem sempre os melhores, a serem os mais educados, os mais comportados, os mais dedicados na escola. Mas, infelizmente, muitas famílias ainda não conseguem ensinar como enfrentar o racismo e a discriminação como um ato desumano, criminoso. E mesmo a maioria das escolas ainda não está suficientemente preparada para intervir nos casos de racismo dentro do espaço escolar, pois a criança ou adolescente que é vítima de racismo acaba sendo culpabilizada ou escuta que: *Agora os negros querem ganhar dinheiro com essa história de racismo*.

Foi quando conheceu o rap, suas músicas contestadoras e combatentes em relação ao racismo existente na sociedade brasileira que Bruno começou a pensar sua negritude como algo que incomodava os preconceituosos. Passou a entender o que vivenciara na escola e mesmo em outros espaços. O sentimento de negritude do jovem Bruno despertara e passou a procurar tanto nas letras das músicas do movimento rap quanto em leituras de autores que discutiam a negritude no Brasil e mesmo fora dele, o conhecimento que necessitava para seu empoderamento.

Em relação ao rap, ainda hoje boa parte dos curitibanos desconhece nomes como a da rapper Karol Conka, reconhecida no circuito nacional e que ainda criança mergulhou a mão em água sanitária para ver se ficava branca. Quantas crianças como ela vivenciaram situações parecidas por causa do racismo. Infelizmente, ainda nos dias atuais o rap e o hip-hop são marginalizados por uma parte da população, justamente por suas letras denunciarem as mazelas da sociedade como o racismo, a discriminação e a pobreza.

Na sua adolescência e juventude, além do rap, filmes sobre Malcom X, livros sobre Martin Luther King, Nelson Mandela e outros expoentes do combate ao racismo e à

discriminação foram dando suporte para que Bruno entendesse a ação perversa do racismo na humanidade. Nesse período, a biblioteca foi sua aliada. Buscava os mais diversos livros que pudessem auxiliá-lo a discutir estas questões. Não queria mais ser alvo das ações racistas e não ter argumentação para combatê-las. Esse desejo de conhecimento da história e da legislação o encaminhou para o curso de direito.

Mas foi após ingressar no curso de direito que o jovem Bruno teve acesso a obras que realmente sustentariam com maior propriedade a sua necessidade de combater o racismo e a discriminação. Foi quando, nas aulas de direito civil, conheceu obras como a de Lombroso (2013), *O homem delinquente*, escrita em 1892, que analisava as características padrão dos criminosos, que Bruno compreendeu como a tipificação do caráter de um ser humano esteve e, infelizmente ainda está, relacionada para inúmeras pessoas, às suas características fenotípicas. Aqueles que pensam dessa forma constroem atitudes racistas e discriminarão as pessoas que consideram **o outro**, aquele que é diferente do seu grupo étnico-racial e/ou social.

No quarto e quinto ano do curso de direito, a discussão da Lei das Cotas Raciais demonstrou também o quanto a noção de direito a reparação de uma condição histórica que foi imposta aos povos africanos escravizados, e conseqüentemente a seus descendentes, está ainda longe de ser compreendida pela sociedade e por aqueles que deveriam lutar pelos direitos da população. Não de uma minoria, como muitas vezes ouvimos o eco de vozes que procuram colocar a população negra brasileira nesta condição. Se os dados estatísticos demonstram que a população brasileira é constituída por maioria de negros e negras, em torno de 54%, então não estamos falando de uma minoria. Bruno percebeu estes equívocos nas discussões acadêmicas, onde grande parte era incondicionalmente contrária às cotas raciais.

Nesse período de acadêmico de direito, Bruno procurou aprofundar os conhecimentos de história da África, sobre racismo e histórias de personalidades negras e sobre o samba. Sempre uma leitura positiva tanto da África quanto dos afro-brasileiros, sua cultura e religiosidade. Tudo que o auxiliasse a ter argumentos no combate ao racismo, às expressões e ações discriminatórias presentes tanto no espaço acadêmico quanto na sociedade.

Bruno afirma que o primeiro passo para a libertação, para saber enfrentar o preconceito e a discriminação é conhecer o que o **inimigo pensa**. Nesse caso, os racistas, aqueles que por conta de sua intolerância não conseguem conviver com o **outro**. Só o conhecimento da história brasileira e do povo negro pode proporcionar o empoderamento de negras e negros brasileiros e, dessa forma, permitir o enfrentamento diante das atitudes racistas. A alteridade é possível para Bruno, segundo sua afirmação, através do conhecimento de si, de suas raízes, de sua ancestralidade.

O samba criou raízes em seu coração, e hoje transpira toda a emoção de ser sambista, de cantar as raízes negras que constituem a sua essência. Um de seus ídolos



é Paulo Benjamim de Oliveira, o Paulo da Portela, que na década de 1920 quebrou a barreira do samba ao convidar comitivas de jornalistas para conhecerem a Escola de Samba em Madureira. Para Bruno, o samba realizado em Curitiba e mesmo o do Rio de Janeiro virou produto para branco, o que ele critica, pois, o samba é e sempre foi um elemento de expressão da cultura negra brasileira.

Hoje, Bruno tem certeza de que gerou orgulho em seu pai por sua superação e enfrentamento às adversidades e ao racismo que poderiam ter tornado sua vida um insucesso. Ao contrário do que se poderia supor que aconteceria com o menino Bruno, que enfrentou desde cedo as mais variadas facetas do racismo, o que vemos hoje é um jovem advogado e sambista negro que tem orgulho de seu pertencimento étnico-racial e, mesmo não sendo integrante de Movimento Social Negro, demonstra em sua postura de vida que a negritude está em sua essência, em sua forma de pensar e agir. Apesar de no meio jurídico enfrentar preconceitos por ser sambista, que para alguns continua a ser vocação de **malandro**, Bruno tem orgulho de ter o samba nas suas veias. Sem o samba, não seria o Bruno, que, como na letra de sua canção que inicia este texto, apesar de todas as adversidades que já enfrentou, sempre sorri, pois, sabe que, apesar de todos os problemas e os momentos difíceis que vivenciou, a chance de realizar seus sonhos sempre estará à sua disposição, ele sabe lutar pelo que realmente quer.

Referências

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Seção 1, p. 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 03 jun. 2018.

GOMES, N. L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, n. 21, p. 40-51, set./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2018.

LOMBROSO, C. **O homem delinquente**. São Paulo: Ícone Editora, 2013.

MOUTINHO, L. **Razão, “cor” e desejo**: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul. São Paulo: Editora UNESP, 2004.



*Léo Fé: acima de tudo,
reflexão*

Mônica Helena Harrich Silva Goulart

Ana Crhistina Vanali



“[...] (povo escravizado) um ser alienado de sua essência humana”
(MOURA, 1988, p. 220).

Biografia: Nasceu por Pirraça

Leonardo Jackson de Lima nasceu em Curitiba, no dia 17 de julho de 1985, filho único de Áureo de Lima e Sonia Maria Swiatoviski (Fotografia 1). O nome Jackson foi dado pelo pai, que era fã do conjunto Jackson Five. Os avós estrangeiros por parte de mãe (o avô era polonês e a avó descendente de italianos), vieram fugidos da II Guerra Mundial¹. Os avós paternos eram de Curitiba. Seus estudos primários ocorreram numa escola municipal no bairro Portão, depois transferiu-se para a Escola Municipal Irati e, posteriormente, para o Colégio Estadual Nilo Brandão, ambos no bairro Cajuru. Passou a infância nos bairros Uberaba e Santa Quitéria e, no final dos anos 1990, mudou-se para o Cajuru, lugar onde mora e lhe é significativo até hoje.



Fotografia 1 – Léo Fé, com 4 anos
Fonte: Acervo pessoal (1989).

1 Os primeiros imigrantes poloneses chegaram ao Paraná por volta de 1871. A grande maioria dos imigrantes estabeleceu-se na região sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Outros grupos, menos numerosos, vieram para o Brasil depois da II Guerra Mundial. Para saber mais, consulte Boschilia (1995) e Wachowski (1999).



Fotografia 2 – Léo Fé com a mãe Sônia
Fonte: Acervo pessoal (2010).

A discussão e o preconceito em relação ao negro se apresentavam na família antes mesmo do nascimento de Léo. Relata que, no início dos anos 70, a mãe já estava noiva de um rapaz que era descendente de portugueses e, digamos assim, um bom partido, como se dizia na época, por ser branco e ter boa estrutura financeira. Porém, quando Sônia (Fotografia 2) conheceu Áureo, se apaixonou. Resolveu desmanchar o noivado anterior e assumiu o namoro; a família rompeu os laços, porque não aceitava a relação com uma pessoa negra. O fato fez com que ela se desvinculasse da família e fosse morar com o pai de Léo. O convívio familiar maior se deu pelo lado paterno, principalmente com sua avó Maria da Luz Fortunato, pois os avós maternos eram falecidos quando do seu nascimento.

Nas lembranças de infância, teve na presença de sua avó paterna, que era praticante da religião afro-brasileira, a umbanda e o candomblé, sua maior referência. Léo via-se dividido entre a influência do catolicismo fervoroso de sua mãe polonesa e a prática de mãe de santo da sua avó. Nesse mundo marcado pelo sincretismo religioso, optou por conhecer os rituais desenvolvidos pela religião de sua avó. Porém, ainda sua fé é marcada por traços da religião católica, ao se dizer devoto de Nossa Senhora Aparecida.

Hoje Léo é casado com Daniela Cedro dos Reis e tem duas filhas: Pamela Cedro Sábio (enteada) e Letícia Cedro de Lima.

Religião: a Construção da Identidade

Léo Fé, seu nome artístico, está relacionado com a sua religiosidade. Quando estava no samba e chegava com as guias², os amigos falavam: *Ah, o Léo. O Léo é de fé!* Mas, no começo sentia medo das práticas que ouvia falar sobre a umbanda ditas por sua mãe. Porém, com o tempo, a curiosidade falou mais alto e fez com que vencesse o preconceito inicial e se aproximasse da religião africana. As festas de Cosme e Damião em que participava junto com a avó paterna foram marcantes e definidoras para a opção futura de participação na umbanda.

Curiosidade e medo foram os ingredientes que fizeram com que Léo se aproximasse e se afirmasse como um seguidor umbandista. Nesse sentido, a presença, apoio e explicações por parte de sua avó paterna foram fundamentais para o entendimento da essência da religião, fazendo cair por terra vários preconceitos concebidos ainda na sua infância.

Aos 16 anos, Léo define-se como membro da religião e sente um chamado através de sonhos onde sempre estava tocando atabaque. O chamado para a missão se confirmou quando, numa visita com sua avó paterna ao terreiro, uma das entidades (Pai Benedito) revelou que Léo tinha uma missão. Léo entrou para a umbanda por intermédio de sua avó paterna, que atuou em terreiros por mais de 40 anos, mas hoje não é mais praticante da umbanda e se converteu à Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Sua iniciação se deu aos 18 anos. Seu orixá de cabeça é Nanã, e quando isso saiu nos búzios foi muito questionado, pois geralmente homens não são filhos de Nanã. Mas Léo sonhou que estava no terreiro e que uma entidade falava para ele: *Nunca duvide de seu orixá!* Então, um dia acendeu uma vela e, em oração a Ogã, pediu que lhe ajudasse a saber quem realmente era seu orixá e, no fim da gira³, a vela derreteu e ficou no formato de um ibiri de Nanã (Figura 1). Léo chamou o pessoal presente para ver o **sinal** e depois chegou até a compor uma música sobre esse assunto.

Dentro da umbanda, todas as pessoas têm pelo menos três Orixás: Orixá de cabeça, Orixá de corpo e o Orixá de frente. O Orixá de cabeça é sempre o principal, aquele que dá suas características pessoais, físicas e morais. O Orixá de corpo sempre vai fazer par, casal com seu Orixá de cabeça. O Orixá de frente é o responsável pelos caminhos, pelas conquistas, tanto materiais como espirituais. Ele toma a frente para ajudar em alguma situação. No caso de Léo, ele tem como:

2 Guias são os colares coloridos utilizados nos trabalhos, fazendo parte do fundamento de todo umbandista. As guias são consideradas verdadeiras para-raios em defesa dos médiuns. Elas são imantadas pelos guias chefes ou pelos dirigentes da casa através das energias da natureza para servirem de escudos contra as energias negativas que possam se aproximar dos servidores da umbanda na prática da caridade. Se por algum momento, alguma carga negativa se aproximar, essa carga se choca à guia de contas como um escudo de proteção para o médium (SILVA, 2005).

3 Gira é o termo utilizado para denominar as sessões de umbanda, onde o chefe de terreiro, considerado sacerdote na lei de umbanda conduz os trabalhos junto aos ogãs e guias chefes da casa que trabalham incorporados no mesmo.



- a) Orixá de cabeça: Nanã;
- b) Orixá de corpo: Oxum;
- c) Orixá de frente: Xangô.



Figura 1 – Ibiri Nanã

Fonte: Terreiro de Umbanda e Nação Omolokô Pai Joaquim e Mãe Maria (2013).

Ao pensar sobre a construção de sua identidade, o maior significado foi dado pela religião através de sua mãe de santo, Laurinda de Oxum, que tinha orgulho da resistência e da luta negra, fazendo com que os obstáculos fossem superados.

Em 2012, ao lado de Candieiro, fez parte do projeto da lavação das escadarias da Igreja do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito, localizada no centro histórico de Curitiba, ritual que é realizado todo dia 20 de novembro, dia da Consciência Negra. Durante dois anos a prefeitura abraçou o projeto, e a mídia ajudou na divulgação do projeto, contribuindo para o esclarecimento do ritual na tentativa de acabar com a discriminação pois, afinal, toda religião procura paz e prosperidade como objetivos finais, e no candomblé não é diferente (Fotografia 3).

A lavação das escadarias é um espetáculo de música, flores e perfumes e é inspirada na célebre Lavagem da Igreja do Bonfim que, todos os anos, atrai milhares de devotos a Salvador e acontece desde 1745. Além de celebrar a consciência negra, a Festa do Rosário, como é conhecida, ainda homenageia São Benedito, o padroeiro das negras e dos negros brasileiros, bem como Nossa Senhora do Rosário, a padroeira dos artistas e preservadores das culturas populares. No sincretismo, Nossa Senhora do Rosário é Oxum, que representa a água doce, a ternura, a maternidade e a riqueza de um povo. Após a lavação das escadarias, ocorre uma procissão que se estende descendo em cortejo até o Pelourinho de Curitiba, passando pela Praça Tiradentes. O objetivo principal desse evento é valorizar e dar visibilidade à história e à cultura afro em Curitiba e no Paraná.



Fotografia 3 – Léo Fé e a lavação
Fonte: Acervo pessoal (2014).

Movimento Negro: a Tomada de Consciência

Nasci sem morrer⁴

*Sou brasa no rio
E não temo ameaça
Quem quiser fazer que faça,
Eu aceito o desafio
Arame, madeira e cabaça
Faço graça e sorriso
Sou o fogo sem fumaça,
Vento sem o assobio
Iererê, iererê
Eu nasci foi de pirraça
Foi a luta da minha raça
Que não me deixou morrer
Tenho a alma marcada*

⁴ Composição Léo Fé (2014), gravada em 2015 pelo Grupo Brasileiro.



*Da tristeza de outro tempo
Da maldade e sofrimento
Do estalo da chibata
Meu ponto não se desata
No tambor do meu batuque
Nem que sangue ou machuque
A história ninguém mata
Iererê, iererê
Eu nasci foi de pirraça
Foi a luta da minha raça
Que não me deixou morrer
Guerreiro eu nasci de força bruta
Eu sou filho, sou herança
Luta para mim é dança,
Dança para mim é luta
Sou semente,
Sou a fruta plantada neste terreiro
Mandinga de feiticeiro,
Canto que em todo o canto se escuta.*

A tomada de consciência de sua negritude se dá de duas maneiras: primeiro pela religião, e influência de sua avó e, em segundo, pela questão da ancestralidade, pela necessidade de se conhecer a própria história e a trajetória de seu povo. Ainda jovem, já havia encontrado algumas dificuldades por ser negro morando na cidade de Curitiba, considerada como uma das cidades com maiores índices de discriminação racial, marcada historicamente pela afirmação da cultura europeia em detrimento da cultura negra.

A vivência da discriminação veio não só pela religião, mas também por sua opção em ser sambista, influência musical herdada pelo pai que era baterista numa banda, mas não queria que Léo se envolvesse com música, talvez pelas dificuldades que ele passou e não queria que o filho tivesse as mesmas experiências. Léo teve três tios que jogaram futebol e chegaram a ser profissionais, e o sonho do seu pai era que ele se tornasse um jogador de futebol profissional. Tio Liminha jogou no Atlético Paranaense, Coritiba, São Paulo e Universidad do Chile. O tio Jota Maria teve participações nos clubes Pinheiros (no Paraná), Botafogo, Vila Nova, Corinthians e *Philips Sport Vereniging* (PSV) – Holanda. Já o tio Lima jogou no Coritiba, Londrina, Cruzeiro, Serena-Chile, entre outros. Léo chegou a treinar até os 18 anos nas categorias de base como atacante e meio-de-campo no Paraná Clube, América/RJ e Blumenau/SC. O falecimento de seu pai, em 2003, fez com que não se profissionalizasse, como ele mesmo define: *Acabou não vingando.*

Léo recorda que, quando falava para o pai (Fotografia 4) que ele queria fazer música, o pai surtava. Quando falava em samba, então...! Piorava. Mas, ao mesmo tempo em que não incentiva o filho a seguir a carreira artística, realizava na sua casa rodas de samba onde estavam presentes Maé da Cuíca, Gogó de Ouro e Ciro.



Fotografia 4 – Pai de Léo, década de 70
Fonte: Acervo pessoal [197-].

Recorda que o pai ouvia muito discos de samba, o dia inteiro, e que a mãe pedia para o pai abaixar o volume, que ela queria assistir à novela. O samba sempre fez parte das festas de aniversário. Lembra que, quando tinha 8 anos, seus aniversários eram finalizados com rodas de samba. Áureo de Lima tocou com vários nomes do samba curitibano, entre eles Ciro Morais, Gogó de Ouro, Azor Delgado. Em sua carreira, fundou o Fina Flor do Samba, além de ter desfilado alguns anos na Mocidade Azul como passista no carnaval.

Todos os instrumentos que Léo aprendeu a tocar foi sozinho, pois o pai nunca o ensinou, nem mesmo a própria bateria que ele tocava muito. Léo diz ter aprendido a tocar bateria somente observando o pai. Hoje, toca quase todos os instrumentos de percussão: pandeiro, surdo, cuíca, etc. (Fotografia 5).

Para Léo, fica claro que foi por meio da religião e da sua musicalidade que tomou consciência da necessidade da luta pela identidade negra, afinal a religião traz o culto aos ancestrais que devem ser lembrados e respeitados e que, se não fosse pela resistência deles, não estaria aqui. No fim das contas, pela grande bagagem social de preconceito e exclusão: *Feria tudo para não estar aqui: nós nascemos de piraça.*

Com a mesma força com que sua avó paterna e sua mãe de santo o influenciaram na escolha de sua religiosidade, o sambista curitibano Maé da Cuíca, fundador da primeira escola de samba da capital (FREITAS, 2009), marcou forte sua vida. A convivência desde



criança fez com que o adotasse como grande exemplo para que Léo se posicionasse e tomasse consciência de que a questão negra deve-se valer por uma luta permanente, construída e reforçada dia a dia com muito orgulho, mas não com o uso da força e sim com o uso das palavras, sejam elas cantadas ou apenas num ritmo de diálogo. Contudo, assinala que a luta passa, acima de tudo, pela reflexão, pelo diálogo, pelo sentimento de alteridade: *O ódio nunca é o caminho*. Léo enfatiza que é preciso compreender também de que forma a mentalidade do outro é construída e a história de cada um deve ser levada em consideração. Nesse caso, uma boa conversa e a busca de conhecimento assumem importância maior na construção e afirmação do movimento negro.



Fotografia 5 – Léo Fé e percussão
Fonte: Acervo pessoal (2012).

Maé da Cuíca foi o grande articulador inicial que procurou destacar a importância do samba em Curitiba, rompeu várias barreiras e conseguiu, com muito custo, apresentar e reforçar a cultura do samba mesmo em meio a uma cidade extremamente tradicional, como Curitiba dos anos 40. Nessa época, mais que inaceitável, o samba era marginalizado pela sociedade local. Nesse aspecto, Léo Fé chama a atenção para a minimização do samba em relação à Bossa Nova, esta, sim, fortemente ressaltada em países estrangeiros, justamente por grande influência do jazz. Destaca o exemplo de Cartola, hoje conhecido como um poeta, mas em sua época teve pouco reconhecimento e morreu pobre.

Ao fundar a escola, o primeiro tijolo do processo de resistência foi instaurado, seria necessário não aceitar a exclusão e a negação do samba em Curitiba. Léo chama a atenção para o fato de que Maé da Cuíca acabou unindo grupos que até então ficavam isolados, uns antes e outros depois do trilho de trem do bairro Capanema. A marginalização fazia com que os sambistas permanecessem no bairro e não apresentassem o samba na região central da cidade. Nem mesmo a vontade em participar de um estilo musical diferenciado fazia com que os grupos avançassem. Entretanto, ao

fundar a primeira escola de samba, em 1946, Maé da Cuíca provocou modificações, pois não seria mais a voz do samba dividido: de um lado, feito no bairro por pessoas em sua maioria marginalizadas e, de outro, o carnaval preparado e direcionado para a elite. Mesmo diante do medo de serem presos, Maé e seu grupo foram para o centro da cidade mostrar sua cultura. Nesse episódio, Léo conta que Maé teve que conversar com um delegado para esclarecer que apresentariam o samba em outras regiões da cidade. Para Léo Fé, Maé é uma significativa referência: *Um grande espelho, um exemplo a ser seguido*. Mas vale destacar que o samba é apenas uma parte da grande contribuição que os negros tiveram na construção da sociedade brasileira.

Ainda em relação à influência e consciência de sua negritude, aponta que o samba e as letras foram fundamentais para seu posicionamento de resistência e luta. Para o futuro do movimento negro no Paraná e seus projetos, Léo espera que a história do samba curitibano seja conhecida e não negada. Que esse espaço de reconhecimento aberto pela luta do Maé da Cuíca e do Gogó de Ouro (de origem carioca), que foi preso diversas vezes na década de 1980 por fazer roda de samba na Rua XV de Novembro no centro de Curitiba, não tenha sido em vão. Para Léo, o que falta é a mídia local dar mais espaço para o projeto do Samba do Compositor Paranaense, sambistas e para a história do samba em Curitiba, que ainda carecem de reconhecimento. A história do samba não é apenas do povo negro, mas do Brasil. Assim como Tiradentes lutou pela liberdade do Brasil, pela igualdade da sociedade para que uma classe não fosse humilhada pela outra, Zumbi também o fez e, portanto, ele não representa apenas o povo negro.

Mesmo não estando vinculado a nenhum movimento negro em específico, Léo salienta que é preciso ter uma unificação nos posicionamentos e nas ações. As separações dos movimentos e a crítica entre os mesmos acabam por enfraquecer o propósito geral da resistência, perdendo-se o foco. Em se tratando particularmente de Curitiba, Léo aponta que há poucos trabalhos sendo realizados em regiões carentes, nas favelas e periferias. Mais do que discutir a consciência negra nas universidades, junto à classe média e elites, é preciso conscientizar quem sofre pela sua própria condição, o direcionamento deve ser voltado para o povo que sofre com isso.

A inclusão por meio de cotas sociais e raciais se apresenta como importante divisor de águas, imprimiu mudanças significativas, mas ainda é preciso reforçar que um povo não pode sofrer por sua cor, por sua raça. Nesse aspecto, chama a atenção para a dificuldade de se instaurar o feriado do 20 de novembro em Curitiba, haja vista a resistência de vários segmentos da população desde 2013, quando a prefeitura o instituiu (BARBOSA, 2016a; BARBOSA, 2016b). Segundo ele, mesmo fazendo o **teste do peçoço** em vários lugares, ainda existe pouquíssima presença de negros em espaços que eram, até então, prioridade de brancos. Segundo Léo Fé, pode-se pensá-lo da seguinte forma: *O teste da peçoça pode ser definido como ação realizada por qualquer um tanto negro como branco para identificar nos lugares onde estão os brancos e os negros, por exemplo, vai ao bairro nobre e vire o peçoço para um restaurante de elite e veja*



quantos negros têm sentado almoçando e quantos têm seivindo ou quantos têm na cozinha. Ou, então, vá a um hospital e vire o pescoço para dentro dos consultórios e veja quantos médicos negros estão atendendo, vire o pescoço para uma favela e veja a cor da maioria de sua população. Mas o que se vê em Curitiba é ainda muito preconceito e exclusão de pessoas seguidoras de religião de matriz africana, por exemplo. A relativa melhora estaria nos lugares mais centrais e não nas periferias e nos lugares mais pobres da cidade. Para Léo, o caminho é a conquista pela igualdade, pois, enquanto várias classes lutam pela ampliação de seus direitos já adquiridos, os negros ainda lutam por questões básicas, de reconhecimento de sua igualdade perante os demais. Ainda há negros que recebem menos que brancos, com as mesmas funções e qualificações, assim como também ressaltam as estatísticas alarmantes em relação à violência direcionada a esses grupos. É preciso perceber quão grave são estas questões e, por isso mesmo, devem ser debatidas, passando necessariamente pela questão da educação.

Assim, acredita que o papel da cultura é fundamental para o despertar de tal questão, fundamentalmente, através do resgate da história e da cultura de matriz africana para todos os alunos, brancos e negros. *Tudo que inclui é bom, o que exclui é sempre ruim.*

Acima de tudo, Léo tem uma visão otimista e acha que está ocorrendo uma tomada de consciência, um avanço com relação à consciência negra, pois atualmente se veem muito mais negros com orgulho da sua identidade étnica, com o cabelo black, com as guias sem medo de expor sua escolha religiosa. Ressalta que ainda há muito preconceito, mas reconhece como avanço uma postura de enfrentamento do negro em não se colocar na posição de inferiorizado. Destaca a importância do movimento hip-hop nas periferias. Através da música pode-se fazer a reflexão, a denúncia e a tomada de consciência da sua importância na sociedade, pois este estilo musical possui letras que sempre denunciam algo e nos levam a refletir, apesar da questão comercial que faz com que os rappers denunciadores não tenham tanto espaço na mídia, porque o incentivo maior é para os rappers românticos. Ainda assim, hoje nas periferias é o movimento mais importante para a conscientização. Segundo ele, tem show de rapper que reúne mais de 30 mil pessoas. Nesse espaço, o artista denuncia à comunidade que está passando fome, suas formas de violência, a opressão da polícia. Entretanto, o problema maior é o preconceito enraizado, onde um negro numa loja é mais suspeito do que um branco, onde um negro com uma touca na cabeça andando na rua será parado pela polícia para averiguação, questões que ainda não são discutidas. Léo aponta que não critica a polícia por criticar, mas que ela é apenas mais uma instituição que reproduz o racismo da sociedade brasileira.

Apesar do fato positivo de tantos negros estarem assumindo sua identidade, a luta por uma sociedade mais justa e sem preconceitos de qualquer ordem é um **trabalho de formiguinha**, árduo, lento e demorado, mas persistente. Léo tem consciência de que a geração das suas filhas ainda não verá essa **melhora** na inclusão do negro e toda diversidade respeitada, já acredita que seus netos serão capazes de

viver nessa sociedade que respeita a diversidade e a inclui. Léo não tem memória de ter sido atendido por um único médico negro, por exemplo. O respeito à diversidade tem que sair do papel.

Como **homem de fé**, Léo acredita que nada é à toa na vida, portanto, essa crise na dificuldade da inclusão e reconhecimento da diversidade que estamos passando pode nos trazer coisas boas, apesar de todo ódio demonstrado. Mas, nas palavras de Léo: *Hoje pelo menos conseguimos falar e expor nossas ideias e com isso a tendência do país é crescer considerando essas falas até então sufocadas.*

A religião sempre ensinou ao Léo ser muito humano: *Não adianta eu ter comida no meu prato e saber que na rua de trás da minha casa tem gente passando fome.* Léo confia que sua esposa às vezes o cutuca, pois ele acaba esquecendo de fazer as tarefas de dentro de casa porque estava cumprindo tarefas na luta pela coletividade. Reafirma que essa prática de priorizar a coletividade em detrimento do individual é um dos ensinamentos do candomblé, que prega o respeito à vida humana e à natureza antes de tudo. Se vamos arrancar uma folha de uma árvore, devemos antes pedir licença, se vamos matar um animal para o sacrifício de uma festa, deve-se fazer uma oração e pedir licença. Não se mata por matar um animal, não se arranca uma planta por se arrancar, diz ele.

Para o sambista, temos uma diversidade cultural muito grande em nossas mãos e não sabemos aproveitar esse conhecimento que poderia nos libertar do preconceito. Temos que nos colocar no lugar do outro e não julgar sem ter conhecimento. Relembra o preconceito que ele próprio tinha contra a umbanda, porque não a conhecia e acabava ficando apenas com a visão herdada da mãe, que era católica e tinha preconceito contra essa religião. Uma vez que se aproximou e conheceu essa outra forma de visão do mundo: *Acabou atendendo ao seu chamado* e se tornou Ogã.

Léo se define como muito curioso e aconselha que temos que conhecer mais, escutar as opiniões contrárias à nossa, pois se ficamos muito tempo apenas com as pessoas que pensam igual a nós, começamos a achar que tudo o que é diferente ou contrário é ruim. Destaca que isso acontece muito dentro do próprio movimento negro, que precisa se pôr no lugar do contrário, do outro, para melhor entender as raízes das desigualdades que marcam a formação da sociedade brasileira. Lembra também que, quando iniciou a militância no movimento negro, era muito revoltado, queria mudar as coisas de forma imediata, mas são as pessoas que já vêm com sua formação de dentro de casa e não conseguem perceber rapidamente suas ações preconceituosas. Léo percebeu que também passou isso dentro da sua própria casa. Seu pai era negro, carregava certos preconceitos, por exemplo, não queria que ele fosse sambista e não assumia a sua religião (não era assíduo, mas frequentava o terreiro de umbanda com a avó de Léo). A mãe também tinha preconceitos, ele escutava muito a expressão: *Preto de alma branca*. Então a importância de se pôr no lugar do outro é entender que esse preconceito contra o qual lutamos hoje vem com a



história. Crescemos escutando que o negro é perigoso, que a maioria dos presos são negros, mas nunca questionamos o porquê disso.

A função do movimento negro e de todas as pessoas que lutam contra qualquer tipo de preconceito, independentemente de raça, é levar a refletir e perceber como isso afeta todo o mundo, não apenas o negro, que acaba sendo o mais prejudicado pelo próprio preconceito. O racismo e a exclusão existem não apenas com os negros, mas com todos os que possuem ideias e valores diferentes dos considerados ideais. Para Léo, não existem padrões. O ideal é ser correto, respeitar os outros, ter a sua vida, criar sua família de maneira que seu filho respeite os outros e também não sofra com isso. Daí sim, um dia, quem sabe, pensaremos em consciência humana que tanto se fala e não apenas em consciência negra. Quem sabe a partir do momento em que não precisarmos mais pensar em consciência negra, talvez não necessitemos mais refletir sobre a consciência humana pois teremos uma sociedade livre de preconceitos.

Cultura: Possibilidades para Mudar o Mundo

Desde pequeno Léo mantinha contato com a velha-guarda do samba curitibano. Seu projeto inicial de valorização da cultura e consciência negra se deu na região onde mora, com palestras e oficinas em escolas e com ações que visavam mobilizar as crianças. Embora reconheça que tais ações são difíceis porque acabam sendo uma luta contra questões sociais, de infelizmente aceitação da exclusão (inferioridade perante outros grupos) e de dificuldade de organização da própria comunidade, sua continuidade é complicada. Para ele, seria fundamental um projeto com viés mais coletivo, com maior capacidade de intervenção e mobilização. Mesmo assim, Léo coloca que o alcance de poucos já é algo significativo, podendo ser a chance de uma mudança no futuro. Assim, seu ativismo firma-se pela música (e suas possibilidades) e pela religiosidade.

Em 2005 conheceu Ricardo Salmazo e Bruno Santos Lima, que faziam samba e compunham em Curitiba. O pessoal do samba autoral não era forte na cidade e não tinham muito espaço. O que era mais tocado nas rádios de Curitiba vinha do Rio de Janeiro.

Léo, Ricardo e Bruno começaram a se encontrar para compor músicas e faziam rodas de samba em suas casas para tocarem as melodias que criavam. Acompanhavam o projeto Samba de Vela, de São Paulo, onde toda segunda-feira um grupo se reunia, acendia uma vela e iam tocando os sambas dos compositores locais. Quando a vela acabava, finalizava o encontro – a vela era o cronômetro do pessoal, pois era apenas segunda-feira e, na terça, todos tinham que trabalhar e não poderiam estender a roda de samba por muito tempo. Essa ideia foi do Paquera (José Alfredo Gonçalves de Miranda), o idealizador do projeto, já falecido: *Acabou a vela, acabou o samba!*

O grupo de Curitiba achou legal a ideia e decidiu fazer algo parecido na cidade para divulgar o trabalho dos compositores de samba locais. Então em 2008, Léo,

Ricardo Salmazo e Xandi da Cuíca, que tinham um grupo chamado **Combinado Silva só**, começaram a realizar reuniões com compositores que chamaram de **Terreiro do combinado**, e decidem começar uma roda de samba somente com os compositores locais, um grupo do samba autoral de Curitiba. Sempre houve compositores de samba em Curitiba, mas não eram divulgados. Então, surgiu a ideia de fazer a roda de samba semanal onde o compositor chegasse e mostrasse seu samba.

No final de 2008, o grupo decide inscrever o projeto Samba do Compositor Paranaense no edital da Lei de Incentivo Fiscal da Fundação Cultural de Curitiba (FCC) e o projeto foi selecionado, mas a captação de recursos chegou somente em 2010. Dentre as várias ideias iniciais, decidem fazer um festival onde, durante um ano, todo mês eram pré-selecionados sete sambas, e os compositores se apresentavam para um júri composto por pessoas ligadas ao samba, como Maé da Cuíca e Waltel Branco, que escolhiam um samba por mês e que iriam compor o repertório do CD que seria lançado ao final de 12 meses.

Apesar de alguns desencontros iniciais em torno do concurso, o Projeto Samba do Compositor Paranaense teve uma grande repercussão e movimentou o cenário do samba em Curitiba: *Temos samba sim, o pessoal só estava adormecido!* No final de 2010, o concurso acabou, e para o ano seguinte não haveria recursos. O grupo decidiu que não queria mais o projeto em forma de concurso, de disputa, e decidiu voltar à ideia inicial, antes da inscrição no edital da Fundação Cultural de Curitiba, que era uma roda de samba semanal, onde o compositor que quisesse mostrar seu samba teria espaço. Assim, em 2011 realizam o encontro dos compositores no Centro Cultural do Boqueirão. Depois foram para uma sala na emissora de Rádio e TV Paraná Educativa, onde ficaram até o final de 2013. Depois, junto à Fundação Cultural de Curitiba, conseguiram o espaço do Teatro Universitário de Curitiba (TUC). Atualmente a roda de Samba do Compositor Paranaense ocorre toda terça-feira, a partir das 19 horas para os compositores⁵ e das 20 horas para o público em geral.

No início o número de participantes era reduzido, apareciam três, quatro compositores apenas. Mas o grupo insistiu, e o projeto Samba do Compositor Paranaense se tornou referência no estado. Começaram a vir pessoas de outras cidades, estados e países para conhecer o projeto, e aquela falsa ideia inicial de que Curitiba não tinha samba começou a ser colocada por água abaixo; bem como a ideia de que Curitiba não tem carnaval.

Léo ressalta que, mesmo tratando de assuntos diferentes, a sombra do preconceito sempre está por trás. No caso de Curitiba, durante o carnaval as pessoas com melhores condições econômicas saem da cidade e vão para o litoral. Segundo sua percepção, quem fica na cidade são as pessoas da periferia, das comunidades das escolas de samba que vão para a avenida desfilarem, e isso acaba criando a falsa ideia de que não tem samba em

⁵ Os compositores devem comparecer uma hora antes munidos de 20 cópias de sua composição para passar a música com os participantes da roda antes da apresentação para o público em geral.



Curitiba, pois não consideram a participação dessas pessoas pobres como relevante. Adverte que Mãe da Cuíca batia muito na tecla de que o curitibano gosta de samba, gosta de brincar o carnaval, mas como o povo que participa é da periferia, dos bairros mais carentes, o povo elitizado prefere dizer que não tem carnaval em Curitiba, que o carnaval aqui é fraco. Atualmente, Léo não participa do carnaval por achar que ele está distante do samba e enquanto isso não mudar ele não se sente inserido.

O principal objetivo do projeto Samba do Compositor Paranaense é ter um espaço para que os compositores de samba possam executar suas composições para as outras pessoas conhecerem. Todo material é gravado e arquivado. A cada três meses é feito o Caderno de Samba e, no final de cada ano, o Anuário com todos os sambas registrados nos cadernos de publicação trimestral. Alguns sambas são cifrados para no futuro se ter esse registro. Hoje são 5 anos de projeto e mais de 700 sambas só de compositores paranaenses.

O título do projeto é Samba do Compositor Paranaense porque partiu da ideia de fazer um circuito passando por várias cidades do estado, onde seriam realizadas rodas de samba com as composições dos sambistas locais, mas sem apoio financeiro o projeto tornou-se inviável. Em 2010 vários compositores de outras cidades do Paraná, como Ponta Grossa e Paranaguá, participaram do concurso do projeto. Inspirados nessa ideia, dois participantes da cidade de Ponta Grossa acabaram criando o projeto de samba autoral **Samba do trilho**, em que a roda de samba ocorre toda terça-feira à noite. O ideal para Léo seria que toda cidade tivesse sua roda de samba e houvesse uma integração entre elas: *Pois não existe uma roda de samba melhor do que a outra*. O importante é divulgar a composição do sambista e parar de reproduzir essa visão de que o Paraná não tem samba. Para ilustrar esse seu ponto de vista, Léo cita o exemplo da escola de samba Colorado, fundada por Mãe da Cuíca em 1946, e lembra que a escola de samba Império Serrano, uma das mais tradicionais da cidade do Rio de Janeiro, foi fundada um ano depois, somente em 1947. A história de que Curitiba não tem samba ficou muito tempo fortalecida, até mesmo por culpa dos próprios sambistas que não a divulgavam muito, deixando suas produções adormecidas. Como exemplo, Léo cita sua própria experiência de que convivia com Mãe da Cuíca desde criança e não conhecia um samba de sua autoria, tendo em vista que ele não falava que tinha composições próprias. Somente quando Freitas (2009) realizou um trabalho sobre a primeira escola de samba de Curitiba, a Colorado, fundada por Mãe, é que despertou em Léo o interesse em saber quais eram os compositores de samba antes dele. Daí descobriram o Chocolate e o Lápis (que ficou mais conhecido e chegou até a gravar). Mãe nunca teve nenhum samba gravado.

No samba, Léo se considera filho de Mãe da Cuíca, pois tudo o que aprendeu foi com ele. Teve outras referências como Candeia, Velha Guarda da Portela, mas presente mesmo foi o Mãe. Léo destaca a simplicidade como uma das principais características de Mãe, além da educação e da extrema dedicação na luta pelo samba.

Por estar sempre à frente, Maé muitas vezes foi mal interpretado, sendo acusado de lutar por uma causa só dele. Contudo, estava lutando pelo samba. Chama atenção que esse tipo de reação acontece com as lideranças em geral porque somente **prego que aparece leva martelada**, e os líderes têm que ter essa consciência durante sua caminhada. Só pelo fato de Maé ter pego os negros da Vila Capanema e os ter colocado na rua tocando samba, já foi um ato de grande liderança e mudança para hoje estar se fazendo samba em Curitiba (Figura 1).



Figura 1 – Maé da Cuíca durante carnaval na década de 1940, em Curitiba
Fonte: Freitas (2009).

Léo possui vários projetos voluntários como oficinas e palestras da história do samba curitibano, ofertados sobretudo nas escolas das redes municipais e estaduais, além de oficinas de sensibilização musical ministradas nos lares de menores recolhidos pelo conselho tutelar. O objetivo dessas oficinas é fazer a criança crescer percebendo a questão da diversidade de forma nítida, como algo comum a toda a sociedade, ou seja, não somos todos iguais. Nesse sentido, apesar de reconhecer que ainda existe, de maneira muito forte, um sentimento de invisibilidade do negro por parte de jovens e crianças, ele assume que é preciso mudar tal situação e reconhecer a história desse grupo com muito orgulho.

Apesar de reconhecer que nem todas as crianças possuem interesse pelo samba, um dia elas irão se deparar com esse estilo musical e vão lembrar de algo



que já aprenderam, um dia, numa dessas oficinas, e vão saber que, apesar de não se identificarem com essa música, ela existe, e é resultado de um processo histórico e cultural, faz parte da sociedade brasileira e deve ser respeitada como uma das formas de expressão da identidade brasileira.

Outra oficina ofertada é sobre a consciência negra. Mas fora do mês de novembro as escolas não abrem muito espaço para essa discussão, como se ela tivesse data para ocorrer, diz Léo. A prioridade para essa oficina são as escolas de comunidades das periferias e as associações dos bairros de Curitiba, onde estão localizadas.

Para Léo Fé, o trabalho dentro das universidades, com a inclusão dos negros pelo sistema de cotas, está ocorrendo de forma significativa, e esse público que chega na universidade tem mais chances de discutir a realidade. Nesse sentido, Léo Fé destaca que: *Além das cotas, é importante também se aprender sobre a história negra dentro da universidade, aprender sobre a África; não adianta colocar o negro na faculdade e só lhe ensinar a história da Grécia; o negro precisa se enxergar lá dentro.* Mas o pessoal da periferia está descoberto, falta orientação para a discussão que possibilite o conhecimento das diferentes formas de inclusão. A conscientização não é só para quem está fora do movimento negro, mas também para quem está dentro dele e abandonado nas periferias. No caso de Léo, a mudança mais expressiva em sua postura em relação à inserção à causa negra (considerada por ele tardia, em 2002) foi quando se deparou com dados estatísticos estarrecedores em termos de mortes de jovens negros. Nesse momento, deparou-se com a questão de forma profunda e até hoje lembra dos dados que leu e que ainda o assustam. Por que a concentração de tantos jovens negros morrendo? E o futuro de nossa juventude? Como podemos mudar essa realidade? Afinal: *Não se pode esquecer que o racismo mata*, diz ele.

Quando perguntado sobre qual conselho poderia dar aos jovens, Léo ressalta que primeiramente é preciso conhecer a riqueza da história dos negros sem focar somente no sofrimento a que o negro foi submetido pela escravidão criminoso e pelo preconceito. *É preciso mostrar quanto os antepassados sofreram e superaram para que hoje estivéssemos aqui, quantos sambistas apanharam da polícia ao manifestar sua cultura. É necessário, também, ver e conhecer os dados estatísticos que são sempre negativos em relação aos negros e discutir as causas dessas questões.*

Apesar de muitos resistirem, o preconceito existe, ainda que velado, seus reflexos são evidentes. Parece que a palavra **racismo** choca mais do que sua prática, e é preciso que isso seja discutido e ressaltado socialmente, esse é seu objetivo maior. Qual a condição do negro? Por que ainda existe essa violência, essa exclusão? Onde os negros estão, que lugar ocupam na sociedade? São temas que devem fazer parte do diálogo entre os negros e não negros; deve ser uma discussão de toda a sociedade, é uma luta de todos, e os egocentrismos sociais precisam ser combatidos e diminuídos.

O principal a ser destacado é a consciência de que se precisa lutar, desde a desconstrução de simples piadas aparentemente inofensivas, até mesmo contra situações mais extremas. Para Léo, a partir do momento em que todos tiverem as

mesmas chances, ninguém precisará arriscar sua vida pegando em armas, convivendo de perto com a violência, sinaliza que é preciso equilibrar a balança social e não se alimentar mais os ódios e preconceitos. A dívida histórica para com os negros está atrasada, mas não deve ser cobrada ao mesmo tempo em que se a alimenta com mais violência, e sim pela disseminação da consciência, do diálogo, da reflexão. Se as pessoas não forem colocadas para refletir, pouco se fará em termos de mudanças. *Não precisa ser negro para lutar, mas é preciso ser negro para saber o que realmente ele passa.*

Referências

BARBOSA, M. A. 20 de Novembro em Curitiba. **Revista NEP**: Núcleo de Estudos Paranaenses da UFPR, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 512-517, maio 2016b. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/nep/article/view/47006/28198>>. Acesso em: 01 ago. 2018.

BARBOSA, M. A. A construção de 20 de novembro: cidade de todas as gentes em debate. **Revista NEP**: Núcleo de Estudos Paranaenses da UFPR, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 57-61, mar. 2016a. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/nep/article/view/45430/27590>>. Acesso em: 01 ago. 2018.

BOSCHILIA, R. O cotidiano de Curitiba durante a II Guerra Mundial. **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**, Curitiba, v. 22, n. 107, p. 1-65, out. 1995.

FREITAS, J. C. **Colorado**: a primeira escola de samba de Curitiba. Curitiba: Edição do autor, 2009.

MOURA, C. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

SILVA, V. G. **Candomblé e umbanda**: caminhos da devoção brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2005.

TERREIRO de Umbanda e Nação Omolokô Pai Joaquim e Mãe Maria. **Qualidades de Nanã**. 2013. Disponível em: <<https://ilepaijoaquimemaemaria.wordpress.com/2013/07/05/qualidades-de-nana/>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

WACHOWSKI, R. C. Aspectos da imigração polonesa ao Brasil. **Projeções**. Revista de Estudos Polono-Brasileiros, Curitiba, ano 1, v. 1, p. 10-31, 1999.



Sobre os organizadores

Ana Cristina Vanali

Professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Graduada em Ciências Sociais, Mestre em Antropologia Social, Doutora em Sociologia e Pós-Doutoranda em Educação, todos pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atua nas linhas de pesquisa: Sociedade e estado, Instituições e poder político e Família e genealogias. Coordenadora do Grupo Núcleo de Estudos Paranaenses (NEP) da UFPR.

Andrea Maíla Voss Kominck

Professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em Tecnologia pela UTFPR. Doutora em Sociologia pela Universidad de Salamanca (USAL) – Espanha. Pós-Doutora em História pela Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC). Atua na linha de pesquisa: Gênero e questões raciais. Membro do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB) da UDESC.

Ivo Pereira Queiroz

Professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) Mestre e Doutor em Tecnologia pela UTFPR. Atua nas linhas de pesquisa: Africanidades (Consciência negra, Educação das relações interétnicas, Escravidão e Racismo), Cidadania, Educação tecnológica, Epistemologia e Tecnologia.



Sobre os autores (em ordem alfabética)

Célia Regina Tokarski

Professora da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED). Graduada em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestranda em Tecnologia pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Atua nas linhas de pesquisa: História e cultura afro-brasileira, africana e indígena e Ações afirmativas em educação.

Clandia Novaes Deina

Professora da Universidade Tecnológica do Paraná (UTFPR). Graduada em Geografia e em Direito e Mestre em Geografia, todos pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Membro dos Grupos de Pesquisa: Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) da UTFPR e Laboratório de Território, Cultura e Representação (LATECRE) da UFPR.

Elena Camargo Shizuno

Professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Graduada, Mestre e Doutora em História, todos pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atua na linha de pesquisa: Segurança pública e direitos humanos. Membro do Grupo de Pesquisa Segurança Pública e Direitos Humanos da UFPR.



Gilson Leandro Queluz

Professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da UTFPR. Graduado e Mestre em História, ambos pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pós-Doutor em Política Científica e Tecnológica pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atua na linha de pesquisa: Tecnologia e trabalho. Coordenador do Grupo de Pesquisa Ciências Humanas, Tecnologia e Sociedade (CHTS) da UTFPR.

Lino Trevisan

Professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Graduado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Mestre em Tecnologia pela UTFPR. Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Membro do Grupo de Pesquisa Ciências Humanas, Tecnologia e Sociedade (CHTS) e do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI), ambos da UTFPR.

Maria José Menezes Lourega Belli

Professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Graduada em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Atua na linha de pesquisa: Sociologia da educação. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Sociologia da Educação: da prática do ensino ao estudo das ações educativas formais e informais no âmbito das desigualdades sociais.

Maria Luisa Carvalho

Professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Mestre em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Atua na linha de pesquisa: Economia solidária e tecnologia social. Membro do Grupo de Pesquisa Ciências Humanas, Tecnologia e Sociedade (CHTS), do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) e da TECSOL – Incubadora de Economia Solidária, todos da UTFPR.

Maria Sara de Lima Dias

Professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da UTFPR. Graduada e Mestre em Psicologia, ambos pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pós-Doutora em Psicologia Social pela Universidade Autônoma de Barcelona (UAB). Atua na linha de pesquisa: Tecnologia e trabalho. Membro do Nuevo Núcleo de Violência Organizacional.

Mário Lopes Amorim

Professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da UTFPR. Graduado em História e Mestre em História do Brasil, ambos pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-Doutor em Política Científica e Tecnológica pela Universidade de Campinas (UNICAMP). Atua na linha de pesquisa: Tecnologia e trabalho. Membro do Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Tecnologia (GETET), do Grupo de Pesquisa Ciências Humanas, Tecnologia e Sociedade (CHTS) e do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI), todos da UTFPR.

Mônica Helena Harrich Silva Goulart

Professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduada em Ciências Sociais, Mestre em Sociologia Política, Doutora e Pós-Doutora em Sociologia, todos pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atua na linha de pesquisa: Instituições, poder e cidadania. Membro do Núcleo de Estudos Paranaenses (NEP) da UFPR e Vice-Coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) da UTFPR.

Veronica Ferreira Bahr Calazans

Professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Graduada e Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Membro do Núcleo de Estudos da Cultura Técnica e Científica (NECTeC) da UFPR e Coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) da UTFPR.



Wanderley José Deina

Professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre e Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia e Ensino de Filosofia (FEF), do Grupo de Estudos e Pesquisas em Trabalho, Educação e Tecnologia (GETET), ambos da UTFPR e do Núcleo de Estudos da Cultura Técnica e Científica (NECTeC) da UFPR.



Formato 16 x 23 cm
Tipografia Chaparral Pro
Rage Italic
MurrayHill BD BT

Editora filiada a



O livro *Vidas que falam* resgata a ação de atores sociais de Curitiba e Região Metropolitana, em diversas áreas de atuação, no que se refere à promoção da ancestralidade africana e no fortalecimento da consciência negra. Não apenas para lhes prestar o justo reconhecimento, mas principalmente para que suas narrativas constituam exemplos positivos na formação de uma sociedade justa e igualitária. Exemplos que contribuem, em suas ações cotidianas e profissionais para a derrubada de mitos acerca dos povos negros africanos, propagados em diversos âmbitos da sociedade brasileira, especialmente, na escola. A ancestralidade africana prima pelo respeito à natureza, cuidado e respeito às pessoas idosas, sábias e detentoras das histórias que nos formam como indivíduos e como comunidade. Esta riqueza, no entanto, encontra-se dispersa no povo brasileiro, sendo conhecida por sua comunidade através da oralidade, mas não sistematizada, valorizada e universalizada na literatura acadêmica. Este livro visa corrigir esse equívoco. Traz para a comunidade acadêmica uma pequena parte desse valioso tesouro, através de narrativas de pessoas que representam modelos de ancestralidade africana. Que estas *Vidas que falam* sejam o exemplo do Brasil e da sociedade que podemos e queremos construir! Que as novas gerações conheçam e sigam seus exemplos! Esta é a missão que este projeto ambiciona alcançar!

